PORTUGAL
INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
CENTRO DE ESTUDOS DEMOGRÁFICOS

INQUÉRITO PORTUGUÊS À FECUNDIDADE

UNFPA LIBRARY

Relatório principal

Volume I: Metodologia e resultados

HB
1031
.P67fw
1980
v.1
c.1

INTERNATIONAL STATISTICAL INSTITUTE
WORLD FERTILITY SURVEY

1980

PORTUGAL
INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
CENTRO DE ESTUDOS DEMOGRÁFICOS

INQUÉRITO PORTUGUÊS À FECUNDIDADE

Relatório principal

Volume I: Metodologia e resultados

INTERNATIONAL STATISTICAL INSTITUTE
WORLD FERTILITY SURVEY

1980

UNFPA LIBRARY

INTRODUÇÃO

1. As séries de estatística demográfica correntes disponíveis em Portugal cuja qualidade resulta não só da sua extensão no tempo como também do seu detalhe, a que se junta uma tradição censitária de longos anos, fariam pensar que a realização de um inquérito sobre a fecundidade não teria fácil justificação. Porém, a evolução recente dos métodos de controlo de nascimentos e a sua crescente utilização e aperfeiçoamento retiraram à fecundidade o seu aspecto aleatório, que ainda hoje caracteriza a mortalidade, e impõem a deslocação das atenções da simples observação estatística dos resultados para a dos factores que determinam o recurso a essa possibilidade de controlo dum fenómeno até aqui regido pelo acaso.

É nesta óptica que se justifica a realização em Portugal de um inquérito enquadrado no Inquérito Mundial à Fecundidade de que o presente é o primeiro relatório e de que nas páginas seguintes se apresentam os principais resultados. O investigador curioso poderá encontrar num segundo volume e sem comentários a informação detalhada que, sob a forma de quadros estabelecidos de acordo com um plano básico de apuramentos, lhe é apresentada.

2. A informação colhida, registada em banda magnética, poderá ser utilizada posteriormente para obtenção de aspectos agora não focados e que poderão interessar para análise orientada para determinado fim.

Convém, porém, fazer desde já notar que, sendo a informação colhida por observação de uma amostra que, não podendo considerar-se pequena face à finalidade em vista, poderá ser insuficiente para dela se extrair informação muito detalhada que viria eventualmente afecta de elevado erro de amostragem que lhe retiraria a utilidade. É neste sentido que, em apêndice, se apresentam os erros de amostragem associados a algumas das variáveis apresentadas e que constituirão orientador, tanto para efeitos de investigação e solicitação de novos apuramentos, como da utilização a dar à informação obtida.

3. Uma operação deste tipo e com este detalhe, de que é testemunho o próprio questionário também apresentado em anexo, só foi possível com a colaboração de um conjunto de pessoas que pela sua abnegação conseguiram suprir a deficiência de meios humanos e até mesmo a limitada disponibilidade financeira.

Cabe aqui uma palavra de reconhecimento a todos os que deram a sua colaboração a este projecto não só pela qualidade dessa colaboração como também pelo que com tão reduzido número de pessoas conseguiram fazer.

Além do corpo de agentes inquiridoras e supervisoras que, recrutadas e preparadas especialmente para o efeito, desempenhando uma tarefa temporária, produziram trabalho de qualidade notável dando assim prova de elevado sentido de responsabilidade e competência, o inquérito foi orientado por apenas cinco pessoas socorrendo-se de nove codificadores e revisores.

Este grupo de operadores directos beneficiou de amplo apoio dos serviços do Instituto Nacional de Estatística sob diversas formas incluindo instalações, comunicações, dactilografia, acompanhamento do trabalho de impressão, etc.

4. Este esforço nacional considerável foi especialmente valorizado pelo apoio técnico prestado pelo Instituto Internacional de Estatística através do World Fertility Survey a quem se deve, não só o impulso inicial e todo o benefício de um esquema de acção previamente concebido, mas também um acompanhamento técnico de alto valor e que foi concretizado de várias formas desde a formulação do projecto inicial até à redacção final do relatório, passando pelas diversas fases de execução: redacção do questionário, pré-teste, trabalhos de campo, apreciação de resultados, tratamento informático da informação, análise dos erros de amostragem, etc.

Permita-se-nos aqui referir muito especialmente os técnicos do W. F. S., Srs. John Cleland, Martin Vaessen e David Smith que colaboraram na elaboração do projecto inicial que serviu de base ao pedido de financiamento apresentado ao Fundo das Nações Unidas para os Assuntos da População (FNUAP), destacando-se o Sr. Martin Vaessen pela qualidade e duração da colaboração que, no seguimento do inquérito sempre nos foi prestando na qualidade de Coordenador designado pelo W. F. S., e que durante algum tempo foi substituido pelo Sr. Roderick Little que, em curto espaço de tempo e em período difícil, prestou serviços de elevado mérito.

No campo do tratamento informático a Sr.ª Anh Thu Dinh foi a colaboradora que con-

UNFPA LIBRARY

seguiu colmatar as deficiências locais com uma dedicação a todos os títulos notável.

5. No campo nacional, sendo-nos impossível identificar todas as entrevistadoras e supervisoras, repetiremos a alusão já feita à probidade do seu trabalho incluindo aqui todas as inquiridas que muito facilitaram o trabalho das inquiridoras e que, em última análise, são as grandes autoras do inquérito.

Os trabalhos de campo foram possíveis graças à colaboração eficiente e dedicada do Sr. José Machado Carrasco para o efeito dispensado pela Direcção de Censos e Inquéritos do Instituto Nacional de Estatística.

A orientação do trabalho de verificação e codificação bem como a respectiva instrução e organização e gestão de arquivo, estiveram a cargo do Sr. António dos Santos Pereira, especialmente recrutado para o efeito.

Ambos foram prestimosos elementos no período de formação do pessoal de campo e na redacção das instruções que lhe serviram de base.

A selecção da amostra foi apoiada numa amostra especialmente preparada pelos serviços do Instituto Nacional de Estatística com vista ao Inquérito Permanente ao Emprego e teve a colaboração dos técnicos desse Instituto que tem a seu cargo essa tarefa.

A direcção do Inquérito coube aos signatários que nessa tarefa beneficiaram do apoio da Sr.ª D. Maria Rita Vinhas, também amavelmente cedida pela Direcção de Serviços de Censos e Inquéritos do Instituto Nacional de Estatística. A sua colaboração estendeu-se desde as primeiras operações até à redacção deste relatório abrangendo a elaboração dos questionários, as instruções de campo, selecção e preparação de entrevistadoras, acompanhamento do pré-teste e trabalho de campo, etc., numa multiplicidade de tarefas verdadeiramente notável.

O apoio contabilístico e controlo do seguimento do orçamento apresentado e aprovado pelo FNUAP esteve a cargo do Sr. José Duarte especialmente recrutado para o efeito e que representou elemento de muito valor na orientação do Inquérito.

Finalmente uma palavra de agradecimento à Comissão da Condição Feminina, grande impulsionadora do Inquérito em Portugal e ao Instituto Nacional de Estatística que, através do seu Centro de Estudos Demográficos, teve a seu cargo a realização do Inquérito e ainda, em lugar final por ser de maior destaque, o Fundo das Nações Unidas para os Assuntos da População que, pelo financiamento concedido tornou o inquérito possível.

José Francisco Graça Costa
Joaquim José Pais Morais

INTRODUCTION

1. The long tradition of detailed demographic statistics collected in Portugal, including census taking, provides a rather satisfactory information on the field of fertility. Nevertheless, a survey of the kind of the one here introduced has been found, more than convenient, necessary to shed some light on the behaviour of the population, since more efficient methods of fertility control have been made more easily available and in this way made fertility loose it's chance characteristic, still dominating mortality, and become more dependent on decision commanded by factors where study has become necessary.

It is in accordance with this viewpoint that a fertility survey conducted within the framework of the World Fertility Survey may be justified in Portugal. This document, which is the first report about the Portuguese fertility survey, gives an account of the main results of the operation. Any concerned researcher may find more detailed information in the tables published with no comments in a second Volume (Statistical Annex) according to a basic tabulation plan.

2. The collected information was recorded on magnetic tape and may be used later to obtain aspects not here examined if they prove to be relevant to special studies.

It should, however, be pointed out that since the data collection was based on a sample of a reasonable size for the proposed aims it may be inadequate when greater detail is desired as the possible high level of resulting sampling errors may render the information useless. It was, therefore, decided to present the sampling errors affecting several variables in an appendix to this report so that they may act as a guideline in the utilization of the available information or in research, and even when new tabulations are desired.

3. A statistical operation of this kind covering so many items as evidenced by the questionnaire itself (see appendix) was only possible with the cooperation of several people who managed to overcome the problems raised by a short staff and a tigh budget thanks to their entire devotion to the project.

Acknowledgements are thus due to all those who cooperated in this project not only for the quality of the work they have produced but also for what they have achieved with such a short staff.

Apart from the interviewers and supervisors specially recruited and trained for the survey, contracted on a temporary basis, and who have produced a remarkably good job due to their high sense of responsability and professional skills, the survey was conducted and managed by only five persons who had the assistance of nine coders and editors.

This group of people benefited from the support given to the project by the National Statistical Institute of Portugal by making available the necessary offices, communication systems, typewriting and printing services, and many other facilities.

4. The national contribution to the survey was considerable, but greatly enhanced by the precious help from the International Statistical Institute through the World Fertility Survey. It is to the International Statistical Institute that credit must be given for the initial push of this project as well as for the benefit of an action plan previously settled, not to mention the valuable technical assistance offered in different forms that have ranged from the initial formulation of the project to the drafting of the present report, comprising the different stages of the work — design of the survey questionnaire, pretest, field work, analysis of the survey results, computer processing, analysis of sampling errors, and so on.

A very particular acknowledgement is due to Messrs. John Cleland, Martin Vaessen and David Smith of the World Fertility Survey for their cooperation in the drafting of the initial project, which was submitted to the United Nations Fund for Population Activities (UNFPA) when we required UNFPA to finance the project. Mr. Vaessen deserves a special mention for the quality and extent of the work he has put into this project as Coordinator appointed by the World Fertility Survey, and Mr. Roderick Little who replaced Mr. Vaessen during a short but particularly difficult period of time provided highly valuable assistance.

In the area of data processing Mrs. Anh Thu Dinh helped us dealing with local problems and

overcoming needs with her sound knowledge of computers and dedication to the project.

5. It is not possible to acknowledge one by one all interviewers and supervisors that worked in the survey but we would like to again emphasize the honesty of their work including here the cooperation from every interviewed woman who, in short, were the real authors of the project.

The field work was made possible thanks to the efficient and dedicated assistance from Mr. José Machado Carrasco who temporarily relieved of his duties by the Direction of Censuses and Surveys of the Portuguese National Statistical Institute, was an important member of our staff.

Supervision of editing and coding work as well as the production of field instructions, organization and management of the files were tasks carried out by Mr. António dos Santos Pereira who was specially recruited for this work.

They both played an important part in the drilling of the field staff and in writing field work instructions.

The sample selection was based on a basic sample specially designed by the Portuguese National Statistical Institute for its Labour Force Sample Survey by sampling experts from the Institute.

The direction of the survey was our responsability with the special cooperation from Mrs. Maria Rita Vinhas of the Direction of Censuses and Surveys of the Portuguese National Statistical Institute. Mrs. Rita Vinhas gave her cooperation to the project all the way from the very initial stage up to the writing of the present report, covering the design of the questionnaire, writing of instructions for the field work, selection and training of interviewers, pretest, field work assistance, and so on, in a very remarkable manifold work.

Accounting work and control of the budget submitted to and agreed upon by the UNFPA was carried out by Mr. José Duarte who was specially recruited for that job and who proved of great value in the course of the survey.

Finally we must thank the Commission for the Status of Women for its engagement in getting the survey off the ground in Portugal, the Portuguese National Statistical Institute which through its Center for Demographic Studies was in charge the execution of the survey, and at last, for better outstanding, the most relevant contribution that made the survey possible given by the United Nations Fund for Population Activities by granting the necessary financial aid.

José Francisco Graça Costa

Joaquim José Pais Morais

ÍNDICE

Pág.

Introdução 3
Introduction 5
Lista de Quadros do II volume 9
List of Tables of volume II 23
A Summary of findings 37

Capítulo 1 — Breve apreciação da situação demográfica portuguesa 51

1.1 — Localização e descrição 53
1.2 — População 53

1.2.1 — Dimensão 53
1.2.2 — Famílias 53
1.2.3 — Mulheres em idade reprodutiva 54
1.2.4 — Idade ao casamento 54
1.2.5 — Esquema de crescimento ... 54
1.2.6 — Emigração 55
1.2.7 — Fecundidade 56
1.2.8 — Distribuição rural-urbana . 57
1.2.9 — Instrução 58
1.2.10 — Actividade 58

Capítulo 2 — Metodologia do Inquérito ... 59

2.1 — Antecedentes e preparação 61

2.1.1 — Justificação do projecto ... 61
2.1.2 — Organização do Inquérito .. 62
2.1.3 — Os questionários 62
2.1.4 — Outros documentos 65
2.1.5 — Publicidade 65
2.1.6 — Selecção da amostra 65

2.1.6.1 — Desenho da amostra 65
2.1.6.2 — Selecção das unidades primárias .. 65
2.1.6.3 — Selecção das unidades secundárias 66
2.1.6.4 — Selecção da subamostra para o I. P. F. 66
2.1.6.5 — Selecção dos alojamentos e das mulheres 67

2.1.7 — Operações de listagem e cartografia 67

Pág.

2.2 — Organização e execução do trabalho de campo 69

2.2.1 — Recrutamento e selecção ... 69
2.2.2 — Cursos de formação 70
2.2.3 — Pré-teste 70
2.2.4 — Trabalho de campo básico 71

2.3 — Controlo de qualidade 73
2.4 — Avaliação de resultados 73
2.5 — Controlo e revisão de gabinete, codificação e transcrição 75
2.6 — Validação, recodificação e tabulação 75

Capítulo 3 — A população nos agregados domésticos seleccionados 77

3.1 — Características gerais 79
3.2 — Composição etária 79
3.3 — Mulheres não solteiras 80
3.4 — Grau de instrução 84

Capítulo 4 — Inferências mais importantes 88

4.1 — Características do grupo de mulheres seleccionado 89

4.1.1 — Introdução 89
4.1.2 — Tipo do local de residência até aos 12 anos 89
4.1.3 — Idade 89
4.1.4 — Local de residência e religião 90
4.1.5 — Nível de ensino atingido ... 90
4.1.6 — Ocupação do marido 91
4.1.7 — Trabalho da mulher 92

4.2 — Formação dos casais e exposição ao risco de gravidez 92

4.2.1 — Idade ao casamento 92
4.2.2 — Duração das uniões 94
4.2.3 — Exposição ao risco de gravidez 97

4.3 — Fecundidade 98

4.3.1 — Fecundidade da população portuguesa 98

Pág.

4.3.2 — Fecundidade inicial 99
4.3.3 — Fecundidade cumulativa ... 103
4.3.4 — Fecundidade recente 114
4.3.5 — Gravidezes em curso 114

4.4 — Atitude face ao número de filhos 115

4.4.1 — Desejo de ter mais filhos 115
4.4.2 — Desejo da última gravidez 119
4.4.3 — Número de filhos esperado 119
4.4.4 — Número de filhos desejado 121
4.4.5 — Influência do sexo dos filhos vivos havidos, no desejo de ter mais filhos ... 125
4.4.6 — Influência da prática religiosa no número de filhos desejado 126

4.5 — Conhecimento e uso da contracepção 127

Introdução 127

4.5.1 — Conhecimento contraceptivo 128
4.5.2 — Uso de contracepção 129
4.5.3 — Uso actual de contracepção 132
4.5.4 — Uso de contracepção e desejo de mais filhos 134
4.5.5 — Formas de planeamento familiar 136
4.5.5.1 — Planeamento dos nascimentos segundo a ordem de nascimento 136
4.5.5.2 — Falhas no uso de contraceptivos ... 138
4.5.6 — Gravidezes perdidas 140
4.5.7 — Recurso aos serviços de planeamento familiar 141
4.5.8 — Influência da prática religiosa no uso de contraceptivos 142
4.5.9 — Prática de amamentação ... 143
4.5.10 — Intervalo entre o primeiro casamento e o primeiro nascimento e entre outros nascimentos 147

4.6 — Mortalidade 151

ANEXOS

Pág.

Anexo I — Erros de Amostragem afectando algumas estimativas 153

1 — Introdução 155

1.1 — Interpretação dos erros de amostragem 155
1.2 — Cálculo dos erros de amostragem 155
1.3 — Erros de amostragem para subclasses e diferenças entre subclasses 155
1.4 — Efeito dos conglomerados da amostra 156

2 — Discussão dos resultados principais ... 157

3 — Algumas considerações técnicas 159

3.1 — Fórmulas de cálculo 159
3.2 — Estratos necessários para o cálculo dos erros de amostragem ... 160
3.3 — Avaliação aproximada dos erros padrões que não são apresentados 161
3.3.1 — Avaliação dos erros padrões para subclasses da amostra 161
3.3.2 — Avaliação dos erros padrões para diferenças entre subclasses 161
3.3.3 — Variação do DEFT com a dimensão da subclasse 161

4 — Quadros referentes aos erros de amostragem 162

Anexo II — Questionários 183

— Questionário de agregado familiar ... 185
— Questionário individual 189

Anexo III — Formação e controlo 227

— Programa do curso de formação 229
— Folhas de informação do pré-teste ... 233
— Folhas de controlo do trabalho de campo 241

LISTA DE QUADROS DO II VOLUME

GRUPO 0 — CARACTERÍSTICAS DAS INQUIRIDAS

0.1.1 A — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, por idade ano a ano e grau de instrução

0.1.1 B — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, por idade ano a ano e alfabetismo

0.1.1 D — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, por idade ano a ano e tipo do local de residência

0.1.1 E — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, por idade ano a ano e situação perante o trabalho em relação ao primeiro casamento

0.1.1 F — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, por idade ano a ano e ocupação do marido

0.1.1 G — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, por idade ano a ano e a frequência de assistência a serviços religiosos

0.1.2 A 1 — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, segundo o grau de instrução e o alfabetismo

0.1.2 A 2 — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, segundo o grau de instrução e a frequência de assistência a serviços religiosos

0.1.2 A 3 — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, segundo o grau de instrução e o tipo do local de residência

0.1.2 A 4 — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, segundo o grau de instrução e a situação perante o trabalho em relação ao primeiro casamento

0.1.2 A 5 — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, segundo o grau de instrução e a ocupação do marido

0.1.2 B 2 — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, segundo o alfabetismo e o tipo do local de residência

0.1.2 B 3 — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, segundo o alfabetismo e a situação perante o trabalho, em relação ao primeiro casamento

0.1.2 B 4 — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, segundo o alfabetismo e a ocupação do marido

0.1.2 D 1 — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, segundo o tipo do local de residência e a situação perante o trabalho em relação ao primeiro casamento

0.1.2 D 2 — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, segundo o tipo do local de residência e a ocupação do marido

0.1.2 E 1 — Distribuição das mulheres alguma vez casadas, segundo a ocupação do marido e a situação perante o trabalho em relação ao primeiro casamento

GRUPO 1 — NUPCIALIDADE E EXPOSIÇÃO AO RISCO DE GRAVIDEZ

1.1 — **Idade ao 1.º casamento**

1.1.1 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com a idade ao 1.º casamento, segundo a idade actual.

1.1.2 — Distribuição de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o ano de nascimento, segundo a idade ao 1.º casamento, ano a ano.

1.1.3 — Idade média ao 1.º casamento das mulheres que casaram pela 1.ª vez antes dos 25 anos, combinando a idade actual e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— o tipo do local de residência na infância

— a religião
— a frequência de assistência a serviços religiosos
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento
— a ocupação do marido
— a ocupação antes do 1.º casamento

1.2 — **Dissolução do 1.º casamento**

1.2.1 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com a situação actual do 1.º casamento, combinando os anos desde o 1.º casamento e a idade ao 1.º casamento.

1.2.2 — Percentagem de todas as mulheres alguma vez casadas cujo 1.º casamento foi dissolvido, combinando os anos desde o 1.º casamento e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— o tipo do local de residência na infância
— a religião
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento
— a ocupação do marido

1.3 — **Novos casamentos e n.º de vezes casada**

1.3.1 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o n.º de vezes casadas, combinando os anos desde o 1.º casamento e a idade ao 1.º casamento.

1.3.2 — Percentagem que tornou a casar de todas as mulheres alguma vez casadas cujo 1.º casamento foi dissolvido, combinando os anos desde o 1.º casamento e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— o tipo do local de residência na infância
— a religião
— a frequência de assistência a serviços religiosos
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento
— a ocupação do marido

1.4 — **Percentagem de tempo no estado de casada**

1.4.1 — Percentagem média do tempo desde o 1.º casamento que foi passado no estado de casada por todas as mulheres alguma vez casadas, combinando a idade ao 1.º casamento e a idade actual.

1.4.2 — Percentagem média do tempo desde o 1.º casamento que foi passado no estado de casada por todas as mulheres alguma vez casadas, combinando a idade actual, a idade ao 1.º casamento e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— o tipo do local de residência na infância
— a religião
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento
— a ocupação do marido

1.5 — **Estado civil actual**

1.5.1 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o estado civil actual, combinando os anos desde o 1.º casamento e a idade ao 1.º casamento

1.5.2 — Percentagem de todas as mulheres alguma vez casadas, combinando os anos desde o 1.º casamento, a idade ao 1.º casamento e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— o tipo do local de residência na infância
— a religião
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento
— a ocupação do marido

1.6 — **Exposição ao risco de gravidez**

1.6.1 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com a exposição ao risco de gravidez, combinando os anos desde o 1.º casamento e a idade ao 1.º casamento.

1.6.2 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com a exposição ao risco de gravidez, combinando o n.º de filhos vivos e a idade actual.

1.6.3 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com a exposição ao risco de gravidez, combinando a idade actual e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— o tipo do local de residência na infância
— a religião
— a frequência de assistência a serviços religiosos
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento
— a ocupação do marido

GRUPO 2 — FECUNDIDADE

2.1 — Fecundidade inicial

2.1.1 — Distribuição percentual das mulheres que casaram pela primeira vez pelo menos há 5 anos, de acordo com o intervalo entre o 1.º casamento e o 1.º nascimento, combinando a idade ao primeiro casamento e os anos desde o 1.º casamento.

2.1.2 — Número médio de filhos nascidos antes ou durante os primeiros 5 anos de casamento de mulheres que casaram pela 1.ª vez há pelo menos 5 anos, combinando a idade ao 1.º casamento e o tempo decorrido desde o primeiro casamento e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— o tipo do local de residência na infância
— a religião
— a frequência de assistência a serviços religiosos
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento
— a ocupação do marido
— a ocupação antes do 1.º casamento

2.1.3 — Percentagem de mulheres cujo primeiro nascimento teve lugar há pelo menos 5 anos, com especificados intervalos entre o primeiro e o segundo nascimentos, por grupos etários ao primeiro casamento e anos decorridos desde o primeiro casamento.

2.1.4 — Número médio de filhos nascidos dentro dos segundos 5 anos de casamento de mulheres casadas há pelo menos 10 anos, segundo o número de filhos nascidos nos primeiros 5 anos e os anos decorridos desde o primeiro casamento, segundo:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— a ocupação do marido

2.2 — Fecundidade acumulada

2.2.1 a) Distribuição percentual das mulheres actualmente casadas, de acordo com o número de filhos nascidos, segundo a idade actual.

2.2.1 b) Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o número de filhos nascidos segundo a idade actual.

2.2.2 a) Distribuição percentual das mulheres actualmente casadas, de acordo com o número de filhos nascidos, segundo os anos, desde o 1.º casamento.

2.2.2 b) Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o número de filhos nascidos, segundo os anos, desde o 1.º casamento.

2.2.3 a) Número médio de filhos nascidos de mulheres actualmente casadas, combinando a idade ao 1.º casamento e os anos desde o 1.º casamento.

2.2.3 b) Número médio de filhos nascidos de todas as mulheres alguma vez casadas, combinando a idade ao 1.º casamento e os anos desde o 1.º casamento.

2.2.4 a) Número médio de filhos nascidos de mulheres actualmente casadas, combinando a idade ao 1.º casamento e a idade actual.

2.2.4 b) Número médio de filhos nascidos de todas as mulheres alguma vez casadas, combinando a idade ao 1.º casamento e a idade actual.

2.2.5 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o número de filhos nascidos, combinando os anos desde o primeiro casamento e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— o tipo do local de residência na infância
— a religião
— a frequência de assistência a serviços religiosos
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento
— a ocupação do marido

2.2.6 — Número médio de filhos nascidos de todas as mulheres alguma vez casadas, combinando a idade ao primeiro casamento, a idade actual e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— o tipo do local de residência na infância
— a religião
— a frequência de assistência a serviços religiosos
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento
— a ocupação do marido

2.2.7 — Número médio de filhos nascidos de todas as mulheres alguma vez casadas, combinando o número de anos desde o 1.º casamento e:

— o grau de instrução e o tipo do local de residência.
— o grau de instrução e a religião.
— o grau de instrução e a ocupação do marido.
— o tipo do local de residência e a religião.
— o tipo do local de residência e a ocupação do marido.
— o tipo do local de residência na infância e a religião.
— o tipo do local de residência na infância e a ocupação do marido.
— o grau de instrução e o tipo do local de residência na infância.
— o tipo do local de residência e a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— o tipo do local de residência na infância e o tipo do local de residência.
— a ocupação do marido e a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.

2.3 — **Efeitos da mortalidade infantil**

2.3.1 a) Distribuição percentual das mulheres actualmente casadas, de acordo com o número de filhos vivos, segundo a idade actual.

2.3.1 b) Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o número de filhos vivos, segundo a idade actual.

2.3.2 a) Distribuição percentual das mulheres actualmente casadas, de acordo com o número de filhos vivos, segundo o número de anos desde o primeiro casamento.

2.3.2 b) Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o número de filhos vivos, segundo o número de anos desde o primeiro casamento.

2.3.3 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o número de filhos vivos, combinando o número de filhos nascidos e a idade actual.

2.3.4 — Número médio de filhos nascidos ainda vivos e já falecidos de todas as mulheres alguma vez casadas, segundo a idade actual ano a ano.

2.4 — **Fecundidade recente**

2.4.1 — Número médio de filhos nascidos nos últimos 5 anos de mulheres que estiveram continuamente no estado de casadas nesse período, combinando o número de filhos vivos desde há 5 anos e a idade actual.

2.4.2 — Número médio de filhos nascidos nos últimos 5 anos de mulheres que estiveram continuamente no estado de casadas nesse período, combinando a idade ao primeiro casamento e a idade actual.

2.4.3 a) Número médio de filhos nascidos nos últimos 5 anos de mulheres que estiveram continuamente no estado de casadas nesse período, combinando a idade das mulheres e:

— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— o tipo do local de residência na infância.
— a religião.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— a ocupação do marido.

2.4.3 b) Número médio de filhos nascidos nos últimos 5 anos de mulheres que estiverem continuamente no estado de casadas nesse período, combinando os anos desde o primeiro casamento e:

— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— o tipo do local de residência na infância.
— a religião.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— a ocupação do marido.

2.4.4 — Percentagem de filhos masculinos nascidos nos últimos 5 anos de mulheres que estiveram continuamente no estado de casadas nesse período, combinando a idade ao primeiro casamento e a idade actual.

2.4.5 — Percentagem de mulheres actualmente casadas que declararam uma gravidez em curso, combinando o número de filhos vivos e a idade actual.

2.4.6 — Percentagem de mulheres actualmente casadas que declararam uma gravidez em curso, combinando a idade ao primeiro casamento e a idade actual.

Quadros adicionais para países de baixa fecundidade

2.7.2 — Percentagem de mulheres com determinado intervalo, desde o primeiro casamento ao primeiro nascimento, dentro de certas categorias de variáveis explicativas e anos, desde o primeiro casamento, para todas as mulheres com pelo menos cinco anos decorridos desde o primeiro casamento e:

— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— a ocupação do marido.

2.8.1 — Percentagem de mulheres com determinado intervalo entre o primeiro e o segundo nascimentos, dentro de certos grupos de intervalo, desde o casamento ao primeiro nascimento e anos desde o primeiro casamento para todas as mulheres com pelo menos cinco anos decorridos desde o primeiro casamento.

2.9.1 — Percentagem de mulheres com determinadas durações dos intervalos fechados, de acordo com a paridade no início do intervalo e anos decorridos desde o primeiro casamento para todas as mulheres.

2.10.1 — Percentagem de mulheres com determinadas durações do intervalo aberto, de acordo com o número de filhos havidos e os anos decorridos desde o primeiro casamento para todas as mulheres alguma vez casadas e não grávidas actualmente.

2.10.2 — Duração média do intervalo aberto, segundo o número de filhos havidos e os anos decorridos desde o primeiro casamento para todas as mulheres alguma vez casadas e não grávidas actualmente e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— a ocupação do marido

2.11.1 — Percentagem de gravidezes perdidas, segundo o total de gravidezes e a idade em grupos decenais, por:

— a idade actual
— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— a religião
— a frequência de assistência a serviços religiosos
— o uso actual de contracepção

GRUPO 3 — PREFERÊNCIAS PELO NÚMERO E SEXO DOS FILHOS

3.1 — Desejo de acabar a concepção

3.1.1 — Percentagem de mulheres actualmente casadas e «férteis» que não querem mais filhos, combinando o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) e a idade actual.

3.1.2 — Percentagem de mulheres actualmente casadas e «férteis» que não querem mais filhos, combinando o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) e os anos desde o primeiro casamento.

3.1.3 — Percentagem de mulheres actualmente casadas e «férteis» que não querem mais filhos, combinando o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso), a idade actual e:

— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— o tipo do local de residência na infância.
— a religião.
— a frequência de assistência a serviços religiosos.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— a ocupação do marido.

3.1.4 — Percentagem de mulheres actualmente casadas com pelo menos um filho vivo (ou uma gravidez em curso) que não desejaram a última (ou actual) gravidez, combinando o número de filhos vivos e a idade actual.

3.1.5 — Percentagem de mulheres actualmente casadas com pelo menos um filho vivo (ou com uma gravidez em curso) que não desejaram a última (ou actual) gravidez, combinando o número de filhos vivos e anos desde o primeiro casamento.

3.1.6 — Distribuição das mulheres actualmente casadas, segundo querem e/ou esperam mais filhos, por número de filhos vivos.

3.1.7 — Distribuição percentual das mulheres que não querem mais filhos e a média do número de filhos vivos, segundo a razão mais importante para não quererem mais filhos, por número de filhos vivos e:

— a idade actual
— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— a ocupação do marido

3.1.8 — Distribuição percentual das mulheres que não querem mais filhos, segundo a razão mais importante para não quererem mais filhos, o número de filhos vivos por grupos etários decenais e:

— a idade actual
— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— a ocupação do marido

3.2 — Número adicional de filhos desejado

3.2.1 — Distribuição percentual das mulheres actualmente casadas, «férteis», de acordo com o número de filhos adicionais esperado e a idade actual.

3.2.2 — Distribuição percentual das mulheres actualmente casadas «férteis», de acordo com o número de filhos adicionais esperado e os anos decorridos desde o primeiro casamento.

3.2.3 — Média do número adicional de filhos esperados por mulheres actualmente casadas e «férteis», combinando o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) e a idade actual.

3.2.4 — Média do número de filhos esperados por mulheres actualmente casadas e «férteis», combinando o número de

filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) e os anos desde o primeiro casamento.

3.2.5 — Média do número de filhos esperados por mulheres actualmente casadas e «férteis», combinando o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) a idade actual e:

— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— o tipo do local de residência na infância.
— a religião.
— a frequência de assistência a serviços religiosos.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— a ocupação do marido.

3.3 — **Número total de filhos desejado**

3.3.1 a) Distribuição percentual de mulheres actualmente casadas, de acordo com o número total de filhos desejado, segundo a idade actual.

3.3.1 b) Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o número total de filhos desejado, segundo a idade actual.

3.3.2 a) Distribuição percentual das mulheres actualmente casadas, de acordo com o número total de filhos desejado, segundo os anos desde o primeiro casamento.

3.3.2 b) Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o número total de filhos desejado, segundo os anos desde o primeiro casamento.

3.3.3 a) Distribuição percentual das mulheres actualmente casadas de acordo com o número total de filhos desejado, segundo o número de filhos vivos.

3.3.3 b) Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com o número total de filhos desejado, segundo o número de filhos vivos.

3.3.4 a) Média do número total de filhos desejado por mulheres actualmente casadas, combinando o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) e a idade actual.

3.3.4 b) Média do número total de filhos desejado por todas as mulheres alguma vez casadas, combinando o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) e a idade actual.

3.3.5 a) Média do número total de filhos desejado por mulheres actualmente casadas, combinando o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) e os anos desde o primeiro casamento.

3.3.5 b) Média do número total de filhos desejado por todas as mulheres alguma vez casadas, combinando o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) e os anos desde o primeiro casamento.

3.3.6 — Média do número total de filhos desejado por mulheres actualmente casadas, combinando o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) os anos desde o primeiro casamento e a idade ao primeiro casamento.

3.3.7 — Média do número total de filhos desejado por mulheres actualmente casadas, combinando o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) a idade actual e:

— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— o tipo do local de residência na infância.
— a religião.
— a frequência de assistência a serviços religiosos.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— a ocupação do marido.

3.4 — **Preferências relativas ao sexo dos filhos**

3.4.1 — Percentagem das mulheres actualmente casadas «férteis» e não grá-

vidas que não querem mais filhos, combinando o número de filhos vivos do sexo masculino, o número de filhos vivos do sexo feminino e a idade actual.

3.4.2 — Percentagem das mulheres actualmente casadas «férteis» e não grávidas que não querem mais filhos, segundo o número de filhos vivos do sexo masculino, o número de filhos vivos do sexo feminino e os anos desde o primeiro casamento.

3.4.3 a) Percentagem que prefere um rapaz de entre as mulheres actualmente casadas «férteis» e não grávidas que esperam mais filhos, combinando o número de filhos vivos do sexo masculino, o número de filhos vivos do sexo feminino e a idade actual.

3.4.3 b) Percentagem que prefere uma rapariga de entre as mulheres actualmente casadas, «férteis» e não grávidas, que esperam mais filhos, combinando o número de filhos vivos do sexo masculino, o número de filhos vivos do sexo feminino e a idade actual.

3.4.4 a) Percentagem que prefere um rapaz de entre as mulheres actualmente casadas, «férteis» e não grávidas, que esperam mais filhos, combinando o número de filhos vivos do sexo masculino, o número de filhos vivos do sexo feminino e os anos desde o primeiro casamento.

3.4.4 b) Percentagem que prefere uma rapariga de entre as mulheres actualmente casadas, «férteis» e não grávidas, que esperam mais filhos, combinando o número de filhos vivos do sexo masculino, o número de filhos vivos do sexo feminino e os anos desde o primeiro casamento.

3.4.5 — Média do número adicional de filhos esperados por mulheres actualmente casadas, «férteis» e não grávidas, combinando o número de filhos vivos do sexo masculino, o número de filhos vivos do sexo feminino e a idade actual.

3.4.6 a) Média do número total de filhos desejados por mulheres actualmente casadas, não grávidas, combinando o número de filhos vivos do sexo masculino, o número de filhos vivos do sexo feminino e a idade actual.

3.4.6 b) Média do número total de filhos desejado por todas as mulheres alguma vez casadas, não grávidas, combinando o número de filhos vivos do sexo masculino, o número de filhos vivos do sexo feminino e a idade actual.

3.4.7 — Número médio de filhos desejado para todas as mulheres alguma vez casadas, por grandes grupos de anos decorridos desde o primeiro casamento, combinando:

- o tipo do local de residência e o grau de instrução
- a ocupação do marido e o grau de instrução
- a ocupação do marido e o tipo do local de residência

3.4.8 — Percepção do número de filhos desejado pelo marido à data do primeiro casamento, segundo o número de filhos desejado pela mulher nessa mesma data, por categorias de idade ao primeiro casamento, para todas as mulheres alguma vez casadas.

3.4.9 — Percepção do número de filhos desejado pelo marido à data do primeiro casamento, segundo o número de filhos desejado pela mulher nessa mesma data, por anos desde o primeiro casamento, para todas as mulheres alguma vez casadas.

Quadros adicionais para países de baixa fecundidade

3.5.2 — Distribuição da duração preferida para o seguinte intervalo fechado, segundo o número de filhos vivos (incluindo a gravidez actual) e os anos desde o primeiro casamento, limitada a mulheres expostas ao risco de gravidez ou grávidas que esperam um futuro nascimento.

3.7.1 — Distribuição da duração preferida para o seguinte intervalo fechado, segundo o número de filhos vivos e os anos desde o primeiro casamento, limitada a mulheres expostas ao risco de gravidez ou grávidas que esperam um futuro nascimento.

GRUPO 4 — CONHECIMENTO E USO DE CONTRACEPÇÃO

4.1 — Prática da amamentação no intervalo fechado

4.1.1 — Distribuição percentual de mulheres alguma vez casadas, com pelo menos dois filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) de acordo com a duração da amamentação no último intervalo fechado, segundo a idade actual.

4.1.2 — Distribuição percentual de mulheres alguma vez casadas, com pelo menos dois filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) de acordo com a duração da amamentação no último intervalo fechado, segundo o número de filhos nascidos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso).

4.1.3 — Distribuição percentual de mulheres alguma vez casadas, com pelo menos dois filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) cujo último intervalo fechado tenha excedido 32 meses e cujo último filho tenha sobrevivido pelo menos dois anos, de acordo com a duração da amamentação nesse intervalo, segundo a idade actual.

4.1.4 — Distribuição percentual de mulheres alguma vez casadas, com pelo menos dois filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) cujo último intervalo fechado tenha excedido 32 meses e cujo último filho tenha sobrevivido pelo menos dois anos, de acordo com a duração da amamentação nesse intervalo, segundo o número de filhos nascidos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso).

4.1.5 — Distribuição percentual de mulheres alguma vez casadas, com pelo menos dois filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) cujo último intervalo fechado tenha excedido 32 meses e cujo filho tenha sobrevivido pelo menos dois anos, de acordo com a duração da amamentação nesse intervalo, combinando o número de filhos nascidos e:

- — o grau de instrução.
- — o tipo do local de residência.
- — o tipo do local de residência na infância.
- — a religião.
- — a frequência de assistência a serviços religiosos.
- — a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
- — a ocupação do marido.

4.1.6 — Duração média do último intervalo fechado observado em mulheres alguma vez casadas, com pelo menos dois filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso) cujo último intervalo fechado não tenha excedido cinco anos, combinando o número de meses de amamentação durante esse intervalo, a idade actual e o uso de contracepção nesse intervalo.

4.2 — Conhecimento de contracepção

4.2.1 a) Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas que ouviram falar dos métodos contraceptivos especificados, incluindo a esterilização, combinando a idade actual e o número de filhos vivos.

4.2.1 b) Distribuição percentual de mulheres actualmente casadas «férteis» que ouviram falar dos métodos contraceptivos especificados, incluindo a esterilização, combinando a idade actual e o número de filhos vivos.

4.2.2 — Percentagem de todas as mulheres alguma vez casadas que ouviram falar de quaisquer métodos contraceptivos, incluindo a esterilização, combinando o número de filhos vivos, a idade actual e:

— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— o tipo do local de residência na infância.
— a religião.
— a frequência de assistência a serviços religiosos.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— a ocupação do marido.

4.3 — **Uso eventual de contracepção**

4.3.1 a) Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas que eventualmente usaram cada um dos métodos contraceptivos especificados, incluindo a esterilização, combinando a idade actual e o número de filhos vivos.

4.3.1 b) Distribuição percentual de mulheres actualmente casadas «férteis» que eventualmente usaram cada um dos métodos contraceptivos especificados, incluindo a esterilização, combinando a idade actual e o número de filhos vivos.

4.3.2 — Percentagem de todas as mulheres alguma vez casadas que eventualmente usaram qualquer método contraceptivo, incluindo a esterilização, combinando o número de filhos vivos, a idade actual e:
— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— o tipo do local de residência na infância.
— a religião.
— a frequência de assistência a serviços religiosos.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— a ocupação do marido.

4.4 — **Uso actual de contracepção**

4.4.1 — Distribuição percentual das mulheres expostas ao risco de gravidez, segundo o uso do método contraceptivo especificado, incluindo a esterilização, a idade actual e:
— o número de filhos vivos
— a frequência de assistência a serviços religiosos

4.4.2 — Percentagem de mulheres expostas ao risco de gravidez que estão actualmente a usar contracepção, incluindo a esterilização, combinando o número de filhos vivos e a idade actual.

4.4.3 — Percentagem de mulheres expostas ao risco de gravidez que estão actualmente a usar contracepção, incluindo a esterilização, combinando o número de filhos vivos do sexo masculino, o número de filhos vivos do sexo feminino e a idade actual.

4.4.4 — Percentagem de mulheres expostas ao risco de gravidez que estão actualmente a usar contracepção, incluindo a esterilização, combinando o número de filhos vivos do sexo masculino, o número de filhos vivos do sexo feminino e os anos desde o primeiro casamento.

4.4.5 — Percentagem de mulheres expostas ao risco de gravidez que estão actualmente a usar contracepção, incluindo a esterilização, combinando o número de filhos vivos, a idade actual e:
— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— o tipo do local de residência na infância.
— a religião.
— a frequência de assistência a serviços religiosos.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— a ocupação do marido.

4.5 — **Forma de uso contraceptivo**

4.5.1 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com a «forma de uso contraceptivo», segundo a idade actual.

4.5.2 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com a «forma de uso contraceptivo», combinando os anos desde o primeiro casamento e a idade ao primeiro casamento.

4.5.3 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas de acordo com a «forma de uso contraceptivo», segundo o número de filhos vivos.

4.5.4 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com a «forma de uso contraceptivo», combinando a exposição ao risco de gravidez e a idade actual.

4.5.5 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com a «forma de uso contraceptivo», combinando a idade actual e:

— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— o tipo do local de residência na infância.
— a religião.
— a frequência de assistência a serviços religiosos.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— a ocupação do marido.

4.5.6 — Distribuição percentual de todas as mulheres alguma vez casadas, de acordo com a «forma de uso contraceptivo», combinando o número de filhos vivos e:

— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— o tipo do local de residência na infância.
— a religião.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— a ocupação do marido.

4.5.7 — Planeamento do primeiro nascimento, segundo o número de anos desde o primeiro casamento, a idade ao casamento, limitado às mulheres casadas pelo menos 5 anos, para as quais o primeiro nascimento teve lugar dentro de cinco anos de casamento.

4.5.8 — Planeamento do primeiro nascimento, segundo os anos decorridos desde o casamento, limitado às mulheres casadas pelo menos cinco anos, para as quais o primeiro nascimento teve lugar dentro de cinco anos de casamento e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— a ocupação do marido

4.5.9 — Planeamento do segundo filho, segundo os anos decorridos desde o primeiro casamento e a idade ao casamento, limitado às mulheres com pelo menos dez anos de casadas, cujo segundo nascimento teve lugar dentro de dez anos de casamento.

4.5.10 — Planeamento do segundo filho, segundo o número de anos desde o primeiro casamento, limitado às mulheres com pelo menos dez anos de casadas, cujo segundo nascimento teve lugar dentro de dez anos de casamento e:

— o grau de instrução
— a frequência de assistência a serviços religiosos
— a ocupação do marido

4.5.11 — Planeamento do nascimento mais recente ou da gravidez actual, segundo a paridade da mulher no início do último intervalo fechado.

4.5.12 — Planeamento do nascimento mais recente ou da gravidez actual, segundo a paridade da mulher no início do intervalo e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— a frequência de assistência a serviços religiosos
— a ocupação do marido

4.5.13 — Planeamento do primeiro nascimento, segundo o número de anos desde o primeiro casamento, limitado às mulheres que estiveram casadas pelo menos cinco anos, para as quais o primeiro nascimento teve lugar dentro de cinco anos de casamento e:

— a idade ao primeiro casamento
— o tipo do local de residência na infância
— a frequência de assistência a serviços religiosos

4.5.14 — Planeamento do primeiro nascimento, segundo o número de anos desde o primeiro casamento, limitado às mulheres que estiveram casadas pelo menos cinco anos, para as quais o primeiro nascimento teve lugar dentro de cinco anos de casamento e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— a ocupação do marido

4.6 — **Eficácia e fertilidade: duração do intervalo aberto**

4.6.1 — Distribuição percentual de mulheres expostas ao risco de gravidez, com um ou mais filhos vivos, de acordo com a duração do intervalo aberto, combinando a «forma de uso contraceptivo» (excluindo a esterilização) nesse intervalo, e a idade actual.

4.6.2 — Distribuição percentual de mulheres com pelo menos 2 filhos vivos (ou um filho vivo e uma gravidez actual) de acordo com a duração do último intervalo fechado, combinando a «forma de uso contraceptivo» nesse intervalo e a idade actual.

4.6.3 — Duração média do intervalo entre o primeiro casamento e o primeiro nascimento, segundo a idade ao primeiro casamento e os anos decorridos desde o primeiro casamento, limitada às mulheres que estiveram casadas pelo menos cinco anos, para as quais o primeiro nascimento teve lugar dentro de cinco anos de casamento.

4.6.4 — Duração média do intervalo entre o casamento e o primeiro nascimento, segundo o uso do planeamento durante esse intervalo e os anos decorridos desde o primeiro casamento, limitada às mulheres que estiveram casadas pelo menos cinco anos, para as quais o primeiro nascimento teve lugar dentro de cinco anos de casamento e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— a ocupação do marido

4.6.5 — Duração média do intervalo entre o primeiro e o segundo nascimentos, segundo o uso de planeamento durante esse intervalo, os anos decorridos desde o primeiro casamento e a idade ao casamento, limitada às mulheres que estiveram casadas pelo menos dez anos, para as quais o segundo nascimento teve lugar dentro de dez anos de casamento.

4.6.6 — Duração média do intervalo entre o primeiro e o segundo nascimentos, segundo o uso de planeamento nesse intervalo, os anos decorridos desde o primeiro casamento, limitada às mulheres que estiveram casadas pelo menos dez anos, para as quais o segundo nascimento teve lugar dentro de dez anos de casamento e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— a ocupação do marido

4.6.7 — Duração média do intervalo fechado mais recente, segundo o uso de planeamento nesse intervalo e a paridade da mulher no início do intervalo.

4.6.8 — Duração média do intervalo fechado mais recente, segundo grandes grupos de paridade da mulher no início do intervalo e:

— o grau de instrução
— o tipo do local de residência
— a ocupação do marido

Quadros adicionais para países de baixa fecundidade

4.7.1 — Planeamento do segundo nascimento, segundo os anos decorridos desde o primeiro casamento e a idade ao casamento, limitado às mulheres que estiveram casadas pelo menos dez anos, para as quais o segundo nascimento teve lugar dentro de dez anos de casamento.

4.9.1 — Duração do intervalo entre o casamento e o primeiro nascimento, segundo o uso de planeamento nesse intervalo e os anos decorridos desde o primeiro casamento, limitada às

mulheres que estiveram casadas pelo menos cinco anos, para as quais o primeiro nascimento teve lugar dentro de cinco anos de casamento.

4.11.1 — Duração do intervalo fechado mais recente, segundo o uso de planeamento durante esse intervalo e a paridade da mulher no início do intervalo para todas as mulheres expostas ao risco de gravidez.

4.12.1 — Distribuição percentual do local onde as mulheres procuraram conselho ou ajuda para planeamento familiar nos últimos 12 meses, segundo a idade e o uso actual de contracepção

GRUPO 5 — USO DA CONTRACEPÇÃO RELACIONADO COM AS PREFERÊNCIAS QUANTO À FECUNDIDADE

5.1 — Conhecimento de contracepção

5.1.1 — Distribuição percentual das mulheres actualmente casadas, «férteis», segundo o grau de conhecimento contraceptivo, a idade actual e o desejo de mais filhos.

5.1.2 — Distribuição percentual de mulheres actualmente casadas «férteis», de acordo com o nível de conhecimento contraceptivo, combinando a idade actual, a relação entre o número de filhos desejado e o número de filhos vivos (incluindo eventualmente uma gravidez em curso).

5.2 — Uso actual de contracepção

5.2.1 — Distribuição percentual de mulheres expostas ao risco de gravidez, de acordo com o uso corrente de cada método contraceptivo especificado (incluindo a esterilização) combinando o número de filhos presentemente vivos e o desejo de mais filhos.

5.2.2 a) Percentagem de mulheres expostas ao risco de gravidez que não querem mais filhos, que estão actualmente a usar um método contraceptivo eficiente (incluindo a esterilização), combinando a idade ao primeiro casamento e os anos desde o primeiro casamento.

5.2.2 b) Percentagem de mulheres expostas ao risco de gravidez que estão actualmente a usar um método contraceptivo eficiente (incluindo a esterilização) e não querem mais filhos, combinando a idade ao primeiro casamento e os anos desde o primeiro casamento.

5.2.3 a) Percentagem de mulheres expostas ao risco de gravidez que não querem mais filhos, que estão actualmente a usar um método contraceptivo eficiente (incluindo a esterilização), combinando o número de filhos vivos e a idade actual.

5.2.3 b) Percentagem de mulheres expostas ao risco de gravidez que estão actualmente a usar um dos métodos contraceptivos especificados (incluindo a esterilização) e não querem mais filhos, combinando o número de filhos vivos e a idade actual.

5.2.4 a) Percentagem de mulheres expostas ao risco de gravidez que não querem mais filhos, que estão actualmente a usar um método contraceptivo eficiente (incluindo a esterilização), combinando a idade actual e:

- — o grau de instrução.
- — o tipo do local de residência.
- — o tipo do local de residência na infância.
- — a religião.
- — a frequência de assistência a serviços religiosos.
- — a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
- — a ocupação do marido.

5.2.4 b) Percentagem de mulheres expostas ao risco de gravidez que estão actualmente a usar um método contraceptivo eficiente (incluindo a esterilização) e não querem mais filhos, combinando a idade actual e:

- — o grau de instrução.
- — o tipo do local de residência.
- — o tipo do local de residência na infância.

— a religião.
— a frequência de assistência a serviços religiosos.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— à ocupação do marido.

5.2.5 — Distribuição percentual de mulheres alguma vez casadas, com pelo menos um filho vivo (ou gravidez actual) de acordo com os métodos contraceptivos usados no último intervalo fechado, combinando o número de filhos vivos no início do intervalo e conforme a última (ou actual) gravidez foi desejada ou não.

5.3 — **Forma de uso contraceptivo**

5.3.1 — Distribuição percentual de mulheres actualmente casadas «férteis», de acordo com a «forma de uso contraceptivo», combinando o desejo de mais filhos e a idade actual.

5.3.2 — Distribuição percentual de mulheres actualmente casadas «férteis», de acordo com a «forma de uso contraceptivo», combinando a relação entre o número de filhos desejado e o número de filhos vivos e a idade actual.

5.3.3 — Distribuição percentual de mulheres actualmente casadas «férteis», de acordo com a forma de uso contraceptivo, combinando o desejo de mais filhos e a idade actual e:

— o grau de instrução.
— o tipo do local de residência.
— o tipo do local de residência na infância.
— a religião.
— a frequência de assistência a serviços religiosos.
— a situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento.
— a ocupação do marido.

LIST OF TABLES (Volume II)

GROUP 0: RESPONDENTS BACKGROUND

Table 0.1.1 A

Distribution of all ever-married women according to single years of age by level of education

Table 0.1.1 B

Distribution of all ever-married women according to single years of age by literacy

Table 0.1.1 D

Distribution of all ever-married women according to single years of age by type of place of residence

Table 0.1.1 E

Distribution of all ever-married women according to single years of age by pattern of work

Table 0.1.1 F

Distribution of all ever-married women according to single years of age by occupation of husband

Table 0.1.1 G

Distribution of all ever-married women according to single years of age by frequency of religious attendance

Table 0.1.2 A 1

Distribution of all ever-married women according to level of education by literacy

Table 0.1.2 A 2

Distribution of all ever-married women according to level of education by frequency of religious attendance

Table 0.1.2 A 3

Distribution of all ever-married women according to level of education by type of place of residence

Table 0.1.2 A 4

Distribution of all ever-married women according to level of education by pattern of work

Table 0.1.2 A 5

Distribution of all ever-married women according to level of education by occupation of husband

Table 0.1.2 B 2

Distribution of all ever-married women according to literacy by type of place of residence

Table 0.1.2 B 3

Distribution of all ever-married women according to literacy by pattern of work

Table 0.1.2 B 4

Distribution of all ever-married women according to literacy by occupation of husband

Table 0.1.2 D 1

Distribution of all ever-married women according to type of place of residence by pattern of work

Table 0.1.2 D 2

Distribution of all ever-married women according to type of place of residence by occupation of husband

Table 0.1.2 E 1

Distribution of all ever-married women according to pattern of work by occupation of husband

GROUP 1: NUPTIALITY AND EXPOSURE TO CHILD-BEARING

Section 1.1: Age at first marriage

Table 1.1.1

Percent distribution of all ever-married women according to age at first marriage by current age

Table 1.1.2

Distribution of all ever-married women according to calendar year of birth by age at first marriage in single years

Table 1.1.3

Mean age at first marriage of those women who first married before age 25 by current age and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by frequency of religious attendance
- by pattern of work
- by occupation of husband
- by occupation before first marriage

Section 1.2: Dissolution of first marriage

Table 1.2.1

Percent distribution of all ever-married women according to status of first marriage by years since first marriage and by age at first marriage

Table 1.2.2

Percentage of all ever-married women whose first marriage was dissolved by years since first marriage and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by pattern of work
- by occupation of husband

Section 1.3: Remarriage and number of times married

Table 1.3.1

Percent distribution of all ever-married women according to the number of times married by years since first marriage and by age at first marriage

Table 1.3.2

Of all ever-married women whose first marriage was dissolved the percentage who re-married by years since first marriage and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by frequency of religious attendance
- by pattern of work
- by occupation of husband

Section 1.4: Percentage of time spent in the married state

Table 1.4.1

Average percentage of time since first marriage which has been spent in the married state by all ever-married women by age at first marriage and by current age

Table 1.4.2

Average percentage of time since first marriage which has been spent in the married state by all ever-married women by current age and age at first marriage and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by pattern of work
- by occupation of husband

Section 1.5: Current marital status

Table 1.5.1

Percent distribution of all ever-married women according to current marital status by years since first marriage and by age at first marriage

Table 1.5.2

Percentage of all ever-married women who are currently married by years since first marriage and by age at first marriage and:

- by level of education
- by type of place of residence

— by childhood type of place of residence
— by religion
— by pattern of work
— by occupation of husband

Section 1.6: Exposure status

Table 1.6.1

Percent distribution of all ever-married women according to exposure status by years since first marriage and by age at first marriage

Table 1.6.2

Percent distribution of all ever-married women according to exposure status by number of living children and by current age

Table 1.6.3

Percent distribution of all ever-married women according to exposure status by current age and:

— by level of education
— by type of place of residence
— by childhood type of place of residence
— by religion
— by frequency of religious attendance
— by pattern of work
— by occupation of husband

GROUP 2: FERTILITY

Section 2.1: Initial fertility

Table 2.1.1

Percent distribution of women who first married at least 5 years ago according to interval between first marriage and first birth by age at first marriage and by years since first marriage

Table 2.1.2

Mean number of children born before or within first 5 years of marriage by age at first marriage and by years since first marriage confined to women who first married at least 5 years ago and:

— by level of education
— by type of place of residence
— by childhood type of place of residence
— by religion
— by frequency of religious attendance
— by pattern of work
— by occupation of husband
— by occupation before first marriage

Table 2.1.3

The percentage of women with specified intervals from first to second birth within categories of age at first marriage and years since first marriage for all women whose 1st birth occurred at least 5 years ago

Table 2.1.4

The mean number of children born within the second five years of marriage among all women married at least 10 years, according to number of children born in the first five years and years since first marriage:

— by level of education
— by type of place of residence
— by occupation of husband

Section 2.2: Cumulative fertility

Table 2.2.1 A

Percent distribution of currently married women according to the number of children ever-born by current age

Table 2.2.1 B

Percent distribution of all ever-married women according to the number of children ever-born by current age

Table 2.2.2 A

Percent distribution of currently married women according to the number of children ever-born by years since first marriage

Table 2.2.2 B

Percent distribution of all ever-married women according to the number of children ever-born by years since first marriage

Table 2.2.3 A

Mean number of children ever-born to currently married women by age at first marriage and by years since first marriage

Table 2.2.3 B

Mean number of children ever-born to all ever-married women by age at first marriage and by years since first marriage

Table 2.2.4 A

Mean number of children ever-born to currently married women by age at first marriage and by current age

Table 2.2.4 B

Mean number of children ever-born to all ever-married women by age at first marriage and by current age

Table 2.2.5

Percent distribution of all ever-married women according to the number of children ever-born by years since first marriage and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by frequency of religious attendance
- by pattern of work
- by occupation of husband

Table 2.2.6

Mean number of children ever-born to all ever-married women by age at first marriage and by current age and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by frequency of religious attendance
- by pattern of work
- by occupation of husband

Table 2.2.7

Mean number of children ever-born to all ever-married women by years since first marriage and:

- by level of education and type of place of residence
- by level of education and religion
- by level of education and occupation of husband
- by type of place of residence and religion
- by type of place of residence and occupation of husband
- by childhood type of place of residence and religion
- by childhood type of place of residence and occupation of husband
- by level of education and childhood type of place of residence
- by type of place of residence and pattern of work
- by type of place of residence and childhood type of place of residence
- by occupation of husband and pattern of work

Section 2.3: Effects of child mortality

Table 2.3.1 A

Percent distribution of currently married women according to the number of living children by current age

Table 2.3.1 B

Percent distribution of all ever-married women according to the number of living children by current age

Table 2.3.2 A

Percent distribution of all ever-married women according to the number of living children by years since first marriage

Table 2.3.2 B

Percent distribution of currently married women according to the number of living children by years since first marriage

Table 2.3.3

Percent distribution of all ever-married women according to the number of living children by number of children ever-born and by current age

Table 2.3.4

For all ever-married women the mean number of children ever-born still alive and deceased by current age in single years

Section 2.4: Recent fertility

Table 2.4.1

Mean number of children born in the past 5 years to women who have been continuously in married state for past 5 years by number of living children 5 years ago and by current age

Table 2.4.2

Mean number of children born in the past 5 years to women who have been continuously in married state for past 5 years by age at first marriage and by current age

Table 2.4.3 A

Mean number of children born in the past 5 years to women who have been continuously in married state for past 5 years by age of women and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by pattern of work
- by occupation of husband

Table 2.4.3 B

Mean number of children born in the past 5 years to women who have been continuously in married state for past 5 years by years since first marriage and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by pattern of work
- by occupation of husband

Table 2.4.4

Percentage male of children born in past 5 years to women who have been continuosly in married state for past 5 years by age at first marriage and by current age

Table 2.4.5

Percentage of currently married women reporting a current pregnancy by number of living children and by current age

Table 2.4.6

Percentage of currently married women reporting a current pregnancy by age at first marriage and by current age

Additional low fertility tables

Table 2.7.2

The percentage of women with specified intervals from first marriage to first birth within categories of background variable and years since first marriage for all women married at least five years and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by occupation of husband

Table 2.8.1

The percentage of women with specified intervals from first to second birth within categories of interval from marriage to first birth and years since first marriage for all women with at least five years since first birth

Table 2.9.1

The percentage of women with specified lengths of the closed interval according to parity at the beginning of the interval and years since first marriage for all ever-married women

Table 2.10.1

The percentage of women with specified lengths of the open interval according to number of children ever born and years since first marriage for all ever-married women not currently pregnant

Table 2.10.2

The mean length of the open interval number of children ever born and years since first marriage for all ever-married women not currently pregnant, and:

— by level of education
— by type of place of residence
— by occupation of husband

Table 2.11.1

Percent of wasted pregnancies by total number of pregnancies and by age in 10 years group and:

— by current age
— by level of education
— by type of place of residence
— by religion
— by frequency of religious attendance
— by current use of contraceptive method

GROUP 3: PREFERENCES FOR NUMBER AND SEX OF CHILDREN

Section 3.1: Desire to cease child-bearing

Table 3.1.1

Percentage of currently married «fecund» women who want no more children by number of living children (including any current pregnancy) and by current age

Table 3.1.2

Percentage of currently married «fecund» women who want no more children by number of living children (including any current pregnancy) and by years since first marriage

Table 3.1.3

Percentage of currently married «fecund» women who want no more children by number of living children (including any current pregnancy) and by current age and:

— by level of education
— by type of place of residence
— by childhood type of place of residence
— by religion
— by frequency of religious attendance
— by pattern of work
— by occupation of husband

Table 3.1.4

Percentage of women who did not want last (or current) pregnancy by number of living children (including any current pregnancy) and by current age confined to currently married women with at least one live birth (or a current pregnancy)

Table 3.1.5

Percentage of women who did not want last (or current) pregnancy by number of living children (including any current pregnancy) and by years since first marriage confined to currently married women with at least one live birth (or a a current pregnancy)

Table 3.1.6

The distribution of currently married women according to whether they want and/or expect more children, by number of living children

Table 3.1.7

Percent distribution of women who do not want any more children according to most important reason for not wanting more children by number of living children, the mean number of children born, and:

— by current age
— by level of education
— by type of place of residence
— by occupation of husband

Table 3.1.8

Percent distribution of women who want more children according to most impor-

tant reason for wanting more children by number of living children and by age in 10 years groups

Section 3.2: Additional number of children wanted

Table 3.2.1

Percent distribution of currently married «fecund» women according to the number of additional children expected by current age

Table 3.2.2

Percent distribution of currently married «fecund» women according to the number of additional children expected by years since first marriage

Table 3.2.3

Mean additional number of children expected by currently married «fecund» women by number of living children (including any current pregnancy) and by current age

Table 3.2.4

Mean additional number of children expected by currently married «fecund» women by number of living children (including any current pregnancy) and by years since first marriage

Table 3.2.5

Mean additional number of children expected by currently married «fecund» women by number of living children (including any current pregnancy) and by current age and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by frequency of religious attendance
- by pattern of work
- by occupation of husband

Section 3.3: Total number of children desired

Table 3.3.1 A

Percent distribution of currently married women according to total number of children desired by current age

Table 3.3.1 B

Percent distribution of all ever-married women according to total number of children desired by current age

Table 3.3.2 A

Percent distribution of currently married women according to total number of children desired by years since first marriage

Table 3.3.2 B

Percent distribution of all ever-married women according to total number of children desired by years since first marriage

Table 3.3.3 A

Percent distribution of currently married women according to total number of children desired by number of living children

Table 3.3.3 B

Percent distribution of all ever-married women according to total number of children desired by number of living children

Table 3.3.4 A

Mean total number of children desired by currently married women by number of living children (including any current pregnancy) and by current age

Table 3.3.4 B

Mean total number of children desired by all ever-married women by number of living children (including any current pregnancy) and by current age

Table 3.3.5 A

Mean total number of children desired by currently married women by number of living children (including any current pregnancy) and by years since first marriage

Table 3.3.5 B

Mean total number of children desired by all ever-married women by number of living children (including any current pregnancy) and by years since first marriage

Table 3.3.6

Mean total number of children desired by currently married women by number of living children (including any current pregnancy) and by years since first marriage and by age at first marriage

Table 3.3.7

Mean total number of children desired by currently married women by number of living children (including any current pregnancy) and by current age and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by frequency of religious attendance
- by pattern of work
- by occupation of husband

Section 3.4: Preferences concerning sex of children

Table 3.4.1

Percentage of currently married «fecund» non-pregnant women who want no more children by number of living sons and by number of living daughters and by current age

Table 3.4.2

Percentage of currently married «fecund» non-pregnant women who want no more children by number of living sons and by number of living daughters and by years since first marriage

Table 3.4.3. A

Of currently married «fecund» non-pregnant women who expect another child the percentage preferring a boy by number of living sons and by number of living daughters and by current age

Table 3.4.3 B

Of currently married «fecund» non-pregnant women who expect another child the percentage preferring a girl by number of living sons and by number of living daughters and by current age

Table 3.4.4 A

Of currently married «fecund» non-pregnant women who expect another child the percentage preferring a boy by number of living sons and by number of living daughters and by years since first marriage

Table 3.4.4 B

Of currently married «fecund» non-pregnant women who expect another child the percentage preferring a girl by number of living sons and by number of living daughters and by years since first marriage

Table 3.4.5

Mean additional number of children expected by currently married «fecund» non-pregnant women by number of living sons and by number of living daughters and by current age

Table 3.4.6 A

Mean total number of children desired by currently married non-pregnant women by number of living sons and by number of living daughters and by current age

Table 3.4.6 B

Mean total number of children desired by all ever-married non-pregnant women by number of living sons and by number of living daughters and by current age

Table 3.4.7

Mean number of children desired according to type of place of residence and level of education within broad groups of years since first marriage, for all ever-married women

Table 3.4.8

Perception of number of children desired by husband at time of first marriage by number of children desired by wife at that time within categories of age at first marriage for all ever-married women

Table 3.4.9

Perception of number of children desired by husband at time of first marriage by

number of children desired by wife at that time and years since first marriage for all ever-married women

Additional low fertility tables

Table 3.5.2

The distribution of the preferred length of the next closed interval by number of living children (including any current pregnancy) and years since first marriage limited to exposed or pregnant women who expect a future birth

Table 3.7.1

The distribution of the preferred length of the next closed interval according to number of living children and years since first marriage limited to exposed or pregnant women who expect a future birth

GROUP 4: KNOWLEDGE AND USE OF CONTRACEPTION

Section 4.1: Breast-feeding practice in the closed interval

Table 4.1.1

Percent ditribution of women according to length of breast-feeding in last closed internal by current age confined to ever-married women with at least 2 live births (including any current pregnancy)

Table 4.1.2

Percent ditribution of women according to length of breast-feeding in last closed interval by number of children ever-born (including any current pregnancy) confined to ever-married women with at least 2 live births (including any current pregnancy)

Table 4.1.3

Percent ditribution of women according to length of breast-feeding in last closed interval by current age confined to ever-married women with at least 2 live births (including any current pregnancy) whose last closed interval exceeded 32 months and whose child survived at least 2 years

Table 4.1.4

Percent distribution of women according to length of breast-feeding in last closed interval by number of children ever-born (including any current pregnancy) confined to ever-married women with at least 2 live births (including any current pregnancy) whose last closed interval exceeded 32 months and whose child survived at least 2 years

Table 4.1.5

Percent distribution of women according to length of breast-feeding in last closed interval by number of children ever-born (including any current pregnancy) confined to ever-married women with at least 2 live births (including any current pregnancy) whose last closed interval exceeded 32 months and whose child survived at least 2 years and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by frequency of religious attendance
- by pattern of work
- by occupation of husband

Table 4.1.6

Mean length of last closed interval by number of months breast-feeding during that interval and by current age and by whether women has used contraception in that interval confined to ever-married women with at least 2 live births (including any current pregnancy) whose last closed interval did not exceed five years

Section 4.2: Knowledge of contraception

Table 4.2.1 A

Percent distribution of all ever-married women who have heard of specified contraceptive methods, including sterilization by current age and by number of living children

Table 4.2.1 B

Percent distribution of currently married «fecund» women who have heard of specified contraceptive methods, including sterilization by current age and by number of living children

Table 4.2.2

Percentage of all ever-married women who have heard of any contraceptive methods, including sterilization by number of living children and by current age and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by frequency of religious attendance
- by pattern of work
- by occupation of husband

Section 4.3: Ever use of contraception

Table 4.3.1 A

Percent distribution of all ever-married women who ever used specified contraceptive methods, including sterilization by current age and by number of living children

Table 4.3.1 B

Percent distribution of currently married «fecund» women who ever used specified contraceptive methods, including sterilization by current age and by number of living children

Table 4.3.2

Percentage of all ever-married women who ever used any contraceptive methods, including sterilization by number of living children and by current age and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by frequency of religious attendance
- by pattern of work
- by occupation of husband

Section 4.4: Current use of contraception

Table 4.4.1

Percent distribution of «exposed» women according to current use of specified contraceptive method, including sterilization by current age and:

- by number of living children
- by frequency of religious attendance

Table 4.4.2

Percentage of «exposed» women who are currently using contraception, including sterilization by number of living children and by current age

Table 4.4.3

Percentage of «exposed» women who are currently using contraception, including sterilization by number of living sons and by number of living daughters and by current age

Table 4.4.4

Percentage of «exposed» women who are currently using contraception, including sterilization by number of living sons and by number of living daughters and by years since first marriage

Table 4.4.5

Percentage of «exposed» women who are currently using contraception, including sterilization by number of living children and by current age and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by frequency of religious attendance
- by pattern of work
- by occupation of husband

Section 4.5: Pattern of contraceptive use

Table 4.5.1

Percent distribution of all ever-married women according to pattern of contraceptive use by current age

Table 4.5.2

Percent distribution of all ever-married women according to pattern of contraceptive use by years since first marriage and by age at first marriage

Table 4.5.3

Percent distribution of all ever-married women according to pattern of contraceptive use by number of living children

Table 4.5.4

Percent distribution of all ever-married women according to pattern of contraceptive use by exposure status and by current age

Table 4.5.5

Percent distribution of all ever-married women according to pattern of contraceptive use by current age and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by frequency of religious attendance
- by pattern of work
- by occupation of husband

Table 4.5.6

Percent distribution of all ever-married women according to pattern of contraceptive use by number of living children and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by childhood type of place of residence
- by religion
- by pattern of work
- by occupation of husband

Table 4.5.7

The planning of the first birth according to years since first marriage and age at marriage limited to women married at least 5 years where first birth occurred within 5 years of marriage

Table 4.5.8

The planning of the first birth according to years since first marriage limited to women married at least 5 years where first birth occurred within 5 years of marriage and:

- by level of education
- by type of place of residence
- by occupation of husband

Table 4.5.9

The planning of second birth according to years since first marriage and age at marriage limited to women married at least 10 years whose second birth occurred within 10 years of marriage

Table 4.5.10

The planning of second birth according to years since first marriage limited to women married at least 10 years whose second birth occurred within 10 years of marriage and:

- by level of education
- by frequency of religious attendance
- by occupation of husband

Table 4.5.11

The planning of the most recent birth or current pregnancy according to the woman's parity at the beginning of the last closed birth interval

Table 4.5.12

The planning of the most recent birth or current pregnancy according to the wo-

man's parity at the beginning of the interval and:

— by level of education
— by type of place of residence
— by frequency of religious attendance
— by occupation of husband

Table 4.5.13

The planning of the first birth according to years since first marriage limited to women married at least 5 years where first birth occurred within 5 years of marriage and:

— by age at first marriage
— by childhood type of place of residence
— by frequency of religious attendance

Table 4.5.14

The planning of the first birth according to years since first marriage limited to women married at least 5 years where first birth occurred within 5 years of marriage and:

— by level of education
— by type of place of residence
— by occupation of husband

Section 4.6: Efficiency and fecundity: length of the open interval

Table 4.6.1

Percent distribution of women according to length of open interval by contraceptive use (excluding sterilization) in the open interval and by current age confined to «exposed» women with one or more live births

Table 4.6.2

Percent distribution of women according to length of open interval by contraceptive use in the closed interval and by current age confined to ever-married women with at least 2 live births (including any current pregnancy)

Table 4.6.3

The mean length of the interval from marriage to 1st birth, according to age at marriage and years since first marriage limited to women married at least 5 years where first birth occurred within 5 years of marriage

Table 4.6.4

The mean length of the interval from marriage to 1st birth, according to planning during the interval, and years since first marriage limited to women married at least 5 years where first birth occurred within 5 years of marriage and:

— by level of education
— by type of place of residence
— by occupation of husband

Table 4.6.5

The mean length of the interval from first birth to second birth according to planning during the interval, years since first marriage and age at marriage limited to women married at least 10 years whose second birth occurred within 10 years of marriage

Table 4.6.6

The mean length of the interval from first birth to second birth according to planning during the interval, and years since first marriage limited to women married at least 10 years whose second birth occured within 10 years of marriage, and:

— by level of education
— by type of place of residence
— by occupation of husband

Table 4.6.7

The mean length of the most recent closed birth interval, according to planning during the interval, and the woman's parity at the beginning of the interval

Table 4.6.8

The mean length of the most recent closed birth interval, according broad categories

of the woman's parity at the beginning of the interval and:

— by level of education
— by type of place of residence
— by occupation of husband

Additional low fertility tables

Table 4.7.1

The planning of second birth according to years since first marriage and age at marriage limited to women married at least 10 years whose second birth occurred within 10 years of marriage

Table 4.9.1

Length of the interval from marriage to 1st birth according to planning during the interval and years since first marriage limited to women married at least 5 years where first birth occurred within 5 years of marriage

Table 4.11.1

Length of the most recent closed birth interval according to planning during the interval and the woman's parity at the beginning of the interval for all exposed women

Table 4.12.1

Percent distribution of place of advice or help for family planning in the last 12 months by age and by current use

GROUP 5: USE OF CONTRACEPTION AS RELATED TO FERTILITY PREFERENCE

Section 5.1: Knowledge of contraception

Table 5.1.1

Percent distribution of currently married «fecund» women according to level of contraceptive knowledge by current age and by desire for more children

Table 5.1.2

Percent distribution of currently married «fecund» women according to level of contraceptive knowledge by current age and by whether number of children desired exceeds number of living children (including any current pregnancy)

Section 5.2: Use of contraception

Table 5.2.1

Percent distribution of «exposed» women according to current use of a specified contraceptive method (including sterilization) by number of living children and by desire for more children

Table 5.2.2 A

Percentage of women who are currently using an efficient contraceptive method (including sterilization) by age at first marriage and by years since first marriage confined to «exposed» women who want no more children

Table 5.2.2 B

Percentage of «exposed» women who are currently using and efficient contraceptive method (including sterilization) and want no more children by age at first marriage and by years since first marriage

Table 5.2.3 A

Percentage of women who are currently using an efficient contraceptive method (including sterilization) by number of living children and by current age confined to «exposed» women who want no more children

Table 5.2.3 B

Percentage of «exposed» women who are currently using a specified contraceptive method (including sterilization) and want no more children by number of living children and by current age

Table 5.2.4 A

Percentage of women who are currently using an efficient contraceptive method (including sterilization) by current age and confined to «exposed» women who want no more children:

— by level of education
— by type of place of residence
— by childhood type of place of residence
— by religion
— by frequency of religious attendance
— by pattern of work
— by occupation of husband

Table 5.2.4 B

Percentage of «exposed» women who are currently using and efficient contraceptive method (including sterilization) and want no more children by current age and:

— by level of education
— by type of place of residence
— by childhood type of place of residence
— by religion
— by frequency of religious attendance
— by pattern of work
— by occupation of husband

Table 5.2.5

The percent distribution of women according to specified method used in last closed interval by number of living children at the beginning of the interval and whether last (or current) pregnancy was wanted, confined to ever-married women with one live birth (or a current pregnancy)

Section 5.3: Pattern of contraceptive use

Table 5.3.1

Percent distribution of currently married «fecund» women according to pattern of contraceptive use by desire for more children and by current age

Table 5.3.2

Percent distribution of currently married «fecund» women according to pattern of contraceptive use by whether number of children desired exceeds number of living children and by current age

Table 5.3.3

Percent distribution of currently married «fecund» women according to pattern of contraceptive use by desire for more children and by current age and:

— by level of education
— by type of place of residence
— by childhood type of place of residence
— by religion
— by frequency of religious attendance
— by pattern of work
— by occupation of husband

A SUMMARY OF FINDINGS

1. THE SETTING

Portugal lies in the western part of the Iberian peninsula. It occupies about 15 % of the territory of the peninsula and is bordered in the west and south by the Atlantic Ocean and in the east and the north by Spain. The islands of the Azores and Madeira are Portuguese territory, but were excluded from the survey due to cost considerations and the possible need for separate surveys for these areas in view of their different cultural and climatic conditions.

The country covers an area of 88,500 km^2 and shows marked topographical variations, with the northern part being rather more mountainous than the south.

The population is concentrated mostly in the coastal areas, especially in the northern part of the country. The total population was 9,294,200 in March 1981, according to the census.

Portugal has a long emigration history with initial emigration to Brazil as the main trend, later to be replaced by emigration to European countries, especially France. It is estimated that in the period 1891-1960 there were 1,453,300 emigrants, and in 1960-1969 a total of 859,763.

Initially it was agricultural workers who constituted the main body of emigrants (51 % in 1960-64) but more recently the majority of emigrants (75 % in 1973) have come from the manufacturing and construction sectors. While in earlier times most emigrants were male, in recent years increasing proportions of women have emigrated. For example, in the period 1920-1929 only 23 % of emigrants were women, while in 1974 the figure was 48 %.

Fertility has been declining steadily over the years. While in 1930 a woman married at age 20 could expect to have 6.1 children during her life, in 1970 the corresponding figure was down 26 % to 4.4 children. Similarly the gross reproduction rate fell from 1.83 in 1930 to 1.06 in 1979. While in 1951 around 17 % of legitimate births were of order 6 or more, in 1979 this figure was down to only 5.5 %. In keeping with this trend, the proportion of births among older women has been dropping steadily. In 1931 23.6 % of all births occurred to women of 35 years and over, in 1979 this figure was down to only 10.7 %. The birth rate fell from 31 per thousand in 1900-1909 to 16 per thousand in 1980.

This decline in fertility went hand in hand with a steady decline in mortality, with the mortality rate falling from 20 per thousand in 1900-1909 to 10 per thousand in 1980.

2. THE SURVEY

The survey was undertaken by the National Statistical Institute through its Centre for Demographic Studies, with the technical assistance of the World Fertility Survey. Funds for the survey were provided by the UN Fund for Population Activities and the Portuguese Government.

The original request for a fertility survey under the WFS was made by the Commission for the Condition of Women, which sought the active support of the National Statistical Institute and the Ministry of Health. All these organizations were involved in the planning of the survey and the decisions regarding questionnaire content.

The sample for the survey was a subsample of the National Master Sample. The latter is a multi-stage probability sample of dwellings which is self-weighting. The primary samplings units are parishes. Information on the number of dwellings in each parish was provided by the 1970 census. In the second sampling stage, segments were selected within parishes, each segment having between 60 and 100 dwellings. Segmentation was carried out through a listing operation. The master sample covers a total of 531 segments. For the fertility survey it was decided to select 300 segments. The selection of dwellings was carried out in such a way that self-weighting was maintained. To avoid problems of identification in the field, blocks of dwellings were selected rather than individual dwellings.

The survey covered all ever-married women of 15-49 years of age who had spent the previous

night in the selected household. Since 0.5 women of that definition were expected per household, the survey needed to select twice as many households as the projected number of women to be interviewed.

Ultimately the sample covered 13,586 households, for 80% of which a household schedule was completed. This resulted in 5561 women eligible for interview, of whom 92.5% were successfully interviewed, resulting in 5148 completed interviews. The refusal rate for the individual survey amounted to only 2%.

The household schedule used in Portugal had as its main function the identification of eligible women, although it was thought useful to include some questions on household amenities.

The individual questionnaire was a variant of the WFS questionnaire for low fertility countries with the following differences: a full pregnancy history was obtained instead of a live birth history; use of contraceptives and contraceptive failure were obtained for each pregnancy interval; each pregnancy was identified as wanted or unwanted; reasons for wanting or not wanting more children were probed in detail.

The fieldwork for the survey took place from October 1979 to July 1980. This extremely long duration was due to problems of funding and interviewer drop-out. Several training courses had to be organized to enable replacement of interviewers and fieldwork was effectively stopped during January 1980. The data were collected by 8 teams consisting of 5 interviewers and 1 supervisor each.

3. FINDINGS

3.1 Nuptiality and risk of exposure to pregnancy

In the Portugal Fertility Survey, marriage is defined as either a legal or consensual union. Of the 5148 women in the sample, 128 reported initially that they were living in a consensual union although it was later established that 21 had stopped living together for good and were therefore really separated.

Altogether, 95% of the survey women were currently married or living together, while the rest were widowed, separated or divorced. For the great majority of women (93%), the current marriage was their first.

Age at first marriage

The age at which women first enter a marriage is an important determinant of life-time fertility, and often even of period fertility, because of its effect on the onset and lenght of the reproductive period. As the sample consists of ever-married women and thus excludes single women, the data on age at marriage for the sample as a whole are biased in the sense that they refer only to those women who had in fact married at the time of the survey. Therefore, the younger the group of women considered, the younger the age at first marriage. To overcome this problem only women aged 25 and over who married before age 25 are considered. As can be seen in table 1, the mean age at first marriage does not show any trend in terms of current age. The overall mean age at first marriage is 21.2 years and only minor and inconsistent variations are observed in terms of current age.

TABLE 1

MEAN AGE AT FIRST MARRIAGE FOR THOSE WOMEN WHO MARRIED BEFORE AGE 25, BY CURRENT AGE

	Current age				
All	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
21.2	21.1	21.2	21.2	21.2	21.3

Education differentials in mean age at first marriage for this subgroup of women are pronounced. Women without any schooling show a mean of 20.7, against 22.4 for those with at least some university education, with other educational groups falling between. Other differentials are less pronounced or non-existant. However, looking at work pattern, it is worth noting that women who worked only before marriage have the highest mean age at first marriage (21.7), and considering husband's occupation, women married to husbands working in agriculture and fishing have the lowest mean (20.8).

Marital stability

Of the women in the sample, only 2.4% had been married more than once, while the first marriage had been dissolved for 7.1%. The ma-

jor causes of dissolution of the first marriage were death of the husband (3%) and separation (3%), with divorce accounting for only 1%. Dissolution through death of the husband shows a steady increase with years since the first marriage, while dissolution through divorce or separation does not show any such change.

Marriage dissolution, although not of a great magnitude by itself, shows a clear relationship with several other variables (see table 2). Women who married under age 20 were more likely to have had their first marriage dissolved than women who married at 20 or over (10% and 6% respectively). Women who spent their childhood in a city were about twice as likely to have had their first marriage dissolved as women who spent their childhood in a town or a rural area (11% versus 6%). Similarly women without religion have had their first marrige dissolved twice as frequently as Catholic women or women with another religion.

The highest marriage dissolution rates are found in Lisbon, where 16% of first marriages have been dissolved, and the lowest in places of less than 10,000 inhabitants where the figure is only 5.6%. These relationships hold when controlling for years since first marriage.

TABLE 2

PERCENTAGE OF WOMEN WHOSE FIRST MARRIAGE HAD BEEN DISSOLVED ACCORDING TO VARIOUS CHARACTERISTICS

	Percentage dissolved
Age at first marriage	
< 20	10
20 +	6
Childhoot type of place of residence	
Rural	6
Town	6
City	11
Religion	
Catholic	7
Other	7
None	13
Type of place of residence	
Lisbon	16
Porto	7
> 20,000 population	7
10,000 — 20,000	10
< 10,000	6

Of all the women whose first marriage was dissolved (368), nearly one-third had remarried by the time of the survey. Differentials in remarriage are difficult to establish due to the small number of cases but do not seem to be of any considerable magnitude.

Due to the low rate of marriage dissolution, the women under study had spent nearly all the time since the date of their first marriage in the married state (97%), with any differentials falling in the range of 95-98%, except in Lisbon where women had spent just over 92% of the time in the married state.

Among all the women in the sample, 82% were currently exposed to the risk of pregnancy. Those not exposed consisted of pregnant women (4%), not currently married women (5%), sterilized women or women married to sterilized husbands (1%) and women reporting some other fertility impairment (8%).

3.2 Cumulative fertility

The women in the sample had an average of 2.26 live births at the time of the survey. The highest number corresponds to women of 45-49 years of age with a mean of 3.19 (see table 3).

TABLE 3

MEAN NUMBER OF LIVE BIRTHS AND PERCENTAGE OF EVER-MARRIED WOMEN WHO ARE MOTHERS BY AGE

Age	Mean number of live births	Percentage of mothers
15-19	0.58	52
20-24	1.06	75
25-29	1.49	90
30-34	2.08	96
35-39	2.56	96
40-44	2.83	95
45-49	3.19	94
Total	2.26	91

There are some substantial differentials in cumulative fertility according to background variables as can be seen in table 4. Size of place of residence seems to have a negative effect on fertility, with Porto as the exception, and with women in Lisbon having 3/4 of a child less than women living in places with under 10,000 popu-

lation. Women who spent their childhood in a town or a city have about half a child less than those who spent their childhood in a rural area.

Women with no religion have the lowest fertility, with Catholic women having 1/3 of a child more. Surprisingly, women with secondary education have the lowest fertility, with around 1.5 fewer children than women with no education or incomplete primary education. Women with higher education have had a slightly higher number of live births than those with primary or secondary education.

lic women in rural areas had .74 more children than Catholics in Lisbon; pointing to a greater effect of type of place of residence than religion. This is also supported by the fact that women who grew up in a rural area and stayed there have .91 of a child more than women who grew up in a rural area but now live in Lisbon.

Early marital fertility

The mean number of live births in the first five years of marriage among those women who

TABLE 4

MEAN NUMBER OF LIVE BIRTHS AMONG EVER-MARRIED WOMEN, BY BACKGROUND VARIABLE AND YEARS SINCE FIRST MARRIAGE *

	Years since first marriage				
	< 10	10-19	20+	Total	*Total Standardized by years since first marriage*
Type of place of residence					
Lisbon	1.13	2.04	2.19	1.71	1.72
Porto	1.29	2.44	3.35	2.29	2.21
> 20,000 population	1.19	1.98	2.51	1.82	1.80
10,000 — 20,000	1.40	2.72	3.74	2.44	2.45
Childhood type of place of residence					
Rural	1.42	2.71	3.65	2.47	2.43
Town	1.31	2.09	2.77	1.93	1.95
City	1.22	2.34	2.93	1.98	2.04
Religion					
Catholic	1.37	2.54	3.38	2.30	2.28
Other	1.26	2.30	3.39	2.22	2.15
None	1.11	2.15	2.83	1.73	1.91
Education					
None	1.81	3.25	4.22	3.71	2.92
Incomplete primary	1.73	2.98	3.73	3.01	2.67
Complete primary	1.43	2.20	2.43	1.90	1.96
Incomplete secondary	1.15	1.97	2.56	1.52	1.79
Complete secondary	.84	2.25	(3.15)	1.51	1.91
Incomplete higher	1.29	2.73	(2.63)	1.82	2.15
Complete higher	1.19	2.42	(3.46)	1.88	2.19
All				2.66	

* Figures in parentheses are based on less than 20 cases.

Other interesting aspects are that Catholic women in Lisbon had only .28 more children than women with no religion in Lisbon, while Catho-

were first married at least 5 years ago shows a consistent decline with years since first marriage falling from 1.61 for those women married 20 or

more years ago to 1.44 for those married 5-9 years ago (see table 5). This downward trend is clear-cut for all ages at first marriage except the group of women who married at under 15, where in any case the sample size is very small.

The data also show the effect of adolescent sterility: women married at younger than 15 had only 1.07 live births in their first 5 years of marriage, compared to 1.54 for all women. Apart from this, age at first marriage does not show a clear effect on early marital fertility, the mean being about the same for all women married between 15 and 29. Only those women married over 30 show a slightly lower mean with 1.30 children.

Examining the age cohorts it can be seen that in ages 15-24 there was only a very slight decline in the last ten years; most of the overall decline was caused by a sharp decrease of fertility in women aged 25-39. In this ten year period, fertility in women aged 25-29 declined by 19%, in those aged 30-34 by 31% and in those aged 35-39 by 51%. For all these age groups, over 70% of the decline took place in the last five years (see table 6).

TABLE 5

MEAN NUMBER OF LIVE BIRTHS IN FIRST FIVE YEARS OF MARRIAGE BY NUMBER OF YEARS SINCE FIRST MARRIAGE AND AGE AT MARRIAGE (LIMITED TO WOMEN WHOSE FIRST MARRIAGE HAS LASTED AT LEAST FIVE YEARS)

Years since first marriage	Age at first marriage								
	< 15	15-17	18-19	20-21	22-24	25-29	30+	All	N
5-9	(1.50)	1.47	1.54	1.40	1.40	1.52	1.19	1.44	996
10-19	1.23	1.47	1.58	1.61	1.54	1.58	1.37	1.55	1 949
20 +	.85	1.59	1.65	1.62	1.61	1.62	—	1.61	1 205
All	1.07	1.52	1.60	1.56	1.53	1.57	1.30	1.54	
N	44	366	688	901	1 210	781	160		4 150

Recent fertility

Using the pregnancy history, age-specific fertility rates were calculated for several five year periods prior to the survey. As the sample covered only ever-married women, data from the household schedule were used to add the corresponding single women to the denominator for the calculation of these fertility rates. For older women, no information exists for the earlier periods as there were at that time no women of that age in the sample. Women up to 39 years of age were covered in the last three periods. Considering only women 15-39 years of age a decline of 21 %, can be observed over the last 10 years, 43 per cent of which took place in the first five years and 57% in the last five years.

TABLE 6

AGE-SPECIFIC FERTILIY RATES BY PERIOD AND AGE

Age	Approximate period *			% Decline in decade	Proportion in last 5 years
	1965--1969	1970--1974	1975--1979		
15-19	27	29	29		—
20-24	143	143	146		—
25-29	173	168	140	19	85
30-34	126	109	87	31	86
35-39	94	66	46	51	70
40-44		36	18		
45-49			7		
TFR 15-39	2.82	2.57	2.24	21	57
**TFR 15-49	3.30	2.79	2.37		

* Rates were calculated for 0-4, 5-9, 10-14 years before the survey, and thus compared only approximately to the calendar dates used for this table.

** Missing data for age groups 40-49 have been imputed from those available for nearest period.

A conservative estimate of fertility decline in Portugal could be expressed as follows: a woman subject to the fertility of the period 1975-79 during her lifetime would have 0.7 children less than a woman subject to the fertility rates prevailing in the period 1965-69.

The total fertility rates calculated from civil registration statistics were:

1979	2.17
1970	3.10
1960	3.13

Thus the survey data appear to be highly accurate. Note that the survey data for 1975-79 on average refer to a period 2 ½ years earlier than the registration statistics, which explains most of the slightly higher fertility rate in the survey data.

Family size preferences

All currently married, fecund women were asked whether they wanted another child. Overall 69 % of them answered that they did not want another one. Whether a woman wants to have another child will depend largely on the number of children she already has. Therefore, the percentage of women who want no more goes up steeply with the number they already have and ranges from 14 % for those with no children to 92 % for those with 6 children after which it goes down to 73 % for those with 9 or more children. It should be noted however that of women under 30 who do not have any children, only less than 2 % did not want to have any children. Differentials by background variables are not big. Two of them need special mention. By type of place of residence, it is the women living in areas of less than 10,000 inhabitants who are different in the sense that only 64 % do not want any more children, compared to around 77 % for all the other groups. This is seen when controlling for the number of living children (see table 7).

The more religious a woman is, the less likely it is that she does not want any more children, although even among very religious women, over 60 % no not want any more.

In the Portuguese fertility survey, aside from the question if she *wanted* more children, a woman was asked whether she *expected* more children. In only 3 % of the cases was there a difference between what the woman wanted and what she expected. Women who did not want any more children were also asked the reasons for this. When asked for the most important reason, the most frequent answer given was financial worries (41 %), followed by (too old) (21 %) and health reasons (12 %). Around 55 % of women under 35 years of age mentioned financial worries, while older women gave more emphasis to health and age reasons.

TABLE 7

PERCENT OF CURRENTLY MARRIED WOMEN WHO WANT NO MORE CHILDREN, BY BACKGROUND VARIABLE

		Standardized by living children
Type of place of residence		
Lisbon	71	77
Porto	77	74
> 20,000	75	78
10,000 — 20,000	78	78
< 10,000	66	64
Total	69	69
Frequency of church attendance		
1 + a week	65	61
2-3 times a month	73	69
Special occasions	72	73
Never	68	74

The women who wanted more children but had already at least 2 were asked why they wanted more. Of the 282 women to whom the question applied, 24 % said they liked children, 22 % that they wanted a girl, 14 % that they wanted a boy and 13 % that it was God's will, the remaining 27 % giving a variety of answers.

The total mean number of children desired by currently married women in the sample is 2.4. This number was arrived at through asking the women:

«If you could choose exactly the number of children to have in your whole life, how many would you have?» Only 1 % of the women gave a non-numeric answer to this question, like, «It is up to God», «All that come» etc.

Number of living children	0	1	2	3	4	5	6	7	8+	All
Mean number desired	2.1	2.0	2.3	2.8	3.0	3.3	3.9	4.3	5.1	2.4

It should be noted that only 13 % of currently married women have 4 or more children.

Sex preferences

Of currently married, fecund women who expect to have another child and stated a sex preference, 49 % would like that child to be a boy and 51 % a girl. This slight preference for girls can also be seen when controlling for the sex of the children already born. Overall, women seem to prefer a balanced family: among those who have two children, when both are boys, none would like their next child to be a boy and when both are girls only 10 % would like the next child to be a girl. Size of the family rather than sex composition seems to be the factor which determines whether the woman expects to have more children. For instance, among women with 3 children over 80 % do not expect to have any more, irrespective of the sex composition.

Composition		Expect no more
0 girls	3 boys	84
1 girl	2 boys	91
2 girls	1 boy	89
3 girls	0 boys	89

The women were also asked about the number of children they wanted at the time of their first marriage, and how many they thought their husbands would want. Most of the women (64 %) had no idea about family size at the time of first marriage and 74 % had no idea what their husbands thought about the issue.

3.3 Contraceptive knowledge and use

Knowledge of contraception

There is widespread knowledge of contraceptives in Portugal. Ninety-six per cent of ever-married women know of at least one efficient method *, 2 % know only of some inefficient methods and the remaining 2 % know of no method at all. The most well-known method is withdrawal (94 %), closely followed by the pill (93 %) and the condom (87 %).

There are no major differentials in knowledge according to age of the women, except that in the higher age groups knowledge is slightly lower, mainly due to the fact that modern methods like the pill, IUD and injection are less well known by older women.

Method	Percentage
Pill	93
IUD	73
Female scientific	57
Douche	62
Condom	87
Rhythm	72
Withdrawal	94
Female sterilization	74
Male sterilization	29
Injection	14
Any method	98

In general, the data on knowledge of any method show no major differentials, as could be expected on the basis of the very high overall level of knowledge. The lowest levels of knowledge correspond to those women with less than primary education (around 95 %) and women whose husbands work in agriculture or fishing (92 %).

Ever-use of contraception

Among all ever-married women, 78 % have used a method of contraception at some time. However, 36 % have used only an inefficient method, while 42 % have used an efficient method. The methods used most frequently are withdrawal (38 %), followed by the pill (30 %). The next most used methods are the condom (8 %) and rhythm (7 %). Ever-use of all other methods is restricted to less than 5 %. Only 1 % of women have been contraceptively sterilized.

Ever-use does not reveal many marked differentials. In so far as education is concerned, one can observe the expected pattern of increased use with increased education (from 65 to 90 %). Ever-use in places of less than 10,000 inhabitants is substantially lower (74 %) than in the rest of the country (ranging from 84-89 %) and Catholics have used contraception to a lesser extent (77 %) than people with another or no religion (89 %). Women whose husbands work in agriculture or fishing have used the least of all occupational groups (60 %). Finally, the more religious women have used to a much lesser extent (69 %) than women who are less religious

* Efficient methods are: pill, IUD, female scientific such as diaphragm, jelly, foam, etc, condom, injection and male and female sterilization.

(85 % for those who never go to church). All these relationships hold when standardized by number of living children (see table 8).

Ever-use of any method by age of the woman follows the typical inverted U shape, with levels of use of around 70 % in the extreme age groups.

This pattern of use does not hold when the distinction between efficient and inefficient methods is made. Ever-use of inefficient methods rises dramatically with age, while ever-use of efficient methods decreases with age. This occurs mainly because the pill is the most used efficient method, and use of the pill declines with age, while withdrawal rises sharply with age (see table 9). This situation reflects the low level of acceptability of the pill for the older women, possibly combined with a reluctance to use other efficient methods like the IUD and sterilization or the limited availability of these last two methods.

TABLE 8

PERCENTAGE OF EVER-MARRIED WOMEN WHO HAVE USED A METHOD BY NUMBER OF LIVING CHILDREN AND LEVEL OF EDUCATION, AGE, TYPE OF PLACE OF RESIDENCE AND FREQUENCY OF CHURCH ATTENDANCE

	Number of living children							
	0	1	2	3	4	5	Total	* *Total Standardized by living children*
Level of educvation								
None	16	74	73	69	62	69	62	65
Incomplete primary	26	70	75	77	77	65	70	69
Complete primary	30	79	88	89	85	82	81	80
Incomplete secondary	60	87	93	92	96	(75)	85	88
Complete secondary	74	96	97	100	(75)	(—)	90	89
Incomplete higher	(79)	93	95	95	(83)	(100)	93	90
Complete higher	80	97	93	(83)	(100)	62	90	87
TOTAL	46	81	85	84	78	69	78	
Age								
< 25	55	82	87	(79)	(100)	(—)	75	
25-34	55	84	84	90	83	79	84	
35-44	29	80	85	83	77	70	79	
45 +	22	71	77	75	75	63	67	
Type of place of residence								
Lisbon	63	87	85	93	(90)	(100)	84	86
Porto	(33)	92	94	90	(79)	(67)	84	85
> 20,000	57	90	95	91	(88)	(71)	89	89
10,000 — 20,000	62	87	92	88	92	(80)	87	86
< 10,000	39	76	82	81	75	67	74	74
Religion								
Catholic	42	80	85	83	77	69	77	77
Other	(63)	(89)	91	91	(100)	(100)	89	89
None	74	91	92	90	(100)	(67)	89	87
Frequency of church attendance								
1 + a week	29	70	78	78	71	67	69	69
2-3 times a month	36	77	83	79	83	77	76	75
Special occasion	50	86	91	92	87	(62)	85	84
Never	63	87	90	88	77	(89)	85	85

* Including women with more than five children.

TABLE 9

PERCENTAGE OF EVER-MARRIED WOMEN WHO HAVE EVER USED BY METHOD AND AGE AND NUMBER OF LIVING CHILDREN

Method	Age								Number of living children	
	< 20	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total	< 4	4+
Pill	54	45	44	38	30	18	11	30	31	24
IUD	1	3	6	6	5	3	1	4	4	4
Other feminine scientific	2	3	5	5	4	4	3	4	4	4
Douche	0	0	1	1	1	2	2	1	1	2
Condom	0	4	6	12	8	11	8	8	9	6
Rhythm	0	4	6	9	8	7	8	7	7	8
Withdrawal	14	24	30	37	45	45	42	38	37	45
Female sterilization	0	0	0	1	1	1	1	1	1	3
Male sterilization	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Injection	1	4	3	3	2	1	0	2	2	2
Tablets	2	0	1	1	1	2	1	1	1	2
Cones	2	4	4	5	4	4	3	4	4	3
Other	0	1	1	2	3	3	3	2	2	2
No method	30	24	16	15	19	24	33	22	21	30
Inefficient only	14	22	28	30	40	43	47	35	35	36
Some efficient	56	54	56	55	41	33	20	43	44	34
Any	70	76	84	85	81	76	67	78	79	70

Current use of contraception

The data on current use have been tabulated for those women who are exposed to the risk of pregnancy, that is, currently married non-pregnant women who can have children.

Of those women 77 % are using a method to avoid getting pregnant. The methods most frequently used are, withdrawal (29 %), followed by the pill (22 %) and the condom (7 %). With the exception of rhythm (5 %), all other methods are used by 4 % or less of exposed women (see table 10).

Similar to ever-use, current use of the pill shows a continuous downward trend with age, from 40 % for women under 25 to 7 % for women aged 45-49. Withdrawal goes the other way and use shows a steady increase with age of the woman, from 18 % for women under 25 to 40 % for women aged 45-49. Current use of any method is broadly similar for most age groups, but still shows an inverted U shape, with the extreme age groups using at around 70 % and the age group 30-34 using at 81 %. As far as number of living children is concerned, current use is lowest among women with no children, as expected, with only 48 % using. It reaches a high of 81 % among women with 2 children and drops down sharply to 63 % and lower for those with 6 or more living children.

This broadly uniform pattern of contraception in Portugal should not cause any surprise. Although over 50 % of exposed women are aged 35 and over, less than 8 % of exposed women have had 5 or more children. This fact reveals a long-standing tradition of birth control.

Differentials in current use are modest and current use by background characteristics shows much the same relationships as were found for ever-use. By education use is lowest in the groups without education or with incomplete primary (65 % and 69 %, respectively), goes up to 79 % for those with complete primary education and maintains itself at around 83-84 % for the higher educational groups. By type of place of residence use is lowest in the areas of < 10,000 inhabitants (72 %), with all other areas between 83 % and 87 %. Women with no religion have a 10 percentage point higher use of contraception than Catholics or women with some other religion. These last two groups have use levels of 76 %. Women whose husbands work in agriculture use

TABLE 10

PERCENTAGE OF EXPOSED WOMEN WHO ARE CURRENTLY USING A METHOD OF CONTRACEPTION BY METHOD, AGE AND NUMBER OF LIVING CHILDREN

Method	Age					Living children			
	< 25	25-34	35-44	45-49	Total	< 3	3	4	5+
Pill	40	28	16	7	22	23	21	18	17
IUD	3	6	4	1	4	4	3	6	3
Other fem. scientific	2	2	3	2	2	2	3	2	2
Douche	0	0	1	1	1	1	1	1	1
Condom	3	7	8	5	7	7	7	5	1
Rhythm	2	5	4	5	5	5	3	4	3
Withdrawal	18	25	34	40	29	28	35	33	29
Female sterilization	0	1	1	2	1	0	2	3	4
Male sterilization	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Injections	3	2	1	1	1	2	2	1	2
Tablets	0	0	1	1	1	1	1	0	0
Cones	0	1	2	2	1	1	1	1	0
TOTAL	73	79	78	71	77	76	81	76	63
No method	27	21	22	29	23	24	19	24	37
Inefficient only	23	33	45	53	39	38	43	41	35
Some efficient	50	46	33	18	38	38	38	35	28

the least, with only 60 % of exposed women using. Wives of labourers use in 76 % of the cases and in all other occupational groups use fluctuates between 80 % and 87 %.

Planning by birth order

A good indication of the extent to which family planning has been accepted by the population as a means to limit or space the number of children is the proportion of couples or women who start planning their families early.

Table 11 gives information on the extent to which women tried to plan their first, second and subsequent births, thus permitting an insight into early contraceptive use and the trend in use, taking into account parity.

The figures in Table 11 refer to the past, in that they refer to women who have had a first, second and last birth. With respect to the current situation, they will be downward biased, also because successful contraceptors, that is women who managed to avoid the relevant birth through contraception, are not included. Nevertheless, it can be said that contraceptive use increases sharply with parity, as it starts with 19 % for the period before the first birth, goes up to 44 % for the period before the second and to 59 % for the period before the third.

The effect of time cannot be seen in this table inasmuch as the figures result from data pertaining to all, first, second and third births. Therefore, the time period spans not only the recent but also the distant past. This is another reason why the figures will be subject to a downward bias, as compared to the current situation.

The notion of time and parity effects can be demonstrated more clearly by cross-classifying use during the interval by number of fertile pregnancies (see table 12). From this table, it is immediately apparent that there is a considerable effect of parity on contraceptive use if we compare use during the first and second intervals within each category of fertile pregnancies. For instance, women who have had only two fertile pregnancies used before the first in 25 % of the cases and before the second in 59 % of the cases. Similarly women with three fertile pregnancies used in 20 % of the cases before the first, 44 % before the second and 57 % before the third. Overall and within each category of fertile pregnancy, about twice as many women used in the second interval as in the first.

The time effect cannot be precisely determined from the table but if it is accepted that on

aggregate women with few fertile pregnancies are younger than women with many, it can be seen that there has been a rather important time effect, although the time-scale itself is not known. About twice the number of women with only one fertile pregnancy used a method before the birth (31 %), as compared to women with five or more fertile pregnancies (17 %). Similarly before the second birth women with only two fertile pregnancies used in 59 % of the cases while among women with five or more fertile pregnancies only 22 % did so in the same interval.

TABLE 11

PERCENTAGE OF USERS OF CONTRACEPTION BY BIRTH INTERVAL, YEARS SINCE FIRST MARRIAGE, LEVEL OF EDUCATION AND TYPE OF PLACE OF RESIDENCE

	Before first *	Between first ** and second	Between second and third
Total	19	44	59***
Years since first marriage			
< 10	26	—	—
10-19	18	47	—
20 +	16	39	—
Level of education			Most recent****
None	16	36	42
Incomplete primary	14	37	44
Complete primary	20	51	47
Incomplete secondary	27	53	49
Complete secondary	30	54	52
Incomplete higher	24	50	60
Complete higher	38	54	63
Type of place of residence			
Lisbon	29	47	48
Porto	18	44	51
> 20,000	24	59	57
10,000 — 20,000	25	49	51
< 10,000	17	41	45

* Calculated on the basis of women married at least 5 years ago, whose first birth occurred within first 5 years of marriage.

** Calculated on the basis of women married at least 10 years ago, whose second birth occurred within 10 years of marriage.

*** Calculated on the basis of women whose last birth was the third.

**** Figures reflect use before most recent birth, thus including women whose most recent birth was the first or second.

TABLE 12

PERCENTAGE OF WOMEN WHO USED A METHOD OF CONTRACEPTION BY BIRTH INTERVAL AND NUMBER OF FERTILE PREGNANCIES

Birth interval	Number of fertile pregnancies						
	0	1	2	3	4	5+	Total
First	—	31	25	20	21	17	25
Second	—	—	59	44	41	22	52
Most recent*	—	30	57	57	54	42	47

* These data include the interval to current pregnancy, which causes the slight difference between the second and most recent interval for women with only 2 fertile pregnancies.

Another interesting way of gaining insight into the mechanics of contraceptive use is to compare use by parity before the last birth with current use by women of the same parity and compare use in the interval before the birth with use during the time after the birth. Table 13 gives the relevant figures.

TABLE 13

PERCENTAGE OF USERS OF CONTRACEPTION BY BIRTH INTERVAL AND PERCENTAGE OF CURRENT USERS BY PARITY **

Parity before last birth	% users	Parity now	% users
0	31	0	48
1	57	1	78
2	59	2	81
3	53	3	80
4	44	4	76
5 +	39	5+	63

** Current use has been calculated on the basis of exposed women (married, non-pregnant and fecund) while use in the intervals was calculated for all women who went on to have relevant birth.

Looking at this table from a cohort point of view, changes in contraceptive use can be observed which go beyond the changes emerging from table 12. For example, women who now have two children used in 57 % of the cases before the birth of the second child, but now 81 % are using. This suggests that there is a more considerable increase after the birth of the child than the increases suggested in table 13, caused by the fact that among current users are those women who use contraception so effectively that they

will not go on to have another child, and a possible increase in contraceptive use.

A pattern of increased contraceptive use with increased parity can be observed for all areas of the country as can be seen in table 14.

TABLE 14

PERCENTAGE OF WOMEN WHO USED A METHOD OF CONTRACEPTION BY TYPE OF PLACE OF RESIDENCE AND BIRTH INTERVAL, CONFINED TO WOMEN WITH TWO FERTILE PREGNANCIES

Type of place of residence	% users	
	First interval	Second interval
Lisbon	31	59
Porto	30	63
> 20,000	29	70
10,000 — 20,000	29	58
< 10,000	23	56

Failures in contraceptive use

The ultimate effect of the use of contraceptives on fertility will be determined by how effectively women use the methods. The survey provides detailed insight into this issue through the data on women who reported having become pregnant while using a method of contraception.

Table 15 gives the percentage of users of a method who became pregnant by the order of pregnancy to which the contraceptive failure referred.

TABLE 15

PERCENTAGE OF USERS OF CONTRACEPTION WHO BECOME PREGNANT WHILE USING A METHOD BY PREGNANCY ORDER

Pregnancy order	Number of users	% of users getting pregnant
1	1 008	36
2	1 664	56
3	962	73
4	552	77
5	304	82
6	198	83
7	116	87
8	74	89
9	51	88
10	35	91

As is evident from the figures, most users become pregnant while using a method of contraception from pregnancy 2 onwards. Again these figures refer to both the recent and distant past and any possible increase in the effectiveness with which women use a contraceptive method cannot be ascertained. Considering only the more recent births can shed some light on any changes which may have occurred over time.

TABLE 16

PERCENTAGE OF USERS GETTING PREGNANT WHILE USING BY BIRTH INTERVAL AND NUMBER OF FERTILE PREGNANCIES

Birth interval	Fertile pregnancies					
	1	2	3	4	5+	Total
First	23	28	40	38	35	28
Second	—	51	64	71	77	54
Most recent*	23	47	68	76	80	53

* Includes current pregnancy

The figures from table 16 suggest that even for the women with recent low order births, the higher the birth interval, the more women got pregnant among those using a contraceptive method. There is an indication, however, that effective use over time has improved in the sense that the lower the total of fertile pregnancies, the lower the percentage of women who got pregnant while using a method. This applies to all intervals. This effect is probably not especially due to a more effective use of the same method, but to the fact that younger women use more effective methods at an earlier stage of the reproductive life than older women.

Overall it is interesting to note that 8 % of all first births were due to failure of a contraceptive, and the figure increases to 27 % of all second births and 32 % for all most recent births.

The effect of contraceptive use on the lenght of birth intervals can be seen in table 17. The table indicates that users of contraception have consistently larger intervals than non-users. For the first birth interval, users had an interval length of approximately 7 months longer than non-users. Stoppers had a length of approximately 7 months longer than women who got pregnant using. For the second interval, users had again an interval of about 7 months longer than

non-users but stoppers had an interval 17 months longer than that of women who got pregnant using. However, even non-users have an average interval length of about 3 years, in the case of the second interval. This seems to be long, given the fact that breastfeeding is generally short. One possible explanation is that there may be a considerable degree of underreporting of contraceptive use in the intervals. Another explanation is resort to abortion as a means of controlling fertility. About 16 % of all pregnancies in Portugal terminate in a non-live birth and it is not speculative to say that this implies a high level of induced abortion.

TABLE 17

MEAN LENGTH OF THE FIRST AND SECOND BIRTH INTERVALS BY CONTRACEPTIVE USE DURING THAT INTERVAL

Contraceptive use	First*	Second**
Did not use	15.8	33.0
Used	22.3	41.4
Became pregnant using	17.8	34.9
Stopped before pregnancy	25.0	51.4
Total	17.1	36.7

* Calculated on the basis of women married at least 5 years ago, who had a birth within the first 5 years.
** Calculated on the basis of women married at least 10 years ago, who had a birth within the first 10 years.

Level of pregnancy losses

The possible level of abortion can be further illustrated by some figures on non-live births (pregnancy losses). The proportion of pregnancy losses over total pregnancies increases with age of the woman and, more significantly, increases dramatically with the total number of pregnancies (see table 18). Of course the higher parity women use contraceptives to a lesser extent and are more likely to get pregnant while using a method of contraception. The magnitude of the differences in pregnancy losses is considerable in the sense that among women who only had 1 pregnancy, only 2.8 % of those pregnancies resulted in pregnancy loss while in women with 5+ pregnancies this goes up to over 29 %. The magnitude of the differentials according to type of place of residence is enormous.

With the exception of Oporto, cities over 20,000 inhabitants show double the rate of pregnancy losses compared to small towns and villages of less than 10,000 inhabitants. Among women with 5 or more pregnancies, they show nearly triple the rate.

TABLE 18

PERCENTAGE OF PREGNANCIES TERMINATING IN A NON-LIVE BIRTH BY TOTAL NUMBER OF PREGNANCY AND TYPE OF PLACE OF RESIDENCE

Type of place of residence	Total pregnancies					
	1	2	3	4	5+	Total
Lisbon	5.3	13.5	22.6	27.7	63.2	27.6
Oporto	2.7	4.5	9.5	22.4	20.9	13.4
> 20,000	2.0	6.7	21.0	32.1	63.1	25.2
10,000 — 20,000	4.0	7.2	20.5	22.9	45.3	20.8
< 10,000	2.4	5.5	11.0	13.3	22.4	12.8
Total	2.8	6.4	13.7	17.7	29,5	16.0

The picture of pregnancy losses which emerges is not really surprising, given the fact that by and large women — especially high parity women — use ineffective methods of contraception. If contraception is used in order to avoid pregnancy altogether, it is not surprising that if pregnancy does occur, many women may resort to abortion. In fact, it is highly unlikely that the figures on pregnancy loss are wholly accurate. It is well known that it is very difficult to capture induced abortion by means of a survey and if anything, the figures presented here are probably an underestimate.

Use of family planning services

Women were asked whether they had ever sought advice or help on family planning matters and, if so, il they got it in the last 12 months, and finally where they got it.

From table 19 it can be seen that most women (86 %) had never sought family planning advice or help, and that only 7 % had done so in the last 12 months. Women using an efficient method of contraception are those who have been most

active in seeking advice or help as 25 % of them did so and 14 % of them did so in the last 12 months. Overall, hospitals and health centres are the places most frequently visited by women in the last 12 months, although only 5 % did so. The figure goes up to 9 % for women who are currently using an efficient method of contraception.

There is some indication of change in the use of family planning services, in the sense that the younger women have visited hospitals or centres more than older women. Twenty-two percent of women under 25 years of age have done so, while only 7 % of women of 45 and over have done so, with the other age groups falling neatly in between. Similarly, 16 % of women under 25 visited in the last 12 months as against only 3 % of women over 45.

It seems, therefore, that overall women use contraception without much resort to medical institutions and persons, although there seems to be a trend towards an improvement, reflected in the fact that young women use the services more than older women. This, again, is probably linked to the trend towards a use of efficient methods among younger women.

TABLE 19

PERCENT DISTRIBUTION OF USE OF FAMILY PLANNING SERVICES BY CURRENT USE AND BY AGE OF THE WOMEN

	Never went	Not in last 12 months	Went in last 12 months		
			Health Centre/ Hospital	Private Doctor	Other
Current use					
Not using	91	3	4	1	1
Using inefficient	90	5	3	1	1
Using efficient	75	11	9	3	2
Not exposed	90	5	3	1	1
Total	86	7	5	1	1
Age					
Under 25	78	6	11	3	2
25-34	82	8	7	2	1
35-44	89	6	3	1	1
45 +	93	5	1	0	1

CAPÍTULO 1

BREVE APRECIAÇÃO DA SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA PORTUGUESA

CAPÍTULO 1

BREVE APRECIAÇÃO DA SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA PORTUGUESA

1.1. Localização e descrição

Portugal fica situado na península Ibérica ocupando a sua faixa mais ocidental entre os paralelos 37° e 42° aproximadamente.

Tem a configuração rectangular com os lados maiores orientados na direcção norte-sul. A sua área é de 88 500,2 Km2, correspondendo a cerca de 15 % da península Ibérica. As ilhas dos Açores e da Madeira, situadas no Oceano Atlântico, fazem parte do território de Portugal. Estes arquipélagos totalizam uma área de 3131,4 Km2 dos quais 2355,4 correspondem aos Açores com 9 ilhas e 796,0 à Madeira com 2 ilhas.

A fronteira terrestre, toda com a Espanha, tem a extensão de 1215 Km dos quais 339 ao norte e 876 a leste, e a marítima 832 Km (172 a sul e 660 a oeste).

O território português é atravessado pelos rios Douro, Tejo e Guadiana todos com origem em Espanha e desaguando os dois primeiros na costa atlântica depois de percursos de 322 e 275 Km, respectivamente, em território português predominantemente no sentido leste-oeste. O Guadiana tem um percurso norte-sul de cerca de 260 Km em território português.

Mais acidentado no norte do que no sul tem a sua maior altitude na Serra da Estrela (1991 m). As ilhas dos arquipélagos dos Açores e Madeira são de origem vulcânica e bastante acidentadas, concentrando-se a população na faixa litoral dessas ilhas.

1.2. População

1.2.1 **Dimensão:** O facto de o território português ser cortado no sentido leste para oeste pelos rios Douro e Tejo que apenas já perto da foz correm em região de planície, e ainda a deficiente rede de comunicações do litoral para o interior associada à variedade do clima, determinam uma concentração da população na faixa litoral do território e sobretudo no norte.

Não são também estranhas a esta distribuição da população a forma como o território português foi sendo progressivamente ocupado e a diferença entre as estruturas sócio-económicas da população do norte e do sul. De facto ao passo que o norte, constituindo a origem do território nacional, sofreu a influência de mais numerosas passagens de propriedade de pais a filhos com a consequente subdivisão, dando origem a um acentuado minifúndio, o sul conquistado aos mouros em lutas prolongadas com larga contribuição da aristocracia e das instituições ligadas à igreja deu origem a um acentuado latifúndio.

Esta distribuição da população é evidenciada no Quadro seguinte:

Distribuição percentual da população em 1970

	Litoral	Interior	Total
Norte	27,0	5,4	32,4
Centro	16,4	10,8	27,2
Sul	28,6	11,8	40,4
Total	72,0	28,0	100,0

1.2.2 **Famílias:** Segundo os resultados do censo de 1970 havia em Portugal cerca de 2345,2 milhares de famílias com uma dimensão média de 3,67 pessoas. Destas famílias 2091 milhares constituem núcleos familiares dos quais 1304,1 milhares são casais com filhos com uma média de 2,36 filhos por casal.

De 1960 a 1970 o número de famílias sofreu uma ligeira diminuição pois o censo de 1960 indica um total de 2357,0 milhares com uma dimensão média de 3,72 pessoas muito próxima da observada em 1970 (em 1981 2953,6 famílias).

Das famílias nucleares cerca de 95,5 tem 5 filhos ou menos sendo dominante o grupo de famílias sem filhos ou com um filho.

1.2.3 **Mulheres em idade reprodutiva:** O número de mulheres em idade reprodutiva (15 a 49 anos) vem perdendo importância no conjunto da população feminina representando actualmente cerca de 47 % desse total, contudo o número de casadas no grupo cresceu mais rapidamente do que resulta um acréscimo da sua importância (49 % em 1940 e 61 % em 1970).

1.2.4 **Idade ao casamento:** De 1950 para cá a idade da mulher ao primeiro casamento tem diminuido ligeiramente e com oscilação entre 25,4 anos em 1950 e 23,3 em 1973 sendo sobretudo a partir de 1970 que a diminuição se acentua pois em 1970 ela era ainda de 24,3 passando em 1960 por 24,8.

A idade média dos homens ao primeiro casamento é de aproximadamente 2,5 anos mais elevada do que a das mulheres.

Observa-se de censo para censo que a percentagem de mulheres casadas nos grupos de idade quinquenais dos 15 aos 49 anos tem vindo a aumentar o que tem o seu reflexo na fecundidade como adiante se verá.

1.2.5 **Esquema de crescimento:** Já foi referido como a estrutura geográfica e a conquista do território influiram na sua ocupação demográfica. Daqui resultaram também comportamentos demográficos diferentes.

Para avaliação do esquema de crescimento da população portuguesa dispõe-se de contagens que podem considerar-se censos a partir de 1864 e anteriormente a essa data há apenas estimativas baseadas em observações para fins militares ou no número de fogos, estes com datas de 1527, de 1636, de 1732, 1776 e 1801. As contagens de 1527, de 1636 e de 1732 referem-se apenas ao Continente. Os seus resultados foram os seguintes:

Ano	População (1000) Continente
1572	1 120,0
1636	1 100,0
1732	2 143,4
1776	3,352,3
1801	2 931,9

É manifesta a irregularidade da evolução que reflecte a imperfeição com que tais contagens foram realizadas.

A partir de 1864 dispõe-se de uma série de contagens feitas de modo a merecer o nome de censos da população embora com alguns defeitos. Tal série mostra que o crescimento que se verificava até 1940, apenas com o acidente de 1911/20, parece ter terminado encontrando-se actualmente a população já em período de decréscimo, fundamentalmente motivado pela emigração, pois as taxas de natalidade e de mortalidade ambas acusando decréscimo acentuado (cerca de 30 % a de natalidade e 50 % a de mortalidade) dão origem a uma taxa de acréscimo natural com ligeira oscilação à volta de 1 %.

Esta evolução da população tem-se processado com diferenças acentuadas entre as regiões geográficas. Com efeito a região litoral vem apresentando ao longo dos anos uma taxa de natalidade superior à da região interior não só na generalidade como também na quase totalidade das três sub-regiões Norte, Centro e Sul. Contrariamente a mortalidade é superior na zona do interior.

Estas diferenças têm-se acentuado de forma que as taxas de acréscimo natural que em 1960 eram da mesma ordem de grandeza (1,4 % no litoral e 1,3 % no interior) passaram para 1,09 e 0,71 em 1970 e para 1,1 e 0,45 em 1973.

A região interior sul com uma taxa de natalidade extraordinariamente baixa (15,72 ‰ em 1973) consegue apenas uma taxa de acréscimo natural de 0,29 % em 1973.

É de notar que as taxas de natalidade apresentam variações apreciáveis tanto de norte para sul como do litoral para o interior e ao longo do período considerado ao passo que as de mortalidade se mostram mais variáveis do litoral para o interior e mais estáveis de ano para ano.

Este diferente comportamento demográfico de região para região é ainda evidenciado pelas taxas de mortalidade infantil e de mortalidade fetal tardia.

Com efeito a taxa de mortalidade infantil situa-se num nível extraordinariamente alto sobretudo no Norte-interior, contudo a diferença entre o litoral e o interior tem vindo a acentuar-se embora o nível geral venha baixando 38,9 ‰ para o Continente em 1975 contra 75 ‰ em 1960, ou seja uma baixa de 48 %.

A natalidade fetal tardia apresenta-se com uma distribuição regional semelhante à da mortalidade infantil.

De todo este conjunto de acções, cujas origens se devem encontrar, como já se disse, na

diversa forma de ocupação do território de região para região, da sua configuração geográfica e da concentração urbana mais marcada na faixa litoral, resultou uma evolução demográfica nitidamente diferenciada. De facto, de acordo com os resultados dos diversos censos, verifica-se que, tomando como base o ano de 1900 a população da região Sul-litoral acusa em 1960 um acréscimo de 117 %, facto este a que certamente não é estranha a inclusão da cidade de Lisboa.

No seu conjunto a faixa litoral apresenta nesse ano um acréscimo de 82 % em relação a 1900 ao passo que a zona interior cresce apenas 38 %.

A intensificação da emigração a partir dos anos sessenta fez com que a população total acuse um decréscimo de 1960 para 1970, decréscimo que se cifra à volta de 3 %, contudo ainda a região Sul-litoral cresce 12 %. Neste período só a faixa litoral acusa acréscimo (cerca de 6 %). Na zona interior a população diminui 18 %, cerca de 500 000 pessoas, o que comparado com a diminuição de 170 000 pessoas na população do Continente põe em evidência o fluxo do interior para o litoral que, apesar do seu contributo para a emigração, aumenta cerca de 330 000 pessoas.

Especialmente notável a posição da zona Centro com 11 % de pessoas de 65 e mais anos em 1970, percentagem que no interior dessa zona atinge os 12,5 %. É ainda de notar, no extremo oposto, a zona Norte onde a percentagem de jovens atinge os 34 %.

QUADRO I

Distribuição percentual da população por grandes grupos etários e regiões em 1970

Regiões (1)	0-14 (2)	15-64 (3)	65 e mais (4)	Taxa de dependência $\frac{(2)+(4)}{(3)} \times 100$
Norte	34,04	57,84	8,12	72,9
Centro	28,60	60,37	11,03	65,6
Sul	23,11	66,68	10,17	50,0
Total	28,16	62,10	9,74	61,0

A zona Sul (incluindo Lisboa) mostra a influência do afluxo à cidade com uma taxa de dependência de 50 % e um grupo em idade activa abrangendo 67 % da população.

1.2.6 **Emigração:** Fenómeno sempre difícil de medir com rigor é indiscutível que ele tem estado sempre presente no movimento demográfico português embora apresentando oscilações de grande amplitude quase sempre associadas a acontecimentos internacionais de natureza política ou económica.

QUADRO II

Saldo natural e migratório nos períodos intercensitários (milhares)

Período (1)	Saldo natural (2)	Saldo migratório (3)	Percentagem $\frac{(3)}{(2)} \times 100$	Saldo final (2) – (3)
1891-1900	488,2	– 270,0	55,3	218,2
1901-1911	749,4	– 385,9	51,5	363,5
1912-1920	424,5	– 366,1	86,2	58,4
1921-1930	810,4	– 324,7	40,1	485,7
1931-1940	828,7	– 109,2	13,2	719,5
1941-1950	847,8	– 90,4	10,7	757,4
1951-1960	1 090,8	– 353,4	32,4	737,4
1961-1970	1 072,6	–1 000,3	93,2	72,3

Para melhor apreciar a importância do fenómeno migratório basta comparar o saldo natural com o migratório (Quadro II).

No período de 1891 a 1960 o acréscimo natural foi de 5239,8 milhares e o acréscimo efectivo, medido pela comparação das contagens censitárias (5102,9 milhares em 1891 e 8889,4 milhares em 1961) ou seja 3786,5 milhares, mostra uma perda por emigração de 1453,3 milhares valor que se aproxima da perda migratória no decénio 1961-1970 avaliada através dos censos (8889,4 milhares em 1961, 8663,2 milhares em 1971) ou seja 1298,8 com o saldo natural de 1072,6 milhares e a variação efectiva de –226,2 milhares).

Quanto à actividade tem sido a agricultura a que mais tem contribuído para a emigração contudo, a partir de 1965, as indústrias transformadoras e a construção civil passaram a contribuir mais intensamente.

A alteração do destino dos emigrantes teve reflexo no seu comportamento. De facto enquanto foi o Brasil o polo de atracção o emigrante estava ausente por longos períodos, mas actualmente a proximidade relativa do local de destino e as facilidades de transportes permitem um

maior contacto com o país, o que de facto se verifica pelo afluxo de emigrantes através das fronteiras na época de Natal e nos períodos de férias e ainda pelas remessas monetárias. Estas últimas, algumas vezes motivadas por razões familiares, são também índice de ligação ao país pois constituem a formação de economias com vista a um possível regresso. Calcula-se que as remessas de emigrantes tenham atingido em 1973 cerca de vinte milhões de contos.

1.2.7 **Fecundidade:** A taxa de natalidade dá já uma ideia do nível da fecundidade da população portuguesa e da sua variação de região para região. Interessa agora investigar dos factores determinantes desse nível de natalidade.

Viu-se já que a importância das mulheres casadas no grupo dos 15 aos 49 anos tem vindo a aumentar. Esse aumento verificou-se em todos os grupos etários quinquenais contudo é mais acentuado nos grupos de idade mais baixa.

Acréscimo de percentagem de casadas em cada ano censitário em relação a 1940

%

Idade	1950	1960	1970
15-19	11,1	30,6	44,4
20-24	11,4	22,1	26,6
25-29	9,1	15,9	27,6
30-34	6,4	11,7	21,8
35-39	4,7	9,6	18,1
40-44	4,9	9,9	16,9
45-49	3,3	9,8	16,6
Total	5,8	15,2	23,6

Este facto tem como consequência a diferente evolução das taxas de fecundidade total e matrimonial por grupos etários. De facto o número de nados-vivos ou nascimentos por 1000 mulheres casadas (taxas de fecundidade útil matrimonial e global matrimonial) diminui na grande maioria dos grupos quinquenais considerados de ano para ano, ao passo que o número de nados-vivos ou nascimentos por mil mulheres (taxas de fecundidade total útil e total global) cresce nos dois grupos etários mais baixos. Esta diferença é sobretudo importante no grupo dos 20 aos 24 anos devido à sua elevada contribuição para o número total de nascimentos anuais (cerca de 28 %).

Neste grupo etário a taxa de fecundidade útil matrimonial sofre de 1940 para 1970 um decréscimo de cerca de 10 % (412,6 ‰ para 372,7 ‰) ao passo que a taxa de fecundidade útil total passa de 147,4 ‰ para 158,8 ‰ apresentando assim um acréscimo de 7,7%.

QUADRO III

Taxa de fecudidade útil, matrimonial e total

Idade (anos)	Fecundidade útil matrimonial (n. vivos leg. p. 1000 mulheres casadas)				Fecundidade útil total (n. vivos p. 1000 mulheres)			
	1930	1950	1960	1970	1930	1950	1960	1970
1	2	3	4	5	6	7	8	9
15-19	536,8	440,0	426,8	497,4	23,1	24,5	26,2	32,7
20-24	412,6	363,0	347,7	372,7	147,4	146,2	148,7	158,8
25-29	299,8	262,0	243,6	241,5	195,8	182,5	177,6	190,4
30-34	228,2	191,2	161,5	139,0	171,2	151,4	133,4	123,5
35-39	181,3	139,3	111,1	86,8	142,3	113,4	94,4	79,1
40-44	85,1	68,5	50,8	37,8	65,4	54,7	42,5	33,6
45-49	14,6	10,0	4,3	3,7	10,9	7,6	3,5	3,2
Total	203,1	168,0	148,3	131,9	110,7	99,1	93,7	87,8

De acordo com as taxas de fecundidade útil matrimonial observadas o número teórico de filhos por mulher casada terá evoluído do modo seguinte conforme se admite que o casamento se realiza aos 20 ou 25 anos,

Número teórico de filhos por mulher casada

Anos	Idade ao casamento	
	20 anos	25 anos
1930	6,10	4,04
1950	5,17	3,36
1960	4,60	2,85
1970	4,41	2,54

e a taxa bruta de reprodução terá passado de 1,830 em 1930 para 1,520 em 1970.

Também como é natural, sob este aspecto o comportamento das diversas regiões é diferente (Ver quadro IV). O Litoral apresenta taxas de fecundidade útil legítima total superiores duma forma geral às do Interior, ao passo que as taxas de fecundidade útil matrimonial são nos dois grupos etários mais baixos superiores no Interior. A fecundidade no Norte é marcadamente mais elevada sobretudo nos grupos centrais.

Os valores das taxas de fecundidade útil matrimonial referentes às regiões Norte, Centro e

Sul mostram a diferença de comportamento entre essas populações, muito mais acentuada do que a diferença entre Litoral e Interior.

QUADRO IV

Fecundidade útil de mulheres casadas — 1970

Idade (anos)	Regiões				
	Norte	Centro	Sul	Litoral	Interior
1	2	3	4	5	6
15-19	561,9	512,8	450,4	490,4	510,9
20-24	444,4	381,6	322,1	369,0	386,0
25-29	318,5	244,8	191,6	243,8	234,0
30-34	202,4	141,8	96,8	138,4	139,1
35-39	145,2	91,6	47,8	87,2	85,9
40-44	68,4	42,6	14,8	37,5	38,4
45-49	6,7	4,5	1,4	3,5	4,3
Total	181,6	132,8	99,9	136,0	120,2

Os nascimentos de 1.ª e 2.ª ordem que em 1951 representavam no Continente cerca de 50 % do total atingem em 1973 os 63 %. Esta distribuição dos nascimentos apresenta os seguintes valores.

QUADRO V

Percentagem de nascimentos (vivos legítimos) de ordem sucessiva no Continente

Anos	Ordem de nascimento							
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º	8.º e mais
1951	28,8	20,4	15,2	10,9	7,8	5,4	4,0	7,5
1961	32,2	21,4	14,0	9,7	7,0	5,0	3,8	6,9
1971	36,0	25,6	12,6	7,4	5,1	3,9	0,3	9,1
1973	37,4	26,3	12,6	7,2	4,6	3,4	0,3	8,2
1979	44,6	31,5	10,5	5,0	2,6	1,7	1,2	2,6

A proporção dos nascimentos de 1.ª e 2.ª ordem vem aumentando mostrando as ordens superiores um decréscimo importante excepto talvez nas ordens muito elevadas.

Este facto aponta para uma intensificação do controlo da natalidade mas também leva a pensar que as motivações que levam às famílias muito numerosas parece não terem perdido a sua influência.

A percentagem de nascimentos segundo a idade das mães, influenciada simultaneamente pela composição etária e pelas taxas de fecundidade tem apresentado uma distribuição em que a importância das idades baixas vem aumentando.

QUADRO VI

Percentagem de nados-vivos legítimos segundo a idade das mães no Continente

Anos	Idade das mães							
	15-19	20-24	25-29	30-34	< 35	35-39	40-44	45-49
1931	4,9	23,8	28,1	20,5	77,3	15,8	6,8	1,0
1951	3,6	24,1	29,2	19,4	76,3	15,6	7,2	1,0
1961	3,9	25,0	29,8	21,4	80,1	14,0	5,4	0,5
1971	5,7	27,8	28,9	19,2	81,6	12,6	5,3	0,5
1972	6,2	28,4	29,4	18,1	82,1	12,3	5,1	0,5
1973	6,2	28,7	29,6	17,8	82,3	11,9	5,2	0,5
1974	11,0	34,7	28,2	15,4	89,3	7,2	3,1	0,4

As mulheres de idade inferior a 35 anos contribuem com cerca de 90 % dos nascimentos anuais, contribuição essa que actualmente tem vindo a aumentar de ano para ano.

1.2.8 **Distribuição rural-urbana: Apenas uma** cidade em Portugal, Lisboa, tem dimensão superior a 500 000 habitantes (760,2 milhares de habitantes, 812,4 em 1981) seguindo-se-lhe a cidade do Porto com 300,9 milhares (329,1 em 1981).

Estas duas cidades somam 1061,1 milhares num total de 2275,7 em cidades e aglomerados com 10 000 e mais habitantes, o que representa 46,6 % da população urbana assim definida e 12,3 % da população total.

Definindo população urbana como a que vive em aglomerados de 10 000 e mais pessoas obtem-se para 1970 o número já referido de 2275,7 milhares (incluindo 32,7 milhares correspondentes a quatro capitais de distrito com menos de 10 000 habitantes) que se distribui por 63 aglomerados populacionais dos quais 15 se encontram na zona metropolitana de Lisboa e 6 na do Porto.

Ao longo dos censos a definição de população urbana tem sofrido ligeiras modificações. Contudo elas não invalidam a apreciação da sua evolução sendo evidente uma crescente importância numérica da população urbana o que se por um lado reflecte o afluxo aos grandes centros por outro é consequência do próprio crescimento das populações locais que por esse facto se vê promovida a população urbana.

QUADRO VII

Evolução da população urbana

Anos	Total (milhares)	Urbana (milhares)	Percentagem urbana
1911	5 960,1	931,7	15,7
1920	6 033,0	1 073,7	17,8
1930	6 802,4	1 302,2	19,1
1940	7 722,2	1 530,4	19,8
1950	8 441,3	1 691,6	20,0
1960	8 851,3	2 045,7	23,1
1970	8 611,1	2 275,7	26,4

1.2.9 **Instrução:** Com uma taxa de analfabetismo bastante elevada até 1960 parece ter-se entrado em franco declínio a partir dessa data.

QUADRO VIII

Taxas de analfabetismo

Anos	7 e mais anos			10 a 14 anos		
	HM	H	M	HM	H	M
1920	66,2	58,1	73,3			
1930	61,8	52,8	69,9			
1940	49,0	41,2	56,1	40,2	36,0	45,0
1950	40,4	32,4	47,8	24,5	21,2	27,8
1960	40,3	35,6	44,5	29,1	27,2	31,0
1970	26,6	19,8	32,8	1,1	1,1	1,1

Este progresso é mais claro se nos limitarmos à observação do grupo dos 10 aos 14 anos, vendo-se ainda a progressiva aproximação dos valores das taxas masculina e feminina.

1.2.10 **Actividade:** A população economicamente activa tal como é indicado nos censos da população (com critérios que têm variado ao longo do tempo) não tem evoluído do mesmo modo que a população total o que tem por efeito uma diminuição da taxa de actividade com consequente aumento dos inactivos a cargo.

O ramo de actividade que absorve maior quantidade de mão-de-obra é ainda a agricultura embora venha a perder importância sobretudo nos últimos anos.

A evolução sofrida pela população que se dedica à agricultura e às indústrias transformadoras faz com que esta última, que em 1900 representava 30,2 % daquela, represente 74,1 % em 1970.

QUADRO IX

População activa na Agricultura e nas Indústrias transformadoras

Anos	Agricultura		Indústrias transformadoras	
	Milhares	%	Milhares	%
1900	1 507,6	64,2	455,3	19,4
1930	1 247,9	54,2	468,8	20,4
1940	1 419,1	51,1	439,0	15,8
1950	1 519,8	47,6	592,8	18,6
1960	1 445,0	43,9	690,9	21,0
1970	987,4	32,6	731,3	24,2

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DO INQUÉRITO

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DO INQUÉRITO

2.1 — Antecedentes e preparação

2.1.1 — Justificação do projecto

Muitos dos aspectos de que se reveste o estudo da fecundidade escapam à observação das estatísticas demográficas correntes. Este facto levou o Instituto Internacional de Estatística (IIE) a impulsionar a observação deste fenómeno por meio de inquéritos especialmente orientados no sentido de procurar esclarecer as motivações da fecundidade.

A par disso, a falta de estatísticas correntes na maioria dos países do terceiro mundo justificou que tais inquéritos se revestissem do duplo aspecto de substituto das estatísticas correntes e seu complemento.

No caso português, onde as estatísticas correntes têm uma tradição de longos anos e elevado detalhe, a adesão ao projecto do I. I. E. justifica-se pela necessidade de se procurar a informação necessária ao esclarecimento das motivações da fecundidade que não pode ser obtida recorrendo às estatísticas demográficas correntes.

Além disso, o detalhe da informação que se pode obter recorrendo a inquéritos estruturados como o presente, permitirá detectar pontos fracos das séries estatísticas incluídas na observação corrente e até mesmo orientar no aperfeiçoamento das já existentes.

Não esqueçamos, finalmente, que muitos investigadores encontrarão no material que aqui lhes é apresentado motivo de reflexão e o apontar para novos domínios da sua actividade.

Estas são, apenas, algumas das razões que justificam a adesão de Portugal ao Inquérito Mundial à Fecundidade e às quais ainda poderemos acrescentar o papel didáctico que o apoio do organismo central, permite esperar duma tal operação, tanto a nível técnico como prático.

A dimensão da operação empreendida e a sua dispersão territorial aconselharam a criação de uma unidade com a finalidade expressa de estabelecer regras a ser seguidas por todos os países que decidissem associar-se e se designa por Inquérito Mundial à Fecundidade (WFS — World Fertility Survey).

Além da fixação de regras de acção, metodologia geral de sondagem e técnica de entrevista, delineamento de questionários, manuais de treino de entrevistadoras e sua selecção, etc., a organização internacional do inquérito, cuja sede se fixou em Londres, pôs à disposição de cada país aderente um corpo de especialistas cuja colaboração, além de oferecer utilíssimo aproveitamento de saber e experiência por eles adquiridos em longa prática, em condições bastante diversas, assegura uma certa uniformidade de actuação e da informação que tornará possível a comparação de resultados a nível internacional.

Embora a informação colhida nos inquéritos se revista de especial interesse nos países em desenvolvimento, por neles faltar quase totalmente a colheita estatística relacionada com a fecundidade, o facto de actualmente a intervenção nos efeitos da fecundidade ter evoluído e se ter alargado, justifica que mesmo nos países dispondo de informação estatística com tradição, como é o nosso caso, se considere como fundamental a realização de inquéritos do tipo do que aqui se relata, entre outras razões porque, tal como preconizam os seus promotores, eles visam fundamentalmente:

a) colher informação de reconhecida qualidade capaz de orientar uma política populacional;

b) promover o aperfeiçoamento das técnicas de observação dos fenómenos demográficos;

c) tornar possível comparações internacionais;

d) desenvolver o hábito de cooperação e intercâmbio da informação a nível internacional.

A própria natureza dos diversos aspectos da finalidade do inquérito aponta uma intenção repe-

titiva destes e é de destacar que o actual, pela sua dimensão e por ser o primeiro, se deve encarar como exercício altamente frutuoso como reconhecem todos os que nele trabalharam.

2.1.2 — Organização do inquérito

O Inquérito Português à Fecundidade esteve a cargo do Instituto Nacional de Estatística por intermédio do Centro de Estudos Demográficos a ele anexo.

Constituiu-se uma direcção do inquérito presidida pelo Presidente do Conselho de Direcção do INE e foi director executivo o Director do Centro de Estudos Demográficos. A Direcção dos Serviços de Censos e Inquéritos pôs à disposição dois dos seus técnicos e procurou-se no exterior a colaboração de dois elementos, ex-funcionários do INE aposentados, um dos quais teve a seu cargo a contabilidade e controlo financeiro, uma vez que o inquérito, porque foi financiado pelo Fundo das Nações Unidas para os Assuntos da População, era obrigado a seguir critérios contabilísticos previamente fixados, e o outro desempenhou funções de Supervisor de Revisão e Codificação.

A proposta do projecto foi elaborada por técnicos do WFS que para o efeito se deslocaram a Portugal e que, a par disso, estabeleceram um orçamento que serviu de base ao pedido de financiamento solicitado ao FNUAP. A colaboração material portuguesa traduziu-se por valores não contabilizáveis de montante aproximadamente igual: instalação, luz, pessoal administrativo e técnico, material de expediente, utilização do computador, etc.

O financiamento do FNUAP destinou-se basicamente a cobrir as despesas do trabalho de campo, custos tipográficos e algum pessoal de apoio recrutado especialmente para o Inquérito.

Uma vez elaborado e justificado o projecto, foi feito o pedido de financiamento ao FNUAP, atingindo o total 191 968 dólares.

Posteriormente, as verbas inicialmente propostas para certas rubricas do orçamento, foram alteradas, levando o orçamento total a 192 331 dólares.

A partir da aprovação do orçamento e da efectivação do primeiro pagamento tiveram lugar as operações do projecto na sua natural sequência com alguns desvios do calendário devido a ocorrências diversas que por vezes levaram à suspensão dos trabalhos.

2.1.3 — Os questionários

Como participante do World Fertility Survey, Portugal aceitou basear o seu Inquérito nos Questionários recomendados para países de baixa fecundidade, feitas as necessárias adaptações às condições sociais e culturais do País.

Foram utilizados na recolha de dados do IPF dois documentos de base: o questionário de agregado e o questionário individual.

1) O questionário de agregado

O seu principal objectivo era identificar as mulheres elegíveis para a entrevista individual.

A sua forma era semelhante a um boletim de recenseamento no qual eram enumerados todos os residentes habituais de cada uma das unidades de alojamento seleccionadas na Amostra, e acerca de cada um dos quais se recolhia alguma informação básica:

— parentesco com o chefe da família
— residência habitual
— sexo
— idade
— grau de instrução
— estado civil
— características do alojamento

A capa do questionário continha a informação relativa à identificação da unidade de alojamento seleccionada, número de visitas necessárias para o preenchimento do questionário, código de resultados da entrevista e perguntas sobre as características de conforto do alojamento.

2) o questionário individual

A elegibilidade para esta entrevista individual, realizada sempre que possível em privado, dependia de 3 critérios: primeiro, a mulher tinha que ter entre 15 e 49 anos de idade; segundo, tinha que alguma vez ter estado casada, isto é, casada actualmente ou anteriormente, entendendo-se esta situação como uma situação de facto, independente de um eventual vínculo legal ou religioso; terceiro, tinha que ter dormido no alojamento em causa na noite anterior à realização

da entrevista. Só as mulheres que preenchessem as 3 condições enunciadas eram consideradas elegíveis, sendo portanto contactadas para efeito de colheita da informação.

O Questionário individual baseado no Questionário básico recomendado pelo WFS para países de baixa fecundidade com inclusão de um dos módulos aconselhados (sobre planeamento familiar) consistia nas seguintes 8 secções:

Secção 1: caracterização da inquirida
Secção 2: histórico da gravidez
Secção 3: conhecimento contraceptivo
Secção 4: regulação anterior da fecundidade
Secção 5: histórico do casamento
Secção 6: regulação actual da fecundidade
Secção 7: histórico do trabalho
Secção 8: caracterização do marido

Secção 1: caracterização da inquirida

Nesta secção eram colhidos dados sobre 5 temas principais: local de residência no passado, no presente e durante os primeiros 12 anos de vida; local de nascimento; data de nascimento e idade actual; escolaridade e grau de instrução; e religião e religiosidade.

Estes dados serviram para a construção de variáveis consideradas explicativas em relação à fecundidade e comportamento contraceptivo.

Secção 2: histórico da gravidez

Para conseguir um registo tão completo quanto possível acerca de todas as gravidezes das entrevistadas, era obtido em 1.º lugar o número de filhos vivos (conforme residiam ou não no alojamento), e depois o número de filhos já falecidos. Isto era seguido de uma verificação para confirmar se o total de filhos nascidos vivos obtido era exacto. Depois eram colhidos dados sobre o nome, sexo, data de nascimento, sobrevivência e idade da morte se aplicável, para cada nado-vivo.

Uma vez registada toda esta informação sobre os nados-vivos, a entrevistadora verificava a eventual existência de nados-mortos ou gravidezas não levadas a termo(1), anotando a data de ocorrência e a duração de cada uma destas gravidezes.

Finalmente, era colhida informação sobre a duração da amamentação dos últimos 2 filhos nascidos vivos.

Secção 3: conhecimento contraceptivo

Nesta secção era registado o conhecimento dos vários métodos de contracepção(2). Em primeiro lugar era pedido à mulher entrevistada que enumerasse espontaneamente todos os métodos de que tinha ouvido falar. Depois, a entrevistadora lia uma descrição de cada um dos métodos não mencionados, perguntando se já alguma vez tinha ouvido falar dele. Antes de terminar esta secção era assinalada a eventual presença de outras pessoas (seu sexo e idade) as quais, apesar das insistências para que a entrevista se realizasse em privado, se tivessem recusado a abandonar o local.

Secção 4: regulação anterior da fecundidade

Era obtida informação acerca da utilização de contraceptivos em cada um dos intervalos entre as gravidezes havidas, bem como acerca das gravidezes desejadas ou não, e das razões de paragem de utilização de um método contraceptivo.

Secção 5: histórico do casamento

Para este inquérito foi utilizado uma definição sociológica de casamento, abrangendo a união indicada pela entrevistada como tendo existido com carácter de estabilidade, ainda que não sancionada pela lei ou pela Igreja.

Para cada respondente era obtido um histórico completo do casamento, a data de início e eventual fim de cada «casamento» e no caso dos «casamentos» dissolvidos, a razão da sua dissolução.

Para se obter um melhor indicador do início da exposição ao risco de gravidez, era perguntada em relação ao primeiro ou actual «casamento» a data em que «ela e o seu marido» tinham começado a viver um com o outro.

Foram ainda incluidas aqui algumas questões adicionais relativamente ao número de filhos de-

(1) A pergunta era a seguinte: «Para além da(s) vez(es) de que me falou, houve algumas outras vezes em que tenha estado grávida? Quero dizer, já teve algum nascido morto ou teve alguma gravidez, mesmo que tenha durado só algumas semanas ou só alguns meses?.»

(2) Pílula, DIU, duche, ritmo, outros métodos femininos, preservativo, coito interrompido, esterilização feminina, esterilização masculina e outros mencionados pelas entrevistadas.

sejado pela mulher e pelo marido na altura do primeiro casamento, espaçamento do primeiro filho, número de filhos desejado em toda a vida, número ideal de filhos para uma família portuguesa actual e ainda número ideal de filhos para um casal como o da respondente.

Secção 6: regulação actual da fecundidade

Era recolhida informação relativa ao uso actual de um método contraceptivo (tipo de método, duração da utilização, razões de paragem do uso); à apercebida capacidade para ter mais filhos e à comparação entre o que queriam que acontecesse em matéria de planeamento familiar e o que pensam que irá acontecer na realidade, bem como as razões porque querem ou não querem ter mais filhos e as preferências quanto ao sexo e espaçamento dos nascimentos. São ainda colhidos dados quanto à eventualidade duma esterilização (quer feminina, quer masculina), tipo de operação, data e motivos da mesma, e, finalmente, quanto ao conhecimento e utilização dos serviços de Planeamento Familiar existentes.

Secção 7: histórico do trabalho

É realizado nesta secção um histórico completo da actividade profissional da entrevistada, quer antes quer depois do casamento quer nos intervalos das gravidezes (1.ª, 2.ª e duas últimas) bem como relativamente à sua situação actual: tipo de trabalho, local de trabalho, situação na profissão, rendimento mensal e ainda, no caso das inactivas, as intenções quanto ao exercício de uma actividade profissional futura.

Secção 8: caracterização do marido

Nesta última secção do questionário recolheram-se dados sobre o actual ou último marido da entrevistada relativamente à sua idade, grau de instrução e aptidão para ler, situação perante o trabalho, tipo de trabalho, local onde exerce a profissão e rendimento mensal auferido.

A elaboração da «montagem», tradução, análise e discussão dos Questionários, foi um processo de certa forma longo e cauteloso. A ele se associaram, para além dos técnicos do WFS, representantes da Comissão da Condição Feminina, da Direcção-Geral de Saúde e da Secretaria de Estado da Segurança Social.

Do primeiro debate das questões que diferentes organismos gostariam de ver incluídas no questionário individual, e da análise cuidada do modelo utilizado em países de baixa fecundidade, surgiu uma 1.ª montagem, ainda em inglês. A tradução, fase especialmente melindrosa, foi feita em várias etapas com sucessivas traduções e retroversões para verificar a não alteração do conteúdo e a fidelidade ao texto inicial. Houve, evidentemente, que formular perguntas de maneira diferente e por vezes reorganizar ou alterar a sequência do questionário, tendo sempre em mente uma adaptação ao contexto sócio-cultural do país.

A preocupação básica de encontrar uma linguagem acessível e coloquial, sem, contudo, cair em fórmulas paternalistas ou demasiado simplistas, levou a uma cuidadosa escolha de cada um dos vocábulos utilizados.

Assim, por exemplo, no capítulo referente ao conhecimento de métodos contraceptivos, foi pedida a participação de médicos dos Serviços de Consultas de Planeamento Familiar para que ao lado do termo técnico utilizado na definição de cada método, figurasse sempre o termo vulgarmente conhecido e usado coloquialmente, ex.: coito interrompido — ter cuidado; dispositivo intra-uterino — aparelho; no útero — lá dentro; preservativo — camisa.

A 1.ª versão do questionário assim obtida foi ainda objecto de cuidadosa análise de coerência e lógica interna e sujeita a um 1.º teste de compreensibilidade através da realização prática de entrevistas.

Finalmente, e antes de ser testado no campo durante a realização do Pré-teste, ele foi aplicado de forma crítica em entrevistas simuladas durante o curso de formação de supervisoras.

As principais alterações introduzidas no Questionário Português à Fecundidade, relativamente ao modelo básico proposto para os países de baixa fecundidade, foram as seguintes:

— inclusão de pergunta sobre frequência de assistência a serviços religiosos (secção 1)

— inclusão das perguntas sobre amamentação em relação ao último e penúltimo filho (secção 2)

— inclusão do módulo sobre motivações e desejo de ter ou não mais filhos (secção 6)

— inclusão de perguntas sobre conhecimento e utilização das consultas ou Serviços de Planeamento Familiar (secção 6)

— inclusão de perguntas sobre a actividade profissional da mulher entre as gravidezes (entre o casamento e a 1.ª gravidez; a 1.ª e a 2.ª e as duas últimas gravidezes) — (secção 7)

— alteração e reelaboração dos quadros da regulação anterior da fecundidade (secção 4)

2.1.4 — Outros documentos

Na sua tarefa de controlo da qualidade dos trabalhos de campo, as supervisoras preenchiam diariamente umas folhas de resultados(1), as quais não só mantinham o pessoal da Sede informado do progresso geral do trabalho, como também ajudavam a supervisora a controlar adequadamente o trabalho das entrevistadoras sob a sua responsabilidade:

— Folha de distribuição de trabalho e resultados (DTR)

— Folha de Resumo dos Resultados obtidos no Segmento

— Folha do Andamento do Trabalho de cada Entrevistadora

2.1.5 — Publicidade

O facto de fazer ou não publicidade do Inquérito nos meios de informação foi uma questão debatida pelos principais responsáveis do Inquérito, não sendo, à partida, particularmente evidente a opção entre uma ou outra das vias possíveis.

Não querendo entrar aqui na discussão dos vários argumentos pró e contra cada uma das opções, a opinião que prevaleceu foi a de não fazer a publicidade do Inquérito no sentido tradicional do termo mas sensibilizar quer pessoalmente quer por carta não só as autoridades administrativas locais como as autoridades eclesiásticas.

Nestes contactos foi relatada a forma de organização mundial deste inquérito, seus antecedentes e objectivos científicos; a sua realização em vários países em diversos Continentes; o pessoal de campo especialmente preparado e treinado para o efeito(2) e o cuidado especial na preparação dos vários documentos, permitindo uma recolha de informação tanto quanto possível neutra, imparcial e isenta.

Podemos dizer que a reacção e acolhimento foram grandemente positivos.

2.1.6 — Selecção da amostra

2.1.6.1 — Desenho da amostra

A amostra mãe é uma amostra de unidades de alojamento destinada a servir de base aos inquéritos a realizar pelo Instituto Nacional de Estatística junto das famílias.

A amostra foi seleccionada de modo probabilístico e multietápico.

Tomaram-se como unidades primárias as FREGUESIAS * por constituirem as unidades administrativas mais pequenas com limites físicos bem definidos e acerca das quais se dispunha de informação sobre o número de unidades de alojamento fornecido pelo recenseamento de 70.

Na 2.ª etapa seleccionaram-se, nas freguesias da amostra, segmentos ou áreas bem delimitadas com 60 a 100 unidades de alojamento, nas quais foi efectuada a operação de listagem.

Na 3.ª e última etapa seleccionaram-se as unidades de alojamento de modo a constituir, consoante os inquéritos a que se destinavam, uma subamostra autoponderada.

2.1.6.2 — Selecção das unidades primárias estratificadas

1) Estratificação

Pretendeu-se seleccionar com probabilidade proporcional à dimensão (número de unidades de alojamento) cerca de 500 áreas ou segmentos.

---

(1) Ver anexo III.

(2) As entrevistadoras tinham um cartão de identificação com fotografia e o selo branco do INE, assinado pelo director efectivo do Inquérito.

* O Continente está dividido administrativamente em 18 distritos, 275 concelhos e 3848 freguesias.

Após o cálculo do intervalo de selecção, dado pelo quociente entre o número total de unidades de alojamento fornecido pelo censo de 70, e as 500 áreas a seleccionar,

$$I = \frac{2\,607\,172}{500} = 5214$$

constituiram-se 2 estratos:

— O primeiro formado pelas freguesias com dimensão igual ou superior a 5000 U. A. que foram automaticamente seleccionadas (probabilidade igual a 1).

— O segundo, pelas restantes, de que foram seleccionadas algumas de modo sistemático em cada Distrito com probabilidade proporcional à dimensão.

2) Modo de selecção

As freguesias foram ordenadas em cada distrito pela seguinte ordem:

1 — Freguesias da capital de distrito
2 — Freguesias sede de concelho
3 — Freguesias com variação positiva (que aumentaram de dimensão no período intercensitário de 60 a 70)
4 — Freguesias com variação negativa ou nula

Elaboraram-se para cada distrito listas das freguesias ordenadas do modo indicado, das quais se extrairam as do 1.º estrato, seleccionando sistematicamente as restantes com probabilidade proporcional à dimensão e intervalo de selecção igual a 5214.

Na cidade de Lisboa não se tiveram em conta os limites de freguesia por serem em grande número de casos muito indefinidos. Esta situação tornou-se equivalente a considerar o conjunto das freguesias como um única unidade primária.

2.1.6.3 — Selecção das unidades secundárias

Por intermédio de contagens rápidas no terreno, as freguesias foram divididas em áreas ou segmentos com limites bem definidos e dimensão entre 60 a 100 U. A.

A selecção dos segmentos foi efectuada sistematicamente e com intervalo de selecção igual ao calculado para a 1.ª etapa.

Nas freguesias do 1.º estrato, o número de segmentos a seleccionar dependeu do arranque (para a selecção sistemática) e da dimensão da freguesia, enquanto que nas freguesias do 2.º estrato apenas se seleccionava um.

A probabilidade de selecção de cada segmento vem dada por:

$$P_{ij} = P_{1i} \,.\, P_{2ij} = \frac{S_{ij}}{I}$$

sendo

$$P_{1i} = \begin{cases} 1 & \text{nas freguesias auto-representadas} \\ \dfrac{F_i}{I} & \text{nas restantes freguesias} \end{cases}$$

$$P_{2ij} = \begin{cases} \dfrac{m_i\, S_{ij}}{\Sigma_j\, S_{ij}} = \dfrac{S_{ij}}{I} & \text{nas freguesias auto-representadas} \\ \dfrac{S_{ij}}{\Sigma_j\, S_{ij}} = \dfrac{S_{ij}}{F_i} & \text{nas restantes } (m_i = 1) \end{cases}$$

em que:

P_{ij} probabilidade final de selecção de cada segmento j
P_{1i} probabilidade de selecção da freguesia i
P_{2ij} probabilidade de selecção do segmento j na freguesia i
F_i dimensão da freguesia em 70 (em U. A.)
S_{ij} dimensão relativa a 70 do segmento j na freguesia i
m_i número de segmentos a seleccionar nas freguesias auto-representadas
I intervalo de selecção igual a 5214

Em cada segmento da amostra foi efectuada a seguinte operação de listagem:

a) Inscreveram-se nas folhas de listagem as moradas e o nome do ocupante principal de todas as U. A. existentes no interior dos limites do segmento.
b) Localizaram-se todos os edifícios em mapas ou «croquis» das áreas, assinalando os limites e outros pontos de referência (ex.: rios, igreja, cemitério, estradas, etc.).

2.1.6.4 — Selecção da subamostra para o Inquérito à Fecundidade

Com esta subamostra pretendiam-se inquirir cerca de 6500 mulheres nas condições exigidas

pelo Inquérito. Estimada em 1:2 a relação entre estas e o número de unidades de alojamento, e antevendo uma determinada incidência de não respostas foi decidido seleccionar cerca de 14 000 unidades de alojamento constituindo-se para o efeito uma subamostra autoponderada da Amostra Mãe com a dimensão acima referida.

Tendo em conta os custos e a organização do trabalho de campo, pareceu suficiente realizar o inquérito apenas em cerca de 300 áreas, seleccionando para o efeito, com igual probabilidade, $\frac{3}{5}$ do número total de segmentos da amostra, ou seja

$$318 = 531 \times \frac{3}{5}$$

Para a subamostra ser autoponderada cada unidade de alojamento teria probabilidade de selecção igual a

$$0.0053 = \frac{14\,000}{n}$$

sendo n o número de U.A. existentes à data do censo de 70 e igual a 2 607 172.

Na 3.ª e última etapa a probabilidade de selecção P_{3ijk} de cada alojamento k do segmento j vem dada por:

$$P_{3ikj} = \frac{m_{ij}}{M_{ij}}$$

sendo

m_{ij} o número de U. A. a seleccionar no segmento j.

M_{ij} a dimensão actual do segmento.

O número de U. A. a seleccionar em cada segmento vem dado pela resolução da equação

$$P_{ijk} = f = P_{1i} \times P_{2ij} \times P_{3ijk}$$

$$0.0053 = \frac{3}{5} \times \frac{S_{ij}}{I} \times \frac{m_{ij}}{M_{ij}}$$

em ordem a m_{ij}, ou seja:

$$m_{ij} = \frac{5}{3} \times I \times 0.0053 \times \frac{M_{ij}}{S_{ij}}$$

O valor de m_{ij} será igual a 46 apenas nos casos em que o quociente $\frac{M_{ij}}{S_{ij}}$ seja próximo de 1, reflectindo não ter havido variação substancial entre a dimensão actual do segmento M_{ij} (n.º de U. A. listadas) e a sua dimensão em 70.

2.1.6.5 — Selecção dos alojamentos e das mulheres

Em cada segmento e para obviar certas dificuldades surgidas com a identificação dos alojamentos principalmente nas zonas rurais, bem como para evitar um aumento da taxa de alojamentos não contactados, efectuou-se a sua selecção em bloco.

Em cada alojamento na amostra foi utilizado um questionário de agregado que serviu de base à identificação das mulheres de 15 a 49 anos que tivessem estado casadas e que, assim seleccionadas, constituiram a amostra a observar.

No quadro da página 69 figuram, por distritos, a dimensão em 1970 (n.º de U. A.), o número de freguesias e de segmentos na Amostra Mãe, e o número de segmentos e alojamentos seleccionados para o Inquérito à Fecundidade.

2.1.7 — Operações de listagem e cartografia

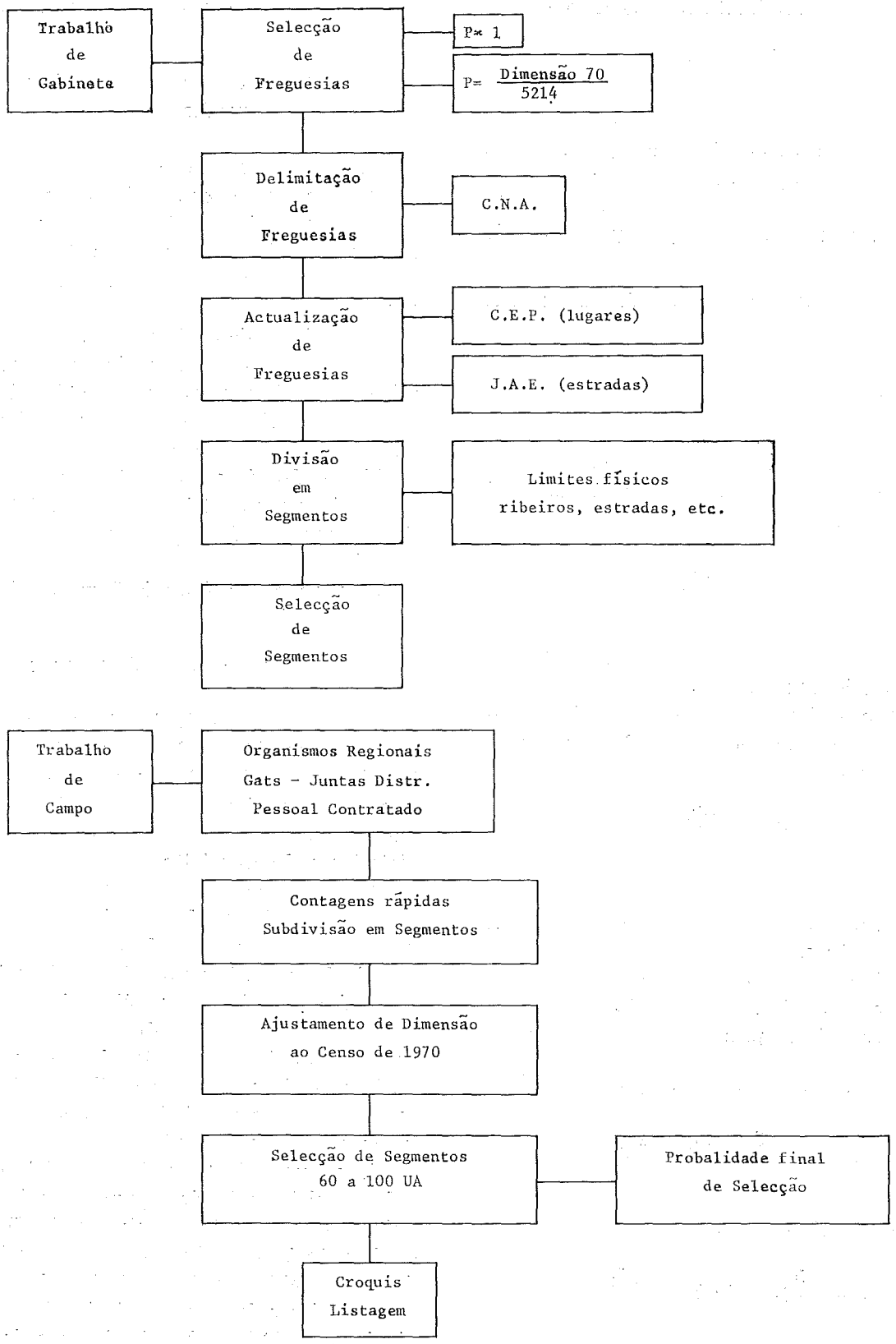
Foi a operação de identificação e listagem de todas as unidades de alojamento existentes no interior dos limites dos segmentos seleccionados que forneceu a base da amostra da qual se seleccionaram os alojamentos a contactar pelas entrevistadoras do Inquérito.

As moradas e outros elementos identificadores e descritivos dos locais onde residiam as pessoas, além do nome do ocupante considerado principal do alojamento, foram inscritos numa determinada ordem nas folhas de listagem, que se faziam acompanhar dum mapa (sempre que possível) ou dum «croquis» do segmento assinalando cuidadosamente os edifícios e demais pontos de referência (ribeira, igreja, escola, pelourinho, restaurante, etc.).

A execução deste projecto só foi possível devido à colaboração de alguns organismos regionais, nomeadamente, Comissões de Planeamento da Região Norte, Centro e Sul, por intermédio dos seus Gabinetes de Apoio Técnico (G. A. T.); Assembleias e Juntas Distritais; Câmaras Municipais; e as Delegações do Porto e de Évora do Instituto Nacional de Estatística.

Só na cidade de Lisboa e zona da grande Lisboa o trabalho foi centralizado pelo Instituto

ORGANIGRAMA DE OPERAÇÕES



C.N.A. Comissão Nacional do Ambiente
C.E.P. Centro de Estudos de Planeamento
J.A.E. Junta Autónoma de Estradas

Dimensão da amostra

Distritos	Dimensão (N.º de U.A. existentes)	Amostra Mãe			Amostra I. P. F.	
		N.º de Freguesias		N.º de Segmentos	N.º de Segmentos	N.º de U.A. seleccionadas
		Estrato I	Estrato II			
1	2	3	4	5	6	7
Aveiro	147 144	1	27	28	16	780
Beja	81 367	—	16	16	9	393
Braga	146 867	—	28	28	17	827
Bragança	63 604	—	12	12	7	308
Castelo Branco	102 962	1	19	20	13	432
Coimbra	140 853	1	26	28	16	817
Évora	70 807	1	12	14	10	427
Faro	103 886	—	20	20	11	381
Guarda	90 723	—	17	17	10	437
Leiria	134 778	2	24	26	16	624
Lisboa	507 634	34	34	117	43	3 470
Cidade de Lisboa *	234 772	18	9	46	27	1 339
Portalegre	62 253	—	12	12	7	283
Porto	322 382	10	46	63	28	1 971
Cidade do Porto	82 377	6	5	17	10	447
Santarém	164 182	1	29	31	18	813
Setúbal	160 154	8	16	39	24	1 222
Viana do Castelo	78 495	—	16	16	10	499
Vila Real	82 326	—	16	16	9	470
Viseu	146 755	—	28	28	17	775
Continente	2 607 172	83	412	531	318	14 929

* Tal como foi referido na cidade de Lisboa não se consideraram os limites de freguesia. Indicam-se no entanto o número das freguesias a que pertencem realmente os segmentos que fizeram parte da amostra.

Nacional de Estatística, tendo sido utilizado pessoal especialmente contratado.

Por não ter sido criada uma unidade central de controlo das operações, os organismos regionais citados ficaram responsáveis pela execução da quase totalidade do trabalho, ainda que na medida do possível lhes tivesse sido dado todo o apoio técnico e coordenação.

Ficaram assim a seu cargo as tarefas de execução das contagens rápidas, selecção dos segmentos, delimitação e execução de «croquis» ou apresentação de mapas (quando possível) e operações de listagem.

2.2 — Organização e execução do trabalho de campo

2.2.1 — Recrutamento e selecção

O recrutamento de candidatas realizou-se através de:

— anúncios publicados num jornal diário

— envio de uma circular a 8 escolas de ensino superior

— análise de boletins de inscrição existentes no Serviço de Pessoal do INE(1)
— candidaturas espontâneas

Como resultado da experiência da realização deste Inquérito em países com contextos sócio-político-culturais tão diferentes, foram-se definindo ao longo do tempo, e hoje já com bastante clareza e precisão, quais os critérios em que se deve basear a política de recrutamento e selecção do pessoal que é em grande parte responsável pela qualidade da informação recolhida.

Assim, a organização do Inquérito Mundial à Fecundidade não só aponta as características que devem definir o perfil básico das Supervisoras e Entrevistadoras, como também sugere vários tipos de testes especialmente adequados para apurar as capacidades e requisitos exigidos para este tipo de inquérito.

As candidatas foram chamadas para a realização de testes e entrevistas, e do resultado destas provas bem como da análise dos boletins de candidatura foi efectuada uma pré-selecção das que iriam frequentar o curso de formação.

A selecção final era feita durante os cursos teóricos e práticos de formação, através de testes e exercícios diários de aproveitamento, avaliação contínua das capacidades da candidata, seu comportamento, assiduidade, etc.

Perfil das 40 Entrevistadoras apuradas para a 1.ª fase do trabalho de campo

Naturalidade		*Estado civil*	
Concelho de Lisboa	14	Solteiras	26
Outros concelhos	15	Casadas	11
Angola	7	Divorciadas	2
Moçambique	3	Não referida	1
República do Zaire	1		
Idade		*Habilitações*	
18 a 20 anos	7	Licenciadas	1
21 a 24 anos	26	Freq.ª universitária	17
25 a 29 anos	3	7.º ano	20
30 e mais anos	2	Outros cursos	2
Não referida	2		

2.2.2 — Cursos de Formação

Os cursos de formação de pessoal de campo, cujo calendário de actividades apresentamos em anexo, tiveram a duração média de 3 semanas cada um.

(1) Foram analisados 285 boletins de inscrição no Serviço de Pessoal do INE.

O cerne essencial do treino consistiu obviamente no estudo cuidado do questionário conjuntamente com o manual de instruções, e na prática do uso do questionário em entrevistas.

A prática de entrevistas simuladas, realizadas em pequenos grupos, com uma função crítica e de controlo, e a análise e discussão dos seus resultados por todas as candidatas, demonstrou ser extremamente profícua e foi continuamente utilizada.

Foram ainda abordados temas acerca da importância do estudo da fecundidade e dos aspectos mais relevantes da demografia portuguesa, variáveis sócio-culturais afectando a fecundidade, inquéritos por amostragem, fisiologia da reprodução e métodos contraceptivos e técnicas da entrevista.

Na última semana do curso de formação, as Entrevistadoras realizaram no campo um determinado número de entrevistas em segmentos não seleccionados para a Amostra, cujas listagens e mapas ou «croquis» tinham sido previamente executados. Procurou-se que este trabalho de campo decorresse de forma tanto quanto possível aproximada do real, desde a constituição das equipas à execução de todas as tarefas afectas ao papel quer da Entrevistadora quer da Supervisora.

A avaliação contínua foi parte integrante do programa de trabalho e foi exercida não só para avaliar o comportamento e progressos das candidatas, quer através dos exercícios e testes diários, quer analisando a sua actuação durante a realização das entrevistas no campo, mas também para adaptar e reorganizar sempre que necessário o programa e calendário de actividades.

2.2.3 — Pré-teste

Embora o Questionário tenha sido amplamente discutido e analisado no gabinete, sentiu-se a necessidade de o testar no campo, em condições semelhantes às que se verificariam durante a fase de recolha da informação.

Utilizaram-se para o efeito 3 segmentos da Amostra Mestra já listados e não seleccionados para a subamostra do Inquérito à Fecundidade:

Cascais
Lapa
Carvalhal (Mafra)

com cerca de 200 unidades de alojamento.

As entrevistas foram realizadas pelas 8 supervisoras seleccionadas para chefiar cada uma das

futuras equipas que iriam realizar o trabalho de campo.

Com a realização do pré-teste pretendemos atingir os seguintes objectivos:

— Conhecer o grau de receptividade ou resistência por parte do público em geral e das entrevistadoras em particular, perante este tipo de investigação e avaliar a taxa de não-respostas duma forma total, parcial, bem como espacial.
— Verificar a existência de eventuais problemas na organização do inquérito e na utilidade e adequação dos manuais de instrução, documentos do trabalho de campo, etc.
— Testar o questionário, assegurando-nos da fluência no decorrer das perguntas, da manutenção do interesse e motivação das respondentes apesar da extensão do questionário, da compreensibilidade e acessibilidade da formulação das perguntas, da adequação das categorias pré-codificadas, da existência de eventuais erros de impressão, etc.
— Informar acerca das características operacionais da entrevista: a sua duração média, o número de entrevistas / por entrevistadora/por dia.
— Capacitar plenamente as supervisoras, na tarefa de conseguir boas entrevistas, no uso do material de cartografia e no manejo do questionário e das folhas de controlo.

Para uma correcta avaliação e medida destes objectivos, foram criadas 2 «Folhas de Informação» (uma para o questionário do agregado, outra para o Individual) que as supervisoras deviam preencher imediatamente após a realização de cada entrevista e que se apresentam no Anexo III.

2.2.4 — Trabalho de campo básico

De acordo com o planeamento inicial do Inquérito, a fase de recolha da informação deveria começar em 1 de Outubro de 79 e acabar em 15 de Dezembro. Deveriam ser contactadas 14 500 unidades de alojamento, onde se esperavam encontrar cerca de 7000 mulheres elegíveis e obter cerca de 6800 entrevistas completas.

De facto, os trabalhos de campo decorreram de Novembro de 79 a Julho de 80, duma forma não contínua (1), foram contactadas 14 929 unidades de alojamento, estando 13 400 ocupadas por 13 586 agregados familiares. Nestes agregados foram encontradas 5561 mulheres elegíveis, tendo sido obtidas 5148 entrevistas completas.

Uma série de factores contribuiram para o estabelecimento destas diferenças.

Antes de mais, problemas burocráticos e administrativos no envio e transferência de verbas foram continuamente sentidos e obrigaram por mais de uma vez ao adiamento ou suspensão dos trabalhos de campo.

Um importante elemento foi, também, a forma de organização das operações de listagem e cartografia. Esta operação foi levada a cabo por diferentes organismos regionais e foi difícil de controlar de Lisboa. As listagens são muitas vezes tarefa difícil de realizar, sobretudo nas áreas rurais, algumas delas de difícil acesso. Os diferentes organismos responsáveis pelo trabalho executaram-no de forma e rapidez variável e estes factos levaram a um considerável atraso em relação às datas planeadas.

A fase da recolha da informação não se podia iniciar enquanto não houvesse um número suficiente de áreas (segmentos) listadas. Por outro lado, a necessidade de começar o trabalho de campo o mais cedo possível após o treino das entrevistadoras levou à decisão de iniciar o trabalho antes de se encontrarem listados todos os segmentos que constituiam a amostra.

Este facto determinou a impossibilidade de planear um calendário para uma eficiente distribuição e trabalho das equipas (2). A dificuldade de um planeamento prévio também limitou a possibilidade de obtenção de veículos, o que, por sua vez, levou a uma dependência dos transportes públicos que reduziu a eficiência e diminuiu as taxas de produtividade.

Outro factor que reduziu a eficiência do trabalho de campo foi a ocorrência de eleições durante a fase de recolha da informação, o que

---

(1) 1.ª Fase — 1 Nov. a 15 de Dez. 79 — Distritos de Setúbal, Viseu, Braga, Viana do Castelo e Porto.
2.ª Fase — 6 de Fev. a 30 Mar. 80. — Distritos de Lisboa e Santarém.
3.ª Fase — 22 Maio a 5 Julho 80. — Restantes Distritos e Segmentos não disponíveis nas 1.ª e 2.ª Fases.

(2) O Planeamento das actividades só foi possível na 3.ª fase de duração do trabalho de campo, quando todos os restantes segmentos se encontravam já disponíveis.

Análise de resultados do trabalho de campo

Distritos	Alojamentos seleccionados					Questionário do agregado familiar							Questionário individual						
	Total	Ocupados	Desocupados	Moradas		Total	Questionários completos	Não resposta					Mulheres elegíveis	Questionários completos	Não resposta				
				Não correspondentes	Não encontradas ou inacessíveis			Ausências de informador	Entrevistas			Outros			Ausências de informador	Entrevistas			Outros
									Adiadas	Recusadas	Incompletas					Adiadas	Recusadas	Incompletas	
	n.º	%	%	%	%	n.º	%	%	%	%	%	%	n.º	%	%	%	%	%	%
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Aveiro	780	90,9	6,5	1,3	1,3	715	82,8	6,2	1,5	2,0	0,1	7,4	295	91,5	6,4	—	1,0	—	1,0
Beja	393	85,0	12,7	1,5	0,8	334	80,5	3,6	—	—	—	15,9	86	98,8	1,2	—	—	—	—
Braga	827	81,4	12,8	1,6	4,2	682	84,8	8,9	—	3,2	0,1	2,9	336	91,1	4,5	0,3	2,7	0,6	0,9
Bragança	308	94,4	1,9	2,6	0,1	292	85,6	2,4	—	—	—	12,0	86	100,0	—	—	—	—	—
Castelo Branco	432	88,0	8,1	2,5	1,4	386	76,2	4,7	—	1,6	—	17,6	107	95,3	3,7	—	0,9	—	—
Coimbra	817	86,0	10,0	2,0	2,0	723	79,1	6,9	0,7	2,9	0,1	10,2	292	93,2	3,4	0,3	2,7	—	0,3
Évora	427	89,7	8,9	1,2	0,2	386	89,4	5,2	—	2,1	—	3,4	163	94,5	4,3	—	0,6	—	0,6
Faro	381	89,0	6,0	4,2	0,8	340	80,0	7,6	—	0,6	—	11,8	69	100,0	—	—	—	—	—
Guarda	437	79,2	11,9	3,7	5,3	346	74,6	4,0	—	0,3	—	21,1	107	95,3	0,9	0,9	2,8	—	—
Leiria	624	92,5	5,4	1,1	1,0	578	76,5	8,6	—	2,2	—	12,6	198	94,4	4,0	—	1,0	—	0,5
Lisboa	3 470	92,7	5,3	1,0	1,0	3 288	78,0	10,7	0,1	6,1	0,1	5,1	1 500	92,1	3,9	0,9	2,5	0,0	0,6
Portalegre	283	87,3	9,9	2,8	—	252	81,3	6,7	—	—	—	11,9	72	88,9	9,7	—	1,4	—	—
Porto	1 971	90,7	5,5	1,5	2,3	1 825	84,4	8,6	0,3	3,6	0,0	3,0	908	90,2	5,8	0,6	2,2	—	1,2
Santarém	813	89,0	6,0	3,0	2,0	728	80,4	6,2	0,1	1,4	0,4	11,5	254	96,8	1,6	0,8	0,4	—	0,4
Setúbal	1 222	93,9	3,9	1,1	1,1	1 166	80,8	12,4	0,1	3,1	0,3	3,3	535	90,8	3,9	0,6	3,3	—	1,3
Viana do Castelo	499	86,0	6,8	0,2	7,0	430	75,3	7,7	—	0,9	—	16,0	140	91,4	5,0	2,8	0,7	—	—
Vila Real	470	90,8	5,1	1,7	2,3	427	72,6	3,0	—	0,5	—	23,9	143	96,5	2,8	—	—	—	0,7
Viseu	775	88,5	7,1	1,9	2,4	688	77,3	7,0	0,1	2,2	0,1	13,2	270	91,9	4,8	—	1,5	0,4	1,5
Total	14 929	89,8	6,7	1,6	1,9	13 586	80,0	8,2	0,2	3,1	0,1	8,4	5 561	92,5	4,2	0,5	2,0	0,1	0,8

não só implicou o retorno das entrevistadoras a Lisboa, como levantou algumas supeitas nas pessoas visitadas quanto aos objectivos das entrevistadoras.

Como resultado da extensão das actividades de recolha da informação algumas entrevistadoras desistiram do trabalho, o que implicou a organização de novas admissões e selecção de pessoal e de novos cursos de formação.

Esta maior duração do trabalho de campo e necessidade de selecção de treino de mais entrevistadoras significou um acréscimo considerável de trabalho aos técnicos do inquérito e obrigou a que o número de visitas ao campo não fosse tão frequente como seria desejável, o que, por sua vez, pode em parte explicar que as taxas de produtividade fossem inferiores às incialmente calculadas.

2.3 — Controlo de qualidade

Em qualquer inquérito por amostragem o número de questionários completos é, regra geral, inferior ao número projectado.

O facto decorre da não cobertura de algumas áreas da amostra, do não contacto com as unidades seleccionadas, ou da inacessibilidade ou não cooperação dos respondentes. Este inquérito não é, pois, uma excepção, e no mapa de análise de resultados do trabalho de campo se indicam os resultados conseguidos e as taxas de não-resposta.

A confiança que se pode fazer num inquérito deste tipo existe se se consegue uma comparação positiva dos resultados do inquérito com os resultados de outras investigações, ou se verificações adicionais são feitas em datas posteriores e os seus resultados apoiam os obtidos no inquérito original. A disponibilidade dos erros de amostragem, estudo que apresentamos em anexo a este relatório, ajuda, também, a determinar o grau de fiabilidade dos dados obtidos. No entanto, um dos aspectos cruciais do sucesso de qualquer inquérito deste tipo, são as medidas que se tomam para minimizar os erros não decorrentes da amostragem.

Foi, assim, planeado um sistema de controlo de qualidade, cujo funcionamento esquemático apresentamos na página 74, que incluia vários «filtros» para detecção de erros e um sistema de «feedback» para correcção dos mesmos.

As supervisoras tiveram um papel preponderante no funcionamento deste sistema de controlo durante a recolha da informação. Para além das tarefas administrativas e de organização quanto ao funcionamento das equipas de preenchimento das folhas de controlo da análise de cada questionário, imediatamente após a sua recepção e das reuniões diárias com todos os membros da sua equipa para uma análise crítica e distribuição de trabalho, cabia-lhes a execução das seguintes tarefas de controlo:

— Controlo pontual: era seleccionado 1 em cada 20 questionários já preenchidos, e revisitada a unidade de alojamento.
— Reentrevista: na semana inicial e nas últimas semanas do trabalho de campo, quando, quer por inexperiência quer por cansaço ou desmotivação, a qualidade do trabalho se previa mais baixa, a supervisora devia fazer uma reentrevista (seleccionada ao acaso) por cada uma das entrevistadoras a seu cargo.
— Acompanhamento: em cada dia de trabalho não ocupado por reentrevistas, a supervisora acompanhava uma das entrevistadoras da sua equipa, observando, criticamente, o modo como conduzia a entrevista.

2.4 — Avaliação de resultados

Das 15 052 unidades de alojamento que constituiam o conjunto dos segmentos da amostra foram contactados 14 929, dos quais 13 400 estavam ocupados por 13 586 agregados familiares.

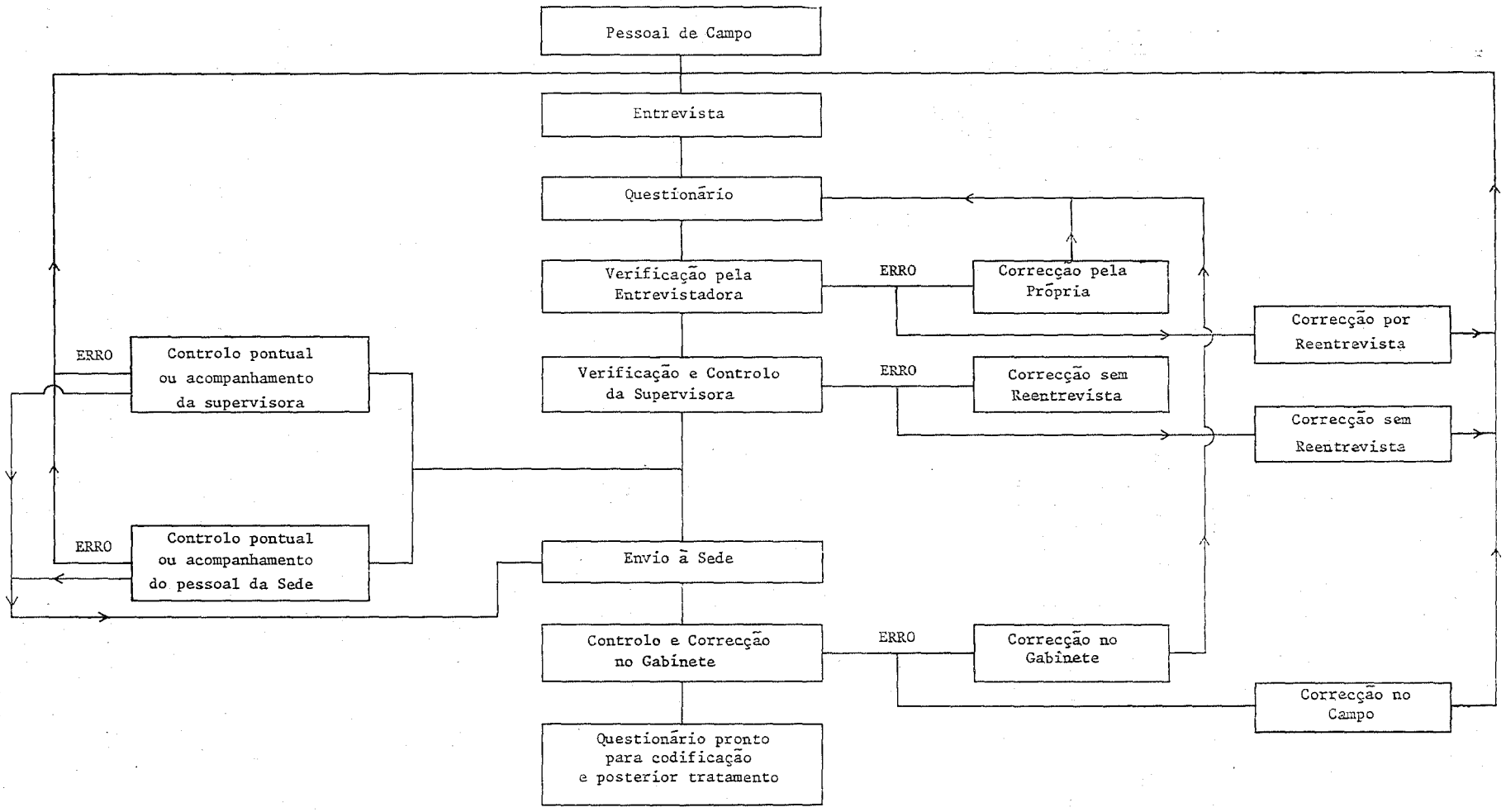
Nestes 13 586 agregados familiares foram preenchidos 10 874 questionários completos e encontradas 5561 mulheres elegíveis para a entrevista individual, que foi completada em 5148 casos.

A percentagem de alojamentos ocupados em relação ao total seleccionado na amostra e listado é de cerca de 90 %.

A taxa de não-resposta aos questionários de agregado pode considerar-se relativamente alta (20 %), devido fundamentalmente a dois factores: o elevado número de casas de emigrantes ou casas de férias incluidas nas listagens como ocupadas, estavam, de facto, vazias na altura do inquérito. Este facto deve ser levado em conta na fase de listagem de uma nova amostra para

CONTROLO DE QUALIDADE

esquema



tentar minimizar os efeitos que produz nos resultados quantitativos de um inquérito. E em segundo lugar a ausência de informador competente para fazer o preenchimento do questionário, sobretudo nos distritos onde se situam as grandes cidades.

O número de casos de não-resposta que se referem a recusas, entrevistas adiadas ou incompletas não é significativo, com a excepção da percentagem de recusas na cidade de Lisboa que foi duas vezes superior à média geral do País (3.1).

Quanto à entrevista individual, obtiveram-se 92,5 % de questionários completos em relação ao total de mulheres elegíveis encontradas (5561). O facto de a taxa de não-resposta atribuida a «recusas» ser significativamente mais baixa neste caso do que a encontrada nos questionários do agregado, leva-nos a pensar que as «recusas» não se manifestaram em relação ao tema do inquérito (como inicialmente se chegou a pensar) mas significaram sim a já conhecida atitude de protesto ou receio pela intromissão de um estranho no domicílio, ainda que devidamente identificado.

De notar ainda que em mais de metade do total dos distritos do país a percentagem de recusas ao questionário individual foi ou nula ou de valor igual ou inferior a 1 %.

2.5 — Controlo e revisão de gabinete, codificação e transcrição

Todos os questionários recebidos do campo foram sujeitos a um controlo e revisão no gabinete. Como é usual neste tipo de investigação foi elaborado um manual de revisão e codificação, especificando, quais e como deviam ser executadas as tarefas relativas a esta fase do trabalho e que consistiam resumidamente no seguinte:

1) Verificar se todas as «instruções de salto» tinham sido correctamente seguidas.
2) Verificar a consistência das respostas dadas.
3) Transferir toda a informação para os quadrados de codificação.

Quando verificavam algum erro ou omissão no questionário, os revisores-codificadores podiam fazer a correcção mas apenas no caso da resposta ser perfeitamente óbvia ou poder ser obtida noutra parte do questionário. Todos os outros casos eram entregues ao supervisor que poderia, se necessário, devolver os questionários ao campo para corrigir.

A fase de revisão dos questionários iniciou-se a 21 de Novembro de 1979, tendo acompanhado as 3 fases do trabalho de campo e terminado a 22 de Julho de 1980, sendo levada a cabo por 7 revisores na 1.ª fase e 9 nas 2.ª e 3.ª, chefiados por um supervisor de revisão e codificação.

A codificação teve o seu início em 25 de Janeiro de 1980 e terminou em 25 de Julho, enquanto que a transcrição durou de Julho de 1980 a Janeiro de 1981.

2.6 — Validação, recodificação e tabulação

A fase do tratamento informático dos dados recolhidos levou um tempo considerável e deparou com problemas de vária ordem. Por um lado, a falta de pessoal adstrito exclusivamente a este trabalho, por outro, a necessidade de treinar este pessoal no uso dos programas de computador recomendados pelo WFS.

A transcrição em banda magnética foi feita em Lisboa bem como as primeiras tabulações, estas últimas no Centro de Informática do INE.

Os quadros finais, a determinação dos erros de amostragem e o cálculo informático das taxas de fertilidade foram resultado de trabalho realizado pelo WFS em Londres.

O tratamento informático dos dados do inquérito consistiu fundamentalmente em 2 fases.

Na primeira, pretendia-se «limpar» a informação, executando uma série de verificações quanto à consistência interna.

Foram produzidas bandas ou ficheiros independentes para os dados do questionário do agregado familiar e os do questionário individual. Esta informação foi então verificada e corrigida para assegurar que toda a informação requerida (e apenas esta) estava presente e que não havia respostas inconsistentes ou fora da fluência prevista no questionário.

O computador foi usado para localizar os erros mas não para fazer correcções. Durante as séries de validação o computador produziu umas folhas (printouts) com indicação dos erros. Os valores correctos eram verificados por consulta do questionário original e depois inscritos juntamente com a identificação do registo para ser

corrigido. Este trabalho foi executado pela equipa de revisão e codificação e pelos calculadores e técnicos do Centro de Estudos Demográficos.

A segunda fase dizia respeito à produção de resultados analíticos, que envolvia a recodificação das variáveis na forma requerida pela análise, bem como a produção das tabulações estatísticas.

As perguntas dos questionários frequentemente não correspondem às variáveis que são requeridas para análise. Por consequência, foi necessário combinar variáveis, reduzir categorias, etc. Este tipo de construção de variáveis produz um ficheiro de recodificação, que é conhecido como «standard recode file» e pretende conseguir 3 objectivos:

1. — Simplificar a produção das tabulações de base.
2. — Fornecer um ficheiro geral de análise para os investigadores que desejem aproveitar o estudo da informação.
3. — Fornecer uma série «standard» de variáveis idêntica em todos os países participantes no Inquérito Mundial à Fecundidade, tornando, pois, possível a análise comparativa de dados.

CAPÍTULO 3

A POPULAÇÃO NOS AGREGADOS DOMÉSTICOS SELECCIONADOS

CAPÍTULO 3

A POPULAÇÃO NOS AGREGADOS DOMÉSTICOS SELECCIONADOS

3.1 — Características gerais

A selecção de agregados domésticos como se diz no Capítulo 2 produziu uma população cuja composição por sexo, idade e estado civil se apresenta no Quadro X. Esta população é formada por 37 135 pessoas residentes (17 900 do sexo masculino e 19 235 do sexo feminino) tendo-se encontrado presentes nos domicílios visitados 36 157 pessoas (17 234 do sexo masculino e 18 923 do sexo feminino).

O grupo de que se procurava extrair informação sobre a fecundidade, objecto primordial do inquérito, deveria ser constituído pelas mulheres de 15 a 49 anos que tenham estado na situação de casadas (casadas, juntas, viúvas, divorciadas e separadas).

Na população obtida, este grupo é constituído por 5674 mulheres, das quais 5395 casadas, 135 viúvas e 144 divorciadas ou separadas.

A amostra total é, assim, constituída por um grupo que representa 4,5 ‰ da população, e as mulheres que constituem o grupo de que se procura informação, representam 4,5 ‰ de igual grupo na população portuguesa.

Total de mulheres

1) na amostra . 19 235 = 4,5 ‰ de 2)
2) no Continente (1970) 4 239 710

Mulheres de 15-49 anos

3) na amostra . 8 555 = 4,3 ‰ de 4)
4) no Continente (1970) 1 996 490

Mulheres não solteiras de 15-49 anos

5) na amostra . 5 674 = 4,5 ‰ de 6)
6) no Continente (1970) 1 272 000

A masculinidade observada na amostra é de 48,2 % contra 47,5 observada na população do Continente. Ao longo dos grupos etários quinquenais esta grandeza toma valores (v. Quadro XI) que na amostra são de forma geral superiores aos encontrados no Censo de 1970. Uma análise sumária do conjunto dos valores achados mostra um χ^2 de 13,8 com 15 graus de liberdade que corresponde a uma probabilidade de cerca de 60 % de a discrepância resultar do acaso. Tenha-se, contudo, em atenção que as datas do inquérito e do Censo não coincidem.

3.2 — Composição etária

Já o mesmo não sucede com a composição etária (Quadro XI e Gráfico I), pois na análise feita para o conjunto dos sexos em que se compararam as distribuições etárias na amostra e no Censo, se obteve um valor do χ^2 que conduz a uma probabilidade de 11 % de se poder atribuir ao acaso a discrepância encontrada.

Há um caso que especialmente chama a atenção: o grupo de 50-54 anos, no sexo feminino. O excesso observado no grupo resulta quase exclusivamente de um excesso no número de mulheres de 50 anos. De facto, verifica-se a seguinte distribuição etária à volta dessa idade:

	Efectivos do sexo feminino	
Idade	Na amostra	Deduzidos do Censo
45	228	286
49	174	254
50	322	325
51	282	199
52	287	234
	1 298	1 298

Não é de estranhar que o efectivo de idade 50 esteja sobreavaliado, face à atracção dos zeros e cincos em qualquer declaração de idade, e o facto verifica-se igualmente no Censo. Con-

tudo, no Censo a atracção encontra-se a partir dos 20 anos em todas as idades terminadas em *0* ou *5*, e na amostra parece ser notável apenas na idade de 50 anos onde a masculinidade toma o valor de 39,1 anormalmente baixo (41,9 aos 51 anos e 54,4 aos 49 anos), correspondendo-lhe no Censo de 1970 o valor 47,1. Este último valor afasta a hipótese de efeito da emigração, por isso pensamos que a explicação terá de encontrar-se em vício de resposta.

Esta circunstância não diminui o valor das conclusões a retirar do inquérito à fecundidade para além do facto de diminuir artificialmente o número de mulheres de 49 anos observadas e da eventual distorção que esse facto possa introduzir se se admitir que a fuga ao inquérito nessa idade se opera em mulheres de características diferenciadas.

3.3 — Mulheres não solteiras

Ainda no sentido de averiguar da eficiência do método de selecção adoptado se apresenta nos Quadro XII e Gráfico II a comparação entre os

QUADRO X

População obtida da amostra

Idade	Sexo masculino				Sexo feminino				Total				Total geral		
	Solteiros	Casados	Viúvos	Divorciados e Separados	Solteiras	Casadas	Viúvas	Divorciadas e Separadas	Solteiros	Casados	Viúvos	Divorciados e Separados	H	M	HM
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
0- 4	1 410	—	—	—	1 279	—	—	—	2 689	—	—	—	1 410	1 279	2 689
5- 9	1 576	—	—	—	1 517	—	—	—	3 093	—	—	—	1 576	1 517	3 093
10-14	1 715	—	—	—	1 534	—	—	—	3 249	—	—	—	1 715	1 534	3 249
15-19	1 696	15	—	—	1 536	102	1	4	3 232	117	1	4	1 711	1 643	3 354
20-24	1 093	309	—	10	722	585	2	15	1 815	894	2	25	1 412	1 324	2 736
25-29	323	777	—	14	227	885	3	20	550	1 662	3	34	1 114	1 135	2 249
30-34	103	881	1	14	138	974	19	23	241	1 855	20	37	999	1 154	2 153
35-39	63	908	3	9	84	946	22	21	147	1 854	25	30	983	1 073	2 056
40-44	42	926	5	11	94	982	33	36	136	1 908	38	47	984	1 145	2 129
45-49	55	1 024	8	14	80	921	55	25	135	1 945	63	39	1 101	1 081	2 182
50-54	41	1 048	19	9	107	1 154	127	28	148	2 202	146	37	1 117	1 416	2 533
55-59	41	975	36	7	96	895	143	28	137	1 870	179	35	1 060	1 162	2 222
60-64	29	711	50	9	89	668	222	28	118	1 379	272	37	799	1 007	1 806
65-69	33	650	74	13	98	529	315	15	131	1 179	389	28	770	957	1 727
70-74	28	434	97	3	88	330	366	20	116	764	463	23	562	804	1 366
75-79	15	235	96	1	55	134	304	6	70	369	400	7	347	499	846
80 e mais ...	5	100	90	1	46	59	371	3	51	159	461	4	196	479	675
Ignorado	18	21	3	2	10	10	5	1	28	31	8	3	44	26	70
Total	8 286	9 014	482	117	7 800	9 174	1 988	273	16 086	18 188	2 470	390	17 900	19 235	37 135

valores achados para a percentagem de mulheres não solteiras por grupos etários, na amostra e no Censo de 1970. Os valores encontrados em todas as idades, na amostra, são superiores aos dados pelo Censo, mas a sua evolução é semelhante.

É possível que esta diferença resulte de conceitos de casada não coincidentes, visto no inquérito se insistir em que as mulheres fazendo vida de casadas, mesmo não tendo contraído matrimónio, se deveriam considerar não solteiras. Na amostra encontraram-se 128 mulheres nestas condições.

QUADRO XI

Distribuição etária percentual da população na amostra e no Censo de 1970

Idade	Sexo masculino				Sexo feminino				Masculinidade		Ambos os sexos % do total HM	
	% do total H		% do total HM		% do total M		% do total HM					
	Amostra	Censo 1970	Amostra	Censo 1970	Amostra	Censo 1970	Amostra	Censo 1970	Amostra	Censo 1970	Amostra	Censo 1970
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
0- 4	7,9	9,7	3,8	4,6	6,6	8,4	3,4	4,4	52,4	50,9	7,2	9,0
5- 9	8,8	10,4	4,2	4,9	7,9	9,1	4,1	4,8	51,0	50,9	8,3	9,7
10-14	9,6	10,0	4,6	4,7	8,0	8,8	4,1	4,6	52,8	50,6	8,7	9,3
15-19	9,6	8,6	4,6	4,1	8,5	8,3	4,4	4,3	51,0	48,6	9,0	8,4
20-24	7,9	7,3	3,8	3,4	6,9	7,3	3,6	3,8	51,6	47,4	7,4	7,2
25-29	6,2	5,9	3,0	2,8	5,9	6,2	3,1	3,2	49,5	46,6	6,1	6,0
30-34	5,6	6,2	2,7	2,9	6,0	6,3	3,1	3,3	46,4	47,0	5,8	6,2
35-39	5,5	6,5	2,6	3,1	5,6	6,5	2,9	3,4	47,8	47,4	5,5	6,5
40-44	5,5	6,5	2,6	3,1	6,0	6,5	3,1	3,4	46,2	47,4	5,7	6,5
45-49	6,2	6,0	3,0	2,9	5,6	6,0	2,9	3,2	50,5	47,4	5,9	6,1
50-54	6,2	5,2	3,0	2,4	7,4	5,2	3,8	2,7	44,1	47,2	6,8	5,1
55-59	5,9	5,1	2,9	2,4	6,0	5,2	3,1	2,7	47,7	46,8	6,0	5,1
60-64	4,5	4,5	2,2	2,2	5,2	5,0	2,7	2,6	44,2	44,9	4,9	4,8
65-69	4,3	3,4	2,1	1,6	5,0	4,2	2,6	2,2	44,6	42,9	4,7	3,8
70-74	3,1	2,3	1,5	1,1	4,2	3,1	2,2	1,6	41,1	40,2	3,7	2,7
75-79	1,9	1,3	0,9	0,7	2,6	2,0	1,3	1,0	41,0	41,2	2,3	1,7
80 e mais	1,1	1,1	0,5	0,6	2,5	1,9	1,3	1,3	29,0	31,6	1,8	1,9
Ignorado	0,2		0,1		0,1		0,1		62,9		0,2	
Total	100,0	100,0	48,2	47,5	100,0	100,0	51,8	52,5	48,2	47,5	100,0	100,0

QUADRO XII

Comparação do grupo de mulheres de 15-49 anos de idade na amostra, com idêntico grupo no Censo de 1970

Idade	Mulheres de 15-49 anos na amostra			Mulheres de 15-49 anos no censo (1970) (000)			Mulheres de 15-49 anos na amostra em ‰ do censo	
	Total	Não solteiras	%	Total	Não solteiras	%	Total	Não solteiras
1	2	3	4	5	6	7	8	9
15-19	1 643	107	6,5	350,6	18,6	5,3	4,7	5,8
20-24	1 324	602	45,5	309,5	121,7	39,3	4,3	4,9
25-29	1 135	908	80,0	260,8	196,1	75,2	4,4	4,6
30-34	1 154	1 016	88,0	267,9	228,2	85,2	4,3	4,4
35-39	1 073	989	92,3	276,4	242,3	87,7	3,9	4,1
40-44	1 145	1 051	91,8	274,8	240,6	87,6	4,2	4,4
45-49	1 081	1 001	92,6	256,4	224,5	87,6	4,2	4,5
Total	8 555	5 674	66,3	1 996,4	1 272,0	63,7	4,3	4,5

GRÁFICO-I

DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DA POPULAÇÃO NA AMOSTRA E NO CENSO

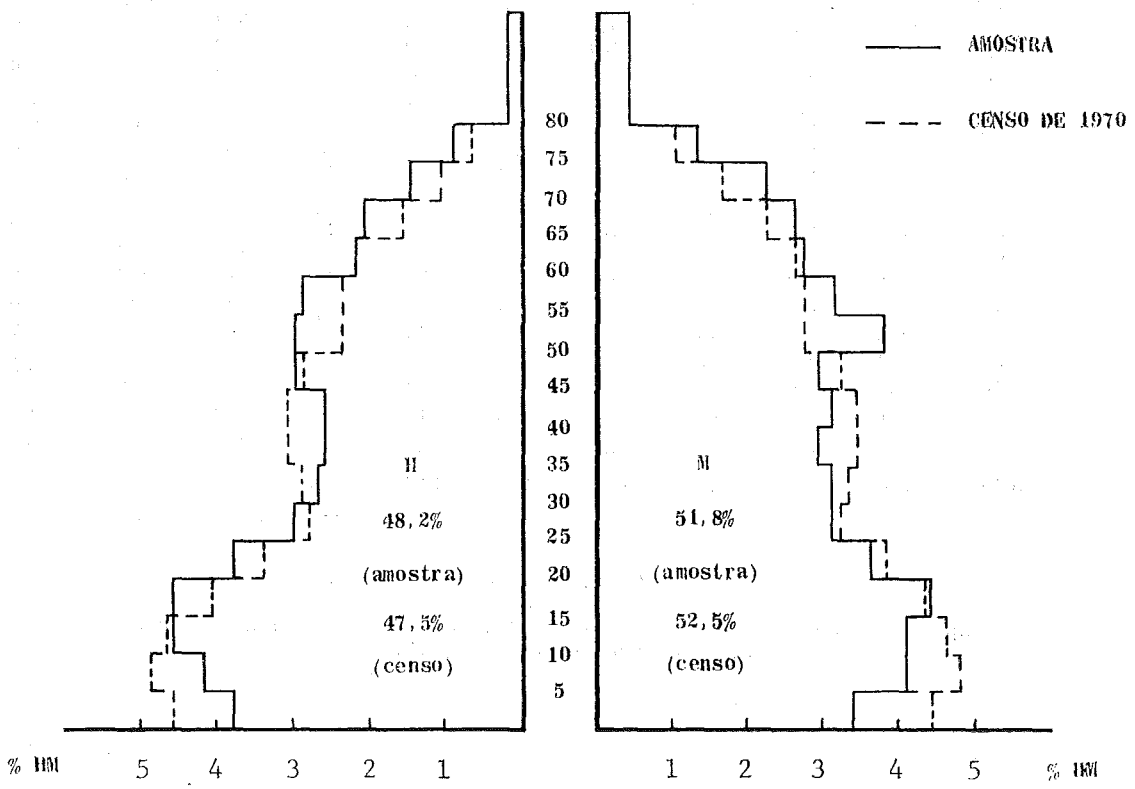
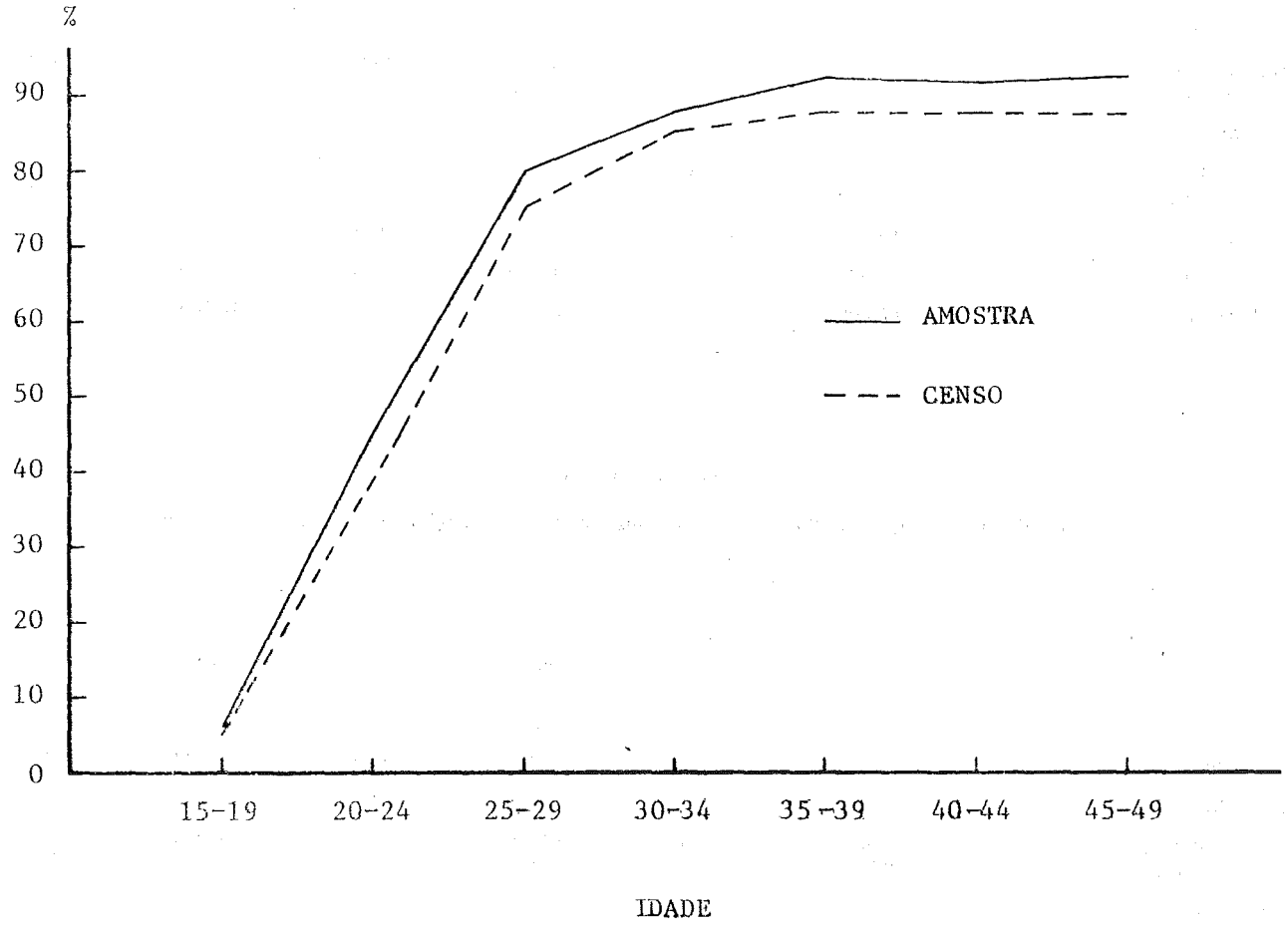


GRÁFICO-II

PERCENTAGEM DE MULHERES DE 15 a 49 ANOS NÃO SOLTEIRAS POR GRUPOS ETÁRIOS NA AMOSTRA E NO CENSO DE 1970



3.4 — Grau de instrução

Sob o ponto de vista da educação o grupo apresenta-se assim classificado:

QUADRO XIII

Distribuição do grupo seleccionado segundo o grau de instrução mais elevado atingido

Grau de educação atingido	H		M		HM	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
1	2	3	4	5	6	7
Sem educação	1 693	10,9	3 517	20,4	5 210	15,9
Primário						
Incompleto	3 406	21,8	4 450	25,8	7 856	23,9
Completo	5 240	33,6	4 686	27,2	9 926	30,2
Secundário						
Incompleto	4 071	26,1	3 485	20,2	7 556	23,0
Completo	442	2,8	457	2,6	899	2,7
Superior						
Incompleto	415	2,7	433	2,5	848	2,6
Completo	326	2,1	218	1,3	544	1,7
Total	15 593	100,0	17 246	100,0	32 839	100,0
Ignorado(1)	2 307		1 989		4 296	
Total geral	17 900		19 235		37 135	

(1) Incluir os de idade inferior à idade escolar.

QUADRO XIV

Distribuição do grupo dos 25 aos 49 anos por grau de instrução mais elevado atingido

Grau de educação atingido	H		M		HM	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
1	2	3	4	5	6	7
Sem educação	274	5,4	618	11,1	892	8,4
Primário						
Incompleto	564	11,1	1 369	24,6	1 933	18,2
Completo	2 559	50,5	2 201	39,6	4 760	44,8
Secundário						
Incompleto	1 105	21,8	862	15,6	1 967	18,6
Completo	202	4,0	161	2,9	363	3,4
Superior						
Incompleto	165	3,3	189	3,4	354	3,3
Completo	196	3,9	154	2,8	350	3,3
Total	5 065	100,0	5 554	100,0	10 619	100,0
Ignorado	116		34		150	
Total geral	5 181		5 588		10 769	

De uma forma geral o grupo feminino apresenta-se em inferioridade em relação ao masculino. De facto, entre as mulheres, 20,4 % não tinha sequer frequentado o ensino primário, contra 10,9 % dos homens. Quanto ao ensino secundário, as percentagens das que o completaram aproximam-se (2,6 % no sexo feminino e 2,8 % no masculino) com um número de casos ligeiramente superior para as mulheres.

No ensino superior, que foi completado por 218 mulheres, e 326 homens, as percentagens são de 1,3 % e 2,1 %.

Deve notar-se que, abrangendo o grupo pessoas de idade muito baixa, pode resultar uma ideia distorcida do fenómeno educação. No sentido de diminuir o efeito idade e conservar o efectivo suficiente para uma inferência razoavelmente fundamentada, procuramos observar o grupo dos 25 aos 49 anos.

Num grupo em que a idade escolar está ultrapassada e exclui as idades mais avançadas, o fenómeno apresenta-se de forma diferente da encontrada no grupo total. De facto, agora só 11,1 % das mulheres de 25 a 49 anos, e 5,4 dos homens desse grupo etário, não tinham sequer frequentado o ensino primário. Encontra-se ainda a vantagem do sexo masculino, mas a outro nível. Também se nota que as percentagens dos que frequentaram, sem completar, o ensino superior, são idênticas nos dois sexos, e se mantém a posição relativa das percentagens dos que completaram o ensino superior.

Os números que figuram nos quadros anteriores permitem uma interpretação, por assim dizer, histórica, do comportamento do grupo em causa. Assim, podemos organizar o quadro XV que se poderá ler assim:

Dos 15 593 homens que fazem parte da amostra, 13 900 frequentaram o ensino primário (89,1 %);

Destes, 10 494 concluiram o ensino primário (75,5 % dos anteriores e 67,3 % do grupo total), mas só 5254 se inscreveram no secundário (33,7 % do total); porém, 4071 não o concluiram, e, por isso, só 1183 ficaram aptos a entrar

QUADRO XV

Evolução escolar do grupo total e do grupo de 25 a 49 anos

Evolução	Grupo total						Grupo de 25 a 49 anos					
	H			M			H			M		
	n.º	Percentagem do total	Percentagem do valor anterior	n.º	Percentagem do total	Percentagem do valor anterior	n.º	Percentagem do total	Percentagem do valor anterior	n.º	Percentagem do total	Percentagem do valor anterior
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Total	15 593	100,0		17 246	100,0		5 065	100,0		5 554	100,0	
Ensino primário.												
Entradas	13 900	89,1	89,1	15 718	91,1	91,1	4 791	94,6	94,6	4 936	88,4	88,4
Saídas	10 494	67,3	75,5	11 268	65,3	71,7	4 227	83,5	88,2	3 567	64,2	72,3
Ensino secundário												
Entradas	5 254	33,7	50,1	4 593	26,6	40,8	1 605	31,7	38,0	1 366	24,6	38,3
Saídas	1 183	7,6	22,5	1 108	6,4	24,1	563	11,1	35,1	504	9,1	36,9
Ensino superior												
Entradas	741	4,8	62,6	651	3,8	58,8	361	7,2	64,1	343	6,2	68,1
Saídas	326	2,1	43,6	218	1,3	33,5	196	3,9	53,4	154	2,8	44,9

no superior (22,5 % dos que se inscreveram no ensino secundário e 7,6 do total).

Finalmente, dos 1183 que completaram o ensino secundário, só 741 entraram no superior (4,8 % do total) e destes, 326 completaram o curso superior, ou seja 2,1 % do total, e 43,6 % dos que o iniciaram.

Leitura semelhante se poderá fazer para o sexo feminino e para o grupo dos 25 aos 49 anos.

Concluiremos, assim, que: as perdas no decurso do ensino primário são maiores para o sexo feminino do que para o sexo masculino; que, no secundário, os dois sexos têm sensivelmente o mesmo aproveitamento, e que, no superior, volta a haver superioridade, e ainda mais marcada, do sexo masculino. Isto verifica-se tanto no grupo total como no de 25 a 49 anos, mas neste último as percentagens de aproveitamento são superiores em ambos os sexos.

Na passagem de um grau de ensino para o seguinte também se verifica superioridade do sexo masculino no grupo total, mas há uma ligeira superioridade do sexo feminino na percentagem dos que iniciaram os estudos. No grupo de 25 a 49 anos já essa superioridade feminina se não verifica. Maior percentagem de rapazes iniciam os seus estudos, mas iguais percentagens entram no ensino secundário e, no superior, a percentagem é a favor do sexo feminino.

Se bem que esta análise se deva tomar apenas como indicador, visto a ele se sobrepor o factor morte, ela contém mesmo assim ensinamentos de algum valor, sobretudo na comparação entre os dois sexos, admitindo-se igual influência do factor parasita — a mortalidade. Sendo assim, não deixa de merecer atenção o paralelismo do comportamento que, embora reflita de certo modo a menor atracção do sexo feminino pelo ensino, apresenta essa inferior posição pouco acentuada. Nas idades baixas, por exemplo, a percentagem de mulheres com ensino secundário completo ou mais compara com vantagem com a verificada no sexo masculino.

Idade	Percentagem com ensino secundário completo ou mais	
	H	M
15-19	6,4	8,1
20-24	19,0	21,8
15-24	12,1	14,2

CAPÍTULO 4

INFERÊNCIAS MAIS IMPORTANTES

CAPÍTULO 4

INFERÊNCIAS MAIS IMPORTANTES

4.1 — Características do grupo de mulheres seleccionado

4.1.1 — Introdução

O grupo de mulheres observadas resultou da selecção de agregados domésticos e tenta reproduzir a população feminina dos 15 aos 49 anos que tenha estado ou esteja na situação de casada (não solteira), entendendo-se por situação de casada viver em comum com um indivíduo do sexo masculino quer haja ou não ligação legal.

No estudo do comportamento da mulher portuguesa face à formação da família, têm importância certas variáveis que se admite condicionarem esse comportamento. Estão neste caso:

a) o tipo de local de residência até aos 12 anos
b) a idade
c) a filiação religiosa
d) a prática religiosa
e) o grau de ensino atingido
f) a ocupação do marido
g) o trabalho da mulher

Estas variáveis foram consideradas variáveis explicativas dado o seu valor determinante no que se procurava avaliar.

Não passa despercebido que outras haverá que actuam nessa atitude, mas não pode esquecer-se que a reduzida dimensão da amostra (5148 mulheres) não permite excessivo subagrupamento dos resultados.

Assim, interessa em primeiro lugar caracterizar o grupo observado de acordo com as variáveis explicativas acima referidas.

4.1.2 — Tipo do local de residência até aos 12 anos

Das 5148 mulheres observadas, que se dispersavam por todo o país em 14 500 unidades de alojamento, 3076 ou seja 59,8 %, tinham passado sua infância (até aos 12 anos) num meio rural; 20,3 % numa vila e 19,9 % numa cidade.

Esta classificação, que se apoia na resposta dada pelas inquiridas, tenta permitir avaliar da influência do meio sobre o fenómeno a estudar. É, sem dúvida, uma classificação precária sobretudo nos grupos «vila» e «cidade», dada a sua heterogeneidade.

4.1.3 — Idade

O grupo observado é, no que respeita à idade, limitado, pois apenas se consideram as mulheres que tinham entre 15 e 49 anos. Apenas os grupos de 15 a 19 e 20 a 24 apresentam números que os distinguem dos restantes, 1,8 % e 10,6 %, respectivamente (89 e 548 mulheres); nos restantes, o número encontrado foi muito regular, correspondendo a uma percentagem de cerca de 17 % a 18 %. No Quadro XVI figura a distribuição percentual do grupo a par da observada na população total.

QUADRO XVI

Distribuição etária

Grupos etários	Distribuição percentual	
	Nas mulheres observadas	No grupo correspondente na população(1)
1	2	3
15-19	1,8	1,5
20-24	10,6	9,6
25-29	16,0	15,4
30-34	18,0	17,9
35-39	17,5	19,0
40-44	18,6	18,9
45-49	17,5	17,6

(1) Recenseamento de 1970.

Verifica-se, assim, uma certa semelhança entre as duas distribuições, resultando daqui que os valores das variáveis observadas para o grupo total não diferem grandemente dos estandardizados de acordo com a composição etária da população.

QUADRO XVII

Distribuição percentual das mulheres dos 15 aos 49 anos que tenham estado casadas, por grupos etários, instrução, local de residência e religião

Idade	Mulheres observadas	Instrução		Local de residência					Religião		
		Sabiam ler	Não sabiam ler	Lisboa	Porto	De mais de 20 000 pessoas	De 10 000 a 20 000 pessoas	De menos de 10 000 pessoas	Católica	Outra	Nenhuma
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
15-19	89	98,9	1,1	12,4	1,1	13,5	6,7	66,3	87,6	4,5	7,9
20-24	548	98,9	1,1	9,3	1,6	8,4	6,4	74,2	88,7	1,5	9,8
25-29	823	97,9	2,1	9,2	3,4	11,2	7,2	69,0	88,6	1,6	9,8
30-34	924	96,6	3,4	8,1	3,0	11,3	10,6	67,0	92,1	2,2	5,7
35-39	907	91,1	8,9	7,3	3,3	13,1	10,9	65,4	93,3	1,9	4,8
40-44	950	78,3	21,7	10,4	3,2	10,3	7,5	68,6	93,6	1,5	4,9
45-49	907	73,6	26,4	10,1	3,7	12,3	7,2	66,6	94,5	1,6	3,9
Total	5 148	88,7	11,3	9,1	3,1	11,3	8,4	68,0	92,0	1,8	6,2

4.1.4 — Local de residência e religião

Embora se tenha procurado que a amostra observada represente proporcionalmente a população das áreas geográficas com características distintas, tal como se diz no capítulo dedicado à selecção da amostra, convém tipificar os resultados sob o aspecto da sua distribuição, de acordo com uma variável que procure traduzir o grau de urbanização. Para o efeito, escolheram-se os agrupamentos seguintes:

Lisboa, Porto, Outros aglomerados: de mais de 20 000 habitantes, de 10 000 a 20 000 habitantes, de menos de 10 000 habitantes.

	N.º de mulheres
Lisboa	470
Porto	160
Outros aglomerados:	
de mais de 20 000 habitantes	583
de 10 000 a 20 000 habitantes	433
de menos de 10 000 habitantes	3 502
	5 148

Como era de esperar, a maioria das mulheres contactadas disse seguir a religião católica, 92 %.

No Quadro XVII pode ver-se como em cada grupo etário as mulheres se repartiam pelos tipos de agregados populacionais e as que se declararam católicas. Nele parece detectar-se um aumento da percentagem católica com a idade.

No aspecto relacionado com a religião e porque se pensa que é uma variável explicativa de grande importância mas de difícil medida, procurou-se ir mais além do que a simples resposta da inquirida, quanto à sua filiação religiosa. Foi assim que, através da pergunta «Quantas vezes assiste a serviços religiosos?», se procurou indagar a intensidade ou grau da sua prática religiosa. Os resultados foram os seguintes:

QUADRO XVIII

Assistência a serviços religiosos	Mulheres	
	n.º	%
1 vez ou mais por semana	1 845	38,2
1 a 3 vezes por mês	738	15,3
Em ocasiões especiais	1 598	33,1
Nunca	646	13,4
Total	4 827	100,0

Vê-se, assim, que, embora 4827 declarassem seguir uma religião, das quais 4736 a católica, apenas 1845 assistiam a serviços religiosos semanalmente e que, embora 321 declarassem não ter nenhuma religião, 646 nunca assistiam a serviços religiosos.

4.1.5 — Nível de ensino atingido

No Quadro XVII indicam-se, por grupos etários, as mulheres inquiridas que sabiam ler, caracterizando-se o grupo por uma percentagem

de 88,7 que sabiam ler. A percentagem das que sabiam ler diminui com a idade, apontando para uma melhoria educacional, o que certamente coloca os grupos mais jovens em condições de melhor controlo do seu comportamento fecundo.

Profundando mais, a característica ensino, nota-se que das 5148 mulheres, só 494 não tinham frequentado o ensino primário, e, dos seus maridos, apenas 316 estavam nessas condições; contudo, só completaram o ensino primário 3413, das quais 1343 frequentaram o ensino secundário.

No quadro seguinte, vê-se como se escalona a vida escolar das inquiridas.

	n.º		%	
Sem escolaridade	495		9,6	
Com escolaridade	4 653		90,4	
Frequentaram o ensino primário		4 653		90,4
Não completaram	1 240		26,6	
Completaram	3 413		73,4	
Frequentaram o ensino secundário		1 343		26,1
Não completaram	908		67,6	
Completaram	435		32,4	
Frequentaram o ensino superior		289		5,6
Não completaram	179		61,9	
Completaram	110		38,1	

Podemos, assim, concluir que, das que completaram o ensino primário, 2070 terminaram aí os seus estudos, e das que completaram o ensino secundário, 146 não ingressaram no ensino superior.

Sob este aspecto, o grupo das 5148 mulheres observadas pode assim classificar-se:

	n.º	%
Sem escolaridade	495	9,6
Grau de ensino mais elevado atingido:		
Primário		
Incompleto	1 240	24,1
Completo	2 070	40,3
Secundário		
Incompleto	908	17,6
Completo	146	2,8
Superior		
Incompleto	179	3,5
Completo	110	2,1
	5 148	100,0

No quadro XIX estabelece-se a ligação da idade com a instrução. Dele se destaca que a percentagem de mulheres sem escolaridade aumenta com a idade, pondo em evidência a intensificação do ensino que, de resto, se nota, também, em evolução com a idade das mulheres que têm pelo menos o ensino primário (decrescente com a idade e mesmo na evolução com a idade das que têm pelo menos o ensino secundário).

4.1.6 — Ocupação do marido

Entendeu-se que a ocupação do marido era atributo que, tendo em vista a totalidade do grupo, melhor tipificaria a situação sócio-económica das inquiridas no seu contexto familiar.

QUADRO XIX

Distribuição percentual das mulheres de 15 a 49 anos que tenham estado casadas, por grupos etários e evolução da escolaridade

Idade	Total	Grau de ensino mais elevado						Sem escolaridade	Com ensino primário pelo menos	Com ensino secundário pelo menos	Completaram o ensino primário e seguiram os estudos	Completaram o ensino secundário e seguiram os estudos
		Primário		Secundário		Superior						
		Incompleto	Completo	Incompleto	Completo	Incompleto	Completo					
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
15-19	89	14,6	28,1	52,8	3,3	1,1	—	—	85,4	4,5	67,1	25,0
20-24	548	8,6	43,6	36,1	6,4	4,0	0,5	0,7	90,7	10,9	51,9	41,7
25-29	823	7,7	53,2	24,5	3,5	6,4	3,6	0,8	91,4	13,6	41,8	74,1
30-34	924	19,5	50,8	18,8	2,5	4,0	2,9	1,8	78,7	9,1	35,5	72,6
35-39	907	33,3	39,4	12,3	2,5	2,9	2,5	6,9	59,6	7,9	34,0	68,1
40-44	950	33,2	31,4	9,7	1,8	2,4	2,0	19,6	47,3	6,2	33,6	71,2
45-49	907	35,2	26,9	9,2	1,8	1,9	1,2	24,0	40,9	4,8	34,2	63,6
Total	5 148	24,1	40,2	17,6	2,8	3,5	2,1	9,6	66,3	8,4	39,3	66,4

Por isso essa ocupação foi utilizada como variável explicativa e as mulheres inquiridas distribuiam-se do modo indicado no Quadro XX, pelas categorias que para tal foram adoptadas.

Deve notar-se que só 26 % das mulheres não trabalharam desde a data em que se casaram pela primeira vez.

QUADRO XX

Distribuição percentual das mulheres de 15 a 49 anos que tenham estado casadas, por grupos etários e a ocupação do marido

Idade	Ocupação do marido							
	Profissão liberal	Administração superior	Empregado de escritório	Comércio	Serviços	Agricultura e Pesca	Trabalhador especializado	Trabalho não especializado, não declarado e nunca trabalhou
1	2	3	4	5	6	7	8	9
15-19	3,3	—	4,5	9,0	4,5	9,0	66,3	3,4
20-24	5,6	0,5	13,1	10,2	4,6	8,4	55,7	1,8
25-29	9,2	2,7	17,0	9,5	5,7	7,0	48,4	0,5
30-34	8,2	2,2	15,7	8,9	6,3	8,6	49,6	0,5
35-39	7,3	3,0	15,0	9,8	6,0	13,3	44,3	1,3
40-44	5,6	4,0	10,6	10,0	6,1	19,7	43,4	0,6
45-49	4,6	3,2	13,2	7,7	6,5	22,8	40,6	1,3
Total	6,7	2,7	13,9	9,3	5,9	13,7	46,7	1,0

A classificação adoptada é apenas uma síntese com vista a permitir um agrupamento com base na natureza do trabalho efectuado e não a estabelecer uma hierarquisação.

4.1.7 — Trabalho da mulher

De todas as mulheres na amostra, 59 % estão actualmente a trabalhar, enquanto que 17 % nunca trabalharam. As restantes 24 % trabalharam alguma vez antes ou depois do casamento.

QUADRO XXI

Percentagem das mulheres, de acordo com o esquema de trabalho em relação à data do casamento

Esquema de trabalho	Percentagem
Trabalharam alguma vez	83
só antes do casamento	10
não trabalhando actualmente	14
trabalharam depois do casamento mas não antes	2
trabalharam antes e depois do casamento	12
a trabalhar actualmente	59
não trabalharam antes do casamento	6
trabalharam antes do casamento	53
Nunca trabalharam	17

4.2 — Formação dos casais e exposição ao risco de gravidez

4.2.1 — Idade ao casamento

Das mulheres observadas, 4893, ou seja 95,05 %, estavam casadas, das quais 4780 estavam no seu primeiro casamento; o grupo é assim dominado pelas mulheres que estão no seu primeiro casamento. Como todas elas estavam ou tinham estado casadas vê-se que 255 não estavam actualmente casadas, das quais, 118 viúvas, 31 divorciadas e 106 separadas.

QUADRO XXII

Situação matrimonial	Actual		Do 1.º casamento	
	n.º	%	n.º	%
Casadas	4 893	95,05	4 780	92,85
Viúvas	118	2,29	160	3,11
Divorciadas	31	0,60	56	1,09
Separadas	106	2,06	152	2,95
Total	5 148	100,00	5 148	100,00

A distribuição das mulheres quanto à idade ao primeiro casamento, é a seguinte:

QUADRO XXIII

Mulheres segundo a idade ao 1.º casamento

Idade	n.º	%
< 15	52	1,01
15-17	452	8,78
18-19	910	17,68
20-21	1 126	21,87
22-24	1 468	28,51
25-29	923	17,93
30-49	217	4,22
Total	5 148	100,00

À data do inquérito, cerca de 42 % das mulheres observadas tinham casado pela primeira vez há mais de 15 anos, e para 78,7 % o primeiro casamento durou, pelo menos, 5 anos. Nos últimos 5 anos, 3873 mulheres (75,2 %) fizeram vida de casada continuamente.

A idade ao primeiro casamento é indicador importante na avaliação da fecundidade dos casamentos, e por isso reveste-se de particular interesse o estudo da sua variação com o tempo. O Quadro 1.1.1 do Anexo Estatístico dá-nos a ideia de como variou a idade ao 1.º casamento, comparando-a com a idade actual. Convém, contudo, notar que esta informação é limitada, uma vez que a idade actual condiciona a idade ao primeiro casamento. Na realidade, apenas as mulheres cuja idade actual é de 45 ou mais anos poderão representar as diversas idades ao 1.º casamento, mas, mesmo assim, o factor mortalidade pode distorcer essa medida. Apesar disso, nota-se que, das 5148 mulheres que constituem o grupo, 1,0 % casaram pela primeira vez antes dos 15 anos, e que para a maioria essa idade se situa no grupo dos 22 aos 24 anos. Considerando apenas o subgrupo constituído pelas mulheres que à data do inquérito tinham 35 e mais anos ou seja 2764 mulheres (53,7 % do total) apenas 16 (0,60 %) se casaram pela primeira vez antes dos 15 anos e 28,7 % (795) entre os 22 e os 24 anos que constitui o grupo etário quinquenal mais frequente.

Considerando as mulheres com 25 anos e mais que se casaram pela primeira vez antes dos 25 anos, pode melhor analisar-se o efeito de certas variáveis explicativas na idade ao primeiro casamento. Assim, do Quadro 1.1.3-A do Anexo Estatístico extraem-se os valores seguintes:

QUADRO XXIV

Mulheres com 25 anos ou mais que casaram pela 1.ª vez antes dos 25 anos

Nível de escolaridade	Idade média ao 1.º casamento	N.º de mulheres
Sem escolaridade	20,7	357
Ensino primário		
Incompleto	21,1	888
Completo	21,1	1 433
Ensino secundário		
Incompleto	21,5	471
Completo	22,0	67
Ensino superior		
Incompleto	22,5	104
Completo	22,3	50
Outros	—	1
Total	21,2	3 371

Parece desenhar-se um crescimento de idade média ao 1.º casamento com o nível de escolaridade e que as diferenças entre a característica «incompleto»-«completo» parece não influir muito nessa média.

A religião é também atributo que se pensa influir na idade ao casamento. Com efeito, se é verdade que do Quadro 1.1.3 do Anexo Estatístico se deduz que a idade média ao 1.º casamento é para as que se declararam católicas 21,2 anos e para as que disseram professar outra religião 20,6, diferença apreciável, não devemos esquecer que 3101 pertencem ao primeiro grupo e apenas 64 ao segundo.

Do mesmo modo, também a variável «dimensão do local de residência» (Quadro 1.1.3 do Anexo Estatístico) parece não ter influência na idade média ao primeiro casamento, fixando-se muito perto dos 21,2 anos para qualquer das classes consideradas (Lisboa, Porto, mais de 20 000 habitantes, 10 000 a 20 000 e menos de 10 000).

O mesmo grupo de mulheres que casaram pela primeira vez antes dos 25 anos, classificado de acordo com o tipo da região onde passaram a sua infância, aponta para uma indiferença dessa variável como factor explicativo. De facto, o Quadro 1.1.3 do Anexo Estatístico mostra que a idade média ao casamento na região de tipo rural atinge o valor 21,2 e nas regiões de tipo

«vila» ou «cidade» é em ambos de 21,1 anos. O domínio das regiões de tipo rural atira a média global para 21,2 anos.

O mesmo não se dirá da situação quanto ao trabalho antes do primeiro casamento, de que nos dá conta o Quadro 1.1.3 do Anexo Estatístico. Na realidade, a idade média ao primeiro casamento observada neste grupo de mulheres quando classificadas de acordo com a sua situação perante o trabalho antes do primeiro casamento, acusa variação apreciável. Note-se aqui que uma ainda que ligeira deslocação nessa área da idade ao casamento, produz efeitos consideráveis no número final de filhos. A título de exemplo diga-se que, segundo as estatísticas demográficas ao nível da fecundidade portuguesa, a passagem da idade ao casamento dos 20 para os 25 anos produz a alteração do número final de filhos de 4,41 para 2,54.

O referido Quadro 1.1.3 do Anexo Estatístico mostra que a idade média ao primeiro casamento varia como a seguir se indica com a variável em causa:

Situação perante o trabalho em relação ao 1.º casamento	Idade média	n.º
Nunca trabalhou	21,0	586
Só trabalhou antes do casamento	21,7	273
Só trabalhou depois do casamento	20,2	60
Trabalhou antes e depois do casamento	20,9	451
Trabalhou depois e actualmente	20,6	232
Trabalhou antes e actualmente	21,3	1 769
Total	21,2	3 371

Destaca-se, assim, que as mulheres que trabalharam depois do 1.º casamento são as que casaram mais cedo, encontrando-se o valor mais elevado nas que só trabalharam antes do casamento.

Esta influência do trabalho antes do casamento manifesta-se em todos os grupos de idade actual das mulheres com uma diferença a favor das que trabalharam antes do 1.º casamento.

Esta variável parece, assim, ser, das consideradas, a que mais contribui para explicar diferenças de comportamento na idade ao casamento.

4.2.2 — Duração das uniões

7,1 % das 5148 mulheres observadas tiveram o seu primeiro casamento dissolvido. Esta percentagem varia, como era de esperar, com o tempo decorrido desde esse casamento e, para u mesmo número de anos decorrido, varia com instrução, a religião, a região de residência, com a seguir se vê e resulta dos Quadros 1.2.2 d Anexo Estatístico e se resume no Quadro XX

Apesar da pequena dimensão de algumas da subcategorias consideradas, desenha-se uma su perioridade das percentagens de primeiros casa mentos dissolvidos para todas as durações n grupo das sem religião, ao passo que se não de cortina diferença entre o grupo das católicas o das que seguem outra religião, embora est último grupo seja muito reduzido para permit uma conclusão. O mesmo sucede com os diverso níveis de instrução atingidos.

A variável «dimensão do lugar de residência põe em destaque a região de Lisboa onde a pe centagem de primeiros casamentos dissolvido atinge valores nitidamente superiores aos obse vados nas restantes regiões.

De acordo com a ocupação do marido são a profissões liberais aquelas em que os casame tos se disolvem com mais frequência, 11,5 % As mulheres que trabalham actualmente mas nã trabalhavam antes do casamento apresentam mais elevada proporção de primeiros casamento dissolvidos com 16 %. Qualquer dos outros gru pos não atinge mais que 8 %.

A dissolução de casamentos nos primeiro 10 anos de casamento não é muito importante Apenas cerca de 3,5 % de todos os casamento terminaram com duração inferior, o que result de o divórcio e a separação não serem muit frequentes em Portugal. Contudo, a percentage equivalente, no que se refere a Lisboa, é de cerc de 10 %, acusando assim uma diferença notáve

De notar nesta análise, forçosamente sumári que na duração do primeiro casamento é facto importante a mortalidade; daí o crescimento da percentagens com os anos decorridos desde o pr meiro casamento. Nos grupos de menor númer de anos decorridos será o factor divórcio o c maior influência e por isso mais expressivas a diferenças encontradas com os cuidados impost pela reduzida dimensão de alguns desses grupo

Os Quadros 1.3.2 do Anexo Estatístico apr sentam a distribuição percentual das mulher cujo primeiro casamento foi dissolvido e volt ram a casar, classificadas de acordo com o n mero de anos decorridos desde esse casamen e as variáveis explicativas: instrução, religiã dimensão do local de residência e ocupação d marido.

QUADRO XXV

Percentagem de primeiros casamentos dissolvidos, segundo o número de anos decorridos, a instrução, a religião e a dimensão do lugar de residência

Número de anos decorridos desde o primeiro casamento	Total		Instrução (grau mais elevado atingido)						Religião			Dimensão do lugar de residência				
	n.º	%	Sem escolaridade ou primário incompleto	Primário completo	Secundário incompleto	Secundário completo	Superior incompleto	Superior completo	Católica	Outra	Nenhuma	Lisboa	Porto	Mais de 20 000 hab.	10 000 a 20 000 hab.	Menos de 10 000 hab.
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Menos de 5	998	2,5	6,4	0,2	4,0	1,8	1,9	6,1	2,2	(13,2)	3,3	8,4	3,7	1,9	4,3	1,6
5- 9	996	5,0	6,6	2,6	8,2	13,3	6,8	—	4,9	(6,3)	6,8	12,0	4,0	6,5	4,4	4,0
10-14	998	6,4	4,0	7,4	7,9	7,4	3,4	(15,8)	6,0	4,3	14,3	15,2	3,0	5,0	9,8	5,3
15-19	951	8,4	8,1	8,3	9,0	9,5	(15,8)	(5,3)	7,7	(—)	22,2	18,1	8,6	9,5	9,0	6,9
20-24	753	12,5	10,6	14,7	13,9	(8,3)	(11,1)	(33,3)	11,5	(12,5)	34,4	23,8	16,7	15,1	14,5	9,5
25-29	396	10,6	9,5	11,7	20,0	(—)	(—)	(—)	10,5	(—)	(15,8)	23,5	(—)	6,5	23,1	8,8
30 e mais ...	56	23,6	27,5	(7,1)	(50,0)	(—)	(—)	(—)	24,5	(—)	(—)	(66,7)	(—)	(9,1)	(33,3)	22,9
Total																
n.º	5 148		1 735	2 070	908	146	179	110	4 736	91	321	470	160	583	433	3 502
%	7,1		8,4	6,0	7,5	6,8	6,1	9,1	6,8	6,6	12,8	16,2	6,9	7,4	9,5	5,6

Nota: As percentagens entre parentesis resultam de grupos de menos de 20 mulheres.

Nesses Quadros se indica que o número total de primeiros casamentos dissolvidos à data do inquérito é de 368 ou seja 7,1 %. Estes números variam de acordo com as variáveis, de modo a seguir indicado, a par do número das mulheres que voltaram a casar.

Os números que procuram traduzir a interligação entre a percentagem do primeiro casamento dissolvido seguido de novo casamento não são de molde a permitir uma influência convenientemente fundamentada, pois o seu total, 368 casos, é já de si diminuto para qualquer análise. Notemos, contudo, que, no que respeita à instrução, ao passo que no grupo das mulheres cujo nível mais elevado atingido foi ou sem escolaridade ou o primário, a percentagem observada das que casaram novamente foi de 30,8, e a correspondente aos restantes graus foi de 21,2. Na variável religião a diferença encontra-se entre as que têm uma religião e as que não têm nenhuma, pois para as primeiras a percentagem em causa foi de 31,2 e nas segundas foi de 43,9. Embora neste último grupo só se tenham contado 41 mulheres, a diferença é, mesmo assim, de molde a aceitar que a variável religião tem acção significante na decisão de voltar ou não a casar.

Os resultados com base na dimensão do local de residência apontam para uma correlação positiva. De facto, ao passo que nas mulheres residindo em locais de dimensão inferior a 10 000 pessoas a percentagem observada foi de 28,9, no grupo restante foi de 36,8.

Na apreciação da influência da ocupação do marido, qualquer inferência aparece dificultada pela rarefacção introduzida pelo elevado número de classes e pela dificuldade em as agrupar. Além disso, a sua natureza e possivelmente não sendo forçosamente a verificada à data do novo casamento, não parece ter grande influência na decisão de voltar a casar. O eventual atractivo de algumas ocupações só poderá ser investigado indagando da ocupação do novo marido à data do casamento e também deverá ser tida em conta a causa da dissolução do primeiro casamento.

A percentagem de tempo desde o primeiro casamento passado na situação de casada, atinge no total do grupo de 5148 mulheres, 97,1 %; mas nas que se casaram antes dos 20 anos é menor (96,3 %) do que nas que se casaram depois dessa

QUADRO XXVI

Mulheres cujo primeiro casamento foi dissolvido e voltaram a casar

Variáveis explicativas	Mulheres cujo 1.º casamento foi dissolvido	Mulheres que voltaram a casar	
	n.º	n.º	%
1	2	3	4
Instrução			
Primário incompleto e sem escolaridade	145	51	35,2
Primário completo	124	48	38,7
Secundário incompleto	68	12	17,6
Secundário completo	10	4	40,0
Superior incompleto	11	2	18,2
Superior completo	10	3	30,0
Total	368	120	32,6
Religião			
Católica	321	100	31,2
Outra	6	2	33,3
Nenhuma	41	18	43,9
Total	368	120	32,6
Dimensão do local de residência			
Lisboa	76	24	31,6
Porto	11	4	36,4
Mais de 20 000 habitantes	43	19	44,2
De 10 000 a 20 000 habitantes	41	16	39,0
Menos de 10 000 habitantes	197	57	28,9
Total	368	120	32,6
Ocupação do marido			
Nunca trabalhou	—	—	—
Profissão liberal	40	10	25,0
Administração	13	5	38,5
Empregados de escritório	37	11	29,7
Comércio	31	8	25,8
Serviços	25	9	36,0
Agricultura	43	14	32,6
Trabalhador especializado	165	62	37,6
Trabalhador não especializado	6	—	—
Não declarado	8	1	12,5
Total	368	120	32,6

idade (97,4 %) mesmo dentro de cada grupo de idade actual.

As mulheres actualmente casadas apresentavam a seguinte distribuição, de acordo com o número de anos decorridos desde o primeiro casamento:

QUADRO XXVII

Distribuição etária das mulheres actualmente casadas

Número de anos decorridos desde o 1.º casamento	Número de mulheres		
	Total	Actualmente casadas	
		n.º	%
1	2	3	4
< 5	998	976	97,8
5- 9	996	957	96,1
10-14	998	954	95,6
15-19	951	900	94,6
20-24	753	690	91,6
25-29	396	367	92,7
30 e mais	56	49	87,5
Total	5 148	4 893	95,0

Ressalta dos valores que figuram na última coluna do Quadro XXVII que a percentagem de tempo passado em união não só se situa a um nível elevado, indicando que de facto a maior parte do tempo decorrido desde o primeiro casamento foi passado na situação de casada, como também que esse valor se mantém elevado com o crescer do número de anos decorridos desde o primeiro casamento, embora, como era de esperar, apresente valores decrescentes com o crescer do número de anos decorridos.

No Quadro 1.1.3 do Anexo Estatístico vê-se que a idade média ao casamento se tem mantido ao longo do tempo, uma vez que o seu valor pouco varia com o crescer da idade actual das mulheres observadas. Fica, porém, aqui uma dúvida quanto ao que vem sucedendo mais recentemente, pois as mulheres que casaram antes dos 25 anos e têm agora menos de 25 anos foram excluídas desse cálculo. No sentido de procurar avaliar o comportamento desse grupo de mais baixa idade calcularam-se as percentagens de mulheres de gerações sucessivas que casaram antes dos 20 anos. Neste cálculo o número de mulheres que casaram antes dos 20 anos foi comparado com o total de mulheres encontrado nos agregados observados, evitando-se, assim, a distorção introduzida, se apenas se considerar nesta comparação o grupo das mulheres que tenham estado casadas.

Os valores encontrados foram os seguintes:

Percentagem de mulheres que casaram antes dos 20 anos, segundo a idade actual

Idade actual	Ano de nascimento	Percentagem das que casaram antes dos 20 anos
20-24	1955-59	23,4
25-29	1950-54	19,6
30-34	1945-49	18,5
35-39	1940-44	18,6
40-44	1935-39	17,5
45-49	1930-34	16,5
Total		20,5

Desenha-se, assim, um crescer com o tempo da percentagem de mulheres que casam antes dos 20 anos, o que faria descer as idades médias apresentadas no quadro de que foram excluídas, parecendo, assim, notar-se uma aceleração desse decréscimo que o valor referente às gerações de 1955-59 põe em destaque.

4.2.3 — Exposição ao risco de gravidez

Do total de mulheres que constituiam o grupo observado, algumas, embora não solteiras, não se encontravam expostas ao risco de gravidez por diversas razões: viúvas, separadas, casal esterilizado, gravidez, etc. Da sua distribuição por estas categorias dão conta os Quadros 1.6.1, 1.6.2 e 1.6.3 do Anexo Estatístico, estes últimos relacionando essa situação com as variáveis explicativas.

O primeiro, mostra-nos a classificação das mulheres, de acordo com a sua exposição ao risco, a idade ao primeiro casamento e o número de anos decorridos desde esse casamento; e o segundo, a correspondente à idade actual e número de filhos vivos.

No seu total, a distribuição, de acordo com as categorias de exposição ao risco, é a seguinte:

	N.º de mulheres		%	
Expostas ao risco ...	4 204		81,6	
Não expostas ao risco	944		18,4	
Grávidas		225		4,4
Viúvas, separadas e divorciadas		255		4,9
Casal esterilizado ...		49		1,0
Outras causas(*a*) ...		415		8,1
Total	5 148	944	100,0	18,4

(a) Inclui as mulheres que responderam *não* à pergunta «pensa que pode ter outro filho?».

Esta classificação da situação de risco de gravidez produz, como era de esperar, distribuições muito diferentes para cada grupo de tempo decorrido desde o primeiro casamento. Assim, se o tempo decorrido desde o primeiro casamento é menos de 5 anos, a percentagem de grávidas, presentemente, é de 14,4, diminuindo no grupo seguinte, 5-9 anos, para 5,5 e reduzindo-se, depois, a cerca de 1,0 % nos dois grupos seguintes, para depois se anular. O caso de viuvez, separação e divórcio, apresenta evolução inversa, ao passo que as «Outras causas de infecundidade», cuja frequência é a maior das de todas as causas apontadas, apresenta, igualmente, evolução crescente com o tempo decorrido. É de notar que este grupo, embora a sua designação pareça fazê-lo corresponder a um grupo de «não identificados», é, na realidade, como de resto o seu efectivo indica, a causa dominante na evolução da fecundidade, ou melhor, dos casos de infecundidade com a idade e é até possível que algumas das mulheres incluídas no grupo das «viúvas, separadas e divorciadas» aqui devessem ser incluídas. Na realidade, das mulheres não sujeitas ao risco de gravidez, 44,1 % foram classificadas como sendo-o devido a «outras causas».

Para melhor se avaliar da influência da idade e do número de filhos vivos na distribuição das mulheres, segundo a exposição ao risco de gravidez, apresenta-se o Quadro seguinte, extraído do Quadro 1.6.2 do Anexo Estatístico:

QUADRO XXVIII

Exposição ao risco de gravidez, por idade da mulher

Idade da mulher	Grávidas		Viúvas, separadas e divorciadas		Casal esterilizado		Outros casos		Total de não expostas		Expostas	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
< 25	100	15,7	19	3,0	1	0,2	3	0,5	123	19,3	514	80,7
25-34	97	5,6	58	3,4	14	0,8	28	1,6	197	11,3	1 550	88,7
35-44	28	1,5	106	5,7	20	1,1	138	7,4	292	15,7	1 565	84,3
45 e mais	—	—	70	7,7	14	1,5	247	27,3	331	36,6	575	63,4
Total	225	4,4	253	4,9	49	1,0	416	8,1	943	18,3	4 204	81,7

Se do grupo das não expostas excluirmos as grávidas, as percentagens de não expostas e expostas, segundo a idade, serão as seguintes:

Idade	Não expostas	Expostas
< 25	3,6	96,4
25-34	5,7	94,3
35-44	14,2	85,8
45 e mais	36,6	63,4
Total	13,9	86,1

4.3 — Fecundidade

A fecundidade da mulher portuguesa tem sido objecto de medida ao longo do tempo, utilizando-se para tal a taxa da natalidade, a fecundidade geral e as taxas específicas (etárias, legitimidade e maritais). Não se espera neste campo obter do inquérito informação mais segura. Contudo, além de a sua medida no inquérito servir de aferidor de resultados, há informação adicional que se não obtém das estatísticas demográficas correntes.

Começaremos este capítulo por referir as taxas de fecundidade etárias e como elas têm evoluído em Portugal. No Quadro XXX figuram as taxas de fecundidade etárias totais e matrimoniais.

4.3.1 — Fecundidade da população portuguesa

A fecundidade sentida pelo número de nascimentos e seu calendário tem sido objecto de observação que se traduz em taxas de natalidade e de fecundidade que ao longo do tempo se apresentam em evolução decrescente a primeira e a segunda se tem alterado tanto em nível como em distribuição etária.

Quanto à natalidade, expressa em número de nados-vivos por mil habitantes, dá-nos conta o Quadro seguinte:

QUADRO XXIX

Taxas de natalidade e número de nados-vivos

Anos	Tava de natalidade p. 1000 HM	Número de nados-vivos (000)	Anos	Taxa de natalidade p. 1000 HM	Número de nados-vivos (000)
1	2	3	4	5	6
1900	30,5	165,2	1950	24,4	205,2
1910	31,7	187,0	1960	23,9	213,9
1920	33,6	202,9	1970	20,0	180,7
1930	29,7	202,5	1975	19,1	179,6
1940	24,3	187,9	1980	×	×

Origem: Anuário Demográfico — PORTUGAL.

Depois de uma nítida subida até 1920, a baixa da taxa de natalidade tem sido constante; contudo, o número de nados-vivos tem apresentado oscilações.

Relacionando os nados-vivos com a população feminina dos 15 aos 49 anos (taxa de fecundidade) obtem-se uma medida mais correcta da capacidade procriadora da população. Tal taxa apresenta os seguintes valores:

Anos	Taxa de fecundidade p. 1000 M (15-49)
1945	97,4
1950	92,5
1955	89,9
1960	95,3
1965	90,6
1975	75,8
1978	67,9

Qualquer destas medidas põe em evidência a tendência decrescente da fecundidade que, em termos numéricos, e nalgumas regiões do país, desceu já a um nível que não assegura o acréscimo da população, mesmo sem entrar em consideração com a emigração.

Nesta apreciação sumária da fecundidade da população portuguesa convém ainda apresentar como têm evoluído as taxas de fecundidade etárias.

QUADRO XXX

Taxas de fecundidade etárias

a) nados-vivos por 1000 mulheres

Idade	1930	1950	1960	1970	1979
15 a 19	23,1	24,5	26,2	32,7	41,1
20 a 24	147,4	146,2	148,7	158,8	138,3
25 a 29	195,8	182,5	177,6	190,4	123,5
30 a 34	171,2	151,4	133,4	123,5	78,1
35 a 39	142,3	113,4	94,4	79,1	36,1
40 a 44	65,4	54,7	42,5	33,6	15,0
45 a 49	10,9	7,6	3,5	3,2	1,9

b) nados-vivos legítimos por 1000 mulheres casadas

Idade	1930	1950	1960	1970	1980 (1)
15 a 19	536,8	440,0	426,8	497,4	589,8
20 a 24	412,6	363,0	347,7	372,7	318,1
25 a 29	299,8	262,0	243,6	241,5	172,9
30 a 34	228,2	191,2	161,5	139,0	87,9
35 a 39	181,3	139,3	111,1	86,8	39,7
40 a 44	85,1	68,5	50,8	37,8	16,8
45 a 49	14,6	10,0	4,3	3,7	2,2

(1) valores estimados.

Origem : O Desequilíbrio Demográfico Português — INE 1976.

Estes valores apontam para uma marcada evolução decrescente conduzindo as taxas de fecundidade a um número final de filhos que ao longo do tempo vem decrescendo.

1930	1950	1960	1970	1979
3,78	3,40	3,13	3,10	2,17

Estes elementos tentam apenas dar uma ideia do nível de fecundidade da mulher portuguesa e não são coincidentes no seu conteúdo com o que se procura avaliar através do inquérito à fecundidade aqui apreciado, pois este visa apenas as mulheres de idade compreendida entre os 15 e os 49 anos que tenham estado casadas, grupo no qual melhor se podem aperceber os factores que mais influem na fecundidade.

Convém, contudo, comparar estes valores com os que é possível extrair do inquérito. No Quadro XXXI apresentam-se as taxas de fecundidade específicas etárias de acordo com as datas a que se referem. Estas datas foram medidas em «anos antes do inquérito», mas é possível estabelecer uma equivalência, ainda que aproximada, com os anos a que se referem. De qualquer modo, elas dão uma ideia dos valores actuais das taxas (coluna 2) e a leitura ao longo das linhas dá uma ideia da sua evolução no tempo.

Estes números, se bem que não coincidam perfeitamente com os calculados através das estatísticas correntes, apresentam evolução paralela e os valores achados não diferem muito dos calculados para 1979. Apenas no grupo etário de 15 a 19 anos se encontra uma taxa de fecundidade que não parece aceitável. É, porém, de notar que este facto pode ser devido a que certo número de mulheres solteiras não foram incluídas na amostra e que tal classe de mulheres contribui com 4,3 % de todos os nascimentos ocorridos antes do casamento. Lembremos, contudo, que esse é o grupo quinquenal com menor número de mulheres (89) e que a tendência evolutiva do esquema de fecundidade torna esta comparação apenas ilustrativa.

QUADRO XXXI

Taxas de fecundidade específicas etárias em períodos de cinco anos (p. 1000 mulheres)

Idade da mulher	Período de referência aproximado						
	1975-79	1970-74	1965-69	1960-64	1955-59	1950-54	1945-49
1	2	3	4	5	6	7	8
15-19	29	28	27	28	24	26	7
20-24	146	143	143	140	136	107	—
25-29	140	168	173	178	190	—	—
30-34	87	109	126	163	—	—	—
35-39	46	66	94	—	—	—	—
40-44	18	36	—	—	—	—	—
45-49	7	—	—	—	—	—	—
Número final de filhos(1) .	2,37	2,79	3,03	3,23	—	—	—

(1) Calculados, atribuindo a cada grupo etário o valor da taxa de fecundidade observado mais recentemente.

4.3.2 — Fecundidade inicial

O Quadro 2.1.1 do Anexo Estatístico apresenta a distribuição percentual das mulheres que casaram pela primeira vez há pelo menos 5 anos, segundo o intervalo entre o primeiro casamento e o primeiro nascimento, por anos decorridos desde esse casamento e a idade nessa altura. Para as 4150 mulheres nas condições indicadas, o tempo médio decorrido desde o primeiro casamento até ao nascimento do primeiro filho, é de 16,9 meses e escalona-se do modo seguinte:

QUADRO XXXII

Tempo médio decorrido desde o primeiro casamento até ao nascimento do primeiro filho

Intervalo	Mulheres	
	n.º	%
1	2	3
Negativo	178	4,3
0- 7 meses	415	10,0
8-11 meses	1 071	25,8
1 ano	1 374	33,1
2 anos	461	11,1
3 anos	203	4,9
4 anos	100	2,4
Mulheres com filhos	3 802	91,6
Mulheres sem filhos	348	8,4
Total	4 150	100,0

Assim, verifica-se que 73,2 % das mulheres que casaram há pelo menos 5 anos, tiveram o seu primeiro filho no período de dois anos a contar da data do seu primeiro casamento e que para 4,3 % delas, o nascimento do seu primeiro filho ocorreu antes do primeiro casamento; que para 14,3 % a concepção ocorreu antes do casamento.

A percentagem de valores negativos do intervalo varia com a idade ao casamento, apresentando tendência crescente com a idade.

Idade ao primeiro casamento	Valores negativos do intervalo		N.º mulheres
(anos)	%	n.º	
< 15	0,0	0	44
15-17	1,4	5	366
18-19	4,4	29	688
20-21	4,2	38	901
22-24	3,3	40	1 210
25-29	6,7	52	781
30 e mais	8,8	14	160
Total	4,3	178	4 150

O número médio de meses decorridos entre o primeiro casamento e o primeiro nascimento apresenta uma variação com a idade ao casamento com a particularidade de, para as mulheres de menos de 15 anos e as de 15 a 17, se destacar dos restantes valores.

Idade ao primeiro casamento	Duração média do intervalo (meses)	
(anos)	Total	Excluindo valores negativos
< 15	25,2	25,2
15-17	18,5	19,2
18-19	16,1	17,0
20-21	16,7	17,8
22-24	16,7	17,7
25-29	17,1	18,2
30 e mais	16,7	17,5
Total	16,9	17,9

A exclusão dos valores negativos do intervalo não altera a evolução da dimensão média desse intervalo, embora a diminua de cerca de um ano em qualquer dos grupos etários considerados, excepto no primeiro, visto ser nulo o número de casos negativos. O elevado valor observado no grupo de menos de 15 anos resulta em parte da baixa fecundidade nas idades muito baixas.

Os casos de valores negativos do intervalo entre o primeiro casamento e o nascimento do primeiro filho revestem-se de especial significado, uma vez que esse primeiro nascimento só pode resultar do primeiro casamento, ao passo que os restantes valores podem, na realidade, referir-se a intervalo entre o primeiro casamento e um primeiro nascimento dessa mulher, resultante de casamento subsequente, não tendo havido filhos do primeiro. Estes casos não serão muitos, mas se o valor do intervalo é negativo há, de facto, ligação entre o primeiro casamento e esse nascimento.

Acresce que esses valores negativos correspondem a concepções antenupciais. Interessa, por isso, averiguar como têm evoluído com o tempo. O mesmo Quadro 2.1.1 do Anexo Estatístico apresenta as percentagens de casos de valor negativo consoante o número de anos decorridos desde o primeiro casamento.

Anos decorridos desde o primeiro casamento	N.º de mulheres	Intervalos negativos	
		n.º	%
5- 9	996	25	2,5
10-19	1 949	97	5,0
20 e mais	1 205	56	4,7
Total	4 150	178	4,3

Os grupos formados não permitem uma análise muito detalhada. Parece notar-se que nos casamentos ocorridos há 5 a 9 anos ou seja nos

mais recentes, dentro do grupo em análise, a percentagem de casos de intervalo negativo é menor, não se notando diferença entre os outros dois grupos.

menos cinco anos, é de 1,54. Com a idade ao primeiro casamento, esta grandeza varia de forma pouco sensível (v. Quadro 2.1.2 do Anexo Estatístico).

QUADRO XXXIII

Percentagem das mulheres que casaram há pelo menos 5 anos e não têm filhos

Idade ao primeiro casamento (anos)	Mulheres casadas pela primeira vez há:											
	5-9 anos			10-19 anos			20 e mais anos			Total		
	Total	Sem filhos		Total	Sem filhos		Total	Sem filhos		Total	Sem filhos	
		n.º	%		n.º	%		n.º	%		n.º	%
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
< 15	2	0	0,0	22	4	18,2	20	9	45,0	44	13	29,5
15-17	78	6	7,7	146	15	10,3	142	14	9,9	366	35	9,6
18-19	145	5	3,4	267	22	8,2	276	19	6,9	688	46	6,7
20-21	217	8	3,7	391	29	7,4	293	29	9,9	901	66	7,3
22-24	305	16	5,2	557	40	7,2	348	32	9,2	1 210	88	7,3
25-29	186	17	9,1	469	35	7,5	126	8	6,3	781	60	7,7
30 e mais	63	16	25,4	97	23	23,7	—	—	0,0	160	39	24,4
Total	996	68	6,8	1 949	168	8,6	1 205	111	9,2	4 150	347	8,4

A percentagem do número de mulheres que casaram há pelo menos cinco anos e não tiveram filhos apresenta-se de forma a merecer algum comentário.

Se é verdade que nalguns casos o número de observações é muito reduzido, não se pode deixar de estranhar que a percentagem de mulheres sem filhos aumente com o número de anos decorridos desde o primeiro casamento, fazendo com que a importância das causas que determinam tal situação tenha vindo a diminuir.

Este mesmo facto se verifica nalguns grupos etários < 15, 18-19, 20-21 e 22-24.

Por outro lado, a percentagem de mulheres sem filhos apresenta uma evolução, segundo a idade ao primeiro casamento, com valores muito elevados nos extremos, destacando-se o grupo das mulheres que casaram antes dos 15 anos, há 20 e mais anos.

O número médio de filhos nascidos antes ou nos primeiros cinco anos de casamento, por mulher do grupo que casou pela primeira vez há pelo

Idade ao primeiro casamento (anos)	Número médio de filhos nascidos nos primeiros cinco anos de casamento
< 15	1,07
15-17	1,52
18-19	1,60
20-21	1,56
22-24	1,53
25-29	1,57
30 e mais	1,30
Total	1,54

Com o número de anos decorridos desde o primeiro casamento, o número de filhos nascidos nos primeiros cinco anos de casamento varia de 1,44 para o grupo 5 a 9 anos, a 1,61 para o de 20 e mais anos, com o valor intermédio de 1,55 para o grupo de 10 a 19 anos. Parece, pois, que o número de filhos nascidos nos primeiros cinco anos de casamento tem vindo a diminuir. Interessa, assim, averiguar em que medida as variáveis explicativas têm contribuído para essa baixa.

No Quadro XXXIV, extraído dos Quadros 2.1.2 do Anexo Estatístico, vê-se que a todos os níveis de educação, primário, secundário e superior (completo e incompleto) o número médio de filhos nascidos nos primeiros cinco anos de casamento aumenta com o tempo decorrido desde o primeiro casamento tal como sucede com o total de mulheres; contudo, ao passo que no total esse acréscimo é de 11,8 %, o que se observa nos diversos graus de ensino cresce com o nível deste, partindo de 0,7 % no primário.

A estandardização do número médio de filhos nascidos nas condições em estudo produz os seguintes resultados, conforme se estandardiza por estrutura de instrução ou por estrutura de tempo decorrido desde o primeiro casamento.

QUADRO XXXIV

Número médio de filhos nascidos nos primeiros cinco anos de casamento, estandardizado por estrutura escolar

Estrutura escolar padrão (total)		Tempo decorrido desdo o primeiro casamento		
		5-9	10-19	20 e mais
1	2	3	4	5
	%	Número médio de filhos nascidos		
S/ escolaridade .	11,7	1,20	1,79	1,69
Primário	67,7	1,49	1,85	1,59
Secundário	15,7	1,33	1,40	1,47
Superior	4,9	1,41	1,71	1,81
Total	100,0	1,43	1,56	1,59
Observado		1,44	1,55	1,61

Esta estandardização pouco efeito tem nos valores do número médio de filhos, segundo o tempo decorrido desde o primeiro casamento. A evolução continua a ser crescente com esse tempo.

QUADRO XXXV

Número médio de filhos nascidos nos primeiros cinco anos de casamento, estandardizado por tempo decorrido desde o primeiro casamento

Estrutura padrão do tempo decorrido desde o primeiro casamento (anos)		Escolaridade			
		Sem escolaridade	Primário	Secundário	Superior
1	2	3	4	5	6
	%	Número médio de filhos nascidos			
5-9	24,0	1,20	1,49	1,33	1,41
10-19	47,0	1,79	1,55	1,40	1,71
20 e mais	29,0	1,69	1,59	1,47	1,81
Total	100,0	1,62	1,55	1,40	1,67
Observado		1,70	1,54	1,39	1,60

Como anteriormente, a estandardização não produz informação adicional, confirmando apenas a diminuição, até ao nível secundário, do número de filhos nascidos, e mantendo-se a subida do nível superior.

A classificação de acordo com a religião não é muito expressiva, dada a dominância das mulheres que se declararam católicas. Nota-se, contudo, uma evolução crescente com o tempo decorrido desde o primeiro casamento, que é da ordem dos 11,0 % para as católicas, e de 24,6 % para as que se disseram sem religião. Este grupo apresenta para a classe de 5 a 9 anos de tempo decorrido desde o primeiro casamento, o valor mais baixo no conjunto das classificações, 1,18 filhos nascidos nos primeiros cinco anos de casamento.

A religiosidade apresenta a maior diferença com 1,7 filhos nos primeiros cinco anos de casamento de mulheres que assistem a serviços religiosos uma ou mais vezes por semana, contra 1,57 para as mulheres que nunca assistem a serviços religiosos. Todas as outras categorias se situam entre esses valores extremos (v. Quadro 2.1.2 do Anexo Estatístico).

Mesmo assim, parece notar-se mais alterações dentro do grupo de maior religiosidade do que no das mulheres de mais baixa religiosidade. As de maior religiosidade apresentam um sistemático e substancial decréscimo de fecundidade durante os cinco primeiros anos de casamento ao longo do tempo, enquanto que as menos religiosas mostram apenas um ligeiro decréscimo.

QUADRO XXXVI

Número médio de nascimentos vivos nos primeiros cinco anos de casamento, por duração do casamento e religiosidade

Duração do casamento (anos)	Assistência a serviços religiosos			
	Uma e mais vezes por semana	2 a 3 vezes por mês	Ocasiões especiais	Nunca
1	2	3	4	5
5-9	1,59	1,38	1,41	1,36
10-19	1,70	1,54	1,47	1,34
20 e mais	1,77	1,63	1,47	1,42

As mulheres que não trabalharam depois do casamento apresentam uma fecundidade substancialmente mais alta nos primeiros cinco anos de casamento do que as que trabalharam depois do casamento, 1,99 contra 1,52, respectivamente.

4.3.3 — Fecundidade cumulativa

Até aqui temos considerado apenas as 4150 mulheres que casaram pela primeira vez há pelo menos cinco anos. Tomando agora as 4893 mulheres actualmente casadas, verifica-se (v. Quadros 2.2.1-A do Anexo Estatístico) que 84,0 % tiveram três ou menos filhos e 8,6 % não tiveram filhos. No conjunto, o número médio de filhos havidos por mulher, é de 2,26, número que compara com 2,46 observado no recenseamento de 1970. Por idades actuais, esses valores são os seguintes:

Mulheres casadas			Número médio de filhos por mulher	
Idade (anos)	Inquérito	Censo 1970 (000)	Inquérito	Censo
< 20	85	18,7	0,58	0,60
20-24	532	120,8	1,06	0,98
25-29	803	193,7	1,49	1,60
30-34	885	223,6	2,08	2,31
35-39	869	234,8	2,56	2,75
40-44	882	228,1	2,83	3,06
45-49	837	207,1	3,19	3,19
Total	4 893	1 226,8	2,26	2,41

Vê-se neste conjunto de valores uma aceitável concordância entre os observados no inquérito e os recolhidos do recenseamento de 1970, embora haja uma sistemática diferença, para menos, nos achados no inquérito, o que, poderia pôr em destaque o efeito da diferença de datas em que tiveram lugar essas duas inquirições: censo em 1970 e inquérito em 1979/80.

Tanto a idade actual como o tempo decorrido desde o primeiro casamento influem no número de filhos havidos. Assim, as mulheres sem filhos representam de cada grupo etário percentagens que vão de 48,2 % para as mulheres de menos de 20 anos, a 5,7 % nas de 45 a 49 anos, valores que comparam com 48,6 % e 9,2 %, observados no censo de 1970.

QUADRO XXXVII

Distribuição percentual das mulheres actualmente casadas, segundo o número de filhos havidos por idade actual

Idade (anos)	Número de filhos					
	Sem filhos	Com 1 filho	Com 2 e 3 filhos	Com 3 ou menos	Com 4 a 6 filhos	Com 7 ou mais
1	2	3	4	5	6	7
Menos de 20	48,2	47,1	4,7	100,0	0,0	0,0
20-24	25,0	50,8	23,3	99,1	0,9	0,0
25-29	9,8	46,6	40,1	96,5	3,4	0,1
30-34	4,4	26,1	59,9	90,4	8,8	0,8
35-39	4,0	17,7	58,3	80,0	15,9	4,1
40-44	5,2	17,6	50,9	73,7	19,8	6,5
45-49	5,7	17,6	45,7	69,0	20,4	10,6
Total	8,6	28,0	47,4	84,0	12,2	3,8
Censo 1970	11,8	28,4	39,0	79,2	14,9	5,9

Segundo o número de anos decorridos desde o primeiro casamento, o número médio de filhos varia, como se vê na última coluna do Quadro seguinte:

QUADRO XXXVIII

Percentagem de mulheres com o número indicado de filhos por tempo decorrido desde o primeiro casamento

Anos decorridos desde o primeiro casamento	Sem filhos	Com 1 filho	Com 2 e 3 filhos	Com 3 filhos ou menos	Com 4 a 6 filhos	Com 7 e mais	Número médio de filhos por mulher
1	2	3	4	5	6	7	8
Menos de 5	27,7	54,4	17,2	99,3	0,5	0,2	0,94
5- 9	3,9	36,5	55,7	96,1	3,8	0,1	1,77
10-14	4,1	19,1	62,4	85,6	13,7	0,7	2,31
15-19	4,4	15,2	55,4	75,0	19,0	6,0	2,77
20-24	3,3	15,7	51,0	70,0	22,6	7,4	3,10
25-29	2,7	16,6	41,4	60,7	22,0	17,3	3,74
30 e mais	4,1	6,1	40,8	51,0	30,6	18,4	4,49
Total	8,6	28,0	47,4	84,0	12,2	3,8	2,26

que reflecte, como é natural, um crescimento com o número de anos decorridos desde o primeiro casamento, atingindo o valor de 4,49 filhos na duração de 30 e mais anos. Parece, assim, ser mais importante como determinante do número final de filhos, a duração do período de exposição ao risco de gravidez do que a idade, pois o valor mais alto observado quando se analisa a influência da idade, é de 3,19, correspondente a 45 a 49 anos.

Deve, porém, notar-se que para as mulheres que casaram pela primeira vez com menos de 18 anos (conjugação dos dois primeiros grupos de idade) em número de 475, a evolução do número de filhos havidos com o tempo decorrido desde o primeiro casamento, é já indicador que merece alguma confiança, pois todas as celas resultam de mais de 20 observações, e apresentam os seguintes valores (v. Quadro XL).

QUADRO XXXIX

Número médio de filhos havidos por mulheres actualmente casadas

Anos decorridos desde o primeiro casamento	Idade das mulheres (anos) ao primeiro casamento							
	Menos de 15	15-17	18-19	20-21	22-24	25-29	30 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Menos de 5	(1,43)	1,00	0,96	0,98	0,93	0,86	0,89	0,94
5- 9	(3,00)	2,03	1,80	1,76	1,72	1,82	1,41	1,77
10-14	(2,83)	2,30	2,52	2,43	2,29	2,22	1,93	2,31
15-19	(3,33)	3,13	2,93	2,88	2,67	2,64	1,91	2,77
20-24	(3,57)	3,92	3,53	2,98	2,87	2,98	—	3,10
25-29	(3,80)	3,66	3,81	3,78	3,59	—	—	3,74
30 e mais	(4,88)	4,60	(4,13)	—	—	—	—	4,49
Total	3,26	2,64	2,42	2,31	2,15	2,13	1,50	2,26

A conjugação destas duas variáveis conduz a uma classificação que, em certos casos, se apoia num número diminuto de observações, mas que, mesmo assim, permite esboçar uma análise dessa conjugação. No Quadro XXXIX apresenta-se o resultado de tal classificação cruzada, assinalando, entre parêntesis, os casos em que o número de observações é inferior a 20.

Naturalmente que a conjugação da idade baixa ao primeiro casamento com a maior duração do período decorrido desde esse casamento — menos de 15 anos/30 anos e mais — fornecerá o valor mais exacto do número final de filhos havidos, embora não reflita o que se passou com as mulheres já falecidas. Contudo, o grupo assim definido, está fracamente representado (apenas 8 mulheres) o que dificulta as conclusões a tirar.

QUADRO XL

Número médio de filhos havidos por mulheres actualmente casadas que casaram pela primeira vez antes dos 18 anos

Tempo decorrido desde o primeiro casamento	N.º de mulheres	N.º médio de filhos havidos
1	2	3
Menos de 5 anos	91	1,03
5- 9	73	2,05
10-14	83	2,38
15-19	76	2,85
20-24	58	3,88
25-29	61	3,67
30 e mais	33	4,67
Total	475	3,03

Reunindo-se as duas condições mais favoráveis a um maior número de filhos havidos, obtem-se um número final 4,67 por mulher.

De uma forma geral, o número de filhos havidos antes de decorridos cinco anos, a partir do primeiro casamento, não excede *1;* por outro lado, qualquer que seja a idade ao primeiro casamento, como é natural, o número médio de filhos havidos vai sempre crescendo com o tempo decorrido, mas nota-se que a idade da mulher ao primeiro casamento influi negativamente no número de filhos havidos para uma mesma duração do tempo decorrido, facto que está de acordo com a diminuição da fecundidade com a idade e aponta para mais perfeito uso da contracepção.

Este mesmo aspecto pode ser avaliado no Quadro 2.2.4-A do Anexo Estatístico, em que a idade actual aparece cruzada com a idade ao primeiro casamento e do qual se extrai o Quadro seguinte:

QUADRO XLI

Número médio de filhos havidos por mulher actualmente casada

Idade actual	Idade das mulheres (anos) ao primeiro casamento						
	Menos de 18	18-19	20-21	22-24	25-29	30 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7	8
< 20	0,66	0,30	—	—	—	—	0,58
20-24	1,76	1,16	0,81	0,40	—	—	1,06
25-29	2,21	1,95	1,68	1,19	0,70	—	1,49
30-34	2,96	2,63	2,28	1,92	1,50	0,53	2,08
35-39	3,49	2,98	2,80	2,53	2,12	1,36	2,56
40-44	3,36	3,60	3,05	2,71	2,57	1,80	2,83
45-49	4,79	3,87	3,54	3,10	2,75	1,56	3,19
Total	2,70	2,42	2,31	2,15	2,13	1,50	2,26

Como é natural, o número médio de filhos havidos por mulher segue uma evolução com a idade actual, semelhante à observada com o tempo decorrido desde o primeiro casamento. Particularmente notável a diferença entre o número médio de filhos havidos por mulheres actualmente de 45 a 49 anos, conforme casaram aos 20-24 ou aos 25-29; 3,25 no primeiro caso e 2,75 no segundo, isto porque são esses os dois grupos etários mais numerosos, abrangendo, respectivamente, 1074 e 1403, ou seja 50,6 % do total (4893).

As 5148 mulheres não solteiras apresentam características muito semelhantes às encontradas nas actualmente casadas, pois este grupo representa 95 % do total.

A título de exemplo, se indica o número médio de filhos havidos de acordo com o número de anos decorridos desde o primeiro casamento, e de acordo com a idade actual para esses dois grupos de mulheres.

QUADRO XLII

Número médio de filhos havidos

Tempo decorrido desde o primeiro casamento	Mulheres não solteiras	Mulheres actualmente casadas	Idade actual (anos)	Mulheres não solteiras	Mulheres actualmente casadas
1	2	3	4	5	6
< 5 anos	0,95	0,94	< 20	0,57	0,58
5- 9	1,75	1,77	20-24	1,06	1,06
10-14	2,29	2,31	25-29	1,49	1,49
15-19	2,75	2,77	30-34	2,08	2,08
20-24	3,08	3,10	35-39	2,54	2,56
25-29	3,70	3,74	40-44	2,83	2,83
30 e mais	4,61	4,49	45 e mais	3,16	3,19
Total ...	2,26	2,26	Total	2,26	2,26

As diferenças, quando existem, são mínimas e são sempre a favor do grupo actualmente casado, pois as mulheres que o compõem tiveram, na sua maioria, uma presença mais contínua na situação de casadas.

Ainda no sentido de apreciar a importância da idade ao casamento no número final de filhos havidos, se calcularam os valores destes para as idades 15 a 19, 20 a 24 e 25 a 29, ao fim de 15 anos decorridos desde o primeiro casamento.

Número de filhos havidos, decorridos 15 anos desde o primeiro casamento

Idade ao primeiro casamento	Mulheres não solteiras	Mulheres actualmente casadas
15-19 anos	2,68	2,71
20-24	2,62	2,64
25-29	2,52	2,57

Interessa agora apreciar como as variáveis explicativas podem influir no número de filhos havidos, para o que recorreremos aos Quadros 2.2.5 do Anexo Estatístico, dos quais se extraem os seguintes valores:

QUADRO XLIII

Número médio de filhos havidos por mulher não solteira, por número de anos decorridos desde o primeiro casamento e o grau de ensino atingido

Grau de ensino	Anos decorridos desde o primeiro casamento							
	Menos de 5 anos	5 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Sem escolaridade	(2,43)	1,64	2,80	3,45	3,80	4,46	5,90	3,71
Ensino primário	1,04	1,84	2,37	2,69	2,93	3,52	3,85	2,32
Incompleto ...	1,13	2,10	2,71	3,22	3,49	4,06	4,30	3,01
Completo	1,03	1,76	2,17	2,23	2,31	2,62	3,21	1,90
Ensino secundário	0,84	1,58	1,76	2,36	2,77	2,00	(4,50)	1,52
Incompleto ...	0,86	1,61	1,76	2,26	2,69	2,00	(4,50)	1,52
Completo	0,56	1,33	1,78	2,28	(3,25)	(2,00)	—	1,51
Ensino superior .	0,84	1,68	2,39	2,84	2,90	(4,00)	—	1,84
Incompleto ...	0,89	1,66	2,48	(3,11)	(2,72)	(1,00)	—	1,82
Completo	0,76	1,73	(2,26)	(2,58)	(3,17)	(7,00)	—	1,88
Total	0,95	1,75	2,29	2,75	3,08	3,70	4,61	3,71

A ligação do número médio de filhos havidos com a escolaridade resulta mal definida, embora pareça descortinar-se uma diminuição com o aumento da escolaridade. De notar a diferença entre os valores referentes ao nível primário incompleto e completo que deve ser encarada com reserva. Para todas as classes de tempo decorrido desde o primeiro casamento, o número médio de filhos havidos diminui do primário para o secundário e volta a subir ao passarmos para o superior. Embora neste caso o pequeno número de observações obrigue a prudência na interpretação, não pode deixar de se destacar a verificação desse facto em todas as classes de tempo decorrido desde o primeiro casamento.

Com excepção do grau de ensino primário que, como já dissemos, apresenta uma grande variação do número médio de filhos havidos, conforme foi completado ou não, parece que essa circunstância não afecta o número de filhos nos outros graus de ensino. Circunstâncias particulares podem, de facto, dar origem a esta diferença, tanto mais que ela está presente em todas as classes de duração consideradas, mas a informação disponível não permite, desde já, tomá-la como real.

A percentagem de mulheres casadas há pelo menos 15 anos, com cinco e mais filhos, apresenta igualmente valores muito diferentes no grau primário, conforme é completo ou não (ver Quadro XLIV), 7,7 % no completo e 25,2 % no incompleto. Paralelamente, a percentagem de mulheres com menos de dois filhos é maior no grau primário completo.

Esta grandeza, percentagem de mulheres casadas há pelo menos 15 anos com cinco e mais filhos, apresenta como número médio de filhos por mulher, um valor mais baixo no grau secundário onde, pelo contrário, se encontra o valor mais elevado da percentagem de mulheres nessas condições com dois ou menos filhos (28,7 %) e sem filhos (6,0 %).

A influência do lugar de residência, basicamente caracterizada pelo número de habitantes, é apresentada nos Quadros XLV e LXVI. Notam-se para o Porto valores médios do número de filhos havidos, maiores do que em Lisboa, 2,29 e 1,71, respectivamente, e também que a dimensão das localidades influi negativamente nesse número, e isto para quase todas as durações do tempo decorrido desde o primeiro casamento.

Naturalmente que a dimensão do local de residência não será a causa directa do número médio de filhos havidos, mas a ela estão associadas características, mormente sociais e culturais, que determinam esse comportamento.

QUADRO XLIV

Percentagem de mulheres não solteiras com 15 e mais anos decorridos desde o primeiro casamento, com 5 e mais filhos havidos e com menos de dois filhos havidos, segundo o grau de escolaridade atingido

Grau de escolaridade	Com 5 e mais filhos havidos	Com menos de dois filhos havidos	Sem filhos	Número de mulheres
1	2	3	4	5
Sem escolaridade ...	32,5	19,1	2,5	406
Ensino primário	16,7	20,2	4,2	1 447
Incompleto	25,2	14,9	3,6	745
Completo	7,7	25,7	4,8	702
Ensino secundário ...	12,0	28,7	6,0	233
Incompleto	12,6	29,6	7,0	199
Completo	18,8	23,5	0,0	34
Ensino superior	15,7	15,7	2,4	70
Incompleto	13,2	10,5	0,0	38
Completo	18,8	21,9	3,1	32
Total	19,2	19,9	4,0	2 156

QUADRO XLV

Número médio de filhos havidos por mulher não solteira por número de anos decorridos desde o primeiro casamento e o lugar de residência

Lugar de residência	Anos decorridos desde o primeiro casamento							
	Menos de 5 anos	5 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Lisboa	0,76	1,51	1,94	2,13	2,01	2,59	(2,67)	1,71
Porto	0,89	1,72	2,03	2,83	3,03	(4,22)	(5,00)	2,29
Mais de 20 000 habitantes	0,89	1,49	2,02	1,95	2,34	2,45	(4,09)	1,82
10 000 a 20 000	1,09	1,66	1,98	2,41	2,27	3,42	(5,00)	2,02
Menos de 10 000	0,97	1,84	2,45	3,01	3,52	3,97	4,86	2,44
Total	0,95	1,75	2,29	2,75	3,08	3,70	4,01	2,26

Associadas a esta característica estão as percentagens incluídas no Quadro XLVI onde ainda o Porto se destaca nitidamente de Lisboa no valor da percentagem de mulheres casadas há pelo menos 15 anos com 5 e mais filhos, e as localidades de menor número de habitantes ocupam o primeiro lugar (23,9 %). Posição inversa lhes cabe na percentagem de mulheres nessas condições, com menos de dois filhos. Como anteriormente, verifica-se uma associação entre as per-

centagens em análise e a dimensão da localidade de residência; ligação negativa no caso da percentagem de mulheres com 5 e mais filhos e ligação positiva no caso das percentagens de mulheres com menos de dois filhos ou sem filhos.

QUADRO XLVI

Percentagem de mulheres não solteiras com 15 e mais anos decorridos desde o primeiro casamento, com 5 e mais filhos havidos e com menos de dois filhos, segundo a região de residência

Região de residência	Com 5 e mais filhos havidos	Com menos de dois filhos havidos	Sem filhos	Número de mulheres
1	2	3	4	5
Lisboa	5,3	33,3	6,3	204
Porto	21,3	16,0	4,0	75
Mais de 20 000 habitantes	7,2	27,5	4,8	251
De 10 000 a 20 000	11,6	22,7	4,1	172
Menos de 10 000	23,9	16,6	3,5	1 454
Total	19,2	20,0	4,0	2 156

O estudo da influência da religião no número médio de filhos havidos por mulher (v. Quadro XLVII), está muito dificultado pelo pequeno número de casos em que a religião não é a católica ou foi declarado não haver. Lembramos que das 5148 mulheres contactadas apenas 412 se disseram não católicas. Contudo, não pode deixar de se notar que, nas classes de anos decorridos desde o primeiro casamento com número de observações maior, os valores do número médio de filhos havidos são maiores no grupo das que se declararam católicas e os menores valores se encontram no grupo das sem religião. No total, esses valores são de 2,30 filhos havidos por mulher católica, 2,22 para as que declararam outra religião e de 1,73 para o grupo sem religião. Com as cautelas impostas pelos fracos efectivos dos grupos não católicos parece poder apontar-se para uma influência positiva da religião católica ou não. A falta de uma religião produz, assim, uma diminuição do número médio de filhos havidos por mulher.

O Quadro XLVIII apresenta, para as mulheres que estiveram casadas pelo menos 15 anos, as percentagens das com 5 e mais filhos e das que tiveram menos de dois filhos, segundo a religião. Tendo ainda presente as limitações que esta repartição do grupo total impõe, podemos dizer que ainda o facto de seguir a religião católica parece ser elemento decisivo na percentagem com 5 e mais filhos (com um valor 19,8 %) nitidamente destacado dos outros dois grupos onde ainda a falta de religião determina o menor valor dessa percentagem.

QUADRO XLVII

Número médio de filhos havidos por mulher não solteira, por número de anos decorridos desde o primeiro casamento e a religião

Religião	Anos decorridos desde o primeiro casamento							
	Menos de 5 anos	5 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Católica	0,96	1,79	2,31	2,78	3,09	3,76	4,62	2,30
Outra	(0,67)	(1,81)	2,17	(2,50)	(3,19)	(3,83)	(4,00)	2,22
Nenhuma	0,91	1,35	2,02	2,26	2,94	2,47	4,50	1,73
Total	0,95	1,75	2,29	2,75	3,08	3,70	4,01	2,26

QUADRO XLVIII

Percentagem de mulheres não solteiras com 15 e mais anos decorridos desde o primeiro casamento, com 5 e mais filhos havidos e com menos de dois filhos havidos, segundo a religião

Religião	Com 5 e mais filhos havidos	Com menos de 2 filhos havidos	Sem filhos	Número de mulheres
1	2	3	4	5
Católica	19,8	20,0	4,1	2 012
Outra	10,8	8,1	0,0	37
Nenhuma ...	8,4	22,4	3,7	107
Total	19,2	19,4	4,0	2 156

Finalmente a variável explicativa «ocupação do marido» é analisada nos Quadros XLIX e L, com as cautelas já apontadas atrás face à rarefacção introduzida pelo número de categorias consideradas e dificuldade em as agregar. Parece, porém, que a ocupação na «Agricultura e pesca» determina, ou está relacionada, com o número médio de filhos havidos por mulher, de forma a produzir os valores mais elevados em quase todos os grupos de duração do tempo decorrido desde o primeiro casamento. Nessa actividade se encontra, de facto, o valor mais alto, 4,19 filhos havidos, com exclusão do grupo «Administração superior» onde o valor de 4,44 se baseia em apenas 9 casos.

No conjunto, as «Profissões liberais» correspondem ao menor número médio de filhos havidos (1,75) seguindo-se os «Empregados de escritório» e «Comércio».

No grupo de duração inferior a cinco anos ou seja no decurso dos primeiros anos de casamento, é ainda às «Profissões liberais» que cabe o valor mais baixo (0,74). Uma ordenação das categorias profissionais indicadas, excluindo os grupos «nunca trabalhou», «não declarado» e «trabalho não especificado», conforme se considera o grupo de duração inferior a cinco anos ou o total, produz os seguintes resultados:

Ocupação do marido	Ordenação decrescente: Na duração inferior a 5 anos	Ordenação decrescente: No total
Profissão liberal	7	7
Administração superior ...	3	2
Empregado de escritório ..	5	6
Comércio	6	5
Serviços	4	4
Agricultura e pesca	1	1
Trabalhador especializado	2	3

mostrando certa concordância que parece admitir uma preocupação com a dimensão da família, associada à ocupação e que se verifica desde os primeiros anos do casamento.

A percentagem de mulheres com cinco e mais filhos havidos tem também o seu valor máximo (considerando apenas as categorias razoavelmente representadas) na «Agricultura e pesca» (31,0 %) e o seu mínimo na «Empregados de escritório». Ao contrário, as posições mais baixa e mais alta no valor da percentagem de mulheres com menos de dois filhos, encontram-se nos grupos «Administração superior» e «Empregado de escritório», cabendo à «Agricultura e pesca» o penúltimo lugar.

QUADRO XLIX

Número de filhos havidos por mulher não solteira, por número de anos decorridos desde o primeiro casamento e a ocupação do marido

Ocupação do marido	Anos decorridos desde o primeiro casamento: Menos de 5 anos	5 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nunca trabalhou	(1,00)	—	(4,00)	(4,00)	(7,00)	—	—	(2,07)
Profissão liberal	0,74	1,55	2,03	2,28	3,08	(2,62)	(2,00)	1,75
Administração superior	(1,00)	1,65	1,93	2,76	3,33	(4,44)	—	2,41
Empregado escritório	0,81	1,61	2,05	2,28	2,28	2,71	(2,60)	1,82
Comércio	0,78	1,80	2,03	2,21	2,37	2,96	(3,33)	1,87
Serviços	0,96	1,68	2,08	2,66	2,13	3,04	(4,80)	2,07
Agricultura e pesca	1,11	1,82	2,96	3,21	3,93	4,19	(5,94)	3,15
Trabalhador especializado	1,03	1,83	2,34	2,92	3,15	3,82	4,25	2,29
Trabalhador não especializado ..	—	(2,20)	(3,60)	(2,17)	(3,60)	(6,00)	—	3,23
Não declarado	(1,50)	(1,00)	(2,67)	(3,50)	(2,50)	(4,00)	—	(2,42)
Total	0,95	1,75	2,29	2,75	3,08	3,70	4,61	2,26

QUADRO L

Percentagem de mulheres não solteiras com 15 e mais anos decorridos desde o primeiro casamento, com 5 e mais filhos havidos e com menos de 2 filhos havidos, por ocupação do marido

Ocupação de marido	Com 5 e mais filhos havidos	Com menos de 2 filhos havidos	Sem filhos	Número de mulheres
1	2	3	4	5
Nunca trabalhou	(66,6)	(0,0)	(0,0)	3
Profissão liberal	9,1	23,6	4,5	110
Administração superior	13,2	8,9	1,5	68
Empregado de escritório	8,8	33,6	4,6	262
Comércio	9,4	22,9	5,2	192
Serviços	9,4	24,4	4,3	139
Agricultura e pesca	31,0	14,0	3,9	435
Trabalhador especializado	21,5	18,6	3,8	927
Trabalhador não especializado	(26,7)	(0,0)	(0,0)	15
Não declarado	(0,0)	(0,0)	(0,0)	5
Total	19,2	20,0	4,0	2 156

QUADRO LI

Número médio de filhos nascidos nos primeiros 5 anos de casamento

Variável explicativa	Anos decorridos desde o primeiro casamento							
	5-9		10-19		20 e mais		Total	
	Número	Média	Número	Média	Número	Média	Número	Média
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Escolaridade								
Sem escolaridade	25	1,20	177	1,79	285	1,69	487	1,70
Com escolaridade								
Primário	636	1,49	1 397	1,55	776	1,59	2 809	1,54
Incompleto	141	1,66	576	1,72	436	1,72	1 153	1,71
Completo	495	1,44	821	1,43	340	1,43	1 656	1,43
Secundário	250	1,33	288	1,40	112	1,47	650	1,39
Incompleto	220	1,35	240	1,36	99	1,44	559	1,37
Completo	30	1,20	48	1,63	13	1,69	91	1,49
Superior	85	1,41	86	1,71	32	1,81	203	1,60
Incompleto	59	1,46	48	1,90	19	1,63	126	1,65
Completo	26	1,31	38	1,47	13	2,08	77	1,52
Outras	—	—	1	—	—	—	1	—
Total	996	1,44	1 949	1,55	1 205	1,61	4 150	1,54
Religião								
Católica	906	1,45	1 809	1,56	1 129	1,61	3 844	1,55
Outra	16	1,63	37	1,46	23	1,78	76	1,59
Nenhuma	74	1,78	103	1,43	53	1,47	230	1,36
Situação perante o trabalho relativamente ao primeiro casamento								
Trabalhou só antes	118	1,62	167	1,59	79	1,56	364	1,59
Trabalhou só depois	9	1,00	30	1,17	29	1,31	68	1,21
Trabalhou antes e depois	110	1,54	261	1,46	199	1,59	570	1,52
Trabalhou depois e actualmente	66	1,35	135	1,47	73	1,63	274	1,48
Trabalhou antes, depois e actualmente	555	1,39	1 012	1,58	616	1,63	2 183	1,54
Nunca trabalhou	138	1,47	344	1,60	209	1,64	691	1,59

(continua)

QUADRO LI (continuação)

Variável explicativa	Anos decorridos desde o primeiro casamento							
	5-9		10-19		20 e mais		Total	
	Número	Média	Número	Média	Número	Média	Número	Média
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Ocupação do marido								
Profissão liberal	86	1,26	117	1,47	53	1,66	256	1,44
Quadro superior da administração	26	1,42	59	1,54	39	1,85	124	1,61
Empregado de escritório	152	1,40	280	1,44	142	1,49	574	1,44
Comércio	92	1,39	203	1,49	85	1,52	380	1,47
Serviços	50	1,40	125	1,46	77	1,31	252	1,40
Agricultura e pesca	90	1,46	260	1,67	281	1,78	631	1,69
Trabalhador especializado	493	1,49	886	1,59	515	1,57	1 894	1,56
Não especificado	7	1,43	16	1,81	9	2,00	35	1,77
Nunca trabalhou	—	—	3	2,33	1	3,00	4	2,50
Dimensão do local de habitação								
Lisboa	92	1,29	162	1,34	121	1,30	375	1,31
Porto	25	1,44	68	1,65	40	1,78	133	1,65
Mais de 20 000 habitantes	107	1,23	237	1,35	135	1,39	479	1,33
De 10 000 a 20 000	90	1,37	180	1,47	94	1,44	364	1,43
Menos de 10 000	682	1,50	1 302	1,62	815	1,71	2 799	1,62
Tipo do lugar de residência								
Rural	579	1,50	1 181	1,62	764	1,68	2 524	1,61
Vila	191	1,36	401	1,39	228	1,45	820	1,40
Cidade	226	1,35	367	1,52	213	1,53	806	1,48

Tomando agora a idade ao primeiro casamento em combinação com as variáveis explicativas que temos vindo a considerar, notaremos em primeiro lugar que o número médio de filhos é maior quando o primeiro casamento se realizou mais cedo, indo de 2,66 para a idade 15-17 anos a 1,47 para as mulheres que se casaram pela primeira vez aos 30 a 49 anos. Convém, porém, não esquecer que, estando o inquérito limitado às mulheres de 15 a 49 anos, as que casaram mais tarde têm menos tempo de exposição ao risco, exposição esta que nalguns grupos poderá ainda significar acréscimo do número de filhos.

No Quadro LII estão sintetizados os resultados contidos no Quadro 2.2.6 do Anexo Estatístico, e nele se verifica que a conclusão acima referida não se encontra em todos os graus de ensino atingidos. De facto, é nas que atingiram apenas o primeiro grau de ensino (completo ou incompleto) que essa evolução se encontra, pois no secundário ela está ausente, e o número das com ensino superior é muito reduzido. Dado que o grupo dominante é o das mulheres que apenas atingiram o primeiro grau de ensino, as suas características aparecem mais nitidamente no total, mas parece detectar-se um diferente comportamento resultante do grau de ensino atingido, uma vez que, apesar das irregularidades da evolução nos outros dois graus de ensino, e do fraco número de observações, se nota uma tendência nitidamente diferente à observada nas que atingiram apenas o primeiro grau de ensino. Podemos com certa cautela dizer que o efeito de idade ao primeiro casamento no número médio de filhos por mulher é minimizado pela passagem a um grau de ensino superior ao primário. No próprio grupo de mulheres que atingiram apenas o ensino primário é clara a diferença entre os valores do número médio de filhos entre o grupo das que o completaram e das que o não completaram, encontrando-se o maior valor neste último grupo para qualquer idade ao primeiro casamento.

Quando consideramos a evolução do número médio de filhos por mulher de acordo com a idade ao primeiro casamento e a dimensão da localidade de residência encontramos uma evolução idêntica em todas as classes de dimensão da localidade de residência, mas um decréscimo

com a idade, de intensidade variável, e mal definida no Porto, onde dispomos de um pequeno número de observações. É assim que em Lisboa o valor máximo (2,64 para as idades ao primeiro casamento de 15-17 anos) é cerca de três vezes e meia superior ao observado no grupo etário mais elevado, ao passo que nas outras classes de dimensão essa relação tem os valores de 1,9, 1,7 e 1,6, respectivamente. Parece, assim, que a dimensão do local de residência tem influência na intensidade da diminuição do número médio de filhos com a idade ao primeiro casamento, e que em Lisboa esse efeito é muito maior do que nas outras classes de dimensão da localidade. Tendo, porém, em vista que, mesmo em Lisboa, os valores encontrados têm uma certa oscilação, e até irregularidade, o que acima se diz deve ser tomado apenas como suspeita de um facto, mas mantem-se a posição destacada de Lisboa que só nos grupos etários 15-17 e 22 a 24 não têm os valores menores.

A variável religião apenas pode ser analisada na comparação das mulheres que se declararam católicas e as que declararam não ter religião.

QUADRO LII

Número médio de filhos havidos por mulher não solteira, segundo a idade ao primeiro casamento e: a escolaridade, a dimensão do local de residência, a religião e a ocupação do marido

Variável	Idade da mulher ao primeiro casamento							
	Menos de 15 anos	15-17	18-19	20-21	22-24	25-29	30-34	Total
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Escolaridade								
Primário incompleto	(2,78)	3,67	3,46	3,07	2,94	2,79	1,51	3,01
Primário completo	(3,00)	2,24	2,04	1,94	1,77	1,74	1,26	1,90
Secundário incompleto	(2,32)	1,52	1,45	1,58	1,51	1,48	1,43	1,52
Secundário completo	—	(0,50)	1,09	1,75	1,29	1,97	(1,44)	1,51
Superior incompleto	—	(1,00)	(1,80)	(1,69)	1,74	2,07	(2,00)	1,82
Superior completo	—	—	(2,00)	(2,13)	1,97	1,80	(1,67)	1,88
Sem escolaridade	(4,62)	4,43	4,45	3,93	3,75	3,10	1,68	3,71
Dimensão do local de residência								
Lisboa	(2,33)	2,64	1,44	1,75	1,81	1,54	0,74	1,71
Porto	(4,00)	(3,45)	(2,29)	2,22	2,10	2,25	(1,60)	2,29
Mais de 20 000 habitantes	(3,67)	1,94	2,02	1,96	1,72	1,73	1,04	1,82
De 10 000 a 20 000	(3,33)	2,90	2,39	1,91	1,81	1,65	1,70	2,02
Menos de 10 000	3,18	2,69	2,62	2,49	2,34	2,34	1,62	2,44
Religião								
Católica	3,24	2,72	2,49	2,35	2,21	2,15	1,49	2,30
Outra	(3,00)	(2,40)	(2,53)	(2,19)	2,04	(2,08)	(1,00)	2,22
Nenhuma	(3,00)	1,97	1,69	1,79	1,62	1,65	(1,00)	1,73
Ocupação do marido								
Profissão liberal	(2,00)	(1,25)	1,70	2,10	1,67	1,75	(1,20)	1,75
Administração superior	—	(1,60)	(3,40)	2,77	2,40	2,08	(1,20)	2,41
Empregado de escritório	(2,00)	2,04	1,99	1,66	1,71	1,71	1,89	1,82
Comércio	(3,33)	2,36	1,82	1,92	1,91	1,58	(1,65)	1,87
Serviços	(3,00)	2,63	2,08	2,29	2,01	1,93	(0,67)	2,07
Agricultura e pesca	(4,50)	3,65	3,28	3,15	3,11	3,07	1,90	3,15
Trabalhador especializado	3,12	2,55	2,48	2,30	2,18	2,22	1,30	2,29
Trabalhador não especializado	—	(2,00)	(1,75)	(3,40)	(4,83)	(2,50)	(2,00)	3,23
Não declarada	—	(2,00)	(2,00)	—	(2,50)	(3,00)	—	(2,42)
Total	3,21	2,64	2,43	2,31	2,17	2,13	1,47	2,26

No primeiro grupo encontram-se sempre os valores mais altos. No grupo das «sem religião» encontra-se uma irregularidade de evolução resultante do pequeno número existente, irregularidade que está ausente no grupo das católicas, onde a diminuição do número médio de filhos por mulher decresce de forma bem marcada com a idade ao primeiro casamento.

A ocupação do marido, com todas as deficiências inerentes a uma classificação deste tipo, parece acusar também para todas as categorias uma evolução decrescente com a idade da mulher ao primeiro casamento, com excepção das «Profissões liberais» em que quase se apresenta insensível à idade. Apesar do número de observações ser pequeno em muitas das classes formadas, parece possível indicar as classes de ocupação do marido, segundo a sua influência na importância do papel desempenhado pela idade da mulher ao primeiro casamento.

1.º Agricultura e pesca

2.º Empregados de escritório

3.º Serviços

4.º Comércio

5.º Administração superior

6.º Trabalhadores especializados

7.º Profissões liberais

Apenas destacaremos aqui a influência do tipo de residência na infância que até agora não foi referida (v. Quadro LIII). Nota-se que o número médio de filhos havidos por mulher é maior quando a infância foi passada num meio rural (2,47) do que quando o foi numa vila (1,93) ou numa cidade (1,98). Estes dois últimos valores são muito semelhantes e, quando analisamos a sua posição relativa nas diversas conjugações com a ocupação do marido, verificamos que o número de casos em que o valor correspondente às vilas é superior ao das cidades é igual ao de casos em que o das cidades é superior ao das vilas.

QUADRO LIII

Número médio de filhos havidos por mulheres não solteiras, segundo o tipo de local onde foi passada a infância, e a ocupação do marido ou a religião

Ocupação do marido e Religião	Tipo do local onde foi passada a infância			
	Rural	Vila	Cidade	Total
1	2	3	4	5
Ocupação do marido				
Profissão liberal ..	1,56	1,57	1,94	1,75
Administração superior	2,73	2,22	2,31	2,51
Empregado de escritório	1,97	1,58	1,81	1,82
Comércio	2,07	1,77	1,68	1,87
Serviços	2,10	2,02	1,98	2,07
Agricultura e pesca	3,18	2,77	(3,33)	3,15
Trabalhador especializado	2,41	2,03	2,11	2,29
Religião				
Católica	2,50	1,96	2,00	2,30
Outra	2,54	1,76	2,35	2,22
Nenhuma	1,79	1,69	1,68	1,73
Total	2,47	1,93	1,98	2,26

O número de filhos havidos apresenta uma correlação positiva com o grau de religiosidade mesmo quando se tem em conta a duração do casamento. Os números correspondentes ao total são os seguintes:

Assistência a serviços religiosos	N.º médio de filhos
Uma e mais vezes por semana	2,64
Duas ou três vezes por mês	2,41
Em ocasiões especiais	2,03
Nunca	1,84

Observa-se ainda que para as mulheres que casaram há 25 a 29 anos, as de maior religiosidade tiveram 1,2 filhos mais do que as que nunca assistem a serviços religiosos, 4,47 contra 3,23, enquanto que as mulheres que só ocasionalmente assistem a serviços religiosos tiveram 2,88 filhos.

4.3.4 — Fecundidade recente

Os Quadros 2.4.1, 2.4.2, 2.4.3A, 2.4.3B e 2.4.4, do Anexo Estatístico dão conta da natalidade nos cinco anos anteriores à data do inquérito. Estes valores permitem avaliar a probabilidade de aumento da família (número de filhos) à luz da influência de certas variáveis explicativas.

De facto, no Quadro 2.4.1 do Anexo Estatístico apresentam-se os valores médios do número de filhos nascidos nos últimos 5 anos, de mulheres continuamente no estado de casadas, segundo o número de filhos que tinham no início desse quinquénio e a idade. Assim, as mulheres que no início desse período tinham as idades de 20 a 24 anos tiveram durante ele o número médio de 0,89 filhos. Naturalmente o número de filhos já existentes no início do período pode influir no número médio de filhos nascidos durante ele.

Na realidade, deveria esperar-se que quanto maior fosse o número de filhos já havidos, menos seriam os nascimentos ocorridos posteriormente, e, portanto, nos últimos cinco anos; ora, o que se verifica é que o número de filhos havidos nesse período é de 0,99, quando o de filhos iniciais era nulo. Decresce até aos três filhos já havidos, para daí em diante crescer com esse número. Este facto verifica-se para todos os grupos etários, de forma mais ou menos regular, e poderia eventualmente explicar-se por uma selecção das mulheres mais fecundas, associada ao número de filhos, com que se inicia o período em causa. É evidentemente, uma explicação sujeita a ser questionada, pois de igual modo se poderia supor que um elevado número de filhos conduzisse a um esgotamento ou a um recurso mais preocupado aos contraceptivos.

A evolução do número de filhos havidos nos últimos cinco anos com a idade da mulher não apresenta qualquer anomalia, pois, como é natural, esse número decresce à medida que a idade aumenta, não só por a fecundidade diminuir como, também, por o número de filhos já havidos crescer também e dar origem a um menor desejo de acrescer a família.

Esta última razão não está inteiramente provada, como atrás se diz, mas não devemos esquecer que nessa análise se evidenciam as mulheres que tiveram, de facto, um número elevado de filhos, apontando, assim, para uma falta de controlo da natalidade, e que as idades mais altas incluem aquelas que, por terem atingido o número de filhos desejado, decidiram não ter mais filhos.

QUADRO LIV

Número médio de filhos havidos nos últimos 5 anos, por mulher, segundo a idade actual e o número de filhos anteriores

Idade actual		Número de filhos anteriores	
Idade	N.º de filhos	Filhos anteriores	N.º de filhos
1	2	3	4
< 20	—	0	0,94
20-24	1,23	1	0,47
25-29	0,89	2	0,17
30-34	0,60	3	0,22
35-39	0,36	4	0,30
40-44	0,17	5	0,33
45-49	0,06	6	0,45
		7	0,43
		8	0,50
		9 e mais ...	0,64
Total	0,38	Total	0,38

4.3.5 — Gravidezes em curso

A percentagem de mulheres presentemente casadas que à data do inquérito se encontravam grávidas foi de 4,6 variando com a idade, o número de filhos vivos, a idade ao primeiro casamento, e é analisada de acordo com estas variáveis, nos Quadros 2.4.5 e 2.4.6 do Anexo Estatístico.

Segundo a idade, a percentagem de mulheres que se encontravam grávidas acusa o seu valor mais alto nas idades mais baixas, 18,8 %, correspondendo ao grupo de menos de 20 anos e decres-

cendo continuamente até atingir o valor zero no grupo de 45 a 49 anos. Esta evolução é a seguinte:

Idade	Percentagem de mulheres actualmente grávidas
< 20 anos	18,8
20-24	15,6
25-29	8,7
30-34	3,1
35-39	2,2
40-44	1,0
45-49	0,0
Total	4,6

Embora o estado de adiantamento das gravidezes não seja referido, podemos admitir, com certa aproximação, que elas correspondem a nascimentos que terão lugar no ano seguinte e assim, se conhecermos o número total de mulheres casadas, poderemos estimar o número de nascimentos totais esperados.

A evolução da percentagem de mulheres casadas actualmente grávidas, segundo o número de filhos vivos, segue uma trajectória semelhante à que foi já referida para o número médio de filhos havidos nos últimos cinco anos, com essa mesma variável, isto é, decresce à medida que o número de filhos vivos aumenta, até este número atingir o valor 3, para depois subir. Os comentários a esta evolução são os mesmos que anteriormente foram feitos.

N.º de filhos vivos	Percentagem de mulheres casadas actualmente grávidas
0	20,8
1	5,7
2	1,5
3	1,6
4	1,7
5	0,0
6	2,1
7	4,9
8	0,7
9 e mais	4,4
Total	4,6

Particularmente notável o escalonamento dos valores associados a zero, um e dois filhos vivos, que são necessariamente dominantes, visto corresponderem à maioria das mulheres observadas. Também aqui o conhecimento destas percentagens associado ao de mulheres classificadas segundo o número de filhos vivos poderá ser útil auxiliar na previsão do número de nascimentos.

Como era de calcular a evolução destas percentagens varia com a idade da mulher, e o alto valor associado a zero filhos vivos resulta da elevada percentagem de mulheres jovens que ali se encontram às quais correspondem percentagens de grávidas de 29,3 para o grupo de menos de 20 anos e de 41,0 de 20 a 24 anos.

4.4 — Atitude face ao número de filhos

4.4.1. — Desejo de ter mais filhos

A percentagem de mulheres actualmente casadas «fecundas» (isto é, sem nenhum impedimento à fecundidade) que não querem ter mais filhos é tema dos Quadros 3.1.1, 3.1.2 e 3.1.3 do Anexo Estatístico.

Quanto ao número de filhos, essa percentagem, logo para três filhos vivos, atinge um valor bastante elevado que praticamente se mantém até ao valor 6. Daí em diante novamente encontramos um comportamento já apontado, com a percentagem descendo à medida que o número de filhos aumenta. Tais percentagens, como é óbvio, são as complementares das que exprimem o desejo de ter mais filhos e que no extremo da classificação do número de filhos havidos atinge valores que merecem alguma atenção como a seguir se vê:

Percentagem:	N.º de filhos vivos (incluindo eventualmente a gravidez actual)										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9 e +	Total
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
de mulheres que não querem mais filhos	14,4	41,8	84,9	89,0	88,6	90,0	92,3	83,7	85,2	73,2	68,5
de mulheres que querem mais filhos	85,6	58,2	15,1	11,0	11,4	10,0	7,7	16,3	14,8	26,8	31,5

A idade é, também condicionante do desejo de ter mais filhos, crescendo a percentagem das que não querem mais filhos com a idade, assim como cresce com o tempo decorrido desde o primeiro casamento.

QUADRO LV

Percentagem de mulheres casadas e fecundas que não querem mais filhos, segundo a idade actual e o tempo decorrido desde o primeiro casamento

Mulheres		Tempo decorrido desde o primeiro casamento	
Idade actual (anos)	%	Anos decorridos	%
1	2	3	4
< 20	12,9	< 5	24,2
20-24	28,5	5- 9	62,0
25-29	44,4	10-14	79,5
30-34	70,9	15-19	89,7
35-39	81,5	20-24	93,6
40-44	89,4	25-29	95,4
45-49	94,7	30 e mais ...	87,9
Total	68,5	Total	68,5

De notar que no grupo de mulheres de 45-49 anos, que praticamente atingiram o fim do período fecundo, se encontram 5,3 % que querem mais filhos, percentagem esta que no grupo anterior, 40-44, atinge o elevado valor de 10,6.

Quanto ao grau de ensino atingido, é de notar que é nos graus secundário e superior que se encontram as menores percentagens de mulheres, nas condições referidas, que não querem mais filhos, á volta dos 56 %, e nas sem escolaridade que se encontra o valor mais alto, 85,4 %, valor provavelmente aqui associado à mais elevada idade das mulheres deste grupo. Este último grupo, sem escolaridade, apresenta características muito especiais, pois mesmo nas que não têm filhos se encontram 50,0 % que não querem mais filhos, e nas que têm 1 filho, 81,8 % não querem mais. Note-se, contudo, que o primeiro destes grupos tem apenas 10 mulheres. O conjunto das mulheres que tem o grau primário incompleto tem, também, características semelhantes, pois 38,5 % das que não têm filhos, e 62,4 % das que têm um filho, declararam não querer mais filhos.

O tipo do local de residência não é um factor muito importante no desejo de não querer ter mais filhos. Em Lisboa 71% das mulheres não querem mais filhos, enquanto que na área das localidades de menos de 10 000 habitantes essa percentagem é de 66 %.

Outras variáveis explicativas apresentam uma relação do mesmo nível. Apenas referiremos que os grupos com mais elevadas percentagens são: mulheres que passaram a sua infância numa vila (73 %), mulheres com religião diferente da católica (78 %), mulheres que não estão actualmente a trabalhar mas trabalharam antes e depois do casamento (81 %) e mulheres que assistem a serviços religiosos 2 a 3 vezes por mês (43 %).

No inquérito em Portugal fez-se a distinção entre *querer* mais filhos e *esperar ter* mais filhos. Esta distinção fez-se porque num país de baixa fecundidade, como Portugal, ela pode ter significado e pode fornecer indicações sobre a confiança que as mulheres depositam na realização dos seus desejos. De facto, só 3 % das mulheres exprimiram discrepância entre o que querem e o que esperam.

A sua distribuição é a seguinte:

	Percentagens
Não querem mais	
não esperam mais	63,6
esperam mais	0,9
Querem mais	
não esperam mais	2,1
esperam mais	23,7
Não sabem	9,7

O desejo de ter ou não mais filhos é condicionado por circunstâncias de natureza diversa que se procurou identificar por meio de uma pergunta que foi formulada de forma adequada às mulheres em cada um dos grupos que declarou querer ter ou declarou não querer ter mais filhos. Esta pergunta tinha em vista definir a causa mais importante.

As respostas obtidas do grupo de mulheres que declarou não querer ter mais filhos (ou um filho se não tinham nenhum) figuram no Quadro 3.1.7 do Anexo Estatístico.

Destacam-se, como razões mais importantes invocadas pelo conjunto, a saúde, a idade e dificuldades económicas, sendo de notar que o grupo de «outras razões» atinge certa importância. De notar, também, que as dificuldades de habitação só foram invocadas por 2,1 % das mulheres e a falta de serviços de apoio por 0,6 %. Como era de

esperar, a preocupação com a dimensão da população foi das razões menos vezes invocadas, 0,3 %.

O conteúdo dos Quadros 3.1.7 do Anexo Estatístico em que estas opiniões são apresentadas de acordo com o número de filhos havidos, associado à idade, ao grau de instrução, dimensão do local de residência e ocupação do marido, pode resumir-se como se indica no Quadro LVI.

Naturalmente que à medida que a idade aumenta a frequência com que é invocada como razão principal para não ter mais filhos cresce e por isso a influência das restantes razões deve ser apreciada dentro de cada grupo etário.

No conjunto, verifica-se que só no grupo de idade de 45 anos e mais a razão económica não é a mais frequentemente invocada.

Considerando todas as razões que foram referidas, a sua importância escalona-se para o grupo total das mulheres que declararam não querer ter mais filhos, do modo seguinte:

1.ª	Razões económicas	41,1 %
2.ª	Idade	20,5 %
3.ª	Saúde	12,4 %
4.ª	Querer trabalhar fora	2,4 %
5.ª	Dificuldades de habitação	2,1 %
6.ª	Demasiado trabalho	1,6 %
7.ª	Falta de serviços de apoio	0,6 %
8.ª	Aumentar a instrução	0,5 %
9.ª	Excesso de população	0,3 %
Outras		18,7 %

Quando se classificam as respostas por dimensão do local de residência encontra-se acrescida a importância da dificuldade de habitação.

QUADRO LVI

Razão mais importante invocada para não querer ter mais filhos, segundo a idade e o número de filhos vivos

Número de filhos vivos	Razões invocadas	Idade (anos)				
		Menos de 25	25-34	35-44	45 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7
0	Saúde	(20,0)	(0,0)	(16,7)	(25,0)	18,2
	Idade	(0,0)	(0,0)	(50,0)	(75,0)	40,9
	Situação económica	(30,0)	(25,0)	(11,1)	(0,0)	13,6
	Outras	(50,0)	(75,0)	(22,2)	(0,0)	27,3
1	Saúde	4,7	15,9	17,9	18,7	16,0
	Idade	0,0	0,5	36,6	65,4	25,8
	Situação económica	46,9	48,6	24,4	9,3	32,2
	Outras	48,4	35,0	21,1	6,6	26,0
2	Saúde	2,8	7,9	14,3	15,1	11,3
	Idade	0,0	1,1	18,3	62,4	16,7
	Situação económica	66,2	60,7	47,8	12,9	49,0
	Outras	31,0	30,2	19,6	9,6	23,0
3	Saúde	(0,0)	7,5	15,0	6,8	10,8
	Idade	(0,0)	0,0	17,5	61,4	19,8
	Situação económica	(58,3)	55,1	40,2	19,3	41,4
	Outras	(41,7)	37,4	27,3	12,5	28,0
4	Saúde	(0,0)	7,9	14,8	6,3	11,6
	Idade	(0,0)	0,0	16,3	52,1	20,9
	Situação económica	(50,0)	57,9	37,8	10,4	35,6
	Outras	(50,0)	34,2	31,1	31,2	31,9
5 e mais	Saúde	—	11,1	11,0	14,6	12,4
	Idade	—	0,0	15,9	44,7	25,1
	Situação económica	—	40,7	36,6	19,4	30,5
	Outras	—	48,2	36,5	21,3	32,0
Total	Saúde	4,3	9,7	14,8	13,8	12,4
	Idade	0,0	0,7	21,4	58,8	20,5
	Situação económica	55,3	56,3	39,5	14,0	41,1
	Outras	40,4	33,3	24,3	13,4	26,0

QUADRO LVII

Frequência com que foi invocada a dificuldade de habitação, segundo a dimensão do local de residência

Local de residência	Percentagem
Lisboa	4,5
Porto	5,9
Mais de 20 000 habitantes	3,7
De 10 000 a 20 000	0,3
Menos de 10 000	1,5

A pergunta sobre a razão principal para querer ter mais filhos foi apenas formulada às mulheres que tinham já dois ou mais filhos vivos e declararam querer ter mais filhos. As razões mais frequentemente apontadas foram querer um rapaz, querer uma rapariga, o gostar de crianças, e ser a vontade de Deus. Também aqui o grupo de «Outras razões» apresenta bastante importância.

As exigências agora impostas ao grupo reduziram bastante o seu efectivo. Ao passo que as que declararam não querer ter mais filhos atingiam 3016, as que tinham já dois ou mais filhos vivos e declararam querer mais foram apenas 282. Resulta daqui que a maior parte dos valores que figuram no Quadro LVIII se baseiam num número de casos inferior a 20 e o seu valor para efeito de comparações fica bastante reduzido.

QUADRO LVIII

Razão mais importante invocada por mulheres com dois ou mais filhos vivos para querer ter mais filhos segundo a idade e o número de filhos vivos

Número de filhos vivos	Razões invocadas	Idade (anos)				
		Menos de 25	25-34	35-44	45 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7
0	Querer um rapaz	—	—	—	—	—
	Querer uma rapariga	—	—	—	—	—
	Gostar de crianças	—	—	—	—	—
	A vontade de Deus	—	—	—	—	—
	Outras	—	—	—	—	—
1	Querer um rapaz	(0,0)	(14,3)	—	—	(7,1)
	Querer uma rapariga	(0,0)	(14,3)	—	—	(7,1)
	Gostar de crianças	(50,0)	(14,3)	—	—	(35,7)
	A vontade de Deus	(16,7)	(0,0)	—	—	(7,1)
	Outras	(33,3)	(57,1)	—	—	(43,0)
2	Querer um rapaz	11,5	20,4	14,9	—	17,2
	Querer uma rapariga	26,9	25,2	23,4	—	24,4
	Gostar de crianças	26,9	29,1	21,3	—	26,7
	A vontade de Deus	7,7	6,8	8,5	—	8,3
	Outras	27,0	18,5	31,9	—	23,4
3	Querer um rapaz	(25,0)	13,6	(5,9)	—	11,6
	Querer uma rapariga	(0,0)	40,9	(5,9)	—	23,3
	Gostar de crianças	(50,0)	13,6	(41,2)	—	27,9
	A vontade de Deus	(0,0)	4,5	(23,5)	—	11,6
	Outras	(25,0)	27,4	(23,5)	—	26,4
4	Querer um rapaz	(0,0)	(0,0)	(6,7)	—	4,3
	Querer uma rapariga	(0,0)	(50,0)	(5,9)	—	21,7
	Gostar de crianças	(0,0)	(0,0)	(41,2)	—	4,3
	A vontade de Deus	(0,0)	(33,3)	(23,5)	—	26,1
	Outras	(100,0)	(16,7)	(22,9)	—	46,6
5 e mais	Querer um rapaz	—	(20,0)	(0,0)	—	4,5
	Querer uma rapariga	—	(20,0)	(8,3)	—	9,1
	Gostar de crianças	—	(0,0)	(8,3)	—	9,1
	A vontade de Deus	—	(0,0)	(50,0)	—	45,5
	Outras	—	(60,0)	(33,4)	—	31,8
Total	Querer um rapaz	10,8	18,2	9,8	—	13,8
	Querer uma rapariga	18,9	28,0	16,3	—	22,0
	Gostar de crianças	32,4	23,8	21,7	—	24,1
	A vontade de Deus	8,1	7,0	18,5	—	13,1
	Outras	29,8	23,0	33,7	—	27,0

Considerando o conjunto das razões apresentadas por essas 282 mulheres poderemos classificá-las por importância (medida pela frequência com que foram apontadas) do modo seguinte:

1.ª	Gostar de crianças	24,1 %
2.ª	Querer uma rapariga	22,0 %
3.ª	Querer um rapaz	13,8 %
4.ª	A vontade de Deus	13,1 %
5.ª	É bom ter irmãos	2,8 %
6.ª	Vantagens económicas	1,1 %
7.ª	Benefício para o país	0,0 %
Outras		23,0 %

Como o desejo de não ter mais filhos, o de ter mais filhos é insensível às razões nacionais e apoia-se exclusivamente em razões individuais. O elevado valor correspondente a «Outras causas» em ambos os casos mostra também que grande parte das mulheres inquiridas não tinham prestado muita atenção ao assunto visto que o leque das causas consideradas é bastante amplo no seu conteúdo para não se justificar que outras causas que não as muito particulares possam estar contidas em «Outras causas».

QUADRO LIX

Desejo de última gravidez

Percentagem:	Número de filhos havidos										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9 e +	Total
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
de mulheres que não desejaram a última gravidez	(11,8)	21,1	42,7	59,4	62,9	61,5	64,2	58,0	54,5	38,8	40,6
de mulheres que desejaram a última gravidez	(88,2)	78,9	57,3	40,6	37,1	38,5	35,8	42,0	45,5	61,2	59,4

4.4.2 — Desejo da última gravidez

Como complemento da análise feita anteriormente em relação ao desejo de ter mais filhos, figuram nos Quadros 3.1.4 e 3.1.5, do Anexo Estatístico, as percentagens de mulheres que declararam não ter desejado a última gravidez que tiveram ou a actual (ver Quadro LX).

Com o número de filhos vivos a percentagem de mulheres que não desejaram a última gravidez cresce até ao 6.º filho para depois decrescer. Novamente se verifica a evolução em U já apontada. Repare-se, porém, que, a partir dos três filhos havidos vivos, a percentagem de gravidezes não desejadas é superior a 50 %, com excepção das mulheres que tiveram 9 e mais filhos vivos.

Com a idade, a percentagem de últimas gravidezes não desejadas cresce ligeiramente, parecendo não ser a idade factor determinante nessa atitude.

O tempo decorrido desde o primeiro casamento já se mostra mais influente, crescendo a percentagem de gravidezes não desejadas com o tempo decorrido desde o primeiro casamento. É de crer que exista aqui a interferência do número de filhos havidos.

4.4.3 — Número de filhos adicionais esperados

Reveste-se de especial interesse a comparação dos resultados referentes à última gravidez não desejada com os que se obtêm dos Quadros 3.2.5 do Anexo Estatístico onde o número de filhos adicionais esperados se apresenta.

A informação fornecida por esses Quadros é sintetizada no Quadro LXI.

QUADRO LX

Percentagem de mulheres que declararam não ter desejado a última gravidez que tiveram

Segundo a idade actual		Segundo o tempo decorrido desde o primeiro casamento	
Idade	%	Tempo decorrido	%
1	2	3	4
< 20 anos	39,0	< 5 anos	27,8
20-24	31,6	5- 9	36,8
25-29	32,8	10-14	44,4
30-34	39,8	15-19	46,2
35-39	43,7	20-24	43,7
40-44	47,7	25-29	47,0
45-49	42,8	30 e mais	53,7
Total	40,6	Total	40,6

QUADRO LXI

Número médio de filhos adicionais esperado por mulher fecunda actualmente casada, segundo:

a) a escolaridade			*b*) o tempo decorrido desde o primeiro casamento			*c*) a religião		
Classes	N.º médio de filhos adicionais esperado		Classes	N.º médio de filhos adicionais esperado		Classes	N.º médio de filhos adicionais esperado	
	Total	Com *0* filhos vivos		Total	Com *0* filhos vivos		Total	Com *0* filhos vivos
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Primário incompleto ..	0,19	1,05	Menos de 5 anos ...	1,00	1,96	Católica	0,33	1,62
Primário completo ...	0,35	1,77	5 a 9	0,33	1,35	Outra	0,25	(1,33)
Secundário incompleto	0,49	1,72	10 a 14	0,16	1,00	Nenhuma	0,46	1,61
Secundário completo ..	0,58	1,92	15 a 19	0,07	(0,30)			
Superior incompleto ...	0,50	(1,94)	20 a 24	0,03	(0,25)			
Superior completo	0,58	(1,63)	25 a 29	—	—			
			30 e mais	0,06	(2,00)			
Total	0,33	1,61	Total	0,33	1,61	Total	0,33	1,61

d) a dimensão do local de residência			*e*) a ocupação do marido			*f*) a idade		
Classes	N.º médio de filhos adicionais esperado		Classes	N.º médio de filhos adicionais esperado		Classes	N.º médio de filhos adicionais esperado	
	Total	Com *0* filhos vivos		Total	Com *0* filhos vivos		Total	Com *0* filhos vivos
10	11	12	13	14	15	16	17	18
Lisboa	0,31	1,44	Profissão liberal	0,50	1,94	Menos de 20 anos	1,23	1,82
Porto	0,24	(1,50)	Administração superior	0,19	(1,67)	20 a 24	0,94	1,99
Mais de 20 000 habitantes	0,27	1,47	Empregado de escritório	0,32	1,53	25 a 29	0,61	1,98
De 10 000 a 20 000 ...	0,19	(1,35)	Comércio	0,30	1,62	30 a 34	0,27	1,73
Menos de 10 000	0,37	1,71	Serviços	0,29	(1,08)	35 a 39	0,15	1,14
			Agricultura e pesca	0,30	1,26	40 a 44	0,06	0,58
			Trabalhador especializado	0,34	1,69	45 a 49	0,01	(0,18)
			Trabalhador não especializado	0,10	—			
			Não declarada	—	—			
Total	0,33	1,61	Total	0,33	1,61	Total	0,33	1,61

O conceito de «número de filhos esperado» é de certo modo vago e possivelmente as inquiridas nunca teriam anteriormente pensado em tal. Muito mais sensível é o conceito de filhos ainda desejados, embora de conteúdo diferente.

Os números apurados como média de filhos adicionais esperados por mulher, parecem reflectir a circunstância acima apontada, embora se note uma certa congruência no caso das variáveis mais correlacionadas com o número esperado de filhos — idade e tempo decorrido desdo o primeiro casamento. De facto, há uma diminuição bem marcada do valor do número médio de filhos adicionais esperado, à medida que crescem os valores dessas duas variáveis, mas nota-se uma quebra mais acentuada do primeiro para o segundo grupo de dimensão do que do primeiro para o segundo grupo de idade (1,00 para 0,33 na duração e 1,23 para 0,94 na idade).

Na ocupação do marido destacam-se as profissões liberais em que o valor médio esperado é

de 0,50 e o imediatamente seguinte de 0,34, encontrado nos trabalhadores especializados.

O nível de educação atingido parece ter influência, subindo o valor médio de filhos adicionais esperados com o crescer do nível de escolarização.

As outras duas variáveis, religião e dimensão do local de residência, não apresentam valores de que se possa tirar uma conclusão.

Se considerarmos, agora, o número de filhos vivos já havidos, que nos Quadros do Anexo Estatístico vem cruzado com as variáveis explicativas acima referidas, encontramos para o conjunto a seguinte sequência de valores:

N.º de filhos havidos	N.º médio de filhos adicionais esperados
0	1,61
1	0,58
2	0,10
3	0,07
4	0,12
5	0,06
6	0,00
7	0,08
8	0,38
9 e mais	0,17
Total	0,33

série esta em que se nota também uma quebra importante ao passar de zero, para um filho vivo e para nos 2 e 3 filhos havidos continuar a descida de forma regular e depois oscilar sem aparente tendência mas conservando valores baixos.

Notemos que esta variável ficaria mais sensivelmente tipificada pela sua «moda». A média pela característica de medida sintética total apresenta o número médio de filhos esperado sob a forma decimal, perdendo, por isso, perceptibilidade, embora não perca o seu valor informador.

Revestem-se de especial interesse os valores médios de filhos esperados no caso de zero filhos vivos havidos. Na realidade, isso reflecte o interesse de limitar o número de filhos ou não, consoante a dimensão desse valor esperado. Em primeiro lugar, note-se a diferença entre os valores totais, 0,33 no conjunto e 1,61 no grupo das mulheres sem filhos vivos, e compare-se este último valor com o do número médio de filhos havidos por mulher, 2,26. Ressalta uma disparidade entre o esperado e o sucedido, sendo interessante ver o que esclarecem as classes das diversas variáveis explicativas para o que utilizaremos apenas aquelas em que o número de observações é superior a 20.

QUADRO LXII

Número médio de filhos esperado por mulheres sem filhos vivos e por mulheres de idade actual de 35 a 44 anos

Escolaridade	N.º médio de filhos esperado com zero filhos havidos vivos	N.º médio de filhos havidos por mulher de idade actual 35 a 44 anos	Diferenças
Primário incompleto	1,05	3,12	2,07
Primário completo	1,77	2,20	0,43
Secundário incompleto	1,72	2,10	0,38
Secundário completo	1,92	2,15	0,23
Religião			
Católica	1,62	2,70	1,08
Nenhuma	1,61	2,43	0,82
Dimensão do local de residência			
Lisboa	1,44	2,05	0,61
Mais de 20 000 habitantes	1,47	2,05	0,58
Menos de 10 000	1,71	2,98	1,27
Ocupação do marido			
Profissão liberal	1,94	2,23	0,29
Empregado de escritório	1,53	2,17	0,64
Comércio	1,62	2,08	0,46
Agricultura e pesca	1,26	3,42	2,16
Trabalhador especializado	1,69	2,80	1,11
Total	1,61	2,26	0,65

Desta comparação resulta manifesta a diferença entre esperança e realidade embora os grupos comparados não sejam constituídos pelas mesmas mulheres em épocas diferentes e até porque terão, de variável para variável composições etárias diferentes, mas não deixam de ser notáveis as diferenças encontradas sobretudo no grupo «primário incompleto» e «agricultura e pesca» ambos com mais de duas unidades de diferença entre o esperado e o observado.

4.4.4 — Número total de filhos desejado

Os Quadros 3.3.1 a 3.3.7 do Anexo Estatístico dão-nos informações sobre o número total de filhos desejado. É informação muito detalhada

de 0,50 e o imediatamente seguinte de 0,34, encontrado nos trabalhadores especializados.

O nível de educação atingido parece ter influência, subindo o valor médio de filhos adicionais esperados com o crescer do nível de escolarização.

As outras duas variáveis, religião e dimensão do local de residência, não apresentam valores de que se possa tirar uma conclusão.

Se considerarmos, agora, o número de filhos vivos já havidos, que nos Quadros do Anexo Estatístico vem cruzado com as variáveis explicativas acima referidas, encontramos para o conjunto a seguinte sequência de valores:

N.º de filhos havidos	N.º médio de filhos adicionais esperados
0	1,61
1	0,58
2	0,10
3	0,07
4	0,12
5	0,06
6	0,00
7	0,08
8	0,38
9 e mais	0,17
Total	0,33

série esta em que se nota também uma quebra importante ao passar de zero, para um filho vivo e para nos 2 e 3 filhos havidos continuar a descida de forma regular e depois oscilar sem aparente tendência mas conservando valores baixos.

Notemos que esta variável ficaria mais sensivelmente tipificada pela sua «moda». A média pela característica de medida sintética total apresenta o número médio de filhos esperado sob a forma decimal, perdendo, por isso, perceptibilidade, embora não perca o seu valor informador.

Revestem-se de especial interesse os valores médios de filhos esperados no caso de zero filhos vivos havidos. Na realidade, isso reflecte o interesse de limitar o número de filhos ou não, consoante a dimensão desse valor esperado. Em primeiro lugar, note-se a diferença entre os valores totais, 0,33 no conjunto e 1,61 no grupo das mulheres sem filhos vivos, e compare-se este último valor com o do número médio de filhos havidos por mulher, 2,26. Ressalta uma disparidade entre o esperado e o sucedido, sendo interessante ver o que esclarecem as classes das diversas variáveis explicativas para o que utilizaremos apenas aquelas em que o número de observações é superior a 20.

QUADRO LXII

Número médio de filhos esperado por mulheres sem filhos vivos e por mulheres de idade actual de 35 a 44 anos

Escolaridade	N.º médio de filhos esperado com zero filhos havidos vivos	N.º médio de filhos havidos por mulher de idade actual 35 a 44 anos	Diferenças
Primário incompleto	1,05	3,12	2,07
Primário completo	1,77	2,20	0,43
Secundário incompleto	1,72	2,10	0,38
Secundário completo	1,92	2,15	0,23
Religião			
Católica	1,62	2,70	1,08
Nenhuma	1,61	2,43	0,82
Dimensão do local de residência			
Lisboa	1,44	2,05	0,61
Mais de 20 000 habitantes	1,47	2,05	0,58
Menos de 10 000	1,71	2,98	1,27
Ocupação do marido			
Profissão liberal	1,94	2,23	0,29
Empregado de escritório	1,53	2,17	0,64
Comércio	1,62	2,08	0,46
Agricultura e pesca	1,26	3,42	2,16
Trabalhador especializado	1,69	2,80	1,11
Total	1,61	2,26	0,65

Desta comparação resulta manifesta a diferença entre esperança e realidade embora os grupos comparados não sejam constituídos pelas mesmas mulheres em épocas diferentes e até porque terão, de variável para variável composições etárias diferentes, mas não deixam de ser notáveis as diferenças encontradas sobretudo no grupo «primário incompleto» e «agricultura e pesca» ambos com mais de duas unidades de diferença entre o esperado e o observado.

4.4.4 — Número total de filhos desejado

Os Quadros 3.3.1 a 3.3.7 do Anexo Estatístico dão-nos informações sobre o número total de filhos desejado. É informação muito detalhada

de filhos havidos exerce sobre a resposta produzindo o crescimento daquele número e a diminuição da percentagem correspondente à classe modal.

Certamente o número de filhos vivos havido influi na caracterização do número de filhos dedesejado.

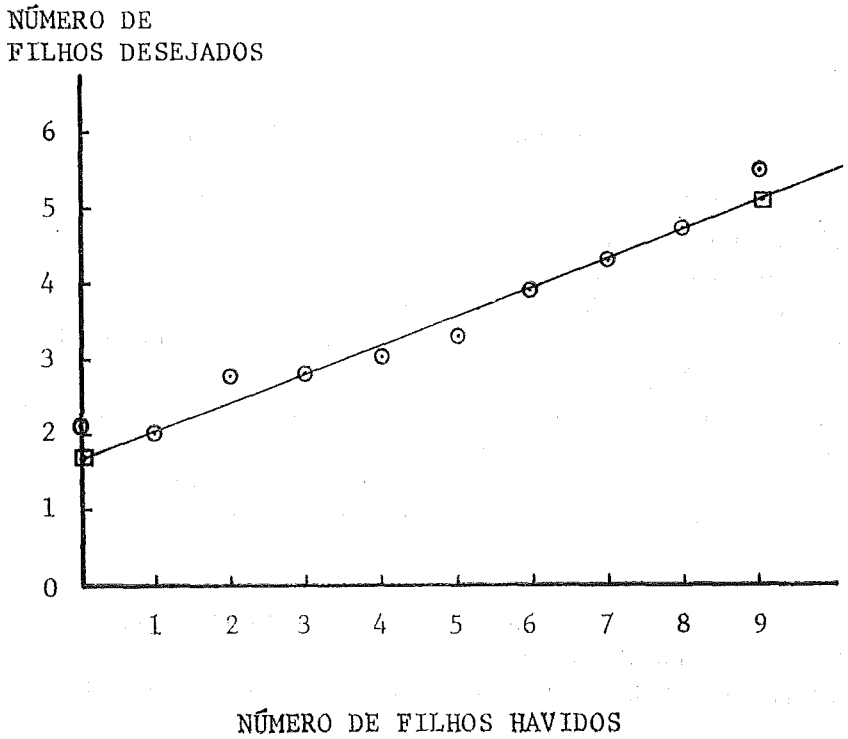
Número de filhos vivos havido	Filhos desejados		
	Média	Moda	
		Classe	%
0	2,12	2	63,6
1	2,02	2	63,3
2	2,31	2	67,9
3	2,81	3	53,2
4	2,97	4	35,6
5	3,27	5	30,0
6	3,92	6	24,7
7	4,31	4	26,2
8	4,86	2-3-4-8	17,2
9	5,31	2-3	25,0
Total	2,43	2	54,3

A definição da classe modal é agora mais precária e acompanha o crescer do número de filhos vivos havido com certo atraso.

Como é natural as mulheres que tiveram um número baixo de filhos desejam ter mais, e as que tiveram um número elevado, isto é, superior à média observada, teriam desejado menos. De facto, só as diferenças encontradas para cima do valor médio (2,26) correspondem a aferidor da concordância ou discordância entre o desejo e a realidade pois as classes de pequeno número de filhos havidos estão largamente pesadas por mulheres de baixa idade, portanto, ainda a tempo de ver realizado o que desejavam. Só uma análise por idades que, classificando as mulheres no final do período fecundo, segundo o número de filhos vivos havidos e os desejados, permitirá concluir dos insucessos positivos e negativos.

GRÁFICO - III

VARIAÇÃO DO NÚMERO DE FILHOS DESEJADOS COM O NÚMERO DE FILHOS HAVIDOS



QUADRO LXV

Número de filhos desejado e o de filhos vivos havidos por mulheres não solteiras de 40-44 anos

N.º de filhos havidos	N.º de filhos desejado	Diferença
0	1,96	1,96
1	1,96	0,96
2	2,21	0,21
3	2,90	— 0,10
4	2,84	— 1,16
5	3,26	— 1,74
6	3,89	— 2,11
7	(2,89)	— 4,11
8	(4,86)	— 3,14

QUADRO LXVI

Número de filhos vivos havidos e o de desejados por mulheres não solteiras tendo decorrido 25 a 29 anos desde o primeiro casamento

N.º de filhos havidos	N.º de filhos desejado	Diferença
0	(2,13)	2,13
1	1,92	0,92
2	2,34	0,34
3	2,64	— 0,36
4	2,43	— 1,57
5	3,80	— 1,20
6	3,76	— 2,24

Nas séries acima transcritas vê-se que as mulheres de 40 a 44 anos, portanto muito perto do final do seu período fecundo, não conseguiram realizar os seus desejos, pois para o grupo com o número de filhos vivos havidos inferior a 3, que contém cerca de 60 % do total dessas mulheres, o número de filhos vivos havidos é inferior ao desejado. Ao contrário, quando o número de filhos desejado é elevado, o de filhos havidos é-lhe superior. Também aqui não há acordo entre desejo e realidade mas esta ultrapassa aquele.

O grupo das mulheres que casaram pela primeira vez há 25-29 anos, cuja actividade fecunda se pode considerar praticamente terminada, apresenta características semelhantes, o número de filhos havidos é menor que o desejado nos valores baixos e maior nos elevados.

As diversas variáveis explicativas parece não influirem grandemente no número médio de filhos desejado; varia de 2,18 nas localidades de 10 000 ou mais habitantes (excluindo Lisboa e Porto) a 2,80 quando a actividade do marido é «Agricultura e pesca».

O número médio de filhos por mulher é um indicador muito sensível da natalidade. Se, atendendo à masculinidade dos nascimentos, a conservação da população exige que cada mulher tenha 2,1 filhos em média, a passagem deste valor médio a 2,3 dará origem a uma população superior em 10 % aproximadamente à inicial. Sendo assim, o conhecimento do que é desejado pelas mulheres constitui indicador de grande utilidade numa política populacional.

Nem sempre o desejo de ter mais filhos coincide com a esperança de ter mais filhos e a conjugação destes dois factores é analisada no Quadro 3.1.6 do Anexo Estatístico limitado às mulheres actualmente casadas, onde se vê que em 63,6 % das mulheres inquiridas, o desejo e a esperança de não ter mais filhos coincidiam, e em 23,7 % a coincidência dá-se entre o desejo e esperança de ter mais filhos. Apenas 3 % das inquiridas deram respostas em que desejo e esperança não coincidiam. É porém de notar que das mulheres actualmente casadas sem filhos só 12,1 % disseram não querer e não esperar mais filhos e 78,5 % querer e esperar mais filhos, mas com 5 e mais filhos já as posições dessa combinação se invertem, 75,8 % declararam não querer e não esperar mais filhos e só 4,8 % querer e esperar mais filhos.

É ainda de notar que é entre as mulheres com 3 a 4 filhos vivos que se encontra a maior percentagem das que não querem e não esperam mais filhos com pequena vantagem para as que têm três filhos vivos.

Manifestado o desejo de ter mais filhos e conhecido o número médio de filhos desejado, reveste-se de interesse investigar da preferência pelo tempo a decorrer até ao próximo nascimento. Naturalmente perguntas neste sentido só foram postas às mulheres expostas ao risco de gravidez ou grávidas na altura do inquérito.

Das respostas obtidas resulta que a duração média do tempo preferido a decorrer até ao próximo nascimento é de 2,3 anos, que essa preferência varia com o número de filhos havidos e o tempo decorrido desde o primeiro casamento.

O tempo determina uma evolução decrescente do espaçamento entre o próximo filho e o último filho havido. O número de filhos havidos parece determinar um crescimento do espaçamento com o número de filhos havidos mas sobrepõe-se aqui o efeito tempo dificultando uma conclusão.

QUADRO LXVII

Duração preferida para o próximo intervalo fechado
(em anos)

Tempo decorrido desde o primeiro casamento	Duração preferida	Número de filhos havidos	Duração preferida
1	2	3	4
Menos de 10 anos	2,4	0	1,9
10-19	1,9	1	2,5
20 e mais	(1,9)	2	2,7
Total	2,3	3	2,6
		4	1,9
		5 +	(2,3)
		Total	2,3

4.4.5 — Influência do sexo dos filhos vivos havidos no desejo de ter mais filhos

Os Quadros 3.4.1, 3.4.2, 3.4.3, 3.4.5 e 3.4.6 do Anexo Estatístico procuram informar da influência que o facto de ter ou não ter filhos de determinado sexo influi no desejo de não ter mais filhos.

Esta influência é analisada por idade actual da mulher e por tempo decorrido desde o primeiro casamento.

O grupo etário em que esta influência mais interessa é, de entre os utilizados, o dos 25 aos 34 anos das mulheres fecundas actualmente casadas e não grávidas. Num tal grupo de mulheres a percentagem das que não têm filhos e querem ter um ou mais é de 95,7 %. Evitando as classes de menos de 20 observações o Quadro 3.4.1 do Anexo Estatístico referente ao grupo etário de 25 a 34 anos toma o aspecto seguinte:

QUADRO LXVIII

Percentagem de mulheres actualmente casadas fecundas de 25 a 34 anos que querem mais filhos

Número de filhos	Sexo dos filhos		Percentagem das mulheres que querem mais filhos
	H	M	
1	2	3	4
0			95,7
1	1	0	72,1
	0	1	70,0
2	2	0	20,1
	1	1	16,1
	0	2	27,3
3	3	0	33,3
	2	1	8,6
	1	2	10,5
	0	3	18,2

As mulheres que têm um filho, na sua maioria desejam ter mais filhos, mas essa percentagem é maior se o filho já havido é do sexo masculino. Mas das mulheres que já têm dois filhos apenas uma percentagem, que anda pelos 20 % a 25 %, que querem ter mais filhos, cerca de 75 % está insatisfeita com esse número de filhos, contudo, se os dois filhos havidos são de sexo diferente, a percentagem das que querem mais filhos é menor, e de entre as que têm dois filhos do mesmo sexo parece esboçar-se uma maior satisfação nas que têm duas filhas.

Finalmente do quadro tiramos ainda a conclusão de que se são três os filhos vivos havidos e do mesmo sexo, a determinação de ter mais filhos é muito mais forte se eles são do sexo masculino do que se são do sexo feminino (cerca do dobro a percentagem de mulheres nessas condições que declararam querer mais filhos no caso de os três que primeiro têm serem do sexo masculino). Se os filhos havidos incluem os dois sexos, a percentagem das que querem mais filhos baixa muito, para cerca de 10 %, e aqui o interesse em ter mais filhos afigura-se maior se dos dois filhos havidos só um é do sexo feminino.

Parece assim que a influência do sexo dos filhos e seu doseamento, exerce uma influência no desejo de ter mais filhos, mas quando há só um filho, essa influência é pouco marcada, mas com superioridade se o filho havido é do sexo masculino. Se há dois filhos e são do mesmo sexo sucede o inverso, isto é, a superioridade agora dá-se quando são ambos do sexo feminino.

De novo, no caso de três filhos, volta a ser a presença de todos do sexo masculino que dá a mais elevada percentagem de mulheres que querem mais filhos, mas a percentagem das mulheres satisfeitas com essa combinação de filhos de sexo diferente, parece um pouco mais marcada se são dois do sexo feminino.

Pode concluir-se que as mulheres dão preferência a um doseamento equilibrado dos seus filhos segundo o sexo com pelo menos um filho de cada sexo, contudo, quando esse equilíbrio não é conseguido, parece depreender-se dos números apresentados que as mulheres ficam mais satisfeitas com excesso de raparigas do que de rapazes.

A preferência que têm as mulheres fecundas não grávidas que esperam ter outro filho, por determinado sexo desse filho é analisada nos Quadros 3.4.3 e 3.4.4 do Anexo Estatístico, o primeiro de acordo com a idade da mulher e o segundo

de acordo com o tempo decorrido desde o primeiro casamento. Deles se extrai a informação seguinte:

QUADRO LXIX

Preferência pelo sexo do próximo nascimento

Tendo já tido... filhos do sexo indicado		Percentagem das mulheres que preferem:	
n.º de filhos	sexo	um rapaz	uma rapariga
0	H	62,3	14,3
	M	14,8	64,1
1	H	9,1	73,0
	M	68,4	11,6
2	H	10,4	83,6
	M	74,2	9,1
3	H	(11,8)	(70,6)
	M	(63,2)	(15,8)
4	H	(25,0)	(62,5)
	M	(100,0)	(20,0)

Assim, das mulheres que não tiveram nenhum filho do sexo masculino, 62,3 % preferem que o próximo filho seja um rapaz e 14,3 % uma rapariga, porém se não tiveram nenhuma filha 14,8 % preferem um rapaz e 64,1 % uma rapariga; há assim uma perfeita inversão de preferências. Em todos os outros casos a existência de filhos de determinado sexo leva as preferências para o sexo oposto no próximo nascimento.

4.4.6 — Influência da assistência a actos religiosos no número de filhos desejado

Já anteriormente se referiu que a religião foi uma das variáveis explicativas consideradas e que a informação foi obtida basicamente à custa de uma pergunta sobre a religião professada. Também se disse que o facto de a grande maioria das mulheres se ter declarado católica (92 %) tornava praticamente impossível a análise do efeito da religião nas variáveis derivadas e que, por se entender que a resposta à pergunta sobre a religião seguida se presta a diferentes conceitos de «seguir uma religião», sobretudo a católica, se introduziram perguntas suplementares procurando caracterizar, ou tentar medir, o grau de aderência a uma religião. Essas perguntas permitiram uma classificação das mulheres obse vadas segundo a sua assistência a actos religiosc sem distinguir a religião indicada como a seguid Naturalmente que a aderência a uma ou outı religião determinará comportamentos diferente mas, como já dissemos, a grande maioria dı mulheres declarou-se católica (apenas 91 decl raram seguir outra religião) de modo que a assi tência a actos religiosos, embora não se espec fique que se trata de actos do rito católico, é ć facto a medida de aderência à prática da religiã católica.

O grupo das mulheres actualmente casadas fecundas é formado por 4477 mulheres que s repartem do modo seguinte, segundo a religiã declarada:

Católicas	4 117
Outra religião	81
Nenhuma	279
Total	4 477

e segundo a assistência a actos religiosos:

1 ou mais vezes por semana	1 568
2 a 3 vezes por mês	635
Em ocasiões especiais	1 429
Nunca	566
Total	4 198

O primeiro comentário que estes números sugerem é de que embora 4117 mulheres do grupo se tenham declarado católicas, apenas 3632 assistiam a actos religiosos.

Parece, pois, que havia mulheres que nunca assistiam a actos religiosos e se declararam ou consideravam católicas.

Esta verificação justifica a decisão tomada de incluir as perguntas sobre assistência a actos religiosos, pois é de prever que a aderência aos princípios católicos seja muito frouxa nas mulheres que, embora se considerem católicas, reduzem a sua ligação à hierarquia ao ponto de nunca, ou só em ocasiões especiais, assistirem a actos religiosos.

No Quadro LXX procura-se medir a influência da assistência a actos religiosos sobre o número de filhos desejado através da percentagem de mulheres que tendo tido 2 ou 3 filhos declararam não querer mais. Trata-se de medir uma atitude não totalmente activa, visto que não querer ter mais não significa fazer algo para o conseguir, mas mesmo assim, face à latitude das

possíveis acções para transformar tal querer numa realidade, pode ser influenciada pela prática religiosa. É o que nos mostra este quadro, pois nele se vê que a percentagem das mulheres que, tendo tido 2 ou 3 filhos, não querem ter mais, cresce com a diminuição da frequência com que assistem a actos religiosos e isto em todos os grupos etários considerados, com pequenas excepções. Nota-se, ainda, que essa percentagem cresce com a idade, como é natural.

Comparando as percentagens obtidas no grupo das que disseram assistir a actos religisos uma e mais vezes por semana com a que caracteriza o grupo das que se declararam católicas, vê-se que naquele cerca de 55 % não querem mais filhos e no segundo 72,3 %. Admitindo que de facto o querer está relacionado com a acção para o conseguir, vê-se que há na realidade diferença apreciável de comportamento entre estes dois grupos.

a partir da restauração da democracia em 25 de Abril de 1974.

Em 1976 o Planeamento Familiar tornou-se, pela nova Constituição, um direito garantido a todos os portugueses. Em Fevereiro desse mesmo ano, o Secretário de Estado da Saúde de então, assinou um despacho determinando que em todos os Centros de Saúde, e sempre que tal fosse tecnicamente possível, se deviam criar consultas de Planeamento Familiar integradas nos cuidados materno-infantis.

A Direcção-Geral de Saúde organizou cursos de aperfeiçoamento em planeamento familiar nas cidades de Lisboa e Porto para formação de médicos e enfermeiras.

Foram-se abrindo, progressivamente, consultas de planeamento familiar — no fim de 1981 eram cerca de 300 — destinadas a dar apoio à população, com o objectivo de melhorar a saúde da mãe, da criança e da família. A grande maioria dos serviços prestados são gratuitos (incluindo o fornecimento de contraceptivos); por vezes é cobrada uma pequena importância.

QUADRO LXX

Influência da assistência a actos religiosos, e da religião no número de filhos desejados, por mulheres actualmente casadas e fecundas

3.1.3

Assistência a actos religiosos e religião	Número de mulheres actualmente casadas e fecundas	Percentagem de mulheres que tendo 2 ou 3 filhos vivos não querem mais					
		Idade					N.º médio de filhos desejados
		< 25 anos	25-34	35-44	45 e mais	Total	
1	2	3	4	5	6	7	8
Assistência							
1 ou mais vezes por semana	1 568	54,9	72,9	80,9	95,8	78,6	3,6
2 a 3 vezes por mês	635	64,3	77,9	89,1	100,0	85,0	3,1
Em ocasiões especiais	1 429	79,5	87,3	95,1	99,0	91,4	2,4
Nunca	566	86,7	88,0	95,8	96,3	91,6	2,5
Religião							
Católica	4 117	72,3	81,0	88,5	97,8	85,7	2,9
Outra	81	(60,0)	(83,3)	(93,3)	(100,0)	86,5	3,8
Nenhuma	279	(60,0)	88,6	95,4	(100,0)	89,7	2,4
Total	4 477	71,0	81,5	88,9	97,9	86,0	2,9

4.5 — Conhecimento e uso da contracepção

Introdução

O planeamento familiar nunca foi em Portugal elemento de política demográfica, mas passou a ser considerado um importante factor de saúde

Os métodos contraceptivos disponíveis nos Centros de Saúde, são hormonais, DIU, mecânicos e químicos, para além dos métodos naturais. Não são efectuadas esterilizações masculinas ou

femininas; a esterilização pode, contudo, ser praticada por razões médicas, nos principais hospitais.

O acesso às consultas de Planeamento Familiar é facultado a toda a população, independentemente do seu estado civil. Porém, a partir de 1981, os menores de 18 anos carecem de autorização paterna ou materna para recorrer a tais serviços.

Há, também, atendimento de casais com problemas de infecundidade, os quais, quando necessário, são encaminhados para serviços especializados. O aborto é ilegal e punível com 2 a 8 anos de prisão. A pena é aplicável tanto à mulher como a quem opera o aborto. Mesmo assim avalia-se em 100 000 o número de abortos clandestinos realizados por ano. Os casos de aborto levados a tribunal andam por menos de 8 por ano.

O Fundo das Nações Unidas para os Assuntos da População tem prestado, desde 1978, apoio técnico e financeiro a vários organismos ligados ao planeamento familiar e também à Associação para o Planeamento da Família (não governamental).

As actividades financiadas incluem treino, educação, informação, fornecimento de contraceptivos, comunicação e investigação.

Um projecto extensivo de educação foi levado a cabo pela Comissão da Condição Feminina em colaboração com outros departamentos.

O número total de consultas individuais sobre planeamento familiar realizadas em Centros de Saúde tem evoluido do modo seguinte:

1976	1977	1978	1979	1980
18 862	40 404	72 234	112 326	163 702

(não se dispõe de informação referente a outros técnicos ou médicos particulares).

Por outro lado, a taxa de mortalidade infantil que, em 1975, era de 39 por mil, desceu para 26 por mil em 1979. A taxa de mortalidade materna desceu de 4,2 por 10 000 nados-vivos para 3,0 por 10 000 no mesmo período.

4.5.1 — **Conhecimento contraceptivo**

A informação referente ao conhecimento de contraceptivos foi obtida através de uma pergunta de resposta aberta feita a todas as mulheres, na qual se pedia fossem indicados os métodos anticoncepcionais de que tinham ouvido falar. Em seguida, tomando como referência uma lista em que eram especificados os métodos, a entrevistadora descrevia resumidamente cada método que não tinha sido mencionado espontaneamente na pergunta anterior e perguntava à mulher inquirida se tinha ouvido falar do método descrito. Se a resposta era «sim», o método em causa era considerado conhecido pela mulher. Os métodos considerados na lista acima referida são indicados no questionário que figura, reproduzido, na parte final deste relatório.

No Quadro LXXI figuram as respostas obtidas, tanto à pergunta de resposta aberta como à pergunta que se lhe seguia. Como nesse Quadro se vê, só para a pílula é que a maior percentagem de conhecedoras não resultou da segunda pergunta. Isto sugere que, ou as mulheres não consideravam muitos dos métodos como de facto métodos contraceptivos ou que se acanhavam em referí-los espontaneamente. Devemos lembrar-nos de que as respostas são certamente influenciadas por erros de memória e defeitos da entrevistadora. Contudo, ressalta dos resultados, com grande nitidez, que as mulheres portuguesas identificam espontaneamente o uso da pílula como contracepção «aceitável».

Convém notar que os dados aqui referidos só são indicadores do conhecimento de cada método e nada indicam sobre a sua utilização.

Parece, pois, que o conhecimento de algum método contraceptivo é universal em Portugal (v. Quadro LXXII). Apenas 2 % das mulheres que tinham estado casadas confessaram não ter ouvido falar de nenhum método, ao passo que 96 % declararam ter ouvido falar de, pelo menos, um método eficiente. (Considera-se aqui como método eficiente qualquer dos seguintes: pílula, DIU, outros métodos femininos científicos, preservativos, injecção e esterilização feminina ou masculina, e ineficientes todos os outros).

O método mencionado por maior número de mulheres foi o «coito interrompido» (94 %) que, contudo, é conhecido por uma percentagem apenas ligeiramente maior do que o que vem em segundo lugar, a pílula (93 %). Como se vê, não há grandes diferenças de conhecimento entre mulheres de idade diferente, excepto nos grupos etários mais elevados, onde é ligeiramente menor devido principalmente ao facto de os métodos modernos como a pílula, o DIU e a injecção, serem menos conhecidos por mulheres de mais idade.

Em geral os dados sobre conhecimento não se apresentam muito diferenciados como deve espe-

QUADRO LXXI

Percentagem das mulheres que tinham estado casadas e ouviram falar de cada um dos métodos contraceptivos referidos por tipo de pergunta

Método	Tipo de pergunta		
	Resposta aberta	Método especificado	Total
1	2	3	4
Pílula	70	23	93
DIU	27	46	73
Outros métodos femininos científicos (1)	17	40	57
Duche	2	60	62
Preservativo	20	67	87
Ritmo	11	61	72
Coito interrompido	13	81	94
Esterilização feminina	3	71	74
Esterilização masculina	1	28	29

(1) Inclui o diafragma, geleias, espumas, esponjas, etc.

QUADRO LXXII

Percentagem de mulheres que tinham estado casadas, que ouviram falar de cada um dos métodos contraceptivos, referidos segundo a idade

4.2.1 A

Método	Idade (anos)					
	Menos de 20	20-24	30-34	40-44	45-49	Total
1	2	3	4	5	6	7
Pílula	97	96	96	88	87	93
DIU	72	81	80	65	59	73
Outros métodos femininos científicos	56	67	62	51	44	57
Duche	54	60	64	61	61	62
Preservativo	88	90	89	85	84	87
Ritmo	66	75	75	68	65	72
Coito interrompido	91	95	95	91	92	94
Esterilização feminina	72	77	77	70	64	74
Esterilização masculina	27	32	30	24	22	29
Injecção	30	22	17	10	7	14
Comprimidos	8	5	5	6	4	5
Cones	9	14	11	7	6	9
Outro	7	7	8	7	8	7
Nenhum método	0	1	1	3	3	2
Só ineficiente	1	1	1	3	3	2
Algum eficiente	99	98	98	94	94	96
Algum método	100	99	99	97	97	98

rar-se, visto haver um nível de conhecimento geral muito elevado. Assim, quanto ao nível de conhecimento atingido, os níveis mais baixos de conhecimento encontram-se nas mulheres sem educação, ou menos que o primário (95 % e 96 %, respectivamente). Quanto à ocupação do marido, o nível mais baixo corresponde às mulheres cujos maridos trabalham na agricultura e pesca. Não se encontram grandes diferenças quando se toma a religião como variável explicativa (v. Quadro 4.2.2 do Anexo Estatístico).

QUADRO LXXIII

Percentagem de mulheres que tinham estado casadas, declarando conhecimento de qualquer método contraceptivo, por educação e ocupação do marido

4.2.2

Educação		*Ocupação do marido*	
Nenhuma	95	Profissão liberal	100
Primário		Quadro superior de administração	100
Incompleto	96	Empregados de escritório	100
Completo	99	Comércio	100
Secundário		Serviços	98
Incompleto	100	Agricultura e pesca	92
Completo	100	Trabalhador especializado	99
Superior		Trabalhador não especializado	96
Incompleto	100		
Completo	100		

4.5.2 — Uso de contracepção

Para avaliar da forma de uso da contracepção, perguntou-se, com referência a cada intervalo entre gravidezes, se a mulher tinha usado algum método nesse intervalo e, se sim, qual. Cada método referido, em resposta a estas perguntas, foi considerado posteriormente como «alguma vez usado» ou simplesmente «usado». Este procedimento diferiu do seguido na maior parte dos países participantes no W. F. S., onde, depois de se ter verificado que determinado método era conhecido, se perguntava à mulher se o tinha usado alguma vez, sem relacionamento com qualquer nascimento ou intervalo entre gravidezes.

De entre todas as mulheres que tinham estado casadas, 78 % usou um método contraceptivo em determinada altura. Contudo, só 36 % usou um

método eficiente, enquanto que 42 % recorreu a um método ineficiente.

Os métodos usados com maior frequência são: o coito interrompido (38 %) seguido pela pílula (30 %). Os métodos que se seguem a estes, na sua frequência, são: o preservativo (8 %) e o ritmo (7 %). O uso de todos os outros métodos reduz-se a menos de 5 % de todas as mulheres. Só 1 % das mulheres foi esterilizado com fins contraceptivos (v. Quadro LXXIV).

ficientes e o seu uso cresce com a idade (ver Gráfico IV). Esta situação reflecte o baixo nível de aceitação da pílula por mulheres de mais elevada idade, possivelmente em ligação com a relutância de, (ou a dificuldade em) recorrer a outros métodos eficientes, como o DIU ou a esterilização.

O uso eventual também não apresenta diferenças notáveis face às variáveis explicativas (ver Quadro LXXV). Como era de esperar, o uso eventual é substancialmente mais elevado nas mulhe-

QUADRO LXXIV

Percentagem de mulheres que tinham estado casadas, que usaram eventualmente o método contraceptivo indicado, por idade da mulher e número de filhos vivos

Método	Idade (anos)								Número de filhos vivos	
	Menos de 20	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total	Menos de 4	4 e mais
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Pílula	55	45	44	38	30	18	11	30	31	24
DIU	1	3	6	6	5	3	1	4	4	4
Outros métodos femininos científicos	2	3	5	5	4	4	3	4	4	4
Duche	0	0	1	1	1	2	2	1	1	2
Preservativo	0	4	6	12	8	11	8	8	9	6
Ritmo	0	4	6	9	8	7	8	7	7	8
Coito interrompido	14	24	30	37	45	45	42	38	37	45
Esterilização feminina	0	0	0	1	1	1	1	1	1	3
Esterilização masculina	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Injecção	1	4	3	3	2	1	0	2	2	2
Comprimidos	2	0	1	1	1	2	1	1	1	2
Cones	2	4	4	5	4	4	3	4	4	3
Outro	0	1	1	2	3	3	3	2	2	2
Nenhum método	30	24	16	15	19	24	33	22	21	30
Só ineficiente	14	22	28	30	40	43	47	35	35	36
Algum eficiente	56	54	56	55	41	33	20	43	44	34
Algum	70	76	84	85	81	76	67	78	79	70

O uso eventual de um qualquer método classificado por idade da mulher segue a forma típica de U invertido, com níveis de uso à volta de 70 % nos grupos extremos. Esta evolução do uso com a idade não se mantém quando se faz a distinção entre métodos eficientes e não eficientes. O uso eventual de métodos ineficientes sobe com a idade, ao passo que o de métodos eficientes decresce com a idade. Isto resulta, sobretudo, de ser a pílula o método eficiente mais utilizado e o seu uso declinar quando a idade aumenta, enquanto que o coito interrompido é o mais utilizado dos métodos ine-

res com menos filhos do que nas com, por exemplo, 5 e mais filhos, com a excepção evidente dos grupos sem filhos, em que muitas das mulheres estão grávidas ou possivelmente em vias de ficar grávidas ou então são infecundas. No que respeita ao grau de educação atingido observa-se o esperado padrão de evolução e aumento do uso com o crescimento do grau de educação atingido pela mulher. Esta correlação é mais acentuada nos grupos de paridade não nula mais baixa, apontando, possivelmente, para um planeamento mais precoce nas mulheres de mais elevada escolari-

dade. Contudo, mesmo entre as mulheres sem escolaridade, 65 % recorreu alguma vez a métodos contraceptivos.

O uso eventual em localidades de menos de 20 000 habitantes é substancialmente menor (74 %) do que no resto do país (variando entre 84 % e 89 %). Esta diferença verifica-se mesmo nos diversos grupos etários.

As católicas usaram contracepção em bastante menor grau (77 %) do que as com outras religiões (89 %) ou as sem religião (89 %). Lembremos, contudo, a diminuta representação destes dois últimos grupos.

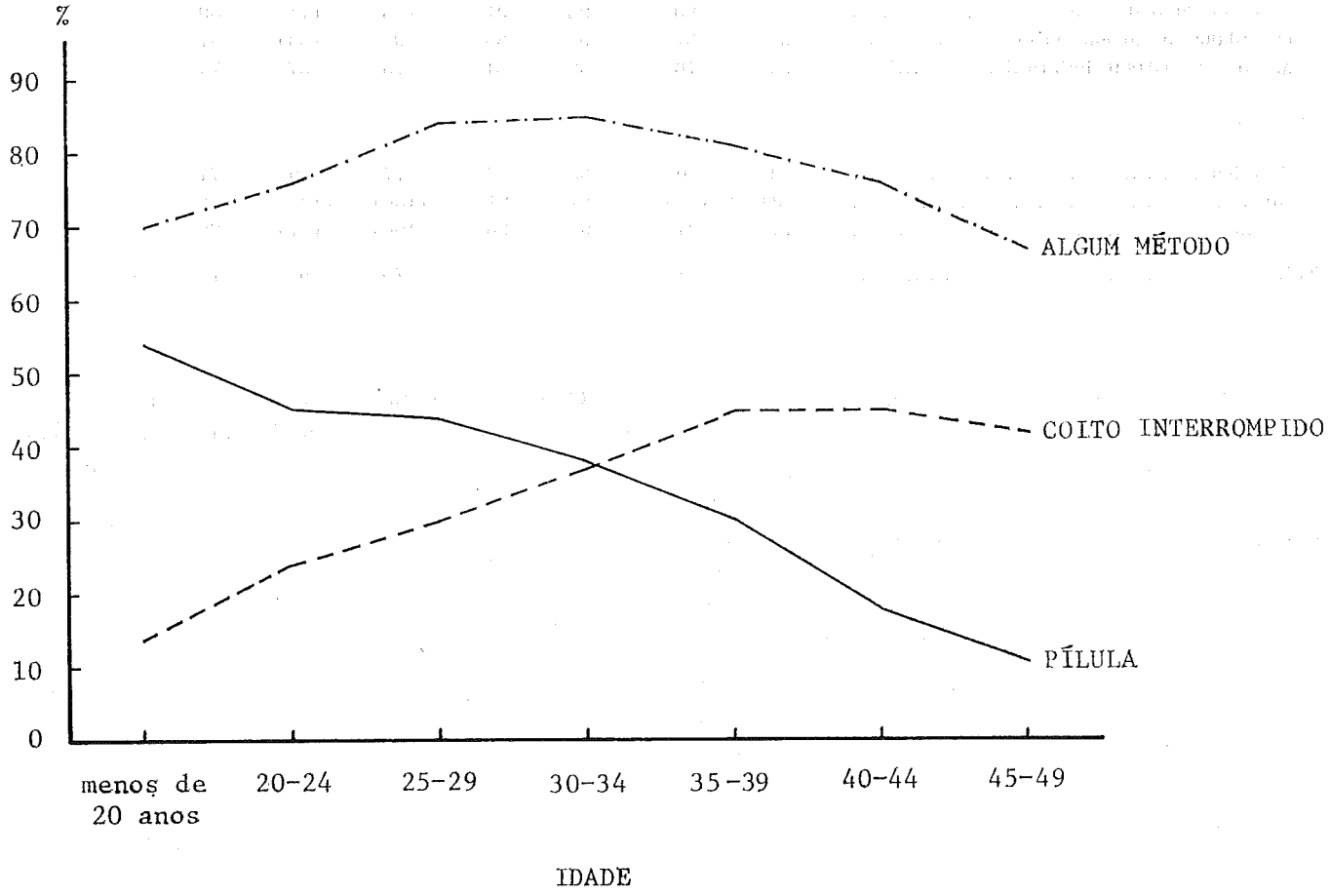
As mulheres cujos maridos trabalhavam na agricultura e pesca são, de todos os grupos de actividade, as que usaram menos contracepção (60 %) seguidas de perto daquelas cujos maridos são trabalhadores não especializados (65 %) (ver Quadro 4.3.2 do Anexo Estatístico).

De uma forma geral, pode dizer-se que três quartos das mulheres usaram contracepção alguma vez e que, à parte ligeiras diferenças determinadas pela idade e a paridade, já referidas, e a situação especial de um ou dois grupos de escolaridade e de ocupação do marido, não se detectam diferenças importantes no uso de contracepção.

É de notar que quase metade das mulheres sem filhos vivos já usaram um método contraceptivo. Neste grupo de mulheres o uso cresce marcadamente com o grau de instrução, indicando uma maior determinação entre as mulheres de nível escolar mais elevado para adiar ou evitar ter filhos (ver Quadro 4.3.2 do Anexo Estatístico).

GRÁFICO - IV

PERCENTAGEM DE USADORES EVENTUAIS POR IDADE E MÉTODO



QUADRO LXXV

Percentagem das mulheres que tinham estado casadas, que usaram o método contraceptivo indicado, por número de filhos vivos, o nível de escolaridade, a dimensão da região da habitação e a religião

Variável	Número de filhos vivos							Estandardizado pelo número de filhos vivos
	0	1	2	3	4	5	Total	
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nível de escolaridade								
Sem escolaridade	16	74	73	69	62	69	62	65
Primário incompleto	26	70	75	77	77	65	70	69
» completo	30	79	88	89	85	82	81	80
Secundário incompleto	60	87	93	92	96	(75)	85	88
» completo	74	96	97	100	(75)	(—)	90	89
Superior incompleto	(79)	93	95	95	(83)	(100)	93	90
» completo	80	97	93	(83)	(100)	62	90	87
Idade								
Menos de 25 anos	55	82	87	(79)	(100)	(—)	75	
25-34	55	84	89	90	83	79	84	
35-44	29	80	85	83	77	70	79	
45-49	22	71	77	75	75	63	67	
Dimensão do local de residência								
Lisboa	63	87	85	93	(90)	(100)	84	
Porto	(33)	92	94	90	(79)	(67)	84	
Mais de 20 000 habitantes	57	90	95	91	(88)	(71)	89	
De 10 000 a 20 000 habitantes	62	87	92	88	92	(80)	87	
Menos de 10 000 habitantes	39	76	82	81	75	67	74	
Religião								
Católica	42	80	85	83	77	69	77	
Outra	(63)	(89)	91	91	(100)	(100)	89	
Nenhum	74	91	92	90	(100)	(67)	89	
Total	46	81	85	84	78	69	78	

4.5.3 — Uso actual de contracepção

Às mulheres actualmente casadas expostas ao risco de gravidez, isto é, ao grupo que resulta de excluir do total, as viúvas, divorciadas, separadas e infecundas (por razão diferente da esterilização para fins contraceptivos), foi posta a pergunta sobre o uso actual de contracepção.

Embora haja outros grupos de mulheres a quem também foram feitas perguntas sobre o uso de contraceptivos apenas para estas se especificaram os métodos usados.

A este grupo se referem as considerações que se seguem:

Convém em primeiro lugar notar que, no contexto do WFS, a esterilização para fins contraceptivos foi considerada um método contraceptivo com as características de ser totalmente eficiente e irreversível nisto se distinguindo dos restantes. Por esta razão as mulheres esterilizadas para fins contraceptivos foram consideradas expostas ao risco de gravidez usando um método totalmente eficiente.

Das mulheres expostas ao risco de gravidez 76 % está a usar um método para evitar ficar grávida. Os métodos mais frequentemente utilizados são: o coito interrompido (29 %) seguido da pílula (22 %) e o preservativo (7 %). Com excepção do ritmo (5 %), todos os outros métodos são

usados por 4 % ou menos das mulheres expostas (ver Quadro LXXVI).

Do mesmo modo que com o uso eventual, o uso actual da pílula apresenta um decréscimo contínuo com a idade, indo de 40 % nas mulheres de menos de 25 anos a 7 % nas 45 a 49 anos. O coito interrompido varia de forma inversa, crescendo o seu uso com a idade da mulher e indo de 18 % nas mulheres com menos de 25 anos a 40 % nas de 45-49 anos. O uso actual de um qualquer método é semelhante, nas suas linhas gerais, em qualquer dos grupos etários, mas ainda em forma de U invertido, apresentando os grupos extremos percentagens à volta de 70 % e o valor máximo no grupo 30 a 34 anos (81 %). Veja-se o Quadro 4.4.2 do Anexo Estatístico que dá mais detalhes sobre a idade e número de filhos vivos do que o contido no Quadro LXXVI.

No que se refere ao número de filhos vivos, o valor menor do uso corrente encontra-se, como era de esperar, nas mulheres sem filhos vivos, com apenas 48 % usando um método. O valor mais elevado, 81 %, corresponde às mulheres com dois filhos vivos, e de aí em diante decresce rapidamente para 63 % e menos no grupo de mulheres com 6 ou mais filhos vivos.

Naturalmente este esquema, uniforme nas suas linhas gerais, que se observa em Portugal não deve admirar. Apesar de 50 % das mulheres expostas ao risco de gravidez terem 35 anos ou mais, menos de 8 % tiveram 5 ou mais filhos. Este facto é indicativo de uma já longa tradição em controlo de nascimentos, que é, também, demonstrado pelo facto de menos de 2 % das mulheres expostas com menos de 35 anos terem 5 ou mais filhos vivos.

As diferenças encontradas no uso actual não são, portanto, de espantar e o uso analisado à face às variáveis explicativas apresenta o mesmo relacionamento que se encontrou no uso eventual (ver Quadro LXXVII).

QUADRO LXXVI

Percentagem das mulheres expostas ao risco de gravidez, que estão actualmente a usar determinado método contraceptivo, por idade e número de filhos vivos

4.4.1

Método	Idade (anos)					Filhos vivos			
	Menos de 25	25-34	35-44	45-49	Total	Menos de 3	3	4	5 e mais
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pílula	40	28	16	7	22	23	21	18	17
DIU	3	6	4	1	4	4	3	6	3
Outros métodos femininos científicos	2	2	3	2	2	2	3	2	2
Duche	0	0	1	1	1	1	1	1	0
Preservativo	3	7	8	5	7	7	7	5	1
Ritmo	2	5	4	6	5	5	3	4	3
Coito interrompido	18	25	34	40	29	28	35	33	29
Esterilização feminina	0	1	1	2	1	0	2	3	4
Esterilização masculina	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Injecção	3	2	1	1	1	2	2	1	2
Comprimidos	0	0	1	1	1	1	1	0	0
Cones	2	2	3	3	2	2	2	2	2
Outro	0	1	2	2	1	1	1	1	0
Total	73	79	78	71	77	76	81	76	63
Nenhum método	27	21	22	29	23	24	19	24	37
Só ineficiente	23	33	45	53	39	38	43	41	35
Algum eficiente	50	46	33	18	38	38	38	35	28

QUADRO LXXVII

Percentagem das mulheres expostas ao risco de gravidez que estão actualmente a usar um método contraceptivo, segundo as variáveis explicativas

4.4.5

Grau de instrução atingido		*Ocupação do marido*	
Sem instrução	65	Profissão liberal	80
Primário		Administração superior	87
incompleto	69	Empregado de escritório	84
completo	79	Comércio	80
Secundário		Serviços	80
incompleto	83	Agricultura e pesca	60
completo	83	Trabalhadores especializados	76
Superior		Trabalhadores não especializados	(56)
completo	84	*Religião*	
incompleto	85	Católica	76
Dimensão do local de residência		Outra	76
Lisboa	84	Nenhuma	85
Porto	83		
Mais de 20 000 habitantes	87		
De 10 000 a 20 000	85		
Menos de 10 000	72		

Segundo o grau de ensino atingido, o valor mais baixo corresponde ao grupo sem instrução ou grau primário incompleto (65 % e 69 %, respectivamente); cresce até 79 % para as mulheres que completaram o grau primário e conserva-se entre 83 e 84 % nos grupos que atingiram os graus de ensino mais elevados.

Por dimensão de região é aos lugares de menos de 10 000 habitantes que corresponde o valor mais baixo (72 %), oscilando, em todas as restantes classes, entre 83 % e 87 %.

As mulheres sem religião têm percentagem de uso cerca de 10 pontos percentuais acima das declaradas católicas ou com outra religião, grupos estes com níveis de uso de 76 %.

Mulheres cujos maridos trabalham na agricultura ou pesca são as que menos usam, com apenas 60 % das mulheres desse grupo expostas ao risco de gravidez e a usar contracepção. As casadas com trabalhadores especializados usam em 76 % dos casos e nos grupos de actividades restantes a percentagem oscila entre 80 % e 87 %.

A importância relativa dos métodos contraceptivos referidos pode ser resumida do modo seguinte: das mulheres que estão actualmente a usar contracepção, 29 % usa a pílula, 38 % o coito interrompido, e as restantes, algum dos outros métodos, dos quais o preservativo é o mais frequentemente usado, com 9 %.

É interessante notar como a frequência do uso de cada método em Portugal se compara com a observada noutros países (ver Quadro LXXVIII).

QUADRO LXXVIII

Distribuição percentual de mulheres a usar contracepção, por tipo de método e país

Países	Pílula	DIU	Preservativo	Ritmo	Coito interrompido	Outros	Total
1	2	3	4	5	6	7	8
Bélgica	38	4	8	15	27	8	100
Dinamarca	35	14	39	1	2	9	100
Reino Unido	36	9	23	1	6	25	100
França	34	13	8	9	29	7	100
Espanha	26	1	10	12	44	7	100
Costa Rica	35	8	14	8	7	28	100
Panamá	32	7	2	5	6	48	100
Portugal	29	5	9	6	38	13	100

Origem: Jerzy Berent — Family Planning in Europe and USA in the 1970's
COSTA RICA FIRST COUNTRY REPORT. PANAMA FIRST COUNTRY REPORT

Como se vê, as mulheres utilizadoras de contracepção em Portugal compartilham com as da Bélgica, França e Espanha uma grande confiança na pílula e no coito interrompido, enquanto que as dos outros países a confiança localiza-se ou na pílula e preservativo ou na pílula e outros métodos, principalmente a esterilização no Panamá e na Costa Rica.

4.5.4 — Uso de contracepção e desejo de mais filhos

Das 4477 mulheres actualmente casadas e fecundas observadas na amostra, 28 % gostariam de ter outro filho, 68 % não desejam ter mais filhos e 4 % não têm opinião formada.

Numa situação em que as mulheres pudessem pôr rigorosamente em prática os seus desejos sobre a dimensão da família, o recurso aos contraceptivos, ao aborto e à abstinência terminal estaria estreitamente ligado ao desejo de não ter mais filhos.

Existe certamente uma relação, como se esperava, entre o desejo de ter mais filhos e o uso de

contraceptivos. Entre as mulheres expostas ao risco de gravidez que não querem ter mais filhos, 81 % estão actualmente a usar um método contraceptivo contra apenas 66 % das que desejam ter mais filhos. O grupo das mulheres indecisas sobre se querem ou não ter mais filhos tem curiosamente a mais baixa percentagem de usadoras actuais, 55 %, o que faz crer numa selecção enviesada e admitir que a indecisão e a ignorância sobre o uso contraceptivo são motivadas por razões idênticas. (v. Quadro LXXIX).

QUADRO LXXIX

Percentagem das mulheres expostas ao risco de gravidez, a usar actualmente um método contraceptivo, por natureza deste, o número de filhos vivos e o desejo de ter mais filhos

5.2.1

Número de filhos vivos	Método			
	Nenhum	Ineficiente	Eficiente	Total
1	2	3	4	5
	Desejam mais filhos			
Menos de 3	33	29	38	67
3	35	28	38	66
4	57	26	17	43
5 e mais	(79)	(11)	(11)	(22)
Total	34	28	38	66
	Não desejam mais filhos			
Menos de 3	17	44	39	83
3	18	43	39	82
4	21	43	37	80
5 e mais	32	38	30	68
Total	19	43	38	81
	Indecisas			
Menos de 3	41	29	30	59
3	(37)	(47)	(16)	(63)
4	(50)	(50)	(0)	(50)
5 e mais	76	14	10	24
Total	45	30	25	55

Entre as mulheres expostas que não querem ter mais filhos quase o dobro das que têm 5 ou mais filhos não está a usar um método, comparadas com as que têm menos filhos. De notar que as mulheres de paridade mais elevada são certamente as mais velhas e é provável que este grupo de mulheres inclua um número apreciável de mulheres que disseram que podiam ter mais um filho se o desejassem, mas que são na realidade infecundas.

Esta explicação é, em parte, justificada pelo facto de ser a duração média do intervalo aberto observado nas mulheres que não usaram contracepção nesse intervalo de 106 meses no grupo etário de 35-44 anos e de 147 meses no de 45-49 anos (v. Quadro 4.6.1 do Anexo Estatstico).

É interessante notar que tanto as mulheres que querem mais filhos como as que não querem, estão a usar um método contraceptivo eficiente, exactamente a mesma proporção (38 %). Assim, o nível mais elevado de utilizadoras entre as mulheres que não querem mais filhos resulta exclusivamente da maior proporção a usar um método ineficiente. Isto, por sua vez, é com certeza devido ao facto de que a maioria das mulheres de mais idade cai na categoria das que não querem mais filhos, e, como se viu anteriormente, as mulheres mais velhas tendem a recorrer a métodos ineficientes.

O uso actual de um método eficiente por mulheres expostas ao risco de gravidez que não querem mais filhos está mais intimamente relacionado com a idade do que com o número de filhos vivos. As mulheres mais jovens são muito mais propensas a usar um método eficiente do que as mais idosas dentro do mesmo grau de paridade, enquanto que o uso por graus de paridade não varia apreciavelmente e consistentemente dentro de cada grupo etário. O comportamento das mulheres de paridade mais elevada é um tanto errático.

QUADRO LXXX

Percentagem das mulheres actualmente casadas expostas ao risco de gravidez e não querem mais filhos, a usar um método contraceptivo eficiente, segundo o número de filhos vivos e a idade

5.2.3 A

Idade (anos)	Número de filhos vivos						
	1	2	3	4	5	6	Total
1	2	3	4	5	6	7	8
20-24	59	51	(54)	(0)	(—)	(—)	53
25-29	64	53	47	(70)	(100)	(67)	56
30-34	50	51	54	74	(47)	(100)	53
35-39	41	40	42	29	20	46	38
40-44	30	33	31	35	24	44	32
Total	39	40	39	37	26	38	38

O aspecto geral pode ser descrito a traços largos do modo seguinte: as mulheres que não querem mais filhos recorrem a métodos contra-

ceptivos mais intensamente do que as que quem mais filhos ou estão indecisas. Contudo, o uso de contraceptivos para efeito de espaçamento dos nascimentos está tão generalizado, que essas diferenças não são muito grandes, principalmente se se tiver em consideração que, de entre as mulheres mais idosas, muitas dizem que não querem mais filhos mas não estão a usar nenhum método contraceptivo porque são na realidade infecundas. O uso de contraceptivos é elevado em todas as fases do ciclo reprodutivo e as mulheres recorrem ao uso de métodos de contracepção indiferentemente quer queiram quer não ter mais filhos.

4.5.5 — Formas de planeamento familiar

O inquérito fornece dados sobre o uso de métodos contraceptivos em cada intervalo intergravidezes. Esta informação permite relacionar o uso de contraceptivos no contexto da formação da família, dando ao mesmo tempo uma espécie de referência temporal aos níveis da prática contraceptiva. Estes dados também tornam possível o estudo da falha contraceptiva tal como foi declarada pelas inquiridas, e, assim, podem ser construídas histórias de prática contraceptiva. No seguimento deste relatório concentrar-nos-emos apenas nos aspectos detectados mais importantes, uma vez que o estudo detalhado destes dados será objecto de trabalho especial de análise que terá lugar depois da publicação deste relatório que se limita aos resultados mais importantes.

4.5.5.1 — Planeamento dos nascimentos segundo a ordem de nascimento

Uma boa medida da forma como o planeamento familiar tem sido aceite pela população como meio de limitar ou programar os nasci-

QUADRO LXXXI

Percentagem das utilizadoras de contracepção segundo o intervalo entre nascimentos, os anos desde o primeiro casamento, o grau de instrução e a dimensão do local de residência

4.5.11; 4.5.12; 4.5.13; 4.5.14

Classes	Antes do primeiro nascimento(1)	Entre o primeiro nascimento e o segundo(2)	Entre o segundo nascimento e o terceiro
1	2	3	4
Anos desde o primeiro casamento			
Menos de 10	26	—	—
10 a 19	18	47	—
20 e mais	16	39	—
Grau de instrução			
Nenhum	16	36	42(3)
Primário incompleto	14	37	44
Primário completo	20	51	47
Secundário incompleto	27	53	49
Secundário completo	30	54	52
Superior incompleto	24	50	60
Superior completo	38	54	63
Dimensão do local de residência			
Lisboa	24	47	48
Porto	18	44	51
Mais de 20 000 habitantes	24	59	57
De 10 000 a 20 000	25	49	51
Menos de 10 000	17	41	45
Total	19	44	59(4)

(1) Calculada na base das mulheres casadas há pelo menos 5 anos cujo primeiro nascimento ocorreu nos primeiros 5 anos de casamento.
(2) Calculada na base das mulheres casadas há pelo menos 10 anos cujo segundo nascimento ocorreu nos primeiros 10 anos de casamento.
(3) Os números traduzem o uso antes do nascimento mais recente, incluindo assim mulheres cujo mais recente nascimento foi o primeiro ou segundo.
(4) Calculada na base das mulheres cujo último nascimento foi o terceiro.

mentos é a proporção de casais ou mulheres que começam cedo esse planeamento. Em países de fecundidade elevada, em que os esforços de planeamento familiar apenas se iniciaram, é típico que sejam as mulheres que desejam não ter mais filhos as primeiras a aceitar o planeamento familiar. É geralmente verdade que quanto mais bem aceite é o planeamento familiar, maior o número de casais ou mulheres começarão a determinar o intervalo entre o nascimento dos seus filhos de modo que os tenham quando o quizerem.

O Quadro LXXXI informa sobre a intensidade com que as mulheres tentaram planear o nascimento do seu primeiro filho, do segundo e subsequentes, permitindo assim uma visão do uso inicial de contracepção bem como da tendência em usá-la, tendo em consideração a paridade.

Os números que figuram neste quadro referem-se ao passado na medida em que se referem a mulheres que tiveram um primeiro, um segundo e um último filho. No que se refere à situação actual, esses números correspondem a uma subavaliação, visto os referentes a nascimentos ocorridos há mais tempo, representarem o efeito de atitudes que já evoluiram e também porque as utilizadoras bem sucedidas, isto é, mulheres que conseguiram evitar o nascimento em causa por meio de contracepção, não estão incluídas. Apesar disso pode dizer-se que a prática contraceptiva cresce marcadamente com a paridade até ao terceiro filho visto que começa com 19 % observado no período antes do primeiro nascimento, sobe para 44 % no período entre o primeiro e o segundo e a 59 % entre o segundo e o terceiro.

O efeito do tempo não pode ser analisado neste quadro na medida em que os números que nele figuram resultam de dados referentes a todos os primeiros, todos os segundos e todos os terceiros, cobrindo assim não só o tempo recente como também o passado distante. Esta é mais uma razão porque os números traduzem uma subavaliação em comparação com a situação actual.

Tendo em consideração o nascimento mais recente (ou gravidez actual) e ordenando as utilizadoras segundo a paridade antes do nascimento, esclarecem-se melhor as afirmações feitas.

Pode ver-se agora que apesar de 19 % de todas as mulheres terem usado um método de contracepção antes do primeiro filho, 31 % fizeram-no se o primeiro filho é também o último, sugerindo assim um acréscimo considerável de uso contraceptivo durante o primeiro intervalo, ao longo do tempo. De facto, os números referentes ao intervalo mais recente são mesmo maiores do que os sugeridos uma vez que das mulheres expostas ao risco de gravidez que à data do inquérito tinham zero filhos vivos, 48 % estavam a usar um método de contracepção. Das que tinham 1 filho vivo 78% estão a usar e das com 2 filhos vivos 81 % usam. As contraceptoras bem sucedidas estão incluidas nestes últimos resultados e isso poderá explicar os acréscimos comparando-os com o planeamento antes do último nascimento.

QUADRO LXXXII

Percentagem das mulheres que usaram um método contraceptivo antes do nascimento do último filho segundo a paridade antes deste nascimento

4.5.11

Paridade antes do último nascimento	Percentagem de utilizadoras
1	2
0	31
1	57
2	59
3	53
4	44
5 e mais	39

A ideia do efeito do tempo e da paridade pode ser posta em evidência, mais claramente, classificando duplamente o uso durante os intervalos por número de gravidezes férteis (ver Quadro LXXXIII). Neste quadro é claramente aparente o efeito considerável da paridade no uso da contracepção comparando o uso durante o primeiro e o segundo intervalos dentro de cada categoria de gravidezes férteis. Por exemplo, 25 % das mulheres que só tiveram duas gravidezes férteis usaram antes do primeiro nascimento e 59 % antes do segundo. Do mesmo modo nas mulheres com 3 gravidezes férteis essas percentagens são de 20 % e 44 %, respectivamente, e 57 % antes do terceiro nascimento. No conjunto, e dentro de cada categoria de gravidezes férteis, as mulheres que usaram no segundo intervalo são cerca do dobro das que usaram no primeiro.

A influência do tempo não pode ser determinada com precisão a partir dos elementos que figuram neste quadro mas, se se aceitar que no conjunto as mulheres com poucas gravidezes férteis são mais novas do que as mulheres com muitas, pode ver-se que houve uma influência marcada do decorrer do tempo, embora se desconheça a escala da medida do tempo. Cerca do dobro das

QUADRO LXXXIII

Percentagem das mulheres que usaram um método contraceptivo segundo a ordem do intervalo e o número de gravidezes férteis

Ordem do intervalo	Número de gravidezes férteis						
	0	1	2	3	4	5 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7	8
Primeiro	—	31	25	20	21	17	25
Segundo	—	—	59	44	41	22	52
Mais recente(1) ...	—	30	57	57	54	42	47

(1) Este grupo inclui o intervalo até à gravidez actual, o que dá origem a uma pequena diferença entre o segundo e o mais recente intervalo para as mulheres com apenas duas gravidezes férteis.

mulheres com apenas uma gravidez fértil usaram um método antes do primeiro nascimento (32 %) comparadas com as que tiveram 5 ou mais (17 %). Do mesmo modo no segundo intervalo com apenas 2 gravidezes férteis usaram em 59 % dos casos enquanto que entre as mulheres com 5 ou mais só 22 % o fizeram nesse mesmo intervalo.

Outra maneira de obter informação sobre o mecanismo do uso contraceptivo consiste em comparar o uso por paridade antes do último nascimento com o uso actual por mulheres da mesma paridade, e comparar o uso no intervalo antes do nascimento com o uso durante o tempo depois do nascimento. O quadro LXXXIV apresenta esses números.

Se olharmos para este quadro no sentido de avaliar o comportamento por cohortes podemos notar alterações no uso contraceptivo que vão além das que ressaltam do Quadro LXXXIII. Por exemplo, das mulheres que têm apenas 2 filhos 57 % usaram contracepção antes do nascimento do segundo filho, mas agora 81 % delas estão a usar um método. Isto sugere que depois do primeiro nascimento há um acréscimo mais importante do que o Quadro LXXXIII faria prever, cuja causa se encontra no facto de as actuais utilizadoras incluirem as mulheres que aplicam a concepção tão eficientemente que não vêm a ter outro filho, e o possível efeito de um acréscimo no uso de contraceptivos com o tempo.

A forma como o crescente uso de contraceptivos com o acréscimo da paridade pode ser vista no Quadro LXXXV.

QUADRO LXXXIV

Percentagem de mulheres usando contracepção segundo o intervalo de nascimentos e percentagem das usando actualmente por paridade

4.4.5; 4.5.11

Paridade antes do último casamento	Percentagem de usadoras	Paridade actual	Percentagem de usadoras
1	2	3	4
0	31	0	48
1	57	1	78
2	59	2	81
3	53	3	80
4	44	4	76
5 e mais	39	5 e mais ...	63

QUADRO LXXXV

Percentagem das mulheres que usaram um método contraceptivo por dimensão do local de residência e intervalo entre nascimentos limitado a mulheres com duas gravidezes férteis

Tabulação especial

Dimensão do local de residência	Percentagem de utilizadoras	
	Primeiro intervalo	Segundo intervalo
1	2	3
Lisboa	31	59
Porto	30	63
Mais de 20 000 hab.	29	70
De 10 000 a 20 000 ...	29	58
Menos de 10 000 ...	23	56

4.5.5.2 — Falhas no uso de contraceptivos

O efeito resultante do uso de contraceptivos sobre a fecundidade virá a ser determinado pela eficácia com que as mulheres os utilizam. O inquérito forneceu uma visão detalhada sobre estes aspectos por meio dos dados sobre as mulheres que declararam ter ficado grávidas enquanto usavam um método contraceptivo.

O Quadro LXXXVI dá a percentagem de utilizadoras de um método que ficaram grávidas por ordem da gravidez a que se refere a falha.

Como mostram os números a partir da segunda gravidez a maior parte das utilizadoras ficaram grávidas enquanto usavam um método contraceptivo. Também aqui os resultados incluem tanto o período recente como o passado distante e qualquer aumento na eficiência com que as mulheres usam um método contraceptivo

QUADRO LXXXVI

Percentagem de utilizadores de contracepção que ficaram grávidas enquanto usavam um método por ordem da gravidez

Ordem da gravidez	Número de utilizadoras	Percentagem de utilizadoras que ficaram grávidas
1	2	3
1	1 008	36
2	1 664	56
3	962	73
4	552	77
5	304	82
6	198	83
7	116	87
8	74	89
9	51	88
10	35	91

não pode daqui deduzir-se. Considerando apenas os nascimentos mais recentes poderá por-se em destaque eventuais alterações que se tenham verificado com o decorrer do tempo.

QUADRO LXXXVII

Percentagem de utilizadoras que ficaram grávidas enquanto usavam contracepção por ordem de nascimento e número de gravidezes férteis

Tabulação especial

Intervalo	Gravidezes férteis					
	1	2	3	4	5 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7
Primeiro	23	28	40	38	35	28
Segundo	—	51	64	71	77	54
Mais recente(1)	23	47	68	76	80	53

(1) Inclui a gravidez actual.

Os números que figuram no Quadro LXXXVII sugerem que, mesmo para as mulheres que tiveram até agora um número baixo de gravidezes, quanto mais alta a ordem do intervalo de nascimento mais mulheres ficaram grávidas enquanto usavam um método contraceptivo. Há contudo indicação de que o uso efectivo tem melhorado ao longo do tempo, no sentido de que quanto mais baixo o número total de gravidezes férteis, mais baixa é a percentagem de mulheres que ficaram grávidas enquanto usavam um método. Isto verifica-se em todos os intervalos. Muito provavelmente este efeito não é especialmente devido a mais eficaz uso do mesmo método, mas sim porque as mulheres mais novas tendem a recorrer a métodos mais eficientes numa fase mais inicial da sua vida reprodutiva do que as mulheres mais velhas.

Quando se tratou do uso de contraceptivos viu-se que de entre as utilizadoras de menos de 25 anos 46 % recorreu à pílula e que esta percentagem diminui com a idade para no grupo de 45 a 49 essa ser apenas de 11 %. Mais geralmente, o uso de um método eficiente corresponde a 54 % das mulheres de menos de 25 anos e a 20 % das de 45 a 49 anos.

É interessante notar que 8 % de todos os primeiros nascimentos se devem a falhas de método e que esta percentagem sobe para 28 % de todos os segundos nascimentos e 29 % de nascimentos mais recentes (ver Quadros 4.5.10; 4.5.12; 4.5.13 do Anexo Estatístico). É claro que o facto de uma mulher ficar grávida enquanto usa um método de contracepção é parcialmente relacionado com persistência com que ela usa esse método. Portanto, pode-se pensar que quanto mais longo o período de uso de um método maior será a probabilidade que uma mulher fique grávida enquanto o usa.

Não se dispõe de informação sobre a duração do uso contraceptivo nos intervalos entre gravidezes, mas a percentagem de utilizadoras que suspenderam o uso antes de ficarem grávidas pode ser considerada como indicador da medida do interesse das mulheres em evitar ou adiar o nascimento; o que por sua vez, admitindo que não há diferença no grau de eficiência com que as mulheres usam os métodos, poderia ser tomado como indicador da duração do uso.

QUADRO LXXXVIII

Percentagem das utilizadoras de contraceptivos que suspenderam o uso antes de ficar grávidas segundo a ordem do intervalo do nascimento e o número de gravidezes férteis

Tabulação especial

Ordem do intervalo	Gravidezes férteis					
	1	2	3	4	5 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7
Primeiro	77	72	60	62	65	72
Segundo	—	49	36	29	23	46
Mais recente(1)	77	53	32	24	20	53

(1) Inclui a gravidez actual.

Dos números no Quadro LXXXVIII parece que quanto mais elevada for a ordem do intervalo mais provável é encontrar mulheres que usam contracepção durante tanto tempo que acabam por ficar grávidas enquanto a usam (ou evitar totalmente a gravidez, obviamente).

O efeito da prática contraceptiva na extensão dos intervalos entre nascimentos consta do Quadro LXXXIX onde se vê que as utilizadoras de contracepção têm sistematicamente intervalos de maior duração do que as não utilizadoras, o que de resto não admira, mas também que as mulheres que suspenderam o uso de contracepção têm intervalos mais longos do que as mulheres que ficaram grávidas enquanto usavam. Para o intervalo mais recente as utilizadoras têm duração cerca de 12 meses maior do que as não utilizadoras. As que suspenderam o uso têm intervalos de duração aproximadamente 4,5 meses mais longos do que as mulheres que ficaram grávidas enquanto usavam.

O que mais admira, contudo, é que mesmo as não utilizadoras têm intervalos de duração média de cerca de 3 anos, e, para além da paridade *0*, um intervalo de quase 4 anos. Tais durações parecem excessivas uma vez que o período de amamentação é geralmente curto. Uma possível explicação é que tenha havido uma importante omissão de casos de prática anticoncepcional nos intervalos devido a falta de declaração. Outra possibilidade será o recurso ao aborto como meio de controlar a fecundidade. Cerca de 16 % de todas as gravidezes em Portugal terminam num nascimento não-vivo; tal leva a admitir um elevado número de abortos provocados.

4.5.6 — Gravidezes perdidas

O nível de abortos pode ainda ser avaliado por alguns números referentes a nascimentos não-vivos (gravidezes perdidas). A proporção de gravidezes perdidas no total de gravidezes aumenta com a idade da mulher, e, mais significantemente aumenta dramaticamente com o número total de gravidezes (ver Quadro XC).

QUADRO LXXXIX

Duração média do último intervalo entre nascimentos por paridade no início do intervalo e o uso de contracepção durante esse intervalo

4.6.7

Uso de contracepção	Paridade no início do intervalo						
	0	1	2	3	4	5 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7	8
Não usou	22,4	45,1	50,3	44,8	41,4	38,3	35,6
Usou	32,1	52,5	52,8	52,5	49,6	40,4	47,7
Ficou grávida enquanto usava	28,9	46,4	50,6	49,2	49,0	39,3	45,6
Suspendeu antes da gravidez	33,4	58,2	58,3	62,9	52,8	46,0	50,0
Total	25,4	49,3	51,8	48,9	45,0	39,1	41,3

QUADRO XC

Percentagem de gravidezes terminando num nascimento não-vivo por número total de gravidezes e dimensão do local de residência

Dimensão do local de residência	Número total de gravidezes					
	1	2	3	4	5 e mais	Total
1	2	3	4	5	6	7
Lisboa	5,3	13,5	22,6	27,7	63,2	27,6
Porto	2,7	4,5	9,5	22,4	20,9	13,4
Mais de 20 000 habitantes	2,0	6,7	21,0	32,1	63,1	25,2
De 10 000 a 20 000	4,0	7,2	20,5	22,9	45,3	20,8
Menos de 10 000	2,4	5,5	11,0	13,3	22,4	12,8
Total	2,8	6,4	13,7	17,7	29,5	16,0

Recordemos que o uso do contraceptivo cresce com a paridade até um certo valor desta, decrescendo depois atingindo valores baixos nas paridades elevadas. As mulheres de paridades elevadas são assim as que menos usam contraceptivos e são também as que mais provavelmente ficam grávidas enquanto usam um método contraceptivo. A dimensão das diferenças em gravidezes perdidas é tremenda como se vê do facto de que entre as mulheres que só tiveram uma gravidez apenas 2,8 % dessas gravidezes resultaram em gravidezes perdidas ao passo que nas mulheres com 5 e mais gravidezes essa percentagem sobe a 29 %. Haverá certamente um efeito de idade nesses números e para se chegar a uma conclusão mais firme é necessária uma análise mais detalhada. As diferenças segundo a dimensão do local de residência são também enormes, com excepção da cidade do Porto, as localidades de mais de 20 000 habitantes apresentam quase o triplo no valor da taxa de gravidezes perdidas em comparação com as pequenas localidades de menos de 10 000 habitantes.

O panorama que ressalta destes números não é surpreendente dado que na generalidade nas pequenas localidades as mulheres usam métodos ineficientes de contracepção, especialmente as de mais elevada paridade. Se o uso de contracepção resulta da decisão de evitar uma gravidez, não admira que se apesar disso a gravidez ocorre, muitas mulheres recorrem ao aborto. De facto, seria muito pouco provável que os números sobre gravidezes perdidas reflectissem a realidade. Sabe-se que é muito difícil obter informação sobre o aborto provocado por meio de um inquérito e se estes números representam alguma coisa é provavelmente uma subavaliação da realidade.

4.5.7 — Recurso aos serviços de planeamento familiar

De entre as perguntas formuladas às mulheres havia uma que procurava saber se tinha procurado orientação ou ajuda no domínio do planeamento familiar e, na afirmativa, se o tinham procurado nos últimos 12 meses e onde.

No Quadro XCI vê-se que a maior parte das mulheres (86 %) nunca procuraram orientação ou ajuda sobre planeamento familiar, e só 7 % o fizeram nos últimos 12 meses. As mulheres que usavam um método eficiente de contracepção são as que mais procuram informação ou ajuda visto que 25 % delas o fizeram e 14 % nos últimos 12 meses. No total o hospital ou o centro de saúde são os locais mais procurados pelas mulheres nos últimos 12 meses, embora só 5% o tenham feito.

Esta percentagem sobe para 9 % nas mulheres que estão a usar um método eficiente de contracepção.

QUADRO XCI

Distribuição percentual do recurso a serviços de planeamento familiar por tipo de uso actual de contracepção e idade da mulher

Tipo de uso actual e idade	Nunca recorreram	Não recorreram nos últimos 12 meses	Recorreram nos últimos 12 meses		
			Centro de Saúde ou Hospital	Médico particular	Outro
1	2	3	4	5	6
Tipo de uso					
Não usando	91	3	4	1	1
Usando um método					
Ineficiente	90	5	3	1	1
Eficiente	75	11	9	3	2
Não expostas	90	5	3	1	1
Idade					
Menos de 25 anos	78	6	11	3	2
25-34	82	8	7	2	1
35-44	89	6	3	1	1
45 e mais	93	5	1	0	1
Total	86	7	5	1	1

Há alguns indícios de que se produziu alteração no recurso a serviços de planeamento familiar na medida em que as mulheres mais novas procuraram mais frequentemente os serviços de apoio. Assim, 22 % das mulheres com menos de 25 anos procuraram esses serviços contra apenas 7 % das mulheres de 45 e mais anos e os restantes grupos etários em percentagem entre esses valores. De modo semelhante 16 % das mulheres com menos de 25 anos visitaram esses serviços nos últimos 12 meses contra 3 % das mulheres de 45 e mais anos.

Este esquema não é surpreendente dados os dois métodos contraceptivos mais usados em Portugal. Métodos como o coito interrompido e o ritmo não carecem de fornecimento de acessórios ou de informação especial.

Parece, portanto, que na generalidade as mulheres recorrem à contracepção sem se socorrer de instituições médicas ou de outras pessoas, embora pareça que há uma certa melhoria desta situação na medida em que as mulheres mais novas procuram os serviços de apoio, mais do que as mais velhas. Mais uma vez isto está provavelmente relacionado com a tendência para um uso de métodos mais eficientes pelas mulheres mais novas.

4.5.8 — Influência da prática religiosa no uso de contraceptivos

No quadro XCII, que resume o Quadro 4.4.5 do Anexo Estatístico, é o uso efectivo da contracepção que se procura avaliar. Para isso foram as mulheres divididas em dois grupos: sem filhos e com 2 ou 3 filhos, e, dentro de um deles, em grupos de acordo com a idade. Em cada subgrupo se apresenta a percentagem de mulheres casadas expostas ao risco de gravidez a usar contracepção, destacando o efeito da assistência a actos religiosos e a religião. Ainda aqui a diminuição da intensidade de assistência a actos religiosos faz aumentar a percentagem de usadoras de um anticoncepcional.

De notar que, ao passo que no grupo das mulheres sem filhos, a intensidade da assistência a actos religiosos faz passar a percentagem de uso contraceptivo de 68,2 nas que nunca assistiram a actos dessa natureza, a 33,0 nas que assistem uma e mais vezes por semana. No grupo das com 2 e 3 filhos essas percentagens são de 87,4 e 71,4, respectivamente, apresentando uma menor amplitude em parte explicada pelo seu mais alto valor.

Finalmente, o Quadro XCIII, resultante do Quadro 4.5.5 do Anexo Estatístico, procura ava-

QUADRO XCII

Percentagem de mulheres actualmente casadas expostas ao risco de gravidez, a usar actualmente contracepção, ou esterilizadas, de acordo com o número de filhos vivos e a assistência a actos religiosos e a religião

4.4.5

Assistência a actos religiosos e religião	Percentagem de mulheres expostas ao risco de gravidez, usando contracepção, ou esterilizadas								
	Sem filhos			Com 2 ou 3 filhos				Com 6+ filhos	Total
	Menos de 25 anos	25-34 anos	Total	Menos de 25 anos	25-34 anos	35-44 anos	Total		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Assistência									
1 ou mais vezes por semana ...	44,8	26,7	33,0	62,1	76,8	71,4	73,2	53,1	67,0
2 e 3 vezes por mês	(75,0)	(20,0)	40,7	73,9	75,7	76,5	75,7	69,2	74,0
Em ocasiões especiais	56,7	50,0	49,3	89,3	89,9	89,0	89,0	65,1	82,9
Nunca	79,2	62,5	68,2	81,5	90,3	87,4	85,3	64,3	83,1
Religião									
Católica	62,1	39,5	46,0	75,8	83,3	79,6	80,5	59,9	75,6
Outra	(25,0)	(100,0)	(33,3)	(100,0)	86,4	(86,6)	83,7	(100,0)	76,3
Nenhuma	(68,8)	(70,0)	64,5	(87,5)	92,5	95,4	91,1	(80,0)	85,3
Total	61,7	43,5	47,9	77,4	83,4	80,5	81,1	59,7	76,3

liar as diferenças de padrão de uso contraceptivo consoante a intensidade da assistência a actos religiosos. O grupo aqui analisado é constituído pelas mulheres que tenham estado casadas.

A percentagem de tais mulheres que nunca usaram contracepção diminui com a frequência de assistência a actos religiosos em todos os grupos etários considerados e, portanto, no total, mas o nível a que se situa cresce com a idade, isto é, a percentagem de mulheres que nunca usaram contracepção cresce com a idade a partir dos 25 anos. O grupo de menos de 25 anos apresenta sempre valores bastante mais elevados do que o de 25 a 34 anos, fazendo crer que o recurso à contracepção é fruto de uma decisão que aparece depois de certa idade, talvez em ligação com o número de filhos havidos, que não transparece neste quadro. A percentagem de mulheres a usar contracepção cresce até cerca de 34 anos, diminuindo em seguida. Esta diminuição pode resultar de vários factores, entre os quais o aumento da percentagem de viúvas e divorciadas ou separadas no grupo.

Mesmo o valor mais baixo encontrado para a percentagem de mulheres actualmente usando contracepção, 54,2 %, independentemente da idade, correspondente à assistência a actos religiosos uma e mais vezes por semana, é bastante elevado.

Na última coluna do quadro figuram as percentagens das mulheres que alguma vez usaram contracepção. Aí se vê que a intensidade de assistência a actos religiosos faz passar a percentagem de 84,7 % a 68,9 %, o que, sendo uma baixa apreciável, mantém um elevado valor para essa grandeza.

4.5.9 — Prática de amamentação

Sabendo-se que o período de amamentação influi no espaçamento de gravidezes e que é por vezes ampliado apenas com essa finalidade, interessa neste inquérito, por assim dizer como introdução à prática contraceptiva, analisar o comportamento das mulheres referente à amamentação. A isso se destinam os Quadros 4.1.1 a 4.1.6 do Anexo Estatístico. Naturalmente que, dada a sua natureza, esta observação terá de ser limitada a um grupo do total de mulheres observadas e que é constituído pelas mulheres não solteiras com pelo menos dois filhos vivos havidos e incide no intervalo entre os dois últimos nascimentos, podendo o último nascimento ser substituído pela gravidez em curso se for caso disso.

O valor médio observado do período de amamentação foi de 5,4 meses variando com a idade da mulher.

QUADRO XCIII

Percentagem de mulheres que tenham estado casadas, conforme usaram ou não contracepção e a assistência a actos religiosos, e a religião

4.5.5

Assistência a actos religiosos e religião	Percentagem de mulheres segundo usaram ou não contracepção											
	Nunca usaram contracepção					A usar actualmente contracepção					Usaram no passado	Usaram algumas vezes
	< 25 anos	25-34	35-44	45 e +	Total	< 25 anos	25-34	35-44	45 e +	Total		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Assistência												
1 ou mais vezes por semana	38,5	24,7	29,2	40,7	31,1	47,1	62,5	58,0	31,7	54,2	14,7	68,9
2 e 3 vezes por mês	25,3	21,2	21,6	32,1	24,1	60,0	65,0	64,8	46,5	60,4	15,4	75,8
Em ocasiões especiais	21,2	9,9	15,0	25,7	15,5	61,1	75,7	74,6	54,0	70,0	14,5	84,5
Nunca	14,9	10,3	15,6	30,2	15,3	68,6	79,4	69,4	45,3	70,0	14,7	84,7
Religião												
Católica	25,9	16,6	22,5	33,8	23,0	58,3	70,4	65,3	44,9	62,5	14,5	77,0
Outra	33,3	3,0	6,5	20,0	11,0	41,7	75,8	67,7	46,7	63,7	25,3	89,0
Nenhuma	14,8	9,0	6,6	22,9	10,9	70,5	76,9	71,4	48,6	71,0	18,1	89,1
Total	25,0	15,8	21,4	33,2	22,0	59,2	71,0	65,6	45,1	63,0	14,9	77,9

Idade da mulher	*Duração média da amamentação* (meses)
Menos de 25 anos	2,4
25 a 34	3,6
35 a 44	5,9
45 a 49	7,8
Total	5,4

Cresce, pois, com a idade da mulher e o valor mais frequentemente observado foi o de menos de 5 meses, 67,2 %, incluindo 25,4 % das mulheres que não amamentaram o seu penúltimo filho.

As mulheres mais jovens mostram uma nítida tendência para um menor período de amamentação em parte resultando de uma maior percentagem delas não terem amamentado o penúltimo filho. Note-se que a limitação da análise ao intervalo entre o penúltimo e último nascimentos diminui o efeito tempo na comparação dos resultados segundo a idade, e as conclusões a que se chega não são unicamente aplicáveis ao intervalo assim definido, embora se admita que o facto de ser o último intervalo até agora possa reflectir em excesso características efectivamente associadas aos intervalos que além de serem o último até agora foram também de facto o último.

QUADRO XCIV

Percentagem de mulheres que amamentaram o seu penúltimo filho segundo a duração de amamentação e a idade das mulheres

Idade das mulheres	Total de mulheres	Duração de amamentação			
		Zero meses	Menos de 3 meses	Menos de 6 meses	18 e mais meses
1	2	3	4	5	6
Menos de 25 anos	162	32,1	70,4	86,4	1,8
25-34	1 030	29,2	61,1	79,0	5,5
35-44	1 427	24,2	44,7	63,6	10,0
45-49	681	20,6	36,9	52,3	15,2
Total	3 300	25,4	49,5	67,2	9,3

Ainda dentro do aspecto geral do procedimento analisamos o resultado da classificação segundo a ordem de nascimento.

QUADRO XCV

Duração da amamentação segundo a ordem de nascimento do penúltimo filho e o número de filhos havidos

Ordem de nascimento do penúltimo filho	Filhos já havidos(*a*)	Duração média da amamentação
1	2	3
1	2	4,5
2	3	5,3
3	4	6,8
4+	5+	7,6
Total		5,4

(*a*) Inclui a gravidez em curso se for caso disso.

Esta classificação reflecte em cada classe a influência da idade mas põe em destaque uma menor variação com a ordem de nascimento do que com a idade: 4,5 a 7,6 agora, contra 2,4 a 7,8 obtido na análise segundo a idade. Não se nota agora um acréscimo da percentagem das mulheres que não amamentaram o seu penúltimo filho parecendo, pois, que a ordem de nascimento não é factor que influa na decisão ou possibilidade de amamentação, mas os longos períodos de amamentação crescendo com a ordem do nascimento de forma semelhante ao que se verifica com a idade, colocam as duas variáveis em posição semelhante e de influência notável nas longas durações de amamentação. Repare-se no baixo valor de percentagem das mulheres jovens que amamenta os seus filhos por mais de 18 meses. (V. Quadro XCIV).

QUADRO XCVI

Percentagem das mulheres que amamentaram o seu penúltimo filho segundo a duração da amamentação e a ordem de nascimento

Ordem do penúltimo nascimento	Total de mulheres	Duração da amamentação			
		Zero meses	Menos de 3 meses	Menos de 6 meses	18 e mais meses
1	2	3	4	5	6
1	1 749	25,2	52,9	71,7	6,3
2	713	26,4	49,8	66,5	8,7
3	346	26,3	41,9	61,0	13,6
4	492	24,4	42,3	56,9	17,6
Total	3 300	25,4	49,5	67,2	9,3

Naturalmente a observação atrás analisada inclui os casos em que o penúltimo filho nascido viveu durante pouco tempo e também é influenciado pela extensão do intervalo entre esse nascimento e o seguinte.

Por isto os Quadros 4.1.3 e 4.1.4 do Anexo Estatístico se referem apenas ao observado nas mulheres em que o intervalo em causa excede 32 meses e o penúltimo filho viveu pelo menos 2 anos.

Os valores achados para a duração média do período de amamentação são pouco diferentes dos anteriores tanto nas classes de idade como nas da ordem do nascimento, mas nota-se de uma forma geral que os valores achados agora são menores do que os anteriores com excepção da primeira classe de idade, menos de 25 anos, e na primeira da ordem de nascimento, 1, sobretudo no caso da idade.

As percentagens de casos em que a amamentação foi de 18 e mais meses são agora também, de forma geral, inferiores às anteriores com as mesmas excepções apontadas. Note-se, porém, que o grupo total constituído por 3300 mulheres fica,

QUADRO XCVII

Percentagem de mulheres que amamentaram o seu penúltimo filho segundo o tempo de amamentação e sua duração média por variável explicativa, limitado às mulheres em que o último intervalo fechado excede 32 meses e o seu penúltimo filho viveu pelo menos 2 anos

Variável	Classes de duração				Duração média
	Zero meses	Menos de 3 meses	Menos de 6 meses	18 e mais meses	
1	2	3	4	5	6
Instrução					
Sem escolaridade	17,8	32,8	46,4	18,8	8,5
Primário incompleto	21,3	38,1	53,1	14,7	7,3
Primário completo	24,9	52,7	74,8	4,6	4,0
Secundário incompleto	29,9	63,5	83,6	1,9	2,7
Secundário completo	21,6	56,7	72,9	0,0	3,4
Superior incompleto	23,2	46,4	71,4	0,0	3,8
Superior completo	33,3	73,3	93,3	0,0	1,4
Dimensão do local de residência					
Lisboa	22,8	52,9	74,2	3,0	3,6
Porto	25,0	50,0	68,3	5,0	4,3
Mais de 20 000 habitantes	26,0	54,6	77,1	4,3	3,8
De 10 000 a 20 000	25,3	53,9	76,0	6,4	4,1
Menos de 10 000	23,0	44,7	62,0	10,5	6,0
Religião					
Católica	23,8	47,2	65,6	8,9	5,4
Outra	19,6	58,7	73,9	4,3	5,4
Nenhuma	21,7	46,7	72,8	6,6	4,5
Ocupação do marido					
Profissão liberal	23,1	51,7	75,9	2,2	3,9
Administração superior	29,6	61,1	81,5	3,7	2,8
Empregado de escritório	20,9	50,1	75,6	4,4	4,0
Comércio	26,6	54,3	69,9	5,2	4,5
Serviços	22,8	42,3	61,0	8,1	5,8
Agricultura e Pesca	19,9	31,0	42,8	20,2	8,9
Trabalhador especializado	24,9	50,5	69,2	7,9	4,9
Trabalhador não especializado	16,7	41,7	66,7	0,0	5,5
Total	23,6	47,5	66,2	8,7	5,3

com as restrições agora impostas, reduzido a 1865 e que o número de mulheres de menos de 25 anos é reduzido a apenas 40.

Ainda neste contexto se analisa no Quadro 4.1.5 do Anexo Estatístico o efeito das variáveis explicativas sobre a prática da amamentação observada através do grupo de mulheres não solteiras que tiveram pelo menos dois filhos vivos em que o intervalo entre o penúltimo e o último nascimento foi de mais de 32 semanas e o penúltimo filho viveu pelo menos dois anos.

Se bem que as variáveis explicativas consideradas se não possam considerar inteiramente independentes umas das outras o que se pode concluir é que se verificam grandes diferenças de atitude face à amamentação dos filhos entre os diversos grupos considerados.

O valor médio total achado para a duração da amamentação, 5,3 meses quando comparado com os valores encontrados nas diversas classificações usadas para as variáveis explicativas reflecte a composição do grupo de mulheres observado pois desse valor se conclui que:

- O grupo é dominado pelas mulheres sem escolaridade ou com o grau primário.
- Se situa na sua maioria em localidades de menos de 20 000 habitantes.
- A maioria das mulheres declarou seguir a religião católica.
- A profissão do marido cabe principalmente nas actividades dos «Serviços» e «Trabalhador especializado».

Estas diversas características podem, para o total das mulheres que constituem a amostra, ser deduzidas directamente da análise que atrás foi feita no início deste relatório, mas a forma como foram seleccionadas as 1865 mulheres agora analisadas quanto à actuação face à amamentação, poderá ter introduzido distorções.

Toda esta análise do comportamento quanto à amamentação tem sido limitada à observação do último intervalo fechado considerando como tal o decorrido entre o nascimento dos dois últimos filhos havidos e entre o último filho havido e a actual gravidez. Ora no sentido de avaliar a influência da duração da amamentação na extensão desse intervalo convém classificar o tempo de duração da amamentação associada com a duração média do último intervalo fechado em que a nossa análise incidiu. Socorrendo-nos do Quadro 4.1.6 do Anexo Estatístico obtemos os resultados seguintes:

QUADRO XCVIII

Número de meses de amamentação e duração do último intervalo fechado

Duração da amamentação (meses)	Duração do último intervalo fechado					
	Total		Nas mulheres que usaram contracepção		Nas mulheres que não usaram contracepção	
	N.º de mulheres	Duração	N.º de mulheres	Duração	N.º de mulheres	Duração
1	2	3	4	5	6	7
0 meses	624	30,7	323	31,9	301	29,5
Menos de 3	588	31,0	355	34,0	233	26,5
3 a 5	434	31,3	241	32,8	193	29,3
6	99	33,1	52	35,4	47	30,5
7 a 8	90	30,5	46	30,7	44	30,4
9 a 11	116	29,9	49	31,3	67	28,8
12	138	32,9	54	34,9	84	31,6
13 a 17	101	35,8	52	35,1	49	36,6
18	62	35,1	23	35,2	39	35,0
19 a 23	34	40,0	15	38,9	19	40,8
24	65	37,0	25	37,0	40	37,1
25 e mais	24	41,3	10	44,0	14	39,4
Total	2 375	31,8	1 245	33,4	1 130	30,1

Ressalta destes números que a diferença entre as durações do último intervalo fechado e as da amamentação tende a diminuir com o crescer da duração da amamentação. Nota-se também nos períodos de amamentação mais curtos uma maior duração do intervalo no grupo das mulheres que usaram contracepção, mas nos períodos de amamentação maiores o uso da contracepção está por vezes associado a intervalos menos largos. Assim parece existir ligação entre a duração do período de amamentação e a extensão do intervalo entre as gravidezes, mas não podemos concluir por uma relação de causa e efeito tanto mais que, associado ao uso de contracepção estão factores que influem igualmente nessas duas grandezas.

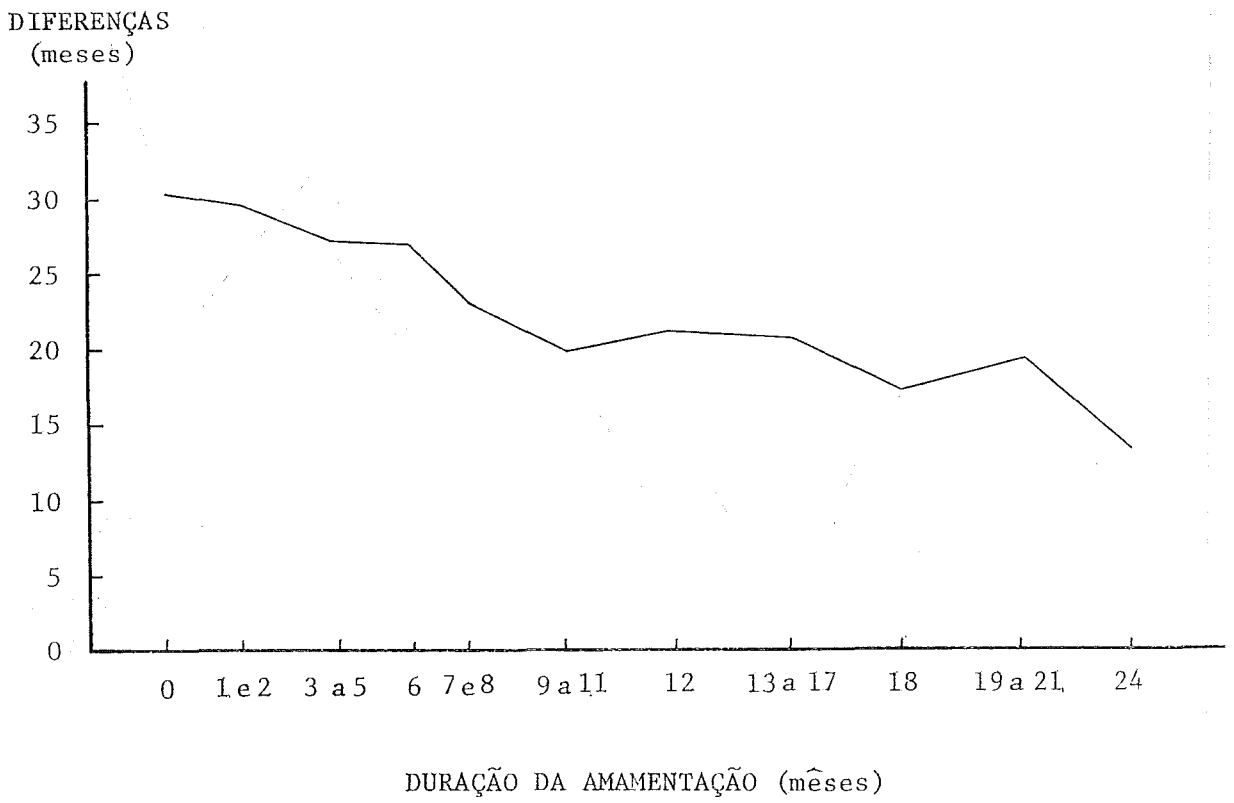
A este respeito podem consultar-se igualmente os Gráficos aqui anexos n.os V e VI.

4.5.10 — **Intervalo entre o primeiro casamento e o primeiro nascimento e entre outros nascimentos**

Ao analisar a fertilidade inicial foi feita referência ao intervalo entre o primeiro casamento e o primeiro nascimento e a sua variação com a idade ao primeiro casamento e o tempo decorrido desde esse casamento. Permitem os Quadros 2.7.2, 2.8.1, 2.9.1, 2.10.1 e 2.10.2 do Anexo Estatístico apreciar além desse intervalo, os intervalos entre nascimentos de várias ordens o seu relaciona-

GRÁFICO-V

DIFERENÇA ENTRE A DURAÇÃO MÉDIA DO ÚLTIMO INTERVALO FECHADO E A DA AMAMENTAÇÃO

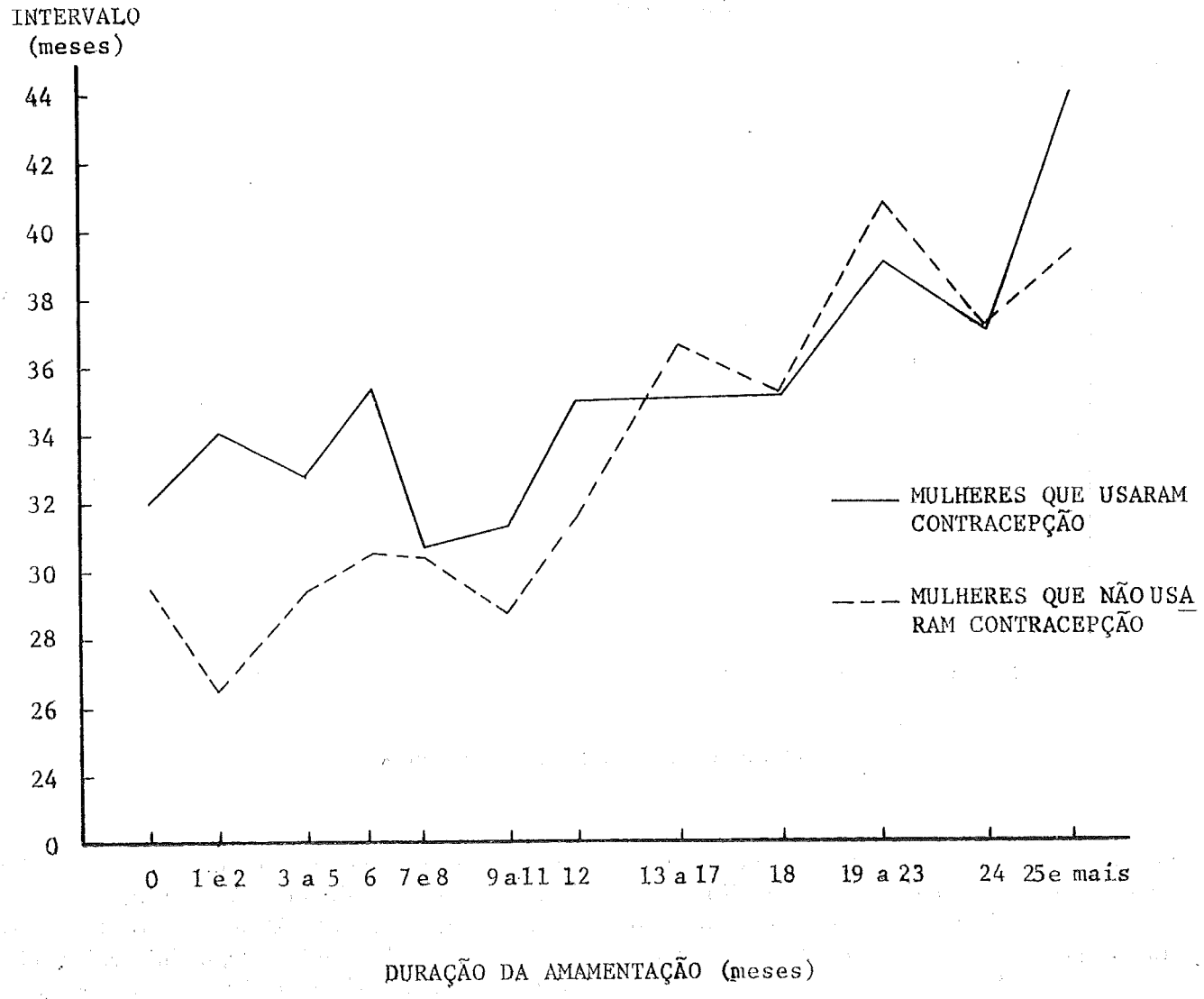


mento com as variáveis explicativas no grupo de mulheres casadas pelo menos 5 anos (4053 mulheres).

A duração média do intervalo decorrido desde o primeiro casamento até ao primeiro nascimento oscila entre 15 e 21 meses com um valor de 16,9 meses para o grupo total. Parece detectar-se um alargamento do intervalo com o crescer do grau de ensino atingido. A dimensão do local de residência não apresenta influência nítida sobre a variável em análise, mas a ocupação do marido já se mostra bastante influente. De facto os valores achados para as «Profissões liberais» são bastante mais elevados do que os que correspondem à «Agricultura e Pesca» e «Trabalhadores não especializado».

GRÁFICO-VI

VARIAÇÃO DA DURAÇÃO MÉDIA DO ÚLTIMO INTERVALO FECHADO COM A DURAÇÃO DA AMAMENTAÇÃO



QUADRO XCIX

Intervalo entre o primeiro casamento e o primeiro nascimento

Variáveis	Duração média do intervalo	Percentagem de mulheres com:			
		Intervalo negativo	0 a 7 meses	mais de 36 meses	(3)+(4)
1	2	3	4	5	6
Escolaridade					
Sem escolaridade	17,5	8,6	11,6	16,8	19,7
Primário incompleto	15,8	5,3	12,7	13,8	18,0
Primário completo	16,9	3,6	9,8	14,8	13,4
Secundário incompleto	18,6	1,5	6,7	19,8	8,2
Secundário completo	18,9	0,0	3,4	17,0	3,4
Superior incompleto	15,2	2,4	7,3	8,9	9,7
Superior completo	20,4	0,0	4,0	28,1	4,0
Dimensão do local de residência					
Lisboa	19,3	2,5	7,9	21,8	10,4
Porto	15,8	6,9	13,7	14,4	20,6
Mais de 20 000 habitantes	17,6	3,6	9,4	17,6	13,0
De 10 000 a 20 000	18,5	2,3	9,2	19,4	11,5
Menos de 10 000	16,4	4,6	10,3	14,1	14,9
Ocupação do marido					
Profissão liberal	18,4	1,6	5,8	19,0	7,4
Administração superior	18,6	1,7	5,0	15,0	6,7
Empregado de escritório	18,0	2,3	8,0	17,3	10,3
Comércio	16,9	4,3	9,1	15,3	13,4
Serviços	16,6	5,7	7,3	16,7	13,0
Agricultura e Pesca	15,8	7,1	10,6	14,7	17,7
Trabalhador especializado	16,7	4,1	11,8	15,0	15,9
Trabalho não especializado	16,0	9,1	9,1	13,6	18,2
Total	16,9	4,2	10,0	15,6	14,2

Associando os casos de valores negativos do intervalo com os inferiores a 7 meses ter-se-á uma ideia mais aproximada da incidência das concepções antenupciais, verificando-se que estas são mais correntes nas mulheres com menor grau de educação atingido, encontrando-se nas sem escolaridade uma percentagem de cerca de 20 % contra apenas 4 % nas mulheres que atingiram o ensino superior completo.

Ainda nesta característica a dimensão do local de residência não se mostra muito influente mas parece estranho o valor achado para o Porto, cujo comportamento sob outros aspectos se tem aproximado mais do encontrado nas localidades de menor dimensão, e agora se destaca nitidamente do conjunto com 20,6 % de mulheres com filhos nascidos antes do casamento ou nos primeiros sete meses depois dele.

Também a profissão do marido aparece influindo nesta característica do comportamento do grupo pois ao passo que nas «Profissões liberais» e «Administração superior» o valor achado é de 7,4 % e 6,7 %, na «Agricultura e Pesca» e no «Trabalho não especializado» essa percentagem atinge os valores de 15,9 e 18,2 respectivamente.

Podemos pois concluir pela marcada influência tanto do grau de ensino atingido como da profissão do marido em ambos os indicadores em apreciação — intervalo entre o primeiro casamento e o primeiro nascimento e concepção antenupcial — e que a dimensão do local de residência é de influência mal definida.

O intervalo entre o primeiro e o segundo nascimentos foi observado no grupo de 2985 mulheres para as quais decorreram pelo menos cinco anos desde o primeiro nascimento. O valor médio

achado para esse intervalo foi de 41,6 meses comparado com 16,9 achado para o intervalo entre o primeiro casamento e o primeiro nascimento.

A maioria das mulheres apresenta 12 a 23 meses como valor do segundo intervalo para no conjunto 33,0 % terem um segundo filho 12 a 23 meses depois do primeiro e cerca de 36 % antes de dois anos, contudo a percentagem de mulheres em que o segundo intervalo é 5 e mais anos atinge valores bastante elevados.

As durações médias dos intervalos entre nascimentos sucessivos variam, com a ordem do nascimento inicial do intervalo, do modo seguintes:

Paridade do primeiro nascimento do intervalo	*Duração média do intervalo* (meses)
0	21,9
1	38,9
2	38,9
3	38,7
4	37,8
5 e mais	34,0
Total	33,6

onde se nota claramente a diferença entre a duração do primeiro intervalo e os seguintes, apontando para uma maior interferência da planificação nos nascimentos de ordem superior a um.

O Quadro 2.10.1 do Anexo Estatístico apresenta o tempo decorrido sem que novos nascimentos se tenham verificado, para cada ordem de nascimento, no grupo de mulheres não solteiras não actualmente grávidas. Dele se deduzem os valores seguintes:

Número de filhos nascidos	*Tempo decorrido desde esse nascimento* (meses)	*% das mulheres com intervalo de 48 e mais meses*
0	96,1	51,3
1	94,8	58,4
2	101,7	69,8
3	98,6	70,7
4	96,7	74,6
5 e mais	81,1	69,1
Total	96,7	65,7

Nas mulheres observadas o tempo decorrido desde o último nascimento é de 96,6 meses e a percentagem daquelas para quem o tempo decorrido excede 47 meses é de cerca de 66 %.

A variação do tempo decorrido desde o último nascimento com a ordem deste não aparece muito bem definida parecendo esboçar-se uma tendência decrescente com o crescer da ordem de nascimento.

Mais nítida é a evolução da percentagem de mulheres cujo último intervalo aberto é de 48 e mais meses que cresce com a ordem de nascimento.

Com o tempo decorrido desde o primeiro casamento a duração média do intervalo aberto cresce de forma muito marcada.

Tempo decorrido desde o primeiro casamento	*Duração média do último intervalo aberto* (meses)	*% de mulheres com intervalo igual ou superior a 48 meses*
Menos de 10 anos	33,9	27,9
10 a 19	103,4	82,6
20 e mais	179,2	95,0

A influência das variáveis explicativas, que é o tema dos Quadros 2.10.2 do Anexo Estatístico, resume-se da forma apresentada no Quadro C.

Dos valores que constituem este quadro ressalta que, embora haja diferenças de comportamento conforme as classes consideradas para cada variável explicativa, o elemento dominante na duração do intervalo aberto é o tempo decorrido desde o último casamento.

Convém aqui fazer notar que estamos analisando a duração do último intervalo aberto, isto é, o tempo decorrido desde o último filho havido e que portanto este período estará ligado ao tempo decorrido desde o primeiro casamento e que, assim, as longas durações se encontrarão na classe de 20 ou mais anos decorridos desde o primeiro casamento.

Com efeito, ao fim de dez anos decorridos desde o primeiro casamento, a duração média do intervalo aberto é de 33,9 meses, ao entrar no segundo grupo de 10 a 19 anos essas mulheres não tiveram mais filhos e viram o intervalo aberto acrescido, em média, de metade da amplitude do grupo, isto é, de 10 anos passando a 153,9 meses, ou tiveram um novo filho e iniciaram um novo intervalo aberto, portanto contribuindo para valores baixos, determinando a passagem do valor teórico de 153,9 para 103,4 em média.

Do mesmo modo achado para a classe de 10 a 19 anos de tempo decorrido desde o primeiro casamento o valor médio de 103,4 para o intervalo aberto, um raciocínio análogo levaria ao valor de 181,4 *. Agora a influência das que ini-

$$* \; 103{,}4 + \frac{33 - 20}{2} \times 12 = 103{,}4 + 78 = 181{,}4$$

QUADRO C

Duração do último intervalo aberto segundo as classes das variáveis explicativas

Variáveis	Tempo decorrido desde o primeiro casamento			
	Total	Menos de 10 anos	10 a 19	20 e mais
1	2	3	4	5
Escolaridade				
Sem escolaridade	135,9	43,7	108,2	161,7
Primário incompleto	113,1	38,4	95,0	172,1
Primário completo	91,5	35,0	105,2	195,9
Secundário incompleto	73,5	30,9	111,7	199,2
Secundário completo	72,9	28,2	114,4	184,8
Superior incompleto	71,3	33,5	103,6	192,4
Superior completo	77,6	31,1	105,3	189,8
Dimensão do local de residência				
Lisboa	108,7	34,2	115,5	205,6
Porto	105,1	30,2	116,9	173,2
Mais de 20 000 habitantes	106,8	36,5	113,5	197,0
De 10 000 a 20 000	102,5	39,3	106,3	194,2
Menos de 10 000	92,1	33,0	98,9	171,0
Ocupação do marido				
Profissão liberal	88,8	35,3	113,8	197,9
Administração superior	108,1	33,9	111,9	176,5
Empregado de escritório	100,8	36,4	107,3	208,6
Comércio	100,4	31,4	119,1	198,7
Serviços	103,6	32,0	103,3	195,3
Agricultura e Pesca	108,6	33,7	96,0	158,4
Trabalhador especializado	90,6	33,7	99,1	175,4
Trabalhador não especializado	115,2	(46,0)	(101,3)	(162,9)
Trabalho não especificado	(104,3)	(39,5)	(86,2)	(220,7)
Total	96,3	33,9	103,4	179,2

ciam novo intervalo aberto é muito menor por se tratar de mulheres mais velhas e por isso o valor teórico se aproxima mais do encontrado, 179,2.

4.6 — Mortalidade

Não sendo o inquérito vocacionado para avaliar a mortalidade, não se pode esperar dele informações muito úteis sobre este aspecto. Aliás a mortalidade da população é bastante bem conhecida para que se procurasse aqui informação suplementar. Contudo convém destacar algumas indicações que se reflectem no número médio de filhos vivos e que resultaram da comparação entre o número de filhos havidos e os actualmente vivos.

Trata-se duma indicação muito global naturalmente influenciada pela idade das mulheres e pelo baixo valor das probabilidades de morte na juventude e na adolescência. Limitamo-nos, por isso, a extrair do Quadro 2.3.3 do Anexo Estatístico os valores que apresentamos, sem comentários no quadro seguinte:

QUADRO CI

Número médio de filhos ainda vivos segundo a idade actual da mulher e o número de filhos havidos

Número de filhos havidos	Idade actual da mulher (anos)				
	Menos de 25	25-34	35-44	45-49	Total
1	2	3	4	5	6
0	—	—	—	—	—
1	1,00	0,99	0,99	0,98	0,99
2	1,91	1,96	1,95	1,90	1,94
3	2,64	2,77	2,81	2,76	2,78
4	4,00	3,54	3,76	3,53	3,66
5	—	4,55	4,53	4,59	4,55
6	—	5,18	5,43	5,49	5,43
7	—	6,67	6,07	6,22	6,17
8	—	8,00	7,07	7,06	7,09
9 e mais	—	7,50	9,08	9,30	9,18
Total	0,96	1,12	2,51	2,88	2,12

ANEXO I

ERROS DE AMOSTRAGEM AFECTANDO ALGUMAS ESTIMATIVAS

ERROS DE AMOSTRAGEM AFECTANDO ALGUMAS ESTIMATIVAS

No parágrafo 1 apresentam-se algumas ideias básicas sobre os erros de amostragem; o leitor familiarizado com essas ideias poderá passar de imediato ao parágrafo 2.

No parágrafo 3 expõe-se a maneira de proceder para cálculo aproximado dos erros de amostragem quando estes não figurem nos Quadros bem como as fórmulas utilizadas no cálculo dos erros de amostragem.

1 — Introdução

1.1 — Interpretação dos erros de amostragem

A amostra que se obteve para fins do inquédito à fecundidade é apenas uma de entre as muitas amostras probabilísticas que poderiam ter sido obtidas usando o plano de amostragem adoptado. As estimativas deduzidas de amostras diferentes certamente difeririam entre si. Contudo, à parte os erros não devidos à amostragem e possíveis tendenciosidades, todas as estimativas consideradas neste estudo são aproximadamente centradas, querendo isto dizer que o real valor da variável em causa na população é igual à média das estimativas derivadas de todas as possíveis amostras. Esta média das médias das diversas amostras é o que se chama o «valor esperado». O erro de amostragem ou erro padrão duma estimativa é uma medida da diferença (absoluta) entre o valor observado na amostra e o valor esperado da estimativa. Excluindo os erros de outras origens, o erro padrão no presente contexto mede a dimensão do desvio (absoluto) esperado entre a estimativa deduzida da amostra e o verdadeiro valor dessa mesma variável na população.

Um critério correntemente utilizado com comodidade consiste em aceitar que o verdadeiro valor se encontra no intervalo definido por duas vezes o erro padrão para cada lado do valor deduzido da amostra. A extensão do intervalo (valor deduzido da amostra $\pm$ 2 $\times$ erro padrão) é designado por intervalo de confiança a 95 %, e pode dizer-se com a probabilidade de 95 % que o verdadeiro valor cai neste intervalo, isto é, que uma em cada vinte vezes (amostras) cairá fora desse intervalo. Se, por exemplo, a média deduzida da amostra foi 3,5 e se o desvio padrão (numa base de amostragem adequada) se estimou em 0,2, então o intervalo de confiança a 95 % é 3,5 $\pm$ 2 (0,2), isto é, de 3,1 a 3,9, e para efeitos práticos, isto é, com uma confiança de 95 %, afirma-se que (à parte os erros não devidos à amostragem) o verdadeiro valor na população fica no intervalo 3,1 a 3,9.

1.2 — Cálculo dos erros de amostragem

Uma das vantagens da amostragem probabilística como a que foi usada no inquérito é de permitir o cálculo dos erros de amostragem a partir dos resultados da amostra de que efectivamente se dispõe.

O processo de cálculo deve ter em consideração a real estrutura da amostra e em particular que se trata de uma amostra estratificada por conglomerados. Os resultados apresentados neste Anexo foram obtidos recorrendo ao programa do WFS, designado por CLUSTERS. No parágrafo 3 apresenta-se uma descrição sumária do método de estimar os erros de amostragem.

1.3 — Erros de amostragem para subclasses e diferenças entre subclasses

Para que possam ser úteis na interpretação dos resultados apresentados sob a forma de tabelas detalhadas de classificações cruzadas, os erros de amostragem devem ser calculados com referência a cada variável mais importante dentro de várias subclasses da amostra.

Por subclasses entende-se um subconjunto dos casos observados na amostra definidos em termos das características, como por exemplo, a idade individual ou grupos de duração do casamento, ou por grupos de variáveis explicativas sócio-económicas, etc. Face à pequena dimensão dos grupos que constituem algumas subclasses, os erros de amostragem para cada subclasse serão evidentemente maiores do que para uma estimativa baseada na amostra total.

As fórmulas de cálculo apresentadas no parágrafo 3 aplicam-se igualmente às estimativas baseadas numa subclasse da amostra. Os valores individuais ou unidades primárias de amostragem (PSUs) que não pertençam às subclasses são simplesmente ignorados no cálculo. A interpretação dos erros padrões em termos de limites de confiança a 95 % dada acima aplica-se tanto à amostra total como a qualquer subclasse dessa amostra.

Os erros de amostragem referentes às diferenças entre as médias observadas nas subclasses podem revestir-se de particular importância na interpretação da diferença entre a fertilidade ou outras variáveis deduzidas dos resultados do inquérito. Estes determinam a verosimilhança de uma diferença observada ser real e não meramente resultado de variações devidas à amostragem. Mesmo para uma amostra relativamente «eficiente» tal como a presente, muitas das diferenças observadas podem não ser estatisticamente significantes, uma vez que a amostra foi subdividida pela introdução das variáveis impostas pelo controlo.

Para as diferenças entre as médias das subclasses podemos tomar como «estatisticamente significante» uma diferença observada se a sua dimensão não é inferior a duas vezes o seu desvio padrão. «Estatisticamente significante», como é evidente, não significa necessariamente substancialmente significante ou exprimindo um facto; implica antes que a diferença observada é real no sentido de que é pouco provável que tenha resultado de variações de amostragem. Se a dimensão da diferença observada é menor do que duas vezes o desvio padrão podemos tomá-la como estatisticamente não-significante, implicando que não pode dizer-se que a diferença observada não tenha resultado de variações de amostragem.

Se, por exemplo, em duas subclasses da amostra em comparação, as médias referentes a uma dada variável forem respectivamente 3,0 e 3,5, e se para a diferença entre duas médias (3,5 − − 3,0 = 0,5) o desvio padrão calculado foi de 0,1, então o intervalo de confiança a 95 % referente à diferença será de 0,5 ± 2 (0,1), isto é, 0,3 e 0,7. Neste exemplo, pode dizer-se que o verdadeiro valor da diferença está entre 0,3 e 0,7. A diferença observada 0,5 é assim estatisticamente significante uma vez que determina um intervalo de confiança a 95 % que não abrange o valor 0,0. Isto resulta do facto de a difernça observada ser superior a duas vezes o desvio padrão. Se, porém, no exemplo acima o desvio padrão da diferença entre médias fosse 0,4, o intervalo de confiança a 95 % para a diferença seria 0,5 ± 2 (0,4), isto é − 0,3 e 1,3. Neste caso não pode dizer-se que a diferença observada seja real e não apenas causada por variações de amostragem. Note-se que no segundo exemplo a diferença observada (0,5) é menor do que duas vezes o desvio padrão (0,8) o que equivale a dizer que o intervalo de confiança a 95 % abrange o valor zero.

1.4 — Efeito dos conglomerados da amostra

Na amostra utilizada, os indivíduos entrevistados estão agrupados em conglomerados constituindo áreas de amostragem. Comparada com uma amostra de indivíduos seleccionados casualmente, a formação de conglomerados contribui para a redução da eficiência da amostra (isto é, aumenta os erros de amostragem que lhe estão associados para uma dada dimensão da amostra). Resulta isto de naturalmente os indivíduos de um determinado conglomerado apresentarem características mais uniformes comparadas com indivíduos na amostra (ou na população) no seu conjunto ou com um grupo de indivíduos de igual dimensão seleccionados casualmente. De certo modo, consegue-se menos informações entrevistando um dado número de indivíduos pertencendo a uma mesma área de amostragem do que de igual número escolhido casualmente da população.

A medida que permite comparar o erro padrão de uma estimativa obtida de uma amostra de conglomerados com o que resultaria se a amostra tivesse sido escolhida casualmente designa-se por «factor de delineamento» (design factor) ou DEFT, sendo

$$\text{DEFT} = \text{SE}/\text{SR} \qquad (1)$$

onde SE representa o erro padrão na amostra por conglomerados (calculado pela equação (2) apresentada no parágrafo 3) e SR é o erro padrão calculado como se a amostra tivesse sido escolhida totalmente ao acaso (equação (3) no parágrafo 3).

Para determinado desenho da amostra, dimensão do conglomerado, e variável, o DEFT é a medida da perda de precisão da amostra atribuível à conglomeração usada. Os dois principais factores de que depende são, a dimensão média dos conglomerados e a relativa homogeneidade (refe-

rente a determinada variável) dentro dos conglomerados. Para amostras (ou subclasses dela) com conglomerados de pequena dimensão, ou para variáveis com pouca homogeneidade intraconglomerados, pode esperar-se que o DEFT tenha um valor próximo da unidade, o que implica que pouca precisão da amostra se perde por efeito da utilização de conglomerados.

Esta última conclusão é de especial importância no presente contexto em que a principal preocupação é o cálculo dos erros de amostragem por subclasses da amostra ou de diferenças entre valores observados nas subclasses e não o dos referentes à amostra total. A dimensão efectiva dos conglomerados em subclasses da amostra e especialmente as referentes às suas diferenças, podem ser muito menores do que a dimensão dos conglomerados na amostra total, tornando o DEFT menor (mais próximo da unidade), isto é, tornando a perda de eficiência devida à conglomeração geralmente menos importante do que teria sido se o objectivo principal do inquérito consistisse em obter estimativas baseadas na amostra total.

2 — Discussão dos resultados principais

O programa CLUSTERS do WFS foi utilizado no cálculo dos erros de amostragem para as variáveis de maior interesse. Para cada variável calcularam-se erros de amostragem para a amostra total bem como para as diversas subclasses e diferenças entre pares de subclasses.

Os erros de amostragem, baseados no questionário individual, foram calculados para as seguintes variáveis:

1. Idade ao primeiro casamento — Idade média ao primeiro casamento para todas as mulheres não solteiras de 15 a 49 anos.
2. Idade ao primeiro casamento (<25) — Idade média ao primeiro casamento para mulheres de 25 a 49 anos que casaram antes dos 25 anos.

   Nota: Tanto em 1. como em 2. as médias foram obtidas a partir dos valores individuais da idade ao primeiro casamento em anos completos. Para obter o resultado em anos «exactos» deve adicionar-se 0,5 a todos os valores apresentados.

3. Dissolução do primeiro casamento — Percentagem das mulheres não solteiras cujo primeiro casamento foi dissolvido.
4. Tempo vivido em união — Percentagem do tempo vivido em união desde o primeiro casamento.
5. Presentemente casadas — Percentagem de mulheres que estão actualmente casadas.
6. Nascimentos nos primeiros cinco anos — Número médio de nascimentos ocorridos antes ou durante os primeiros cinco anos do primeiro casamento para mulheres que casaram há pelo menos cinco anos.
7. Nascimentos nos últimos cinco anos — Número médio de nascimentos ocorridos durante os últimos cinco anos, para mulheres que tenham estado continuamente no estado de casadas nos últimos cinco anos.
8. Actualmente grávidas — Percentagem das mulheres actualmente casadas que estão grávidas.
9. Filhos havidos — Número médio de filhos havidos por mulher.
10. Filhos vivos — Número médio de filhos vivos por mulher.
11. Número adicional de filhos desejado — Média de filhos adicionais desejados por mulheres actualmente casadas e fecundas.
12. Duração da amamentação no intervalo fechado — Número médio de meses de amamentação no último intervalo fechado entre gravidezes (são excluídos os casos em que a amamentação durou até a criança morrer).
13. Não quer mais filhos — Percentagem das mulheres actualmente casadas e fecundas que não querem mais filhos.
14. Dimensão desejada da família — Média do total de filhos desejados por mulheres actualmente casadas.
15. Conhece métodos contraceptivos — Percentagem de mulheres que ouviram falar de pelo menos um método contraceptivo eficiente.
16. Alguma vez usou contraceptivos — Percentagem de mulheres que alguma vez usaram um qualquer método contraceptivo.

17. Alguma vez usou métodos eficientes — Percentagem de mulheres que alguma vez usaram um qualquer método contraceptivo eficiente.

18. Actualmente usando (expostas) — Percentagem de mulheres fecundas, actualmente casadas e não grávidas ou esterilizadas para fins contraceptivos que estão a usar um qualquer método contraceptivo.

19. Usando um método eficiente (expostas) — Percentagem de mulheres fecundas, actualmente casadas e não grávidas ou esterilizadas para fins contraceptivos que estão a usar um método contraceptivo eficiente.

20. Não quer mais filhos e está a usar métodos eficientes (expostas) — Das mulheres fecundas não grávidas actualmente casadas ou esterilizadas para fins contraceptivos, a percentagem que está a usar um qualquer método contraceptivo eficiente.

21. Nunca usou contracepção — Percentagem das mulheres não solteiras que nunca usaram contracepção.

22. Usou no passado — Percentagem de mulheres não solteiras que usaram contracepção no passado.

23. A usar actualmente — Percentagem de mulheres não solteiras que estão actualmente a usar contracepção.

No Quadro III.1 figuram os erros de amostragem que afectam as variáveis calculadas para a amostra total a partir dos valores do questionário individual. Para cada variável apresentam-se os seguintes valores:

r — a razão, média, proporção ou percentagem estimada a partir da amostra total. Note-se que as estimativas apresentadas como proporções podem ser transformadas em percentagens por simples deslocação da vírgula duas casas para a direita. Nestes casos, os erros padrões apresentados para as proporções devem ser multiplicados por 100 para corresponderem às percentagens. Do mesmo modo as estimativas apresentadas como percentagens podem ser transformadas em proporções por deslocação da vírgula duas casas para a esquerda. Nestes casos, os erros padrões apresentados devem ser divididos por 100 para corresponderem a proporções.

SE — erro padrão referente à amostra por conglomerados (definido pela equação (2) que se transcreve mais adiante).

Int. Conf. 95 % — o intervalo de confiança a 95 %, definido anteriormente como $r \pm 2$ SE.

n — a base adequada não ponderada. A amostra para Portugal consiste em 5148 entrevistas individuais completas. Contudo, apenas um número restrito de variáveis se encontram no conjunto das 5148 mulheres. Muitas das variáveis só têm aplicação para subpopulações que satisfazem a certos critérios; por exemplo a variável «Nascimentos nos últimos cinco anos» só se refere às 3873 mulheres que tenham estado continuamente na situação de casadas nos últimos cinco anos.

s — desvio padrão, definido como

$$s = SR/\sqrt{n}$$

onde SR é o erro padrão calculado na hipótese de ser casual a amostra de indivíduos. Embora o s seja estimado a partir dos resultados da amostra, ele é uma característica da população em estudo, e não de um esquema de amostragem particular ou de determinada dimensão da amostra.

DEFT — O Factor de Delineamento, DEFT = = SE/SR (como indicado na equação (1) atrás apresentada). Mede a eficiência da amostra perdida pelo facto de se recorrer a conglomerados. Os valores do DEFT próximo da unidade significam que pouco se perdeu por se terem formado conglomerados de respondentes em áreas de amostragem.

b — a dimensão média dos aglomerados, isto é, o número médio (não ponderado) de entrevistas por PSU (unidade primária). Para a amostra total

$$b = 5148/317 = 16{,}2$$

Este valor será menor se a variável não se aplica a todos os indivíduos na amostra. (Note-se que a dimensão média dos conglomerados pode ser utilizada para calcular taxas de homogeneidade — veja-se a equação (6) adiante).

Para a amostra total os erros de amostragem que afectam as varáveis derivadas dos questionários individuais são relativamente pequenos — abaixo de 5 % da média (*). Contudo, os valores do DEFT achados são relativamente elevados. A média geral do DEFT situa-se à volta de 1,35, implicando que a variância (o quadrado do erro padrão) seja 1,82, menos do que duas vezes o que se obteria numa amostra inteiramente casual da mesma dimensão. Os valores do DEFT para as variáveis referentes à contracepção são de certo modo maiores do que a média para os outros grupos de variáveis. Os valores mais elevados do DEFT encontrados referem-se ao número de filhos havidos e ao número de filhos vivos.

3 — Algumas considerações técnicas

3.1 — Fórmulas de cálculo

Em geral, o processo utilizado para estimar os erros de amostragem numa amostra por conglomerados estratificada é o seguinte:

Consideremos a estatística de razão $r = y/x$ onde y e x são duas variáveis cuja razão se procura estimar. (O procedimento também se aplica a outras estimativas tais como médias, proporções ou percentagens que podem ser consideradas casos especiais de razões). Seja o sufixo «j» identificador do valor individual, o sufixo «i» identificador da PSU (unidade primária) a que o indivíduo pertence, e o sufixo «h» o identificador do estrato em que se localiza a unidade primária. Assim,

y_{hij} = valor da variável *y* referente a indivíduos *j* da unidade primária *i* no estrato *h*

w_{hij} = a ponderação do valor individual

$y_{hi} = \sum_j w_{hij} \cdot y_{hij}$ a soma ponderada dos valores de *y* para todos os indivíduos *j* da unidade primária *i* do estrato *h*

$y_h = \sum_i y_{hi}$, a soma dos y_{hi} para todas as unidades primárias *i* do estrato *h*

$y = \Sigma\, y_h$, a soma dos y_h para todos os estratos *h* da amostra

Significados idênticos aplicam-se à variável *x*

A variância (SE^2, quadrado do erro padrão) da estimativa por razão $r = y/x$

é estimada por

$$SE^2 = var(r) =$$

$$= \frac{1-f}{x^2} \sum_{h=1}^{H} \left[\frac{m_h}{m_h - 1} \left(\sum_{i=1}^{m_h} z_{hi}^2 - \frac{z_h^2}{m_h} \right) \right] \quad (2)$$

onde

f = a fracção total de amostragem, aqui negligível

m_h = número de unidades primárias no estrato *h*

H = número de estratos na amostra

r = razão entre os valores dos dois agregados na amostra, *y* e *x*

$z_{hi} = y_{hi} - r \cdot x_{hi}$

$z_h = \sum_i z_{hi} = y_h - r \cdot x_h$

A equação (2) aplica-se igualmente a estimativas derivadas de uma subclasse particular da amostra. Valores individuais, unidades primárias, ou estratos que não pertencem à subclasse são simplesmente ignorados no cálculo. Os somatórios «Σ» são extensíveis apenas às unidades que fazem parte da subclasse em consideração.

O valor de SR, o erro padrão duma estimativa de razão *r* correspondente a uma amostra equivalente seleccionada ao acaso, é necessário para estimar o DEFT = SE/SR e é dado por

$$SR^2 = \frac{1-f}{n-1} \left(\Sigma\, w_{hij}\, z_{hij}^2 / \Sigma\, w_{hij} \right) \quad (3)$$

onde

$$z_{hij} = y_{hij} - r \cdot x_{hij}$$

(*) Das vinte e três variáveis consideradas, o erro padrão para a amostra total é inferior a 1 por cento da média para cinco, entre 1 e 3 por cento para 10, entre 3 e 5 por cento para 6 e acima de 5 por cento para duas.

e r é a estimativa de razão

$$r = y/x = \Sigma\ w_{hij}\ y_{hij}/\Sigma w_{hij}\ x_{hij}$$

n é a dimensão da amostra total, e «Σ» é o somatório abrangendo todos os indivíduos na amostra. Como anteriormente, as médias, proporções ou percentagens são meramente casos particulares das razões.

A variância duma diferença entre as médias de duas subclasses numa amostra estratificada é dada pelas seguintes fórmulas onde a segunda classe do par será identificada pela plica (').

$$SE^2_{r-r'} = \text{var}\ (r-r') = \text{var}\ r + \text{var}\ r' - 2\ \text{cov}\ r\ r' \quad (4)$$

onde var (r) e var (r') são dadas pela equação (2) e a covariância cov r r', é dada por

$$\text{cov}\ (r, r') = \frac{1-f}{x\,x'} \sum_{h=1}^{H} \left[\frac{m_h}{m_h - 1} \left(\sum_{i=1}^{m_h} z_{hi} \cdot z'_{hi} - \frac{z_h\, z'_h}{m_h} \right) \right] \quad (5)$$

Em geral cov (r, r') é positiva devido à existência de correlação positiva entre os valores individuais em duas subclasses que pertencem ao mesmo conglomerado na amostra.

As taxas de homogeneidade (ROH) que indicam em que medida as respostas a uma determinada variável são mais homogéneas dentro das unidades primárias do que na amostra em conjunto, podem ser calculadas a partir da dimensão média das unidades primárias e do valor do DEFT pela fórmula

$$\text{ROH} = \frac{\text{DEFT}^2 - 1}{b - 1} \quad (6)$$

onde b é a dimensão média das uniddes primárias.

3.2 — Estratos necessários para o cálculo dos erros de amostragem

Antes de se seleccionar uma amostra, a população é, em geral, dividida num certo número de partes, chamadas estratos, que se espera sejam de certo modo, homogéneas fazendo-se a selecção das unidades primárias dentro de cada estrato independentemente. Com a estratificação tem-se em vista reduzir os erros de amostragem, e algumas vezes permitir alterar o desenho da amostra ou a taxa de amostragem de estrato para estrato. Deve notar-se que os estratos utilizados para o cálculo dos erros de amostragem não têm que ser necessariamente os mesmos que foram explicitamente usados na selecção da amostra. A diferença entre eles pode resultar devido a duas principais razões.

1. Sempre que as unidades primárias são seleccionadas sistematicamente de uma lista ordenada, isto é, selecção de uma lista com início escolhido casualmente e a intervalo fixo a partir dessa origem, as unidades primárias vizinhas devem ser agrupadas duas a duas se possível, três se não, dentro de cada estrato efectivo com vista à formação de novos estratos «implícitos» mais pequenos para serem utilizados no cálculo dos erros de amostragem.

   No caso de um estrato explícito de que se tenha seleccionado sistematicamente um número ímpar de unidades primárias (mais do que 3), terá que escolher-se onde, na lista ordenada, se deverá fazer o agrupamento de três. Uma regra simples para este efeito é a seguinte:

   Procure-se a unidade primária mais pequena. Se ela se encontra no início (ou fim) da lista nesse estrato explícito, o grupo de três será constituído pelos três primeiros (três últimos) elementos da lista. Se tal não acontecer, o grupo de três será formado à volta da unidade primária mais pequena e da menor das suas duas vizinhas, tendo presente que o primeiro membro de qualquer grupo (seja de dois ou de três) deve ser um número impar contando do início da lista nesse estrato explícito.

2. O cálculo dos erros de amostragem exige que haja pelo menos duas unidades primárias por estrato. Os estratos de que só se tenha seleccionado uma unidade primária devem ser associados para formar os pares (ou outros grupos) de unidades primárias. Tais associações devem ser feitas com base em características da população total dos estratos (agrupando os estratos mais semelhantes) e não nas características das unidades primárias seleccionadas. Este pro-

cedimento tende a produzir uma ligeira sobreavaliação do erro de amostragem.

No programa CLUSTERS, os estratos a definir são obviamente os que irão ser usados no cálculo dos erros de amostragem e estes estratos são identificados nas bandas de registo padrão do WFS. Os estratos explícitos originais, se diferirem destes, não interessam para este efeito.

3.3 — Avaliação aproximada dos erros padrões quando não são apresentados

3.3.1 — Avaliação dos erros padrões para subclasses da amostra

Na hipótese de que apenas a dimensão de uma subclasse, e não a sua natureza, afecta o erro de amostragem, o erro padrão numa subclasse de qualquer dimensão é satisfatoriamente avaliado a partir dos resultados obtidos do computador, referentes à amostra total, do modo seguinte: Usando o índice *t* para referir a amostra total (de dimensão n_t) e o índice *s* para referir a subclasse (de dimensão n_s), poderá usar-se a relação (empiricamente válida aproximadamente)

$$SE_s = f_s \; SE_t \qquad (7)$$

onde f_s é um factor determinado semiempiricamente para

$$f_s = \left[\frac{n_t}{n_s} + \left(\frac{n_t}{n_s} \right)^{2/3} \cdot \left(DEFT_t^2 - 1 \right) \right]^{1/2} \cdot \frac{1}{DEFT_t} \qquad (8)$$

para estimar aproximadamente o erro padrão para a subclasse. Note-se que f_s depende apenas dos resultados referentes à amostra total e da proporção da subclasse na amostra, e que as equações apresentadas se aplicam separadamente a cada uma das variáveis de interesse. Para algumas variáveis, por exemplo o número médio de filhos havidos, estas equações não são adequadas para avaliar o erro padrão em algumas subclasses e os valores que resultam da sua aplicação precisam de ser ajustados para os fazer corresponder melhor aos resultados efectivamente calculados. As variáveis que estejam altamente relacionadas com o ciclo da vida, isto é, com a idade ao casamento ou duração do casamento, têm um erro padrão que obviamente está relacionado com a média ou proporção estimada, que, por sua vez, varia consideravelmente de subclasse para subclasse. Mesmo assim, tem-se verificado que nestes casos particulares, as subclasses excepcionais (com, digamos, valores excepcionalmente baixos para a média ou proporção da variável) podem ser tratadas multiplicando o erro padrão por um mero factor de ajustamento tal como 0,5.

3.3.2 — Avaliação dos erros padrões para diferenças entre subclasses

O erro padrão para diferenças entre subclasses pode avaliar-se aproximadamente supondo que o erro padrão que afecta a diferença fica a «meio caminho» entre dois limites: o limite superior obtido supondo que a covariância é nula na equação (4) (na prática a covariância é quase sempre positiva) e o limite inferior obtido supondo que a formação de conglomerados não tem nenhum efeito. Este procedimento baseia-se na hipótese de que as equações (7) e (8) são válidas também para o desvio padrão de diferenças entre as médias de duas subclasses, se n_s — (8) for substituído por n_d, sendo

$$n_d = \frac{n_1 \; n_2}{n_1 + n_2} \qquad (9)$$

isto é, metade da média harmónica das dimensões das duas subclasses.

Note-se que os limites superior e inferior não são em geral na prática muito afastados, uma vez que n_d tende a ser muito menor que n_s.

3.3.3 — Variação do DEFT com a dimenção da subclasse

Na hipótese de que apenas a dimensão da subclasse e não a sua natureza, afecta o erro de amostragem, as equações (7) e (8) equivalem a

$$\frac{DEFT_s^2 - 1}{DEFT_t^2 - 1} = \left(n_s / n_t \right)^{1/3} \qquad (10)$$

Desta equação se deduz que pequenas subclasses, isto é, subclasses de dimensão n_s muito menor do que n_t, o DEFT para subclasses tende

para a unidade. Noutras palavras, a perda em precisão devida à conglomeração da amostra tende a diminuir com a dimensão das subclasses. No presente contexto isto significa que quando as estimativas do inquérito são de particular interesse para as pequenas subclasses como por exemplo a idade ao casamento em grupos quinquenais, o efeito da conglomeração da amostra tende a ser relativamente menos importante. Por exemplo, para uma subclasse onde $n_s/n_t = 0{,}1$ e o $DEFT_t = 2{,}0$ o correspondente $DEFT_s$ é de cerca de 1,5.

4 — Quadros referentes aos erros de amostragem

Pág.

Quadro III.1 — Erros de amostragem referentes a amostra total 163

Quadro III.2a — Erros de amostragem por grupos de idade actual 164

Quadro III.3a — Erros de amostragem por grupos de tempo decorrido desde o primeiro casamento 167

Quadro III.4a — Erros de amostragem por número de filhos vivos 169

Quadro III.4b — Erros de amostragem para diferenças entre subclasses de número de filhos vivos 171

Pág.

Quadro III.5a — Erros de amostragem por grau de instrução da mulher 173

Quadro III.6a — Erros de amostragem por situação perante o trabalho em relação ao casamento 175

Quadro III.7a — Erros de amostragem por ocupação do marido 177

Quadro III.8a — Erros de amostragem por tipo do local de residência 179

Quadro III.8b — Erros de amostragem para diferenças entre subclasses de tipo do local de residência 181

Quadro III.1 - Erros de amostragem relativos a amostra total

Nome de variavel	Media ou per cent	SE	Media ou per cent -2SE	Media ou per cent +2SE	n	s	DEFT	b
Idade ao primeiro casamento	21.99	.07	21.86	22.12	5148	3.98	1.18	16.2
Idade ao primeiro casamento (<25)	20.67	.04	20.58	20.76	3371	2.38	1.05	10.6
Dissolucao do primeiro casamento	7.15	.43	6.28	8.02	5148	25.77	1.21	16.2
Tempo vivido em uniao	97.09	.22	96.65	97.54	5148	14.35	1.11	16.2
Actualmente casadas	95.05	.35	94.35	95.74	5148	21.70	1.15	16.2
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.54	.02	1.50	1.58	4150	.88	1.52	13.1
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.38	.01	.36	.41	3873	.65	1.25	12.2
Actualmente gravidas	4.58	.31	3.95	5.20	4893	20.90	1.05	15.4
Filhos havidos	2.26	.04	2.17	2.35	5148	1.86	1.68	16.2
Filhos vivos	2.12	.04	2.04	2.19	5148	1.67	1.68	16.2
Numero adicional filhos desejado	.33	.01	.31	.36	4436	.67	1.13	14.0
Duracao da amament. no int. fech.	5.40	.17	5.05	5.75	3300	7.25	1.38	10.4
Nao quere mais filhos	68.46	.85	66.77	70.15	4477	46.47	1.22	14.1
Dimensao desejada da familia	2.44	.03	2.39	2.50	4771	1.30	1.44	15.1
Conhece metodos contracept. efic.	96.21	.41	95.40	97.03	5148	19.09	1.53	16.2
Alguma vez usou contraceptivos	77.97	.89	76.19	79.76	5148	41.45	1.54	16.2
Alguma vez usou metodos eficientes	42.52	1.13	40.27	44.77	5148	49.44	1.63	16.2
Actualmente usando (expostas)	76.25	.93	74.38	78.12	4253	42.56	1.43	13.4
Usando um metodo eficiente (exp.)	37.71	1.08	35.56	39.87	4253	48.47	1.45	13.4
Nao quere mais filhos usa efic.	38.44	1.15	36.14	40.75	2950	48.65	1.29	9.3
Nunca usou contracepcao	22.03	.89	20.24	23.81	5148	41.45	1.54	16.2
Usou no passado	14.94	.55	13.83	16.04	5148	35.65	1.11	16.2
A usar actualmente	63.03	.93	61.17	64.90	5148	48.28	1.39	16.2

Quadro III.2a - Erros de amostragem por idade actual

Nome de variavel	<20				20-24				25-29				30-34			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	16.82	.14	89	.88	19.21	.09	548	1.04	21.11	.11	823	1.11	21.94	.12	924	1.07
Idade ao primeiro casamento (<25)	.00	.00	0	.00	.00	.00	0	.00	20.59	.09	741	1.05	20.67	.09	730	1.00
Dissolucao do primeiro casamento	5.62	2.40	89	.98	3.47	.80	548	1.03	4.25	.67	823	.95	6.60	.90	924	1.10
Tempo vivido em uniao	98.42	.85	89	.99	98.59	.44	548	1.02	98.19	.37	823	1.00	97.58	.40	924	1.06
Actualmente casadas	95.51	2.15	89	.97	97.08	.78	548	1.09	97.57	.51	823	.96	95.78	.67	924	1.01
Nascimentos nas primeiros 5 anos	.00	.00	0	.00	1.54	.07	83	.93	1.39	.03	496	1.06	1.51	.03	845	1.11
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.00	.00	0	.00	1.23	.09	77	1.07	.89	.04	469	1.09	.60	.03	797	1.06
Actualmente gravidas	18.82	4.50	85	1.06	15.60	1.66	532	1.06	8.72	1.00	803	1.00	3.05	.60	885	1.04
Filhos havidos	.57	.06	89	.93	1.06	.04	548	1.04	1.49	.04	823	1.21	2.08	.04	924	1.06
Filhos vivos	.56	.06	89	.94	1.03	.04	548	1.04	1.43	.04	823	1.16	1.97	.04	924	1.05
Numero adicional filhos desejado	1.23	.08	84	.95	.94	.03	521	.84	.61	.04	783	1.28	.27	.02	862	1.03
Duracao da amament. no int. fech.	1.75	1.01	8	.94	2.45	.36	154	1.10	3.19	.27	391	.94	3.87	.23	639	.98
Nao quere mais filhos	12.94	3.68	85	1.00	28.54	1.98	529	1.01	44.39	1.88	793	1.06	70.93	1.60	867	1.04
Dimensao desejada da familia	1.99	.08	84	.99	2.24	.04	524	.97	2.30	.04	789	1.04	2.32	.03	869	.98
Conhece metodos contracept. efic.	98.88	1.12	89	1.00	97.63	.61	548	.94	97.57	.61	823	1.13	97.51	.43	924	.85
Alguma vez usou contraceptivos	69.66	5.18	89	1.06	75.91	1.83	548	1.00	83.72	1.65	823	1.28	84.63	1.27	924	1.07
Alguma vez usou metodos eficientes	56.18	5.63	89	1.06	54.01	2.40	548	1.13	56.26	2.12	823	1.22	55.19	1.82	924	1.11
Actualmente usando (expostas)	76.81	5.19	69	1.01	72.65	2.27	446	1.07	77.18	1.84	723	1.18	81.19	1.38	840	1.02
Usando um metodo eficiente (exp.)	60.87	6.08	69	1.03	48.65	2.62	446	1.11	46.47	2.07	723	1.12	46.55	1.86	840	1.08
Nao quere mais filhos usa efic.	87.50	11.69	8	.94	53.28	4.70	122	1.04	55.52	3.36	308	1.19	52.52	2.19	596	1.07
Nunca usou contracepcao	30.34	5.18	89	1.06	24.09	1.83	548	1.00	16.28	1.65	823	1.28	15.37	1.27	924	1.07
Usou no passado	10.11	3.15	89	.98	16.79	1.71	548	1.07	15.92	1.22	823	.96	10.82	1.08	924	1.06
A usar actualmente	59.55	5.77	89	1.10	59.12	2.28	548	1.08	67.80	1.88	823	1.15	73.81	1.38	924	.95

Quadro III.2a - Erros de amostragem por idade actual (cont.)

Nome de variavel	35-39				40-44				45-49			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	22.59	.14	907	1.04	23.12	.14	950	.98	23.23	.16	907	1.04
Idade ao primeiro casamento (<25)	20.59	.10	640	1.11	20.74	.10	652	1.06	20.78	.10	608	1.04
Dissolucao do primeiro casamento	5.84	.84	907	1.07	9.89	1.03	950	1.06	11.14	1.07	907	1.02
Tempo vivido em uniao	98.31	.33	907	1.11	96.33	.50	950	1.07	96.39	.42	907	.98
Actualmente casadas	95.81	.70	907	1.05	92.84	.82	950	.98	92.28	.96	907	1.09
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.57	.03	882	1.09	1.60	.04	941	1.27	1.57	.04	903	1.13
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.36	.02	839	1.03	.17	.02	865	1.07	.06	.01	826	1.02
Actualmente gravidas	2.19	.50	869	1.01	1.02	.34	882	.99	.00	.00	837	.00
Filhos havidos	2.54	.07	907	1.19	2.83	.09	950	1.39	3.16	.11	907	1.28
Filhos vivos	2.40	.06	907	1.14	2.62	.09	950	1.43	2.88	.09	907	1.24
Numero adicional filhos desejado	.15	.02	812	1.07	.06	.01	787	1.12	.01	.00	587	1.00
Duracao da amament. no int. fech.	5.25	.30	705	1.15	6.48	.35	722	1.21	7.83	.37	681	1.15
Nao quere mais filhos	81.51	1.33	822	.98	89.39	1.24	792	1.14	94.74	.99	589	1.08
Dimensao desejada da familia	2.48	.05	843	1.06	2.54	.06	855	1.20	2.74	.08	807	1.28
Conhece metodos contracept. efic.	96.80	.54	907	.93	94.32	.84	950	1.12	93.94	.88	907	1.10
Alguma vez usou contraceptivos	81.15	1.41	907	1.08	76.11	1.59	950	1.15	66.81	1.67	907	1.07
Alguma vez usou metodos eficientes	41.35	1.93	907	1.18	32.63	1.74	950	1.14	20.40	1.50	907	1.12
Actualmente usando (expostas)	77.46	1.60	803	1.09	75.99	1.71	783	1.12	69.44	1.86	589	.98
Usando um metodo eficiente (exp.)	34.87	1.88	803	1.12	30.14	1.89	783	1.15	17.32	1.66	589	1.07
Nao quere mais filhos usa efic.	38.20	2.15	657	1.14	32.24	1.99	701	1.13	18.10	1.66	558	1.02
Nunca usou contracepcao	18.85	1.41	907	1.08	23.89	1.59	950	1.15	33.19	1.67	907	1.07
Usou no passado	12.46	1.17	907	1.07	13.37	1.05	950	.95	21.72	1.42	907	1.04
A usar actualmente	68.69	1.57	907	1.02	62.74	1.70	950	1.08	45.09	1.67	907	1.01

Quadro III.2a - Erros de amostragem por idade actual (cont.)

Nome de variavel	<25				25-34				35-44				45-49			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	18.87	.09	637	1.04	21.55	.08	1747	1.11	22.86	.10	1857	1.01	23.23	.16	907	1.04
Idade ao primeiro casamento (<25)	.00	.00	0	.00	20.63	.06	1471	1.02	20.67	.07	1292	1.08	20.78	.10	608	1.04
Dissolucao do primeiro casamento	3.77	.77	637	1.03	5.50	.59	1747	1.09	7.92	.70	1857	1.12	11.14	1.07	907	1.02
Tempo vivido em uniao	98.58	.42	637	1.02	97.79	.32	1747	1.13	97.16	.33	1857	1.12	96.39	.42	907	.98
Actualmente casadas	96.86	.74	637	1.08	96.62	.44	1747	1.02	94.29	.57	1857	1.07	92.28	.96	907	1.09
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.54	.07	83	.93	1.47	.02	1341	1.14	1.58	.03	1823	1.29	1.57	.04	903	1.13
Nascimentos nas ultimos 5 anos	1.23	.09	77	1.07	.71	.02	1266	1.06	.26	.02	1704	1.12	.06	.01	826	1.02
Actualmente gravidas	16.05	1.59	617	1.08	5.75	.57	1688	1.00	1.60	.31	1751	1.02	.00	.00	837	.00
Filhos havidos	1.00	.03	637	1.04	1.80	.03	1747	1.26	2.69	.06	1857	1.46	3.16	.11	907	1.28
Filhos vivos	.96	.03	637	1.04	1.72	.03	1747	1.26	2.51	.06	1857	1.48	2.88	.09	907	1.24
Numero adicional filhos desejado	.98	.03	605	.89	.43	.02	1645	1.31	.11	.01	1599	1.09	.01	.00	587	1.00
Duracao da amament. no int. fech.	2.41	.35	162	1.10	3.61	.18	1030	1.00	5.87	.25	1427	1.27	7.83	.37	681	1.15
Nao quere mais filhos	26.38	1.82	614	1.02	58.25	1.42	1660	1.17	85.38	.95	1614	1.08	94.74	.99	589	1.08
Dimensao desejada da familia	2.20	.03	608	.94	2.31	.03	1658	1.05	2.51	.04	1698	1.22	2.74	.08	807	1.28
Conhece metodos contracept. efic.	97.80	.55	637	.95	97.54	.45	1747	1.21	95.53	.56	1857	1.18	93.94	.88	907	1.10
Alguma vez usou contraceptivos	75.04	1.75	637	1.02	84.20	1.21	1747	1.39	78.57	1.16	1857	1.22	66.81	1.67	907	1.07
Alguma vez usou metodos eficientes	54.32	2.24	637	1.13	55.70	1.57	1747	1.32	36.89	1.40	1857	1.25	20.40	1.50	907	1.12
Actualmente usando (expostas)	73.20	2.03	515	1.04	79.33	1.32	1563	1.29	76.73	1.29	1586	1.21	69.44	1.86	589	.98
Usando um metodo eficiente (exp.)	50.29	2.51	515	1.14	46.51	1.45	1563	1.15	32.53	1.41	1586	1.19	17.32	1.66	589	1.07
Nao quere mais filhos usa efic.	55.38	4.54	130	1.04	53.54	1.81	904	1.09	35.13	1.53	1358	1.18	18.10	1.66	558	1.02
Nunca usou contracepcao	24.96	1.75	637	1.02	15.80	1.21	1747	1.39	21.43	1.16	1857	1.22	33.19	1.67	907	1.07
Usou no passado	15.86	1.57	637	1.08	13.22	.84	1747	1.04	12.92	.79	1857	1.02	21.72	1.42	907	1.04
A usar actualmente	59.18	2.01	637	1.03	70.98	1.28	1747	1.18	65.64	1.26	1857	1.14	45.09	1.67	907	1.01

Quadro III.3a - Erros de amostragem por anos decorridos desde o primeiro casamento

Nome de variavel	<5				5-9				10-14				15-19			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	21.90	.15	998	1.08	22.53	.14	996	1.05	22.80	.13	998	1.00	22.28	.13	951	1.09
Idade ao primeiro casamento (<25)	22.52	.08	245	1.04	21.10	.07	668	.95	20.60	.10	688	1.08	20.53	.10	691	1.08
Dissolucao do primeiro casamento	2.51	.50	998	1.01	5.02	.66	996	.96	6.41	.85	998	1.10	8.41	1.04	951	1.15
Tempo vivido em uniao	98.88	.28	998	.98	98.07	.34	996	1.00	97.92	.33	998	1.02	97.48	.40	951	1.16
Actualmente casadas	97.80	.51	998	1.10	96.08	.65	996	1.05	95.59	.71	998	1.10	94.64	.76	951	1.04
Nascimentos nas primeiros 5 anos	.00	.00	0	.00	1.44	.03	996	1.05	1.51	.03	998	1.11	1.60	.04	951	1.15
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.00	.00	0	.00	.88	.03	948	1.10	.40	.02	941	1.13	.19	.02	889	1.12
Actualmente gravidas	14.65	1.15	976	1.01	5.75	.70	957	.93	1.05	.33	954	1.00	1.67	.48	900	1.13
Filhos havidos	.95	.03	998	1.04	1.75	.03	996	1.14	2.29	.05	998	1.27	2.75	.08	951	1.39
Filhos vivos	.92	.03	998	1.06	1.68	.03	996	1.12	2.19	.05	998	1.25	2.56	.07	951	1.38
Numero adicional filhos desejado	1.00	.03	957	1.05	.33	.02	922	1.04	.16	.02	901	1.00	.07	.01	804	1.03
Duracao da amament. no int. fech.	2.71	.37	223	1.20	2.93	.21	610	1.04	4.32	.24	751	1.07	6.28	.35	755	1.24
Nao quere mais filhos	24.20	1.50	971	1.09	62.02	1.66	932	1.04	79.47	1.39	911	1.04	89.74	1.09	809	1.02
Dimensao desejada da familia	2.22	.03	955	1.01	2.28	.03	937	1.14	2.43	.04	936	1.13	2.56	.05	877	1.11
Conhece metodos contracept. efic.	97.49	.54	998	1.09	97.59	.59	996	1.21	96.89	.62	998	1.13	95.69	.73	951	1.10
Alguma vez usou contraceptivos	74.35	1.52	998	1.10	84.04	1.30	996	1.12	83.47	1.31	998	1.11	78.86	1.48	951	1.11
Alguma vez usou metodos eficientes	51.40	1.90	998	1.20	55.12	1.74	996	1.10	48.40	1.78	998	1.13	37.01	1.77	951	1.13
Actualmente usando (expostas)	70.29	1.76	828	1.11	80.62	1.44	877	1.08	80.47	1.48	901	1.12	78.34	1.62	794	1.11
Usando um metodo eficiente (exp.)	46.26	2.03	828	1.17	45.72	1.84	877	1.09	42.06	1.93	901	1.17	31.86	1.78	794	1.08
Nao quere mais filhos usa efic.	53.04	4.22	181	1.13	52.23	2.59	538	1.20	46.15	2.03	715	1.09	33.85	1.92	715	1.08
Nunca usou contracepcao	25.65	1.52	998	1.10	15.96	1.30	996	1.12	16.53	1.31	998	1.11	21.14	1.48	951	1.11
Usou no passado	16.03	1.23	998	1.06	13.05	1.00	996	.94	10.72	1.12	998	1.14	13.35	1.07	951	.97
A usar actualmente	58.32	1.71	998	1.09	70.98	1.49	996	1.03	72.75	1.53	998	1.09	65.51	1.66	951	1.08

Quadro III.3a - Erros de amostragem por anos decorridos desde o primeiro casamento (cont.)

Nome de variavel	20-24				25-29				30+			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	21.66	.12	753	1.09	19.51	.11	396	1.03	16.59	.24	56	1.04
Idade ao primeiro casamento (<25)	20.81	.10	627	1.03	19.51	.11	396	1.03	16.59	.24	56	1.04
Dissolucao do primeiro casamento	12.48	1.35	753	1.12	10.61	1.48	396	.96	23.21	5.55	56	.98
Tempo vivido em uniao	96.36	.52	753	1.12	96.24	.72	396	1.07	92.79	2.28	56	.96
Actualmente casadas	91.63	1.15	753	1.14	92.68	1.23	396	.94	87.50	4.32	56	.97
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.62	.04	753	1.12	1.61	.05	396	1.11	1.52	.14	56	1.05
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.12	.02	682	1.09	.07	.02	366	1.01	.13	.05	47	1.00
Actualmente gravidas	.14	.14	690	1.00	.00	.00	367	.00	.00	.00	49	.00
Filhos havidos	3.08	.11	753	1.31	3.70	.16	396	1.09	4.61	.46	56	1.05
Filhos vivos	2.82	.10	753	1.31	3.34	.14	396	1.09	4.02	.40	56	1.05
Numero adicional filhos desejado	.03	.01	559	1.02	.00	.00	260	.00	.06	.06	33	.99
Duracao da amament. no int. fech.	6.96	.35	597	1.10	8.59	.47	313	.98	11.53	1.58	51	.98
Nao quere mais filhos	93.57	1.12	560	1.08	95.40	1.41	261	1.08	87.88	5.75	33	1.00
Dimensao desejada da familia	2.65	.08	668	1.13	2.79	.11	351	1.04	2.70	.22	47	1.00
Conhece metodos contracept. efic.	94.42	.80	753	.96	92.68	1.40	396	1.07	94.64	3.02	56	.99
Alguma vez usou contraceptivos	72.51	1.77	753	1.09	68.43	2.49	396	1.06	62.50	6.28	56	.96
Alguma vez usou metodos eficientes	26.83	1.56	753	.97	19.95	2.03	396	1.01	19.64	4.90	56	.92
Actualmente usando (expostas)	72.99	2.01	559	1.07	68.97	2.50	261	.87	57.58	8.43	33	.97
Usando um metodo eficiente (exp.)	23.79	1.94	559	1.08	18.39	2.48	261	1.03	21.21	6.73	33	.93
Nao quere mais filhos usa efic.	25.05	2.00	523	1.05	18.88	2.53	249	1.02	24.14	7.47	29	.92
Nunca usou contracepcao	27.49	1.77	753	1.09	31.57	2.49	396	1.06	37.50	6.28	56	.96
Usou no passado	18.33	1.44	753	1.02	22.98	2.11	396	1.00	28.57	5.73	56	.94
A usar actualmente	54.18	2.00	753	1.10	45.45	2.35	396	.94	33.93	6.01	56	.94

Quadro III.4a - Erros de amostragem por numero de filhos vivos

Nome de variavel	0				1				2				3			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	23.31	.22	464	.88	22.20	.12	1542	1.15	21.92	.09	1777	1.02	21.57	.15	647	1.08
Idade ao primeiro casamento (<25)	21.19	.20	139	.93	21.15	.07	851	.90	20.73	.07	1305	1.02	20.34	.12	494	1.07
Dissolucao do primeiro casamento	7.76	1.20	464	.96	7.72	.80	1542	1.17	4.78	.55	1777	1.09	7.88	1.12	647	1.06
Tempo vivido em uniao	94.45	1.26	464	1.01	95.72	.58	1542	1.11	97.86	.29	1777	.98	97.75	.40	647	.96
Actualmente casadas	94.40	1.12	464	1.05	94.16	.66	1542	1.11	96.74	.45	1777	1.07	94.59	.92	647	1.03
Nascimentos nas primeiros 5 anos	.05	.02	184	1.03	.94	.01	989	.96	1.49	.01	1632	.92	2.01	.03	635	1.07
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.01	.01	157	1.00	.22	.02	899	1.14	.39	.02	1563	1.02	.50	.04	595	1.11
Actualmente gravidas	20.78	1.97	438	1.01	5.72	.58	1452	.96	1.51	.31	1719	1.04	1.63	.49	612	.96
Filhos havidos	.05	.02	464	.96	1.08	.01	1542	1.01	2.10	.01	1777	.98	3.19	.03	647	1.22
Filhos vivos	.00	.00	464	.00	1.00	.00	1542	.00	2.00	.00	1777	.00	3.00	.00	647	.00
Numero adicional filhos desejado	1.50	.05	349	.88	.52	.02	1353	1.03	.09	.01	1601	1.14	.07	.02	553	1.09
Duracao da amament. no int. fech.	1.33	1.09	3	.82	2.68	.35	182	.97	4.68	.17	1754	1.12	5.83	.38	647	1.29
Nao quere mais filhos	13.56	1.72	354	.94	46.04	1.52	1364	1.12	85.24	1.06	1613	1.20	88.87	1.52	557	1.14
Dimensao desejada da familia	2.13	.04	427	.85	2.02	.02	1425	1.06	2.32	.03	1688	1.09	2.84	.05	600	.96
Conhece metodos contracept. efic.	96.77	.89	464	1.09	97.34	.36	1542	.87	97.36	.44	1777	1.15	95.05	.85	647	.99
Alguma vez usou contraceptivos	45.47	2.48	464	1.07	80.87	1.19	1542	1.19	85.20	.98	1777	1.17	83.46	1.61	647	1.10
Alguma vez usou metodos eficientes	31.90	2.37	464	1.10	45.78	1.57	1542	1.24	45.86	1.44	1777	1.22	42.66	2.28	647	1.17
Actualmente usando (expostas)	47.91	3.10	263	1.00	77.52	1.38	1281	1.19	81.41	1.09	1587	1.12	80.26	1.90	547	1.12
Usando um metodo eficiente (exp.)	34.22	2.81	263	.96	40.12	1.63	1281	1.19	38.88	1.48	1587	1.21	38.03	2.36	547	1.14
Nao quere mais filhos usa efic.	34.21	7.49	38	.96	39.43	1.98	563	.96	40.06	1.58	1353	1.18	38.93	2.53	488	1.14
Nunca usou contracepcao	54.53	2.48	464	1.07	19.13	1.19	1542	1.19	14.80	.98	1777	1.17	16.54	1.61	647	1.10
Usou no passado	18.32	1.91	464	1.06	16.47	1.05	1542	1.11	12.44	.82	1777	1.04	15.46	1.42	647	1.00
A usar actualmente	27.16	2.15	464	1.04	64.40	1.42	1542	1.16	72.76	1.16	1777	1.10	68.01	1.95	647	1.06

Quadro III.4a - Erros de amostragem por numero de filhos vivos (cont.)

Nome de variavel	4				5				6				7+			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	21.56	.23	316	1.12	20.91	.29	156	.95	21.32	.32	97	.96	20.79	.31	149	.98
Idade ao primeiro casamento (<25)	20.28	.17	245	1.04	19.56	.23	127	.92	20.17	.22	80	.87	19.73	.22	130	1.08
Dissolucao do primeiro casamento	11.08	1.79	316	1.01	11.54	2.43	156	.95	8.25	2.43	97	.87	10.74	2.76	149	1.08
Tempo vivido em uniao	96.67	.66	316	.93	97.48	.79	156	.94	98.22	.71	97	.98	97.80	.74	149	1.05
Actualmente casadas	93.04	1.52	316	1.06	94.87	1.66	156	.94	96.91	1.80	97	1.02	91.28	2.40	149	1.03
Nascimentos nas primeiros 5 anos	2.34	.04	310	.92	2.35	.08	156	1.00	2.67	.10	97	.97	2.71	.08	147	.98
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.46	.05	286	1.12	.50	.06	145	.96	.55	.10	94	1.12	.90	.07	134	.77
Actualmente gravidas	1.70	.89	294	1.18	.00	.00	148	.00	2.13	1.53	94	1.02	5.15	1.80	136	.95
Filhos havidos	4.29	.05	316	1.01	5.38	.05	156	.98	6.49	.09	97	1.06	8.95	.18	149	1.06
Filhos vivos	4.00	.00	316	.00	5.00	.00	156	.00	6.00	.00	97	.00	8.24	.15	149	1.10
Numero adicional filhos desejado	.12	.04	256	1.23	.06	.03	133	.99	.00	.00	77	.00	.18	.08	114	.94
Duracao da amament. no int. fech.	6.88	.50	314	1.06	8.45	.79	156	1.06	7.24	1.06	95	1.07	7.93	.75	149	1.06
Nao quere mais filhos	89.58	2.36	259	1.24	89.63	2.95	135	1.12	92.50	2.60	80	.88	80.00	3.49	115	.93
Dimensao desejada da familia	3.01	.10	276	1.07	3.32	.14	142	1.02	3.94	.27	90	1.17	4.73	.33	123	1.14
Conhece metodos contracept. efic.	93.99	1.41	316	1.05	91.03	2.23	156	.97	87.63	3.38	97	1.01	89.93	2.91	149	1.18
Alguma vez usou contraceptivos	78.16	2.41	316	1.04	69.23	3.92	156	1.06	62.89	5.04	97	1.02	57.72	4.73	149	1.16
Alguma vez usou metodos eficientes	39.56	2.65	316	.96	30.77	3.52	156	.95	37.11	5.35	97	1.08	23.49	4.17	149	1.20
Actualmente usando (expostas)	75.59	2.93	254	1.09	66.67	4.16	135	1.02	62.82	6.04	78	1.10	57.41	5.33	108	1.11
Usando um metodo eficiente (exp.)	34.25	3.30	254	1.11	24.44	3.65	135	.98	35.90	6.32	78	1.16	25.00	5.00	108	1.19
Nao quere mais filhos usa efic.	36.56	3.41	227	1.07	25.62	3.89	121	.98	37.50	6.50	72	1.13	29.55	5.71	88	1.17
Nunca usou contracepcao	21.84	2.41	316	1.04	30.77	3.92	156	1.06	37.11	5.04	97	1.02	42.28	4.73	149	1.16
Usou no passado	17.41	2.03	316	.95	11.54	2.76	156	1.08	12.37	2.83	97	.84	16.11	2.90	149	.96
A usar actualmente	60.76	2.95	316	1.07	57.69	3.96	156	1.00	50.52	5.92	97	1.16	41.61	4.40	149	1.09

Quadro III.4b - Erros de amostragem para diferencas entre as subclasses de numero de filhos vivos

Nome de variavel	(0) - (1)				(1) - (2)				(2) - (3)				(3) - (4)			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	1.12	.24	713	.89	.28	.14	1651	1.04	.35	.17	948	1.01	.01	.26	424	1.07
Idade ao primeiro casamento (<25)	.04	.20	238	.91	.43	.10	1030	.98	.39	.13	716	1.03	.06	.20	327	1.03
Dissolucao do primeiro casamento	.04	1.46	713	1.03	2.93	.93	1651	1.10	-3.10	1.21	948	1.03	-3.19	2.01	424	.98
Tempo vivido em uniao	-1.27	1.39	713	1.03	-2.14	.57	1651	.96	.11	.50	948	.96	1.08	.75	424	.91
Actualmente casadas	.23	1.36	713	1.11	-2.57	.72	1651	.99	2.15	.98	948	.99	1.55	1.76	424	1.04
Nascimentos nas primeiros 5 anos	-.90	.02	310	.87	-.54	.02	1231	.93	-.53	.03	914	1.02	-.32	.05	416	.96
Nascimentos nas ultimos 5 anos	-.21	.02	267	1.07	-.17	.02	1141	1.09	-.11	.04	861	1.05	.04	.06	386	1.04
Actualmente gravidas	15.06	2.04	672	1.00	4.20	.65	1574	.97	-.12	.57	902	.97	-.07	.97	397	1.06
Filhos havidos	-1.02	.02	713	.96	-1.02	.01	1651	.95	-1.09	.03	948	1.15	-1.10	.05	424	1.02
Filhos vivos	-1.00	.00	713	.00	-1.00	.00	1651	.00	-1.00	.00	948	.00	-1.00	.00	424	.00
Numero adicional filhos desejado	.97	.05	554	.83	.43	.02	1466	1.00	.02	.02	822	1.07	-.04	.03	349	1.01
Duracao da amament. no int. fech.	-1.35	1.16	5	.84	-2.00	.39	329	1.00	-1.15	.39	945	1.17	-1.05	.60	422	1.07
Nao quere mais filhos	-32.48	2.25	562	.99	-39.20	1.66	1478	1.03	-3.62	1.76	828	1.10	-.71	2.47	353	1.06
Dimensao desejada da familia	.10	.05	657	.92	-.29	.03	1545	.99	-.52	.06	885	.95	-.18	.10	378	.98
Conhece metodos contracept. efic.	-.57	.91	713	.99	-.01	.47	1651	.83	2.30	.82	948	.88	1.07	1.50	424	.95
Alguma vez usou contraceptivos	-35.39	2.57	713	1.02	-4.33	1.32	1651	1.01	1.74	1.71	948	1.01	5.30	2.58	424	.94
Alguma vez usou metodos eficientes	-13.89	2.54	713	1.01	-.08	1.81	1651	1.05	3.21	2.26	948	.99	3.10	3.28	424	.97
Actualmente usando (expostas)	-29.61	3.21	436	.97	-3.89	1.59	1417	1.05	1.16	1.94	813	.99	4.67	3.34	346	1.05
Usando um metodo eficiente (exp.)	-5.90	3.32	436	1.03	1.25	1.95	1417	1.06	.85	2.50	813	1.04	3.77	3.95	346	1.09
Nao quere mais filhos usa efic.	-5.22	7.89	71	.98	-.63	2.43	795	.99	1.12	2.74	717	1.06	2.37	4.20	309	1.08
Nunca usou contracepcao	35.39	2.57	713	1.02	4.33	1.32	1651	1.01	-1.74	1.71	948	1.01	-5.30	2.58	424	.94
Usou no passado	1.85	2.27	713	1.12	4.04	1.28	1651	1.05	-3.02	1.60	948	.98	-1.95	2.58	424	1.01
A usar actualmente	-37.24	2.43	713	1.01	-8.37	1.64	1651	1.02	4.76	2.09	948	.99	7.25	3.45	424	1.04

Quadro III.4b - Erros de amostragem para diferencas entre as subclasses de numero de filhos vivos (cont.)

	(4) - (5)				(5) - (6)				(6) - (7+)			
Nome de variavel	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	.65	.34	208	.92	-.41	.41	119	.88	.53	.42	117	.90
Idade ao primeiro casamento (<25)	.72	.27	167	.91	-.62	.30	98	.84	.44	.33	99	1.00
Dissolucao do primeiro casamento	-.46	3.07	208	.99	3.29	3.51	119	.92	-2.49	3.69	117	.97
Tempo vivido em uniao	-.82	1.05	208	.95	-.74	1.09	119	.99	.42	1.04	117	1.03
Actualmente casadas	-1.83	2.25	208	.99	-2.04	2.55	119	1.02	5.63	3.03	117	1.04
Nascimentos nas primeiros 5 anos	-.01	.08	207	.92	-.32	.13	119	1.03	-.04	.13	116	1.04
Nascimentos nas ultimos 5 anos	-.04	.08	192	1.00	-.06	.11	114	1.05	-.35	.11	110	.93
Actualmente gravidas	1.70	.89	196	1.18	-2.13	1.53	114	1.02	-3.02	2.30	111	.95
Filhos havidos	-1.09	.07	208	.93	-1.11	.11	119	1.05	-2.46	.18	117	.96
Filhos vivos	-1.00	.00	208	.00	-1.00	.00	119	.00	-2.24	.15	117	1.10
Numero adicional filhos desejado	.06	.05	175	1.08	.06	.03	97	.99	-.18	.08	91	.94
Duracao da amament. no int. fech.	-1.57	.83	208	.94	1.21	1.34	118	1.08	-.68	1.21	116	.99
Nao quere mais filhos	-.05	3.39	177	1.04	-2.87	4.11	100	1.04	12.50	4.10	94	.86
Dimensao desejada da familia	-.31	.16	187	.98	-.63	.28	110	1.03	-.79	.44	103	1.17
Conhece metodos contracept. efic.	2.96	2.61	208	.98	3.40	3.74	119	.92	-2.30	4.19	117	1.00
Alguma vez usou contraceptivos	8.93	4.36	208	1.00	6.34	5.76	119	.93	5.17	6.33	117	.99
Alguma vez usou metodos eficientes	8.79	4.47	208	.97	-6.34	5.27	119	.85	13.62	5.63	117	.93
Actualmente usando (expostas)	8.92	4.50	176	.92	3.85	6.26	98	.91	5.41	7.18	90	.98
Usando um metodo eficiente (exp.)	9.81	4.97	176	1.04	-11.45	6.50	98	.98	10.90	6.40	90	.93
Nao quere mais filhos usa efic.	10.94	5.11	157	1.00	-11.88	6.95	90	.99	7.95	6.77	79	.90
Nunca usou contracepcao	-8.93	4.36	208	1.00	-6.34	5.76	119	.93	-5.17	6.33	117	.99
Usou no passado	5.87	3.29	208	.99	-.83	3.88	119	.92	-3.74	4.09	117	.91
A usar actualmente	3.07	4.59	208	.95	7.18	6.43	119	.99	8.90	6.14	117	.94

Quadro III.5a - Erros de amostragem por grau de instruccao da mulher

Nome de variavel	Nao frequentou a escola				< Primario				Primario completado				< Secondario			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	22.35	.20	494	.94	22.17	.14	1240	1.15	21.59	.09	2070	1.09	21.79	.14	908	1.11
Idade ao primeiro casamento (<25)	20.20	.13	357	.90	20.56	.09	888	1.11	20.56	.06	1433	1.02	21.04	.10	471	.96
Dissolucao do primeiro casamento	11.34	1.43	494	1.00	7.18	.86	1240	1.17	5.99	.57	2070	1.10	7.49	.92	908	1.05
Tempo vivido em uniao	96.33	.63	494	1.01	97.64	.34	1240	1.09	97.21	.35	2070	1.05	96.32	.72	908	1.13
Actualmente casadas	92.91	1.16	494	1.00	95.08	.69	1240	1.12	96.09	.41	2070	.96	93.83	.85	908	1.07
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.70	.06	487	1.24	1.71	.03	1153	1.05	1.43	.02	1656	1.09	1.37	.05	559	1.45
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.26	.03	445	1.13	.37	.02	1089	1.13	.42	.02	1558	1.12	.40	.03	511	1.04
Actualmente gravidas	2.40	.82	459	1.14	2.21	.47	1179	1.11	4.68	.51	1989	1.08	8.33	.91	852	.96
Filhos havidos	3.71	.17	494	1.34	3.01	.07	1240	1.08	1.90	.03	2070	1.08	1.52	.07	908	1.62
Filhos vivos	3.32	.14	494	1.29	2.79	.06	1240	1.10	1.80	.03	2070	1.08	1.45	.06	908	1.70
Numero adicional filhos desejado	.07	.02	366	1.06	.19	.02	1027	1.04	.35	.02	1838	1.24	.49	.03	815	1.01
Duracao da amament. no int. fech.	9.40	.56	405	1.17	7.08	.27	983	1.08	4.27	.19	1268	1.07	2.41	.17	419	1.02
Nao quere mais filhos	85.41	1.91	370	1.04	78.69	1.38	1042	1.09	66.97	1.46	1856	1.34	56.85	2.05	818	1.18
Dimensao desejada da familia	2.81	.13	435	1.29	2.63	.04	1132	1.03	2.31	.03	1948	1.19	2.29	.05	845	1.19
Conhece metodos contracept. efic.	89.68	1.64	494	1.20	92.66	.97	1240	1.31	97.49	.40	2070	1.16	99.89	.11	908	1.00
Alguma vez usou contraceptivos	62.15	2.54	494	1.16	70.00	1.75	1240	1.34	80.68	1.07	2070	1.23	85.13	1.29	908	1.09
Alguma vez usou metodos eficientes	16.19	1.77	494	1.07	25.00	1.73	1240	1.40	44.78	1.44	2070	1.32	63.88	1.86	908	1.16
Actualmente usando (expostas)	64.62	2.71	359	1.07	68.60	1.82	1016	1.25	78.62	1.16	1763	1.19	83.00	1.55	747	1.13
Usando um metodo eficiente (exp.)	15.32	2.11	359	1.11	23.03	1.83	1016	1.38	38.80	1.52	1763	1.31	55.56	1.93	747	1.06
Nao quere mais filhos usa efic.	17.21	2.28	308	1.06	24.78	1.98	803	1.30	42.36	1.76	1197	1.23	57.24	2.39	435	1.01
Nunca usou contracepcao	37.85	2.54	494	1.16	30.00	1.75	1240	1.34	19.32	1.07	2070	1.23	14.87	1.29	908	1.09
Usou no passado	15.18	1.59	494	.99	13.71	1.12	1240	1.14	13.67	.82	2070	1.09	16.85	1.25	908	1.00
A usar actualmente	46.96	2.54	494	1.13	56.29	1.78	1240	1.26	67.00	1.17	2070	1.13	68.28	1.61	908	1.04

Quadro III.5a - Erros de amostragem por grav de instruccao da mulher (cont.)

Nome de variavel	Secundario completado				< Superior				Superior completado			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	22.77	.30	146	.96	23.33	.25	179	.95	24.22	.27	110	.96
Idade ao primeiro casamento (<25)	21.48	.22	67	1.01	21.96	.17	104	.97	21.76	.28	50	1.00
Dissolucao do primeiro casamento	6.85	1.94	146	.93	6.15	1.74	179	.97	9.09	2.76	110	1.00
Tempo vivido em uniao	97.92	.78	146	.96	96.63	1.34	179	.96	96.52	1.56	110	1.02
Actualmente casadas	95.89	1.36	146	.83	94.97	1.54	179	.94	93.64	2.46	110	1.05
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.49	.11	91	1.18	1.65	.08	126	1.15	1.52	.12	77	1.26
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.35	.07	83	1.14	.44	.06	116	1.04	.59	.10	70	1.13
Actualmente gravidas	5.71[1]	1.91	140	.97	5.88	1.96	170	1.08	4.85	2.12	103	1.00
Filhos havidos	1.51	.15	146	1.27	1.82	.12	179	1.26	1.88	.21	110	1.44
Filhos vivos	1.47	.15	146	1.25	1.77	.11	179	1.26	1.85	.20	110	1.42
Numero adicional filhos desejado	.58	.07	129	1.00	.50	.06	163	.88	.58	.11	97	1.23
Duracao da amament. no int. fech.	3.36	.54	59	1.08	3.15	.36	106	.99	1.63	.26	59	.98
Nao quere mais filhos	55.38	4.50	130	1.03	57.06	3.66	163	.94	56.70	5.81	97	1.15
Dimensao desejada da familia	2.32	.09	138	.96	2.52	.09	170	1.07	2.70	.16	102	1.21
Conhece metodos contracept. efic.	100.00	.00	146	.00	100.00	.00	179	.00	100.00	.01	110	.00
Alguma vez usou contraceptivos	89.73	2.68	146	1.06	92.74	1.98	179	1.02	90.00	3.30	110	1.15
Alguma vez usou metodos eficientes	65.75	4.09	146	1.04	65.36	3.37	179	.94	71.82	4.17	110	.97
Actualmente usando (expostas)	82.79	3.47	122	1.01	84.31	2.98	153	1.01	84.78	3.43	92	.91
Usando um metodo eficiente (exp.)	59.84	4.70	122	1.05	51.63	3.78	153	.93	69.57	4.34	92	.90
Nao quere mais filhos usa efic.	61.76	6.07	68	1.02	50.59	4.95	85	.91	77.36	5.31	53	.92
Nunca usou contracepcao	10.27	2.68	146	1.06	7.26	1.98	179	1.02	10.00	3.30	110	1.15
Usou no passado	20.55	3.36	146	1.00	20.67	3.20	179	1.05	19.09	2.90	110	.77
A usar actualmente	69.18	3.76	146	.98	72.07	3.88	179	1.15	70.91	4.48	110	1.03

Quadro III.6a - Erros de amostragem por padrao da actividade da mulher

Nome de variavel	Somente antes				Somente depois, nao agora				Antes & depois, nao agora			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	22.58	.17	480	.91	20.14	.39	83	1.03	21.72	.16	637	.99
Idade ao primeiro casamento (<25)	21.16	.12	273	.91	19.70	.38	60	1.06	20.36	.11	451	.98
Dissolucao do primeiro casamento	4.17	.98	480	1.07	6.02	2.66	83	1.01	8.63	1.16	637	1.04
Tempo vivido em uniao	98.50	.56	480	1.10	97.39	1.31	83	.98	97.39	.49	637	1.00
Actualmente casadas	96.88	.93	480	1.17	96.39	2.11	83	1.02	95.29	.85	637	1.02
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.59	.05	364	1.12	1.21	.10	68	.91	1.52	.04	570	1.08
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.47	.04	352	1.04	.30	.07	64	.88	.35	.03	537	.97
Actualmente gravidas	5.38	1.06	465	1.02	7.50	2.86	80	.97	3.46	.72	607	.97
Filhos havidos	2.09	.08	480	1.12	2.11	.25	83	.98	2.43	.08	637	1.16
Filhos vivos	1.99	.08	480	1.15	1.90	.21	83	1.02	2.25	.07	637	1.15
Numero adicional filhos desejado	.34	.03	427	1.06	.19	.05	73	.99	.18	.02	533	1.05
Duracao da amament. no int. fech.	4.02	.39	290	1.10	5.15	.91	48	.86	5.14	.32	449	.91
Nao quere mais filhos	68.30	2.36	429	1.05	73.97	4.81	73	.93	81.09	1.82	534	1.07
Dimensao desejada da familia	2.32	.07	460	1.22	2.20	.12	79	.98	2.42	.06	598	.98
Conhece metodos contracept. efic.	98.33	.57	480	.97	100.00	.00	83	.00	97.80	.54	637	.93
Alguma vez usou contraceptivos	80.63	1.87	480	1.04	72.29	5.18	83	1.05	85.71	1.45	637	1.04
Alguma vez usou metodos eficientes	47.08	2.33	480	1.02	43.37	4.96	83	.91	44.58	1.98	637	1.00
Actualmente usando (expostas)	79.21	2.27	404	1.12	68.66	5.41	67	.95	83.82	1.64	513	1.01
Usando um metodo eficiente (exp.)	43.32	2.52	404	1.02	35.82	5.36	67	.91	40.74	2.07	513	.95
Nao quere mais filhos usa efic.	47.14	2.96	280	.99	32.69	5.83	52	.89	39.90	2.33	421	.97
Nunca usou contracepcao	19.38	1.87	480	1.04	27.71	5.18	83	1.05	14.29	1.45	637	1.04
Usou no passado	13.75	1.72	480	1.09	16.87	3.97	83	.96	18.21	1.48	637	.97
A usar actualmente	66.88	2.51	480	1.17	55.42	5.42	83	.99	67.50	1.82	637	.98

Quadro III.6a - Erros de amostragem por padrao da actividade da mulher (cont.)

Nome de variavel	Depois & agora				Antes, depois & agora				Nunca trabalhou			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	20.89	.16	326	.87	22.35	.09	2731	1.16	21.33	.14	891	1.06
Idade ao primeiro casamento (<25)	20.15	.16	232	.99	20.84	.05	1769	.97	20.48	.11	586	1.07
Dissolucao do primeiro casamento	15.95	1.75	326	.86	7.32	.59	2731	1.18	4.04	.67	891	1.02
Tempo vivido em uniao	92.56	1.26	326	.97	96.90	.32	2731	1.16	98.45	.36	891	1.00
Actualmente casadas	88.96	1.62	326	.93	94.65	.49	2731	1.14	97.19	.58	891	1.05
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.48	.06	274	1.16	1.54	.03	2183	1.32	1.59	.04	691	1.15
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.41	.05	233	1.07	.39	.02	2022	1.15	.34	.03	665	1.07
Actualmente gravidas	2.76	.94	290	.98	4.87	.43	2585	1.02	4.39	.70	866	1.00
Filhos havidos	2.03	.09	326	1.06	2.27	.06	2731	1.53	2.30	.07	891	1.08
Filhos vivos	1.93	.08	326	1.07	2.12	.05	2731	1.53	2.16	.06	891	1.04
Numero adicional filhos desejado	.33	.04	266	.94	.37	.02	2351	1.12	.35	.02	786	.95
Duracao da amament. no int. fech.	4.80	.44	207	.98	6.03	.25	1718	1.37	4.65	.28	588	1.07
Nao quere mais filhos	69.17	2.81	266	.99	65.56	1.21	2384	1.24	68.02	1.70	791	1.02
Dimensao desejada da familia	2.39	.08	288	1.08	2.49	.03	2492	1.19	2.42	.05	854	1.11
Conhece metodos contracept. efic.	98.47	.69	326	1.01	94.95	.65	2731	1.56	96.63	.66	891	1.09
Alguma vez usou contraceptivos	84.36	1.82	326	.90	75.36	1.35	2731	1.64	77.22	1.59	891	1.13
Alguma vez usou metodos eficientes	55.21	2.73	326	.99	39.44	1.59	2731	1.70	43.32	1.91	891	1.15
Actualmente usando (expostas)	84.11	2.42	258	1.06	73.78	1.41	2258	1.52	74.90	1.58	753	1.00
Usando um metodo eficiente (exp.)	53.10	3.11	258	1.00	34.46	1.48	2258	1.48	37.32	1.82	753	1.03
Nao quere mais filhos usa efic.	52.81	3.71	178	.99	35.84	1.60	1501	1.29	35.71	2.19	518	1.04
Nunca usou contracepcao	15.64	1.82	326	.90	24.64	1.35	2731	1.64	22.78	1.59	891	1.13
Usou no passado	17.79	1.89	326	.89	14.32	.70	2731	1.05	13.92	1.19	891	1.03
A usar actualmente	66.56	2.22	326	.85	61.04	1.34	2731	1.44	63.30	1.74	891	1.07

Quadro III.7a - Erros de amostragem por ocupacao do marido

Nome de variavel	Profissional				Administracao superior				Empregados de escritorio				Commercio & vendas			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	23.24	.22	347	1.09	23.04	.30	139	1.04	22.24	.14	718	1.02	22.20	.16	478	.93
Idade ao primeiro casamento (<25)	21.32	.15	194	.95	21.25	.23	91	1.07	20.87	.10	475	.99	20.96	.13	309	.98
Dissolucao do primeiro casamento	11.53	1.52	347	.88	9.35	2.32	139	.94	5.15	.80	718	.96	6.49	1.17	478	1.04
Tempo vivido em uniao	94.76	1.12	347	1.06	97.39	.80	139	.92	97.27	.55	718	.96	97.75	.66	478	1.14
Actualmente casadas	91.35	1.57	347	1.04	93.53	2.07	139	.99	96.10	.72	718	1.00	95.19	1.01	478	1.03
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.44	.06	256	1.25	1.61	.10	124	1.41	1.44	.04	574	1.10	1.47	.04	380	1.01
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.40	.04	222	.96	.23	.05	115	1.12	.33	.03	544	1.04	.31	.03	359	.86
Actualmente gravidas	5.99	1.29	317	.97	1.54	1.09	130	1.01	5.07	.71	690	.85	4.18	.95	455	1.01
Filhos havidos	1.75	.11	347	1.32	2.41	.22	139	1.50	1.82	.06	718	1.17	1.87	.06	478	.98
Filhos vivos	1.69	.10	347	1.33	2.28	.20	139	1.50	1.76	.06	718	1.23	1.77	.05	478	.98
Numero adicional filhos desejado	.50	.05	297	1.08	.19	.05	120	1.03	.32	.03	641	1.12	.30	.03	417	1.07
Duracao da amament. no int. fech.	3.25	.32	183	.88	2.55	.36	95	.99	3.90	.26	402	1.05	4.52	.39	293	1.05
Nao quere mais filhos	61.62	3.01	297	1.07	77.69	4.02	121	1.06	66.56	2.06	643	1.11	71.77	2.35	418	1.07
Dimensao desejada da familia	2.53	.08	315	1.06	2.68	.17	129	1.50	2.31	.04	680	1.08	2.26	.05	450	1.02
Conhece metodos contracept. efic.	100.00	.00	347	.00	99.28	.72	139	1.00	99.30	.31	718	1.01	98.54	.55	478	1.00
Alguma vez usou contraceptivos	87.61	1.76	347	1.00	92.09	1.89	139	.82	85.38	1.51	718	1.14	82.22	1.80	478	1.03
Alguma vez usou metodos eficientes	62.82	2.79	347	1.07	59.71	4.30	139	1.03	57.80	2.24	718	1.21	48.33	2.39	478	1.04
Actualmente usando (expostas)	80.22	2.57	278	1.08	87.39	2.64	119	.86	84.05	1.80	608	1.21	80.20	2.13	399	1.07
Usando um metodo eficiente (exp.)	53.60	3.09	278	1.03	50.42	4.21	119	.92	52.63	2.36	608	1.16	41.60	2.43	399	.98
Nao quere mais filhos usa efic.	57.89	3.72	171	.98	52.13	4.67	94	.90	51.10	2.69	409	1.09	39.31	2.91	290	1.01
Nunca usou contracepcao	12.39	1.76	347	1.00	7.91	1.89	139	.82	14.62	1.51	718	1.14	17.78	1.80	478	1.03
Usou no passado	23.34	2.06	347	.91	17.27	2.66	139	.83	14.21	1.25	718	.96	15.27	1.59	478	.96
A usar actualmente	64.27	2.60	347	1.01	74.82	3.00	139	.81	71.17	1.91	718	1.13	66.95	2.10	478	.97

Quadro III.7a - Erros de amostragem por ocupacao do marido (cont.)

	Servicos				Agrictultura & pesca				Trabalho especializado			
Nome de variavel	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	22.02	.25	305	1.04	21.91	.20	707	1.19	21.65	.09	2402	1.15
Idade ao primeiro casamento (<25)	20.44	.17	205	1.05	20.27	.11	493	1.00	20.60	.07	1578	1.11
Dissolucao do primeiro casamento	8.20	1.56	305	.99	6.08	.92	707	1.02	6.87	.62	2402	1.19
Tempo vivido em uniao	96.72	.88	305	1.03	97.76	.48	707	1.04	97.22	.29	2402	1.03
Actualmente casadas	94.75	1.44	305	1.13	95.90	.78	707	1.04	95.55	.46	2402	1.10
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.40	.05	252	1.00	1.69	.05	631	1.22	1.56	.02	1894	1.20
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.36	.04	234	.88	.40	.03	599	1.21	.42	.02	1773	1.25
Actualmente gravidas	2.08	.85	289	1.01	3.69	.79	678	1.09	4.92	.49	2295	1.08
Filhos havidos	2.07	.09	305	.93	3.15	.12	707	1.28	2.29	.05	2402	1.26
Filhos vivos	1.94	.08	305	.95	2.88	.10	707	1.22	2.13	.04	2402	1.31
Numero adicional filhos desejado	.29	.04	265	1.01	.30	.03	568	1.06	.34	.02	2092	1.06
Duracao da amament. no int. fech.	5.49	.51	188	1.05	8.81	.48	536	1.25	5.17	.22	1567	1.19
Nao quere mais filhos	71.32	2.88	265	1.03	70.12	2.42	579	1.27	68.01	1.11	2116	1.10
Dimensao desejada da familia	2.39	.08	284	1.04	2.80	.08	642	1.19	2.39	.04	2235	1.43
Conhece metodos contracept. efic.	96.39	1.16	305	1.09	87.27	1.91	707	1.52	96.88	.35	2402	.98
Alguma vez usou contraceptivos	78.36	2.65	305	1.12	59.83	2.63	707	1.43	78.31	1.08	2402	1.28
Alguma vez usou metodos eficientes	42.30	3.10	305	1.09	14.29	1.57	707	1.19	41.47	1.41	2402	1.41
Actualmente usando (expostas)	79.15	2.68	259	1.06	59.57	2.51	554	1.20	76.39	1.21	2003	1.28
Usando um metodo eficiente (exp.)	39.38	3.19	259	1.05	12.64	1.44	554	1.02	36.45	1.43	2003	1.33
Nao quere mais filhos usa efic.	39.36	3.93	188	1.10	13.10	1.83	397	1.08	38.66	1.58	1376	1.20
Nunca usou contracepcao	21.64	2.65	305	1.12	40.17	2.63	707	1.43	21.69	1.08	2402	1.28
Usou no passado	10.82	1.81	305	1.02	13.15	1.52	707	1.19	14.61	.87	2402	1.21
A usar actualmente	67.54	3.09	305	1.15	46.68	2.42	707	1.29	63.70	1.23	2402	1.25

Quadro III.8a - Erros de amostragem por tipo do lugar de residencia

Nome de variavel	Lisboa				Porto			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	22.33	.24	470	1.27	22.45	.23	160	.77
Idade ao primeiro casamento (<25)	20.91	.18	296	1.27	20.70	.16	103	.65
Dissolucao do primeiro casamento	16.17	2.24	470	1.32	6.88	1.82	160	.90
Tempo vivido em uniao	92.51	1.51	470	1.40	97.22	.96	160	.92
Actualmente casadas	88.72	2.08	470	1.43	95.00	1.65	160	.95
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.31	.04	375	.96	1.65	.06	133	.78
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.35	.04	318	1.29	.27	.03	125	.64
Actualmente gravidas	4.08	1.35	417	1.39	3.95	.62	152	.39
Filhos havidos	1.71	.10	470	1.55	2.29	.18	160	1.36
Filhos vivos	1.63	.08	470	1.49	2.14	.14	160	1.21
Numero adicional filhos desejado	.31	.02	378	.61	.24	.05	137	1.12
Duracao da amament. no int. fech.	3.80	.39	230	1.05	4.58	.59	109	.88
Nao quere mais filhos	71.16	2.42	378	1.04	76.81	3.60	138	1.00
Dimensao desejada da familia	2.33	.06	407	.97	2.40	.21	151	1.70
Conhece metodos contracept. efic.	99.15	.67	470	1.58	98.75	.77	160	.87
Alguma vez usou contraceptivos	83.83	2.49	470	1.46	84.38	3.13	160	1.09
Alguma vez usou metodos eficientes	56.60	3.91	470	1.71	60.00	5.12	160	1.32
Actualmente usando (expostas)	83.93	2.62	361	1.35	83.33	4.95	132	1.52
Usando um metodo eficiente (exp.)	52.35	3.36	361	1.28	55.30	4.93	132	1.14
Nao quere mais filhos usa efic.	48.46	3.10	260	1.00	54.81	4.96	104	1.01
Nunca usou contracepcao	16.17	2.49	470	1.46	15.63	3.13	160	1.09
Usou no passado	19.36	1.73	470	.95	15.63	3.88	160	1.35
A usar actualmente	64.47	3.17	470	1.43	68.75	6.03	160	1.64

Quadro III.8a - Erros de amostragem por tipo do lugar de residencia (cont.)

Nome de variavel	+20000				+10000 - 20000				-10000			
	Media ou per cent.	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	22.19	.23	583	1.36	22.06	.25	433	1.23	21.88	.08	3502	1.17
Idade ao primeiro casamento (<25)	20.71	.13	384	1.09	20.50	.17	290	1.22	20.65	.05	2298	1.01
Dissolucao do primeiro casamento	7.38	1.35	583	1.25	9.47	1.63	433	1.16	5.63	.50	3502	1.28
Tempo vivido em uniao	97.49	.52	583	1.05	95.53	.81	433	.86	97.83	.22	3502	1.07
Actualmente casadas	95.88	.90	583	1.09	94.00	.96	433	.84	95.89	.40	3502	1.19
Nascimentos nas primeiros 5 anos	1.33	.05	479	1.42	1.43	.06	364	1.36	1.62	.03	2799	1.66
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.25	.02	445	.97	.32	.05	334	1.43	.42	.02	2651	1.27
Actualmente gravidas	3.04	.79	559	1.09	3.44	1.12	407	1.24	5.06	.38	3358	1.00
Filhos havidos	1.82	.08	583	1.46	2.02	.11	433	1.58	2.44	.06	3502	1.79
Filhos vivos	1.73	.07	583	1.45	1.94	.10	433	1.59	2.27	.05	3502	1.79
Numero adicional filhos desejado	.27	.03	513	.99	.19	.02	377	.74	.37	.02	3031	1.17
Duracao da amament. no int. fech.	3.87	.23	346	.72	4.23	.52	278	1.35	5.96	.22	2337	1.43
Nao quere mais filhos	75.15	1.87	515	.98	77.98	1.77	377	.83	65.46	1.12	3069	1.30
Dimensao desejada da familia	2.18	.05	559	.92	2.18	.06	403	1.03	2.53	.04	3251	1.55
Conhece metodos contracept. efic.	99.83	.17	583	.97	100.00	.00	433	.00	94.63	.59	3502	1.55
Alguma vez usou contraceptivos	89.02	.94	583	.72	87.30	2.40	433	1.50	73.90	1.26	3502	1.70
Alguma vez usou metodos eficientes	54.89	2.64	583	1.28	54.50	2.60	433	1.09	36.29	1.47	3502	1.80
Actualmente usando (expostas)	87.15	1.21	498	.81	84.57	1.99	363	1.05	72.06	1.27	2899	1.52
Usando um metodo eficiente (exp.)	47.99	2.89	498	1.29	47.11	2.51	363	.96	32.15	1.37	2899	1.58
Nao quere mais filhos usa efic.	45.89	3.10	377	1.21	48.07	2.87	285	.97	33.32	1.58	1924	1.47
Nunca usou contracepcao	10.98	.94	583	.72	12.70	2.40	433	1.50	26.10	1.26	3502	1.70
Usou no passado	14.58	1.22	583	.83	16.40	2.16	433	1.21	14.19	.69	3502	1.18
A usar actualmente	74.44	1.74	583	.96	70.90	2.72	433	1.25	59.71	1.21	3502	1.47

Quadro III.8b - Erros de amostragem para diferencas entre subclasses do tipo de lugar de residencia

	(Lisboa) - (Porto)				(Lisboa) - (+20000)				(Porto) - (+20000)			
Nome de variavel	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	-.12	.33	238	.94	.14	.33	520	1.31	.26	.32	251	.95
Idade ao primeiro casamento (<25)	.21	.24	152	.85	.19	.22	334	1.20	-.01	.20	162	.75
Dissolucao do primeiro casamento	9.30	2.89	238	1.10	8.79	2.62	520	1.30	-.50	2.26	251	.99
Tempo vivido em uniao	-4.71	1.79	238	1.19	-4.98	1.59	520	1.34	-.27	1.10	251	.95
Actualmente casadas	-6.28	2.65	238	1.17	-7.16	2.27	520	1.35	-.88	1.87	251	.98
Nascimentos nas primeiros 5 anos	-.33	.08	196	.82	-.02	.07	420	1.17	.31	.08	208	.92
Nascimentos nas ultimos 5 anos	.08	.05	179	.92	.10	.05	370	1.19	.02	.04	195	.73
Actualmente gravidas	.13	1.48	222	.80	1.04	1.57	477	1.29	.91	1.00	239	.58
Filhos havidos	-.58	.20	238	1.40	-.11	.12	520	1.51	.47	.19	251	1.38
Filhos vivos	-.51	.17	238	1.27	-.10	.11	520	1.47	.41	.16	251	1.25
Numero adicional filhos desejado	.07	.06	201	1.00	.04	.03	435	.79	-.03	.06	216	1.09
Duracao da amament. no int. fech.	-.77	.70	147	.92	-.07	.45	276	.92	.71	.63	165	.86
Nao quere mais filhos	-5.65	4.34	202	1.01	-3.98	3.05	435	1.01	1.67	4.06	217	1.00
Dimensao desejada da familia	-.07	.22	220	1.58	.15	.08	471	.95	.23	.21	237	1.61
Conhece metodos contracept. efic.	.40	1.02	238	1.04	-.68	.69	520	1.51	-1.08	.79	251	.88
Alguma vez usou contraceptivos	-.55	4.00	238	1.19	-5.19	2.66	520	1.24	-4.65	3.26	251	1.03
Alguma vez usou metodos eficientes	-3.40	6.44	238	1.43	1.71	4.72	520	1.53	5.11	5.76	251	1.31
Actualmente usando (expostas)	.60	5.60	193	1.48	-3.22	2.89	418	1.18	-3.82	5.10	208	1.42
Usando um metodo eficiente (exp.)	-2.95	5.97	193	1.18	4.36	4.42	418	1.28	7.31	5.72	208	1.17
Nao quere mais filhos usa efic.	-6.35	5.84	148	1.01	2.57	4.34	307	1.08	8.92	5.84	163	1.06
Nunca usou contracepcao	.55	4.00	238	1.19	5.19	2.66	520	1.24	4.65	3.26	251	1.03
Usou no passado	3.74	4.25	238	1.25	4.78	2.12	520	.91	1.05	4.06	251	1.26
A usar actualmente	-4.28	6.81	238	1.59	-9.97	3.62	520	1.27	-5.69	6.27	251	1.53

Quadro III.8b - Erros de amostragem para diferencas entre subclasses do tipo de lugar de residencia (cont.)

Nome de variavel	(+20000) - (+10000-20000)				(+10000-20000) - (-10000)			
	Media ou per cent	SE	n	DEFT	Media ou per cent	SE	n	DEFT
Idade ao primeiro casamento	.13	.34	496	1.27	.19	.27	770	1.26
Idade ao primeiro casamento (<25)	.22	.21	330	1.15	-.16	.18	515	1.20
Dissolucao do primeiro casamento	-2.09	2.15	496	1.21	3.84	1.79	770	1.22
Tempo vivido em uniao	1.96	.96	496	.91	-2.30	.87	770	.91
Actualmente casadas	1.89	1.33	496	.94	-1.89	1.09	770	.92
Nascimentos nas primeiros 5 anos	-.10	.08	413	1.36	-.18	.06	644	1.40
Nascimentos nas ultimos 5 anos	-.07	.05	381	1.28	-.10	.05	593	1.42
Actualmente gravidas	-.40	1.35	471	1.17	-1.62	1.17	726	1.20
Filhos havidos	-.20	.13	496	1.54	-.42	.12	770	1.62
Filhos vivos	-.21	.12	496	1.55	-.33	.11	770	1.63
Numero adicional filhos desejado	.08	.03	434	.88	-.18	.02	670	.88
Duracao da amament. no int. fech.	-.36	.57	308	1.15	-1.72	.57	496	1.37
Nao quere mais filhos	-2.84	2.60	435	.91	12.52	2.10	671	.91
Dimensao desejada da familia	-.00	.08	468	.99	-.35	.07	717	1.12
Conhece metodos contracept. efic.	-.17	.17	496	.97	5.37	.59	770	1.55
Alguma vez usou contraceptivos	1.72	2.53	496	1.23	13.40	2.79	770	1.58
Alguma vez usou metodos eficientes	.39	3.81	496	1.21	18.21	3.01	770	1.19
Actualmente usando (expostas)	2.58	2.29	419	.95	12.51	2.44	645	1.17
Usando um metodo eficiente (exp.)	.88	4.04	419	1.17	14.96	2.96	645	1.07
Nao quere mais filhos usa efic.	-2.18	4.44	324	1.13	14.75	3.40	496	1.08
Nunca usou contracepcao	-1.72	2.53	496	1.23	-13.40	2.79	770	1.58
Usou no passado	-1.82	2.45	496	1.06	2.21	2.33	770	1.24
A usar actualmente	3.54	3.13	496	1.10	11.19	3.04	770	1.30

ANEXO II

QUESTIONÁRIOS

QUESTIONÁRIO DE AGREGADO FAMILIAR

Instrumento de notação do Sistema Estatístico Nacional (Decreto nº 428/73, de 25 de Agosto, artº 86º nº 1, alínea a)) de resposta obrigatória, registado no I.N.E. sob o nº 6379.
Válido até 31/12/80

CONFIDENCIAL
Informação estritamente reservada à investigação

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

INQUÉRITO À FECUNDIDADE

QUESTIONÁRIO DO AGREGADO FAMILIAR

Identificação do agregado

DISTRITO _____ CONCELHO _____ [1][3]

FREGUESIA _____ LUGAR _____ Nº SEGMENTO ____ [4][6] [7]

Rua _____ Nº ____ Andar ____ Nº U.A. _____ Nº Agreg. ____ [8] [10]

NOME DO RESPONSÁVEL DA FAMÍLIA _____

Visitas da entrevistadora	1ª	2ª	3ª
DATAS	/ /	/ /	/ /
NOME DA ENTREVISTADORA			
RESULTADO*			

[12] [14]

[16]

[18] [19] [20]

* CÓDIGOS DE RESULTADO

1. Questionário completo
2. Ausência de informador competente
3. Entrevista adiada
4. Entrevista recusada
5. Questionário incompleto
6. Alojamento desocupado
7. Morada não corresponde a alojamento
8. Morada não encontrada ou inacessível
9. Outro: _____ *(ESPECIFIQUE)*

CARACTERÍSTICAS DO ALOJAMENTO

	SIM	NÃO		SIM	NÃO
1. Tem água corrente em casa?	1	2	5. Tem televisão?	1	2
2. Tem ligação à rede de esgotos?	1	2	6. Tem telefone?	1	2
3. Tem retrete?	1	2	7. Tem electricidade?	1	2
4. Tem banheira ou duche?	1	2			

[21] [23] [24] [25] [26] [27] [28] [29] [30]

Mod. I.N.E. - 4553

Gostariamos de obter algumas informações sobre as pessoas que normalmente vivem nesta casa ou que estão alojados aqui neste momento:

	NOME	PARENTESCO	RESIDÊNCIA O/A _____ (NOME)				SEXO		IDADE		INSTRUÇÃO (Indivíduos de 7 ou mais anos)				INDIVÍDUOS DE 15 E MAIS ANOS			
															ESTADO CIVIL			ELEGIBILIDADE
	Por favor, pode dizer-me os nomes das pessoas que vivem nesta casa?	ENREVISTADORA: OBTENHA O GRAU DE PARENTESCO FAMILIAR	Vive normalmente aqui?		Dormiu cá a noite passada?		Masculino ou feminino?		Que idade tem? Anos completos (2 e mais anos)	Menos de 2 anos (Meses)	Alguma vez frequentou a escola?		ENTREVISTADORA: Se SIM, pergunte: Qual o grau mais alto que frequentou primário (P) secundário (S) ou superior (SU)?	Qual o ano mais adiantado que completou?	Alguma vez esteve casado/a ou junto/a?		ENTREVISTADORA: SE "SIM" PERGUNTE: Está agora: casado/a, (c), viúvo/a (v), divorciado/a (d), separado/a (s) ou junto/a (j)?	ENTREVISTADORA: ASSINALE COM " X " TODA AS MULHRES ELEGÍVEIS PARA A ENTREVISTA INDIVIDUAL
	1	2	3		4		5		6		7		8		9		10	11
01			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
02			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
03			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
04			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
05			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
06			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
07			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
08			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
09			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
10			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
11			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
12			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
13			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
14			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
15			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		
16			S	N	S	N	M	F			S	N			S	N		

Só para ter a certeza que a lista do agregado familiar está completa:

1. Há mais algumas pessoas, como, exemplo: crianças ou bébés que não pusemos na lista?

   SIM ☐ (INSCREVA-OS NO QUADRO) NÃO ☐

2. Há mais algumas pessoas que não sejam membros da sua família, como, por exemplo: empregados domésticos, amigos ou hóspedes que normalmente vivem aqui?

   SIM ☐ (INSCREVA-OS NO QUADRO) NÃO ☐

3. Tem alguns convidados ou visitas a viver aqui temporariamente ou que tivessem dormido cá a noite passada?

   SIM ☐ (INSCREVA-OS NO QUADRO) NÃO ☐

SE FOREM NECESSÁRIAS, ALÉM DESTA, MAIS FOLHAS DO QUESTIONÁRIO DO AGREGADO MARQUE AQUI ☐

QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL

Instrumento de notação do Sistema Estatístico Nacional (Decreto nº 428/73, de 25 de Agosto, artº 86º nº 1, alínea a)) de resposta obrigatória, registado no I.N.E. sob o nº 6378.
Válido até 31/12/80

CONFIDENCIAL
Informação estritamente reservada à investigação

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

INQUÉRITO À FECUNDIDADE

QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL

Identificação
DISTRITO _____ CONCELHO _____
FREGUESIA _____ LUGAR _____ Nº SEGMENTO _____
Rua _____ Nº ___ Andar ___ Nº U.A. ___ Nº Agreg. ___
NÚMERO DA LINHA DE INSCRIÇÃO DA MULHER NO QUESTIONÁRIO DO AGREGADO _____

Visitas da entrevistadora	1.ª	2.ª	3.ª
DATAS: _____	/ /	/ /	/ /
NOME DA ENTREVISTADORA			
HORA DO INÍCIO DA ENTREVISTA			
HORA EM QUE TERMINOU			
DURAÇÃO DA ENTREVISTA			
RESULTADO*			
PRÓXIMA VISITA: DATA	/ /	/ /	/ /
HORA			

* CÓDIGO DE RESULTADOS:
1. Questionário completo
2. Ausência da mulher a inquirir
3. Entrevista adiada
4. Entrevista recusada
5. Questionário incompleto
9. Outro: _____ (ESPECIFIQUE)

VERIFICADO ☐	REENTREVISTADO OU REVERIFICADO ☐	CRITICADO ☐	CODIFICADO ☐
NOME: _____	NOME: _____	NOME _____	NOME: _____
DATA: / /	DATA: / /	DATA: / /	DATA: / /

☐☐☐ 1 3
☐☐☐ ☐ 4 6 7
☐☐ 0 2 8 10
☐☐ ☐☐ 12 14
☐☐ 16
☐☐☐ 18 20
☐ ☐ ☐ 21 22 23

Mod. I.N.E.- 4552

SECÇÃO 1. CARACTERIZAÇÃO DA INQUIRIDA

101. Viveu sempre em _____?
(NOME DO LUGAR)

SIM [1] *(PASSE À 106)*

NÃO [2]

102. Há quantos anos vive em _____ ? _____
(NOME DO LUGAR) *(ANOS)*

103. Onde nasceu?

PORTUGAL [1]

OUTRO_____
(ESPECIFIQUE)

104. Há quantos anos vive em Portugal?_____
(ANOS)

105. Até cerca dos seus 12 anos onde passou a maior parte do tempo: num meio rural, numa vila ou numa cidade?

RURAL [1] *(PASSE À 107)*

VILA [2] *(PASSE À 107)*

CIDADE [3] *(PASSE À 107)*

106. Acha que_____quando a senhora era criança, até cerca dos seus 12 anos, era um meio rural, uma vila ou uma cidade?
(NOME DO LUGAR)

RURAL [1]

VILA [2]

CIDADE [3]

107. Que idade tem?_____
(ANOS COMPLETOS)

108. Em que mês e ano nasceu?_____, 19__
(MÊS) *(ANO)*

1 3 | 4 7 | 8 | 10 [0 3] | 12 | 13 | 14 | 16 | 17 | 19 | 20 | 21 | 23 | 25

109. Frequentou a escola?

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 113)* [ ] 27

110. Qual foi o grau de ensino mais alto que frequentou: primário, secundário ou superior?

PRIMÁRIO [1] SECUNDÁRIO [2]

SUPERIOR [3] OUTRO _____ *(ESPECIFIQUE)* [ ] 28

111. Qual foi o ano/classe mais adiantado que completou? _____ [ ] 29

112. ENTREVISTADORA: MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

PRIMÁRIO OU MENOS [1] ↓ SECUNDÁRIO OU MAIS [2] *(PASSE À 114)* [ ] 30

113. É capaz de ler, por exemplo, um jornal ou uma revista?

SIM [1] NÃO [2] [ ] 31

114. Pode dizer-me qual é a sua religião?

CATÓLICA [1] ↓ OUTRA [2] ↓ NENHUMA [3] *(PASSE À 201)* [ ] 32

115. Quantas vezes assiste a serviços religiosos?

1 VEZ OU MAIS/SEMANA [1] 1 A 3 VEZES/MÊS [2]

EM OCASIÕES ESPECIAIS [3] NUNCA [4] [ ] 33

SECÇÃO 2. HISTÓRICO DA GRAVIDEZ

201. Nós gostariamos de ter um registo de todos os filhos que cada mulher teve em toda a sua vida. Tem alguns filhos a viver consigo agora?

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 203)* [ ] 34

202. Quantos vivem consigo? _____ [ ][ ] 35

203. Tem alguns filhos que não vivam consigo agora?

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 205)* [ ] 37

204. Quantos não vivem consigo? _____ [ ][ ] 38

205. Teve algum filho que já tenha morrido, ainda que tenha morrido muito novo, mesmo que só com algumas horas de vida?

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 207)* [ ] 40

206. Quantos já morreram? _____ [ ][ ] 41

207. ENTREVISTADORA: SOME AS RESPOSTAS A 202, 204 e 206 e escreva aqui o TOTAL _____ [ ][ ] 43

AGORA PERGUNTE: Só para ter a certeza de que não me enganei, a senhora teve _____ filhos nascidos vivos. Está certo?
(TOTAL)

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(INVESTIGUE E CORRIJA SE NECESSÁRIO)*

SE "NENHUM NASCIDO VIVO" PASSE À 214

SE "UM SÓ NASCIDO VIVO" PASSE À 208. NÃO SENDO ASSIM DIGA:

Agora vou fazer-lhe algumas perguntas acerca de cada um dos seus _____ filhos, começando pelo primeiro que teve.
(TOTAL)

PERGUNTE DA 208 À 213 PARA CADA NASCIDO VIVO, COMEÇANDO PELO PRIMEIRO. INSCREVA A INFORMAÇÃO NAS LINHAS MARCADAS COM (X) NO QUADRO DO HISTÓRICO DA GRAVIDEZ *(SE HOUVER GÉMEOS REPITA AS PERGUNTAS PARA CADA UM)* DEPOIS PROSSIGA COM A 214.

Número de ordem	PARA CADA NASCIDO VIVO 208. Em que mês e ano nasceu o seu (1º, 2º ...) filho? PARA OUTRAS GRAVIDEZES 222. Em que mês e ano terminou a sua (1.ª, 2.ª) gravidez destas?	209. Foi um rapaz ou uma rapariga?	SE NENHUMA MORTE DECLARADA: 210. Qual o nome dele/a? SE ALGUMA MORTE DECLARADA: 211. Está vivo/a? SE SIM: 212. Qual é o 1º nome? SE NÃO: 213. Em que mês e ano morreu?	223. Quantos meses durou essa gravidez?	224. SE 7 OU + MESES Essa criança chorou ou mostrou qualquer outro sinal de vida depois de nascer?	225. SE "SIM" Era rapaz ou rapariga?
	MES ____ ANO 19__			Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17			19	20	21
	____ 19__			Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17			19	20	21
X	____ 19__	M ☐ F ☐	SIM 1 NOME ____ NÃO 2	MÊS ____ ANO 19__		
12	1 14 15 17	19	20 21 23			
	____ 19__			Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17			19	20	21
	____ 19__			Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17			19	20	21
X	____ 19__	M ☐ F ☐	SIM 1 NOME ____ NÃO 2	MÊS ____ ANO 19__		
12	1 14 15 17	19	20 21 23			
	____ 19__			Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17			19	20	21
	____ 19__			Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17			19	20	21
X	____ 19__	M ☐ F ☐	SIM 1 NOME ____ NÃO 2	MÊS ____ ANO 19__		
12	1 14 15 17	19	20 21 23			

1 3

4 7

8

0 4

10

Número de ordem	PARA CADA NASCIDO VIVO 208. Em que mês e ano nasceu o seu (1º, 2º ...) filho ? PARA OUTRAS GRAVIDEZES 222. Em que mês e ano terminou a sua (1.ª, 2.ª) gravidez destas?	209. Foi um rapaz ou uma rapariga?	SE NENHUMA MORTE DECLARADA: 210. Qual o nome dele/a? SE ALGUMA MORTE DECLARADA: 211. Está vivo/a ? SE SIM: 212. Qual é o 1º nome?	SE NÃO: 213. Em que mês e ano morreu?	223. Quantos meses durou essa gravidez?	224. SE 7 OU + MESES Essa criança chorou ou mostrou qualquer outro sinal de vida depois de nascer?	225. SE "SIM" Era rapaz ou rapariga?
	MES ____ ANO 19__				Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17				19	20	21
	____ 19__				Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17				19	20	21
X	____ 19__	M ☐ F ☐	SIM 1 NOME ____ NÃO 2→	MÊS ____ ANO 19__			
12	1 14 15 17	19	20	21 23			
	____ 19__				Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17				19	20	21
	____ 19__				Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17				19	20	21
X	____ 19__	M ☐ F ☐	SIM 1 NOME ____ NÃO 2→	MÊS ____ ANO 19__			
12	1 14 15 17	19	20	21 23			
	____ 19__				Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17				19	20	21
	____ 19__				Meses ____ 7 ou mais meses ☐→	SIM ☐→ NÃO ☐	M ☐ F ☐
12	2 14 15 17				19	20	21
X	____ 19__	M ☐ F ☐	SIM 1 NOME ____ NÃO 2→	MÊS ____ ANO 19__			
12	1 14 15 17	19	20	21 23			

1 3

4 7

8

0 4

10

Número de ordem	PARA CADA NASCIDO VIVO 208. Em que mês e ano nasceu o seu (1º, 2º ...) filho? PARA OUTRAS GRAVIDEZES 222. Em que mês e ano terminou a sua (1.ª, 2.ª) gravidez destas?		209. Foi um rapaz ou uma rapariga?	SE NENHUMA MORTE DECLARADA: 210. Qual o nome dele/a? SE ALGUMA MORTE DECLARADA: 211. Está vivo/a?		223. Quantos meses durou essa gravidez?	224. SE 7 OU + MESES Essa criança chorou ou mostrou qualquer outro sinal de vida depois de nascer?	225. SE "SIM" Era rapaz ou rapariga?
	MES	ANO		SE SIM: 212. Qual é o 1º nome?	SE NÃO: 213. Em que mês e ano morreu?			
		19				Meses 7 ou mais meses	SIM NÃO	M F
12	14: 2	15	17			19	20	21
		19				Meses 7 ou mais meses	SIM NÃO	M F
12	14: 2	15	17			19	20	21
X		19	M F	SIM 1 NOME NÃO 2	MÊS ANO 19			
12	14: 1	15	17	19	20	21	23	
		19				Meses 7 ou mais meses	SIM NÃO	M F
12	14: 2	15	17			19	20	21
		19				Meses 7 ou mais meses	SIM NÃO	M F
12	14: 2	15	17			19	20	21
X		19	M F	SIM 1 NOME NÃO 2	MÊS ANO 19			
12	14: 1	15	17	19	20	21	23	
		19				Meses 7 ou mais meses	SIM NÃO	M F
12	14: 2	15	17			19	20	21
		19				Meses 7 ou mais meses	SIM NÃO	M F
12	14: 2	15	17			19	20	21
X		19	M F	SIM 1 NOME NÃO 2	MÊS ANO 19			
12	14: 1	15	17	19	20	21	23	

1 3

4 7

8

0 4
10

Número de ordem	PARA CADA NASCIDO VIVO 208. Em que mês e ano nasceu o seu (1º, 2º ...) filho? PARA OUTRAS GRAVIDEZES 222. Em que mês e ano terminou a sua (1.ª, 2.ª) gravidez destas?	209. Foi um rapaz ou uma rapariga?	SE NENHUMA MORTE DECLARADA: 210. Qual o nome dele/a? SE ALGUMA MORTE DECLARADA: 211. Está vivo/a?		223. Quantos meses durou essa gravidez?	224. SE 7 OU + MESES Essa criança chorou ou mostrou qualquer outro sinal de vida depois de nascer?	225. SE "SIM" Era rapaz ou rapariga?
			SE SIM: 212. Qual é o 1.º nome?	SE NÃO: 213. Em que mês e ano morreu?			
	MES / ANO 19				Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2	15	17		19	20	21
	19				Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2	15	17		19	20	21
X	19	M / F	SIM / NOME / NÃO		MÊS / ANO 19		
12	14: 1	15	17	19	20	21	23
	19				Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2	15	17		19	20	21
	19				Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2	15	17		19	20	21
X	19	M / F	SIM / NOME / NÃO		MÊS / ANO 19		
12	14: 1	15	17	19	20	21	23
	19				Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2	15	17		19	20	21
	19				Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2	15	17		19	20	21
X	19	M / F	SIM / NOME / NÃO		MÊS / ANO 19		
12	14: 1	15	17	19	20	21	23

1 3

4 7

8

0 4
10

Número de ordem	PARA CADA NASCIDO VIVO 208. Em que mês e ano nasceu o seu (1º, 2º ...) filho? PARA OUTRAS GRAVIDEZES 222. Em que mês e ano terminou a sua (1ª, 2ª) gravidez destas?	209. Foi um rapaz ou uma rapariga?	SE NENHUMA MORTE DECLARADA: 210. Qual o nome dele/a? SE ALGUMA MORTE DECLARADA: 211. Está vivo/a? SE SIM: 212. Qual é o 1º nome? / SE NÃO: 213. Em que mês e ano morreu?	223. Quantos meses durou essa gravidez?	224. SE 7 OU + MESES Essa criança chorou ou mostrou qualquer outro sinal de vida depois de nascer?	225. SE "SIM" Era rapaz ou rapariga?
	MES / ANO 19			Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2 / 15 / 17			19	20	21
	19			Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2 / 15 / 17			19	20	21
X	19	M / F	SIM (1) NOME / NÃO (2)	MÊS / ANO 19		
12	14: 1 / 15 / 17	19	20	21	23	
	19			Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2 / 15 / 17			19	20	21
	19			Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2 / 15 / 17			19	20	21
X	19	M / F	SIM (1) NOME / NÃO (2)	MÊS / ANO 19		
12	14: 1 / 15 / 17	19	20	21	23	
	19			Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2 / 15 / 17			19	20	21
	19			Meses / 7 ou mais meses	SIM / NÃO	M / F
12	14: 2 / 15 / 17			19	20	21
X	19	M / F	SIM (1) NOME / NÃO (2)	MÊS / ANO 19		
2	14: 1 / 15 / 17	19	20	21	23	

1 3

4 7

8

0 4
10

214. A senhora está grávida?

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 217)* [ ] 45

215. Para quando espera o bébé? _____, 19____ [ ][ ] 46 [ ][ ] 48
(MÊS) *(ANO)*

216. Prefere um rapaz ou uma rapariga?

RAPAZ [1] RAPARIGA [2] INDIFERENTE [3] [ ] 50

OUTRA RESPOSTA _____
(ESPECIFIQUE)

217. ENTREVISTADORA: VEJA 207, 214 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

NENHUM FILHO NASCIDO VIVO [1] ↓ 1 OU MAIS FILHOS NASCIDOS VIVOS [2] ↓ [ ] 51

218. Mas (para além desta sua gravidez) já alguma vez esteve grávida? Quero dizer, já teve algum nascido morto ou teve alguma gravidez mesmo que tenha durado só algumas semanas ou só alguns meses?

SIM [1] NÃO [2] *(PASSE À 301)*

220. Para além da(s) vez(es) de que me falou, houve algumas outras vezes que tenha estado grávida? Quero dizer, já teve algum nascido morto ou teve alguma gravidez, mesmo que tenha durado só algumas semanas ou só alguns meses?

SIM [1] NÃO [2] [ ] 52
(NUMERE, POR ORDEM CRONOLÓGICA A(S) GRAVIDEZ(ES) INSCRITA(S) NO QUADRO E PASSE À 226)

219. Quantas vezes esteve grávida?

_____
(NÚMERO)

221. Quantas gravidezes destas teve?

_____
(NÚMERO) [ ][ ] 53

PARA CADA GRAVIDEZ DESTE TIPO PERGUNTE 222-225. INSCREVA A INFORMAÇÃO NO QUADRO NAS LINHAS NÃO MARCADAS COM (X)
DEPOIS NUMERE AS GRAVIDEZES POR ORDEM CRONOLÓGICA E PASSE PARA 301.

PARA CADA GRAVIDEZ DESTE TIPO PERGUNTE 222-225. INSCREVA A INFORMAÇÃO NAS LINHAS NÃO MARCADAS COM (X), DE FORMA A ELABORAR UMA LISTA DE GRAVIDEZES ORDENADA CRONOLOGICAMENTE.
DEPOIS NUMERE AS GRAVIDEZES E PASSE PARA 226.

SE "NENHUM NASCIDO VIVO" PASSE À SECÇÃO 3, CASO CONTRÁRIO PERGUNTE 226

226. Amamentou o/a _____?
(NOME DO ÚLTIMO FILHO)

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 228)* [ ] 55

227. Durante quantos meses o/a amamentou?

_____ *(MESES)* AINDA AMAMENTA [ ] [ ][ ] 56

228. ENTREVISTADORA: VEJA 202 E 204, SOME, E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

1 FILHO NASCIDO VIVO [1] *(PASSE À 301)*

2 OU MAIS FILHOS NASCIDOS VIVOS [2] ↓ [ ] 58

229. E amamentou o/a _____?
(NOME DO PENÚLTIMO FILHO)

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 301)* [ ] 59

230. Durante quantos meses o/a amamentou?

_____ *(MESES)* [ ][ ] 60

1 3

4 7

SECÇÃO 3. CONHECIMENTO CONTRACEPTIVO

8

301. Agora gostava de falar de um assunto um tanto diferente. Como talvez saiba há vários métodos ou maneiras de um casal adiar uma gravidez ou evitar uma gravidez. A isto se chama contracepção. Sabe, ou já ouviu falar de algum método de contracepção?

(SE NECESSÁRIO ACRESCENTE: Quero dizer, sabe ou já ouviu falar de maneiras de um casal adiar ou evitar uma gravidez?)

0 5
10

SIM [1] ↓ NÃO [2]

(PASSE À INSTRUÇÃO ANTES DA 303)

12

302. Que maneiras ou métodos conhece? _____

_____

_____

13

Sabe de mais alguns? _____

_____

ENTREVISTADORA: REGISTE AS RESPOSTAS ABREVIADAMENTE E EM SEGUIDA MARQUE NA COL. 1 O(S) QUADRADO(S) CORRESPONDENTE(S) AO(S) MÉTODO(S) MENCIONADO(S).

AGORA FAÇA AS PERGUNTAS DA 303 À 312 SALTANDO AS CORRESPONDENTES AOS MÉTODOS QUE JÁ FORAM MARCADOS NA COL. 1.

COL. 1	ANTES DE FAZER AS PERGUNTAS DIGA: Só para me certificar, deixe-me descrever alguns (outros) métodos para ver se já ouviu falar deles?	COL. 2 OUVIU FALAR	
[0] PILULA (PL)	303. Uma maneira de uma mulher poder adiar uma gravidez ou evitar ficar grávida, é tomar uma pilula todos os dias. Já alguma vez ouviu falar deste método? (1) *(MARQUE A RESPOSTA NA COL. 2)*	SIM [1] NÃO [2]	14
[0] DIU (DI)	304. Outra maneira, é a mulher usar um aparelho de plástico ou de metal, chamado DIU, quer dizer dispositivo intrauterino, e que é colocado pelo médico ou enfermeira e fica lá dentro no útero. Já alguma vez ouviu falar deste método? (2)	SIM [1] NÃO [2]	15
[0] DUCHE (DCH)	305. Algumas mulheres para não ficarem grávidas, fazem lavagens com água ou às vezes com outro líquido próprio logo a seguir a terem relações. Já alguma vez ouviu falar deste método? (3)	SIM [1] NÃO [2]	16

COL. 1		COL. 2 OUVIU FALAR	
[0] RITMO (RT)	306. Alguns casais evitam ter relações em certos dias do mês, quando é mais fácil a mulher ficar grávida. São os "dias seguros" e é chamado o método do calendário ou das temperaturas. Já alguma vez ouviu falar deste método? (4)	SIM [1] NÃO [2]	17
[0] OUTROS MÉTODOS FEMININOS (OMF)	307. As mulheres também usam outros métodos para evitar ficarem grávidas. Por exemplo, põem, elas próprias, dentro de si um diafragma, ou esponja, ou cremes, ou espumas, antes de terem relações. Já alguma vez ouviu falar destes métodos? (5)	SIM [1] NÃO [2]	18
[0] PERSERVATIVO (PRS)	308. Há também alguns métodos que os homens usam para a mulher não ficar grávida. Alguns usam um preservativo ou "camisa" durante as relações. Já alguma vez ouviu falar deste método? (6)	SIM [1] NÃO [2]	19
[0] COITO INTERROMPIDO (CI)	309. Alguns homens têm cuidado e retiram-se antes do fim. Já alguma vez ouviu falar deste método? (7)	SIM [1] NÃO [2]	20
[0] ESTERILIZAÇÃO FEMINA (EF)	310. Algumas mulheres fazem uma operação para nunca mais terem filhos, isto é, são esterilizadas. Já alguma vez ouviu falar deste método?(8)	SIM [1] NÃO [2]	21
[0] ESTERILIZAÇÃO MASCULINA (EM)	311. Alguns homens fazem uma operação para a mulher não ter filhos, isto é, são esterilizados. Já alguma vez ouviu falar deste método?(9)	SIM [1] NÃO [2]	22
[0] OUTRO	312. Já alguma vez ouviu falar de quaiquer outros métodos que as mulheres ou os homens usem para evitar a gravidez? SE "SIM" *(ESPECIFIQUE)* 1)_____ (10) 2)_____ (11)	SIM [1] NÃO [2]	23 / 24 / 26

313. ENTREVISTADORA: MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

PRESENÇA DE OUTROS NESTA SECÇÃO DO QUESTIONÁRIO

(MARQUE TUDO O QUE FOR CASO DISSO)

NENHUMA PESSOA	[0]
CRIANÇAS COM MENOS DE 10 ANOS	[1]
MARIDO	[2]
OUTROS HOMENS	[4]
OUTRAS MULHERES	[8]

28

SECÇÃO 4. REGULAÇÃO ANTERIOR DA FECUNDIDADE

401. ENTREVISTADORA:

VEJA QUADRO DO HISTÓRICO DA GRAVIDEZ *(PAG.____)* E MARQUE NÚMERO DE GRAVIDEZES

VEJA 214 E SE GRAVIDA ACTUALMENTE MARQUE 1

SOME

_____ + _____ = _____ 30

E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

TOTAL 0	TOTAL 1	TOTAL 2 OU MAIS
[1]	[2]	[3]
(PASSE À 501)	*(FAÇA AS PERGUNTAS 402, 403, 404, 405 406 e 407 PARA O INTERVALO ANTES DA GRAVIDEZ)*	*(FAÇA AS PERGUNTAS 402, 403, 404, 405, 406 e 407 PARA O INTERVALO ANTES DA 1ª GRAVIDEZ E 402-A, 403, 404, 405, 406 e 407 PARA CADA UM DOS INTERVALOS SEGUINTES)*

32

REGISTE AS RESPOSTAS NO QUADRO SEGUINTE. NO CASO DE A MULHER TER TIDO MAIS DO QUE 8 GRAVIDEZES, USE FOLHAS ADICIONAIS.

IDENTIFIQUE CADA GRAVIDEZ PELO NOME DA CRIANÇA OU PELA DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ.

Intervalos			403	404	405	406	407		
			Que método usou? *(SE MAIS DO QUE UM INSCREVA O ÚLTIMO)*	Ficou grávida enquanto estava a usar ou tinha deixado de usar antes de ficar grávida?	Porque deixou de usar?	Recordando o tempo antes desta gravidez, queria mesmo ficar grávida nessa altura?	Nunca mais queria ter filhos ou só não queria naquela altura?		
A	B		C	D	E	F	G		
1 ANTES DA 1ª GRAVIDEZ	402		NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____						
	Tente recordar o tempo antes de ter ficado grávida pela 1ª vez. Nessa altura algum de vós *(a senhora ou o seu marido)* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida?	SIM [1]	*(MÉTODO)*	ENQUANTO USAVA [1] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*	PARA FICAR GRÁVIDA [1] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*	SIM [1] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*	NUNCA MAIS [1]	33	34
				TINHA DEIXADO [2]→		NÃO [2]→	NÃO NAQUELA ALTURA [2]	36	37
				N.S. [3]→		N.S. [3] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*			
		NÃO [2]→			OUTRA RAZÃO [2]→		N.S. [3]	38	39
2 DO FIM DA 1ª AO INÍCIO DA 2ª	402-A		NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____						
	Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da sua 1ª gravidez e o início da 2ª. Nesse intervalo algum de vós *(a senhora ou o seu marido)* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida?	SIM [1]	*(MÉTODO)*	ENQUANTO USAVA [1] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*	PARA FICAR GRÁVIDA [1] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*	SIM [1] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*	NUNCA MAIS [1]	40	41
				TINHA DEIXADO [2]→		NÃO [2]→	NÃO NAQUELA ALTURA [2]	43	44
				N.S. [3]→		N.S. [3] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*			
		NÃO [2]→			OUTRA RAZÃO [2]→		N.S. [3]	45	46
3 DO FIM DA 2ª AO INÍCIO DA 3ª	402-A		NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____						
	Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da sua 2ª gravidez e o início da 3ª. Nesse intervalo algum de vós *(a senhora ou o seu marido)* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida?	SIM [1]	*(MÉTODO)*	ENQUANTO USAVA [1] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*	PARA FICAR GRÁVIDA [1] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*	SIM [1] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*	NUNCA MAIS [1]	47	48
				TINHA DEIXADO [2]→		NÃO [2]→	NÃO NAQUELA ALTURA [2]	50	51
				N.S. [3]→		N.S. [3] *(PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)*			
		NÃO [2]→			OUTRA RAZÃO [2]→		N.S. [3]	52	53

Inter-valos			403	404	405	406	407	
			Que método usou (SE MAIS DO QUE UM INSCREVA O ÚLTIMO	Ficou grávida enquanto estava a usar ou tinha deixado de usar antes de ficar grávida	Porque deixou de usar	Recordando o tempo antes desta gravidez, queria mesmo ficar grávida nessa altura	Nunca mais queria ter filhos, ou só não queria naquela altura	
A	B		C	D	E	F	G	
	402-A		NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____					
4 DO FIM DA 3ª AO INÍCIO DA 4ª	Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 3ª gravidez e o início da 4ª. Nesse intervalo algum de vós *a senhora ou seu marido* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida	SIM [1] NÃO [2]	_____ _____ GRÁVIDA	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) TINHA DEIXADO [2]→ N.S. [3]→	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) OUTRA RAZÃO [2]→	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) NÃO [2]→ N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] NÃO NAQUELA ALTURA [2] N.S. [3]	0 6 1 10 12 13 14 16 17 18 19
5 DO FIM DA 4ª AO INÍCIO DA 5ª	402-A Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 4ª gravidez e o início da 5ª. Nesse intervalo algum de vós *a senhora ou seu marido* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida	SIM [1] NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ _____ _____ GRÁVIDA	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) TINHA DEIXADO [2]→ N.S. [3]→	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) OUTRA RAZÃO [2]→	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) NÃO [2]→ N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] NÃO NAQUELA ALTURA [2] N.S. [3]	20 21 23 24 25 26
6 DO FIM DA 5ª AO INÍCIO DA 6ª	402-A Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 5ª gravidez e o início da 6ª. Nesse intervalo algum de vós *a senhora ou seu marido* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida	SIM [1] NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ _____ _____ GRÁVIDA	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) TINHA DEIXADO [2]→ N.S. [3]→	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) OUTRA RAZÃO [2]→	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) NÃO [2]→ N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] NÃO NAQUELA ALTURA [2] N.S. [3]	27 28 30 31 32 33
7 DO FIM DA 6ª AO INÍCIO DA 7ª	402-A Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 6ª gravidez e o início da 7ª. Nesse intervalo algum de vós *a senhora ou seu marido* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida	SIM [1] NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ _____ _____ GRÁVIDA	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) TINHA DEIXADO [2]→ N.S. [3]→	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) OUTRA RAZÃO [2]→	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) NÃO [2]→ N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] NÃO NAQUELA ALTURA [2] N.S. [3]	34 35 37 38 39 40
8 DO FIM DA 7ª AO INÍCIO DA 8ª	402-A Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 7ª gravidez e o início da 8ª. Nesse intervalo algum de vós *a senhora ou seu marido* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida	SIM [1] NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ _____ _____ GRÁVIDA	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) TINHA DEIXADO [2]→ N.S. [3]→	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) OUTRA RAZÃO [2]→	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) NÃO [2]→ N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] NÃO NAQUELA ALTURA [2] N.S. [3]	41 42 44 45 46 47

1 3 | 4 7 | 8

Intervalos		403	404	405	406	407	
		Que método usou (SE MAIS DO QUE UM INSCREVA O ÚLTIMO)	Ficou grávida enquanto estava a usar ou tinha deixado de usar antes de ficar grávida	Porque deixou de usar	Recordando o tempo antes desta gravidez, queria mesmo ficar grávida nessa altura	Nunca mais queria ter filhos ou só não queria naquela altura	
A	B	C	D	E	F	G	
	402-A	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____					
4 DO FIM DA 3.ª AO INÍCIO DA 4.ª	Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 3.ª gravidez e o início da 4.ª. Nesse intervalo algum de vós (a senhora ou seu marido) tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida — SIM [1] / NÃO [2]	TÉRMO	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / TINHA DEIXADO [2] / N.S. [3]	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / OUTRA RAZÃO [2]	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / NÃO [2] / N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] / NÃO NAQUELA ALTURA [2] / N.S. [3]	1 3 / 4 7 / 8 / 0 6 2 / 10 12 / 13 14 / 16 17 / 18 19
5 DO FIM DA 4.ª AO INÍCIO DA 5.ª	402-A — Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 4.ª gravidez e o início da 5.ª. Nesse intervalo algum de vós (a senhora ou o seu marido) tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida — SIM [1] / NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ TÉRMO	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / TINHA DEIXADO [2] / N.S. [3]	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / OUTRA RAZÃO [2]	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / NÃO [2] / N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] / NÃO NAQUELA ALTURA [2] / N.S. [3]	20 21 / 23 24 / 25 26
6 DO FIM DA 5.ª AO INÍCIO DA 6.ª	402-A — Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 5.ª gravidez e o início da 6.ª. Nesse intervalo algum de vós (a senhora ou o seu marido) tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida — SIM [1] / NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ TÉRMO	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / TINHA DEIXADO [2] / N.S. [3]	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / OUTRA RAZÃO [2]	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / NÃO [2] / N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] / NÃO NAQUELA ALTURA [2] / N.S. [3]	27 28 / 30 31 / 32 33
7 DO FIM DA 6.ª AO INÍCIO DA 7.ª	402-A — Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 6.ª gravidez e o início da 7.ª. Nesse intervalo algum de vós (a senhora ou o seu marido) tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida — SIM [1] / NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ TÉRMO	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / TINHA DEIXADO [2] / N.S. [3]	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / OUTRA RAZÃO [2]	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / NÃO [2] / N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] / NÃO NAQUELA ALTURA [2] / N.S. [3]	34 35 / 37 38 / 39 40
8 DO FIM DA 7.ª AO INÍCIO DA 8.ª	402-A — Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 7.ª gravidez e o início da 8.ª. Nesse intervalo algum de vós (a senhora ou seu marido) tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida — SIM [1] / NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ TÉRMO	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / TINHA DEIXADO [2] / N.S. [3]	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / OUTRA RAZÃO [2]	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) / NÃO [2] / N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] / NÃO NAQUELA ALTURA [2] / N.S. [3]	41 42 / 44 45 / 46 47

Intervalos			403	404	405	406	407	
			Que método usou (SE MAIS DO QUE UM INSCREVA O ÚLTIMO)	Ficou grávida enquanto estava a usar ou tinha deixado de usar antes de ficar grávida	Porque deixou de usar	Recordando o tempo antes desta gravidez, queria mesmo ficar grávida nessa altura	Nunca mais queria ter filhos, ou só não queria naquela altura	1 3
A	B		C	D	E	F	G	4 7
	402-A		NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____					8
4 DO FIM DA 3ª AO INÍCIO DA 4ª	Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 3ª gravidez e o início da 4ª. Nesse intervalo algum de vós *a senhora ou seu marido* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida	SIM [1] NÃO [2]	_____ _____ *Data*	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) TINHA DEIXADO [2] N.S. [3]	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) OUTRA RAZÃO [2]	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) NÃO [2] N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] NÃO NAQUELA ALTURA [2] N.S. [3]	0 6 3 10 12 13 14 16 17 18 19
5 DO FIM DA 4ª AO INÍCIO DA 5ª	402-A Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 4ª gravidez e o início da 5ª. Nesse intervalo algum de vós *a senhora ou seu marido* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida	SIM [1] NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ _____ _____ *Data*	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) TINHA DEIXADO [2] N.S. [3]	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) OUTRA RAZÃO [2]	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) NÃO [2] N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] NÃO NAQUELA ALTURA [2] N.S. [3]	20 21 23 24 25 26
6 DO FIM DA 5ª AO INÍCIO DA 6ª	402-A Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 5ª gravidez e o início da 6ª. Nesse intervalo algum de vós *a senhora ou seu marido* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida	SIM [1] NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ _____ _____ *Data*	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) TINHA DEIXADO [2] N.S. [3]	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) OUTRA RAZÃO [2]	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) NÃO [2] N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] NÃO NAQUELA ALTURA [2] N.S. [3]	27 28 30 31 32 33
7 DO FIM DA 6ª AO INÍCIO DA 7ª	402-A Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 6ª gravidez e o início da 7ª. Nesse intervalo algum de vós *a senhora ou seu marido* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida	SIM [1] NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ _____ _____ *Data*	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) TINHA DEIXADO [2] N.S. [3]	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) OUTRA RAZÃO [2]	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) NÃO [2] N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] NÃO NAQUELA ALTURA [2] N.S. [3]	34 35 37 38 39 40
8 DO FIM DA 7ª AO INÍCIO DA 8ª	402-A Agora tente recordar o espaço de tempo entre o fim da 7ª gravidez e o início da 8ª. Nesse intervalo algum de vós *a senhora ou seu marido* tentou de alguma maneira adiar ou evitar que ficasse grávida	SIM [1] NÃO [2]	NOME OU DATA DO TERMO DA GRAVIDEZ _____ _____ _____ *Data*	ENQUANTO USAVA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) TINHA DEIXADO [2] N.S. [3]	PARA FICAR GRÁVIDA [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) OUTRA RAZÃO [2]	SIM [1] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS) NÃO [2] N.S. [3] (PASSE À 402-A SE MAIS INTERVALOS)	NUNCA MAIS [1] NÃO NAQUELA ALTURA [2] N.S. [3]	41 42 44 45 46 47

408. ENTREVISTADORA: VEJA O QUADRO ANTERIOR *(COLUNA B)* E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO CORRESPONDENTE AO ÚLTIMO INTERVALO.

USOU CONTRACEPÇÃO [1] ↓

NÃO USOU CONTRACEPÇÃO [2]

(PASSE À 501)

54

409. Durante quantos meses usou _____ neste último intervalo? _____
(MÉTODO - VEJA COL. C)
(MESES)

55 57

410. ENTREVISTADORA: VEJA A COLUNA D E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO CORRESPONDENTE AO ÚLTIMO INTERVALO

ENQUANTO USAVA OU N.S. [1]

(PASSE À 501)

TINHA DEIXADO [2] ↓

58

411. Depois de ter deixado de usar _____ *(MÉTODO)* quantos meses passaram até ter ficado grávida? _____
(MESES)

59 61

SECÇÃO 5. HISTÓRICO DO CASAMENTO

501. Vamos agora falar de outro assunto. A senhora agora está casada, está junta, é viúva, divorciada ou separada?

CASADA [1] JUNTA [2] VIÚVA [3] DIVORCIADA [4] SEPARADA [5]

502. Casou só uma vez, ou mais do que uma vez?

1 VEZ [1] *(PASSE AO QUADRO "CASAMENTOS ANTERIORES" PERGUNTE A 509, MARQUE O QUADRADO ADEQUADO NA 510 E CONTINUE COM A 511 OU 512 CONFORME O CASO)*

MAIS DO QUE 1 VEZ [2]

503. Em que mês e ano a senhora e o seu *(actual)* marido começaram a viver um com o outro?

_____ , 19____
(MÊS) *(ANO)*

504. O seu marido vive habitualmente consigo?

SIM [1] NÃO [2]

505. Ele fica fora só por algum tempo ou deixaram mesmo de viver um com o outro?

SÓ POR ALGUM TEMPO [1] DEIXARAM DE VIVER UM COM O OUTRO [2]

506. Em que mês e ano deixaram de viver um com o outro?

_____ , 19____
(MÊS) *(ANO)*

507. Esteve casada mais de que uma vez?

SIM [1] NÃO [2] *(PASSE À 513)*

508. Quantas vezes ao todo esteve casada? _____
(NÚMERO DE VEZES)

1 3
4 7
8
0 7
10
12
13
14 16
18
19
20 22
24
25

ENTREVISTADORA: PARA CADA CASAMENTO ANTERIOR PERGUNTE DA 509 À 512 *(SE ESTÁ ACTUALMENTE CASADA O NÚMERO DE RESPOSTAS A INSCREVER SERÁ O NÚMERO DA RESPOSTA À 508 MENOS UM)*

	509. Em que mês e ano começou o seu (1º, 2º ...) casamento?	510. Como acabou o casamento?	511. SE "DIVÓRCIO ou "SEPARAÇÃO". Em que mês e ano deixaram de viver um com o outro?	512. SE MORTE: Em que mês e ano morreu o seu marido?	
1	MÊS____ ANO 19__	MORTE [1] DIVÓRCIO [2] SEPARAÇÃO [3]	→ MÊS____ ANO 19__	MÊS____ ANO 19__	26 28 30 31 33
2	MÊS____ ANO 19__	MORTE [1] DIVÓRCIO [2] SEPARAÇÃO [3]	→ MÊS____ ANO 19__	MÊS____ ANO 19__	35 37 39 40 42
3	MÊS____ ANO 19__	MORTE [1] DIVÓRCIO [2] SEPARAÇÃO [3]	→ MÊS____ ANO 19__	MÊS____ ANO 19__	44 46 48 49 51
4	MÊS____ ANO 19__	MORTE [1] DIVÓRCIO [2] SEPARAÇÃO [3]	→ MÊS____ ANO 19__	MÊS____ ANO 19__	53 55 57 58 60

513. Na altura do seu *(primeiro)* casamento tinha alguma ideia sobre o número de filhos que queria ter? 62

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 519)* N.S. [3] *(PASSE À 519)*

514. Quantos filhos queria nessa altura? ____ 63

(NÚMERO. ACEITE INTERVALO. SE 0 PASSE À 517)

515. Quando se casou *(pela 1ª vez)* queria ter o seu primeiro filho logo a seguir, ou queria deixar passar algum tempo? 65

LOGO A SEGUIR [1] DEPOIS DE ALGUM TEMPO [2] INDIFERENTE [3] OUTRA [4]

516. Quanto tempo queria que passasse até ficar grávida? ____ 66 68

(MESES)

517. Na altura do seu *(primeiro)* casamento, conversou alguma vez com o seu marido sobre o número de filhos que queriam? 69

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 519)* N.S. [3] *(PASSE À 519)*

518. Nessa altura, quantos filhos pensa que o seu *(1º)* marido queria? 70

(NÚMERO - ACEITE INTERVALO)

519. Se pudesse escolher agora exactamente o número de filhos a ter em toda a sua vida, quantos seriam? _____ .SE A RESPOSTA FOR "0" PASSE À 521
(Número)

72

520. Se não pudesse ter exactamente o número de filhos que disse, preferia um a mais ou um a menos?

1 MAIS [1] 1 MENOS [2]

74

521. Qual é o número de filhos que considera ideal, para uma família portuguesa actual? _____
(Número)

N.S. [ ]

75

522. Poderia dar-me a sua opinião sobre qual o número ideal de filhos para um casal como o seu? _____
(Número)

N.S. [ ]

77

1 3

4 7

8

0 8
10

12

13

14

15

17 19

20

21

SECÇÃO 6. REGULAÇÃO ACTUAL DA FECUNDIDADE

601. ENTREVISTADORA: VEJA 214 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

NÃO GRÁVIDA ACTUALMENTE [1] — GRÁVIDA ACTUALMENTE [2] *(PASSE À 627)*

602. ENTREVISTADORA: VEJA 501, 504 e 505 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

VIVENDO COM O MARIDO [1] — OUTRA SITUAÇÃO [2] *(PASSE À 640)*

603. A senhora ou o seu marido estão a usar algum método para evitar que fique grávida?

SIM [1] — NÃO [2] *(PASSE À 606)*

604. Que método estão a usar?

_____ *(MÉTODO)*

SE MENCIONOU ESTERILIZAÇÃO EM 604 PERGUNTE:
"A senhora ou o seu marido"?

MULHER [1] *(PASSE À 641)* — MARIDO [2] *(PASSE À 646)*

ENTREVISTADORA: VEJA 401 E PROSSIGA DE ACORDO

605. SE NUNCA ESTEVE GRÁVIDA:
Durante quantos meses no total usaram este método desde que faz vida de casada?

SE ESTEVE GRÁVIDA PELO MENOS 1 VEZ:
Durante quantos meses no total usaram este método desde a sua última gravidez?

ENTREVISTADORA: SOME OS PERÍODOS SEPARADOS SE FOR CASO DISSO

_____ *(MESES)* *(PASSE À 607)*

606. Tanto quanto sabe, a senhora e o seu marido poderiam ainda ter um filho se quisessem?

SIM [1] — NÃO [2] *(PASSE À 640)* — N.S. [3]

607. ENTREVISTADORA: VEJA 202 e 204, SOME E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

NENHUM FILHO VIVO [1] — 1 OU MAIS FILHOS VIVOS [2]

FORMULE AS PERGUNTAS SEGUINTES CONFORME O CASO

608. Vou agora fazer-lhe algumas perguntas sobre o que pensa que vai acontecer e o que quer que aconteça. Antes de mais, pensa vir a ter *(mais)* algum filho?

SIM [1] NÃO [2] N.S. [3] 22

609. E quer vir a ter *(mais)* algum filho?

SIM [1] NÃO [2] INDECISA [3] 23

610. ENTREVISTADORA: VEJA 202, 204, SOME, E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO.

0 OU 1 FILHO VIVO [1] 2 OU MAIS FILHOS VIVOS [2]

(PASSE À 618)

611. A senhora já tem _____ filhos *(VIVOS)*. Pode dizer-me por que razão quer ter mais?
(NÚMERO)
(REGISTE TUDO QUE FOR MENCIONADO)

- [ ] QUER UM RAPAZ (1)
- [ ] QUER UMA RAPARIGA (2)
- [ ] GOSTA DE CRIANÇAS (3)
- [ ] FILHOS SÃO VANTAGEM ECONÓMICA (4)
- [ ] É BOM PARA CRIANÇAS TER IRMÃOS (5)
- [ ] É VONTADE DE DEUS (6)
- [ ] PAÍS PRECISA MAIS GENTE (7)
- [ ] OUTRA _____ (8)

612. Qual dessas razões é para si a mais importante? _____
(PASSE À 618)

613. Por que razão não quer ter *(mais)* nenhum filho? 24

(REGISTE TUDO QUE FOR MENCIONADO)

- [ ] PROBLEMAS DE SAÚDE (1) 25
- [ ] MUITO VELHA PARA TER FILHOS (2) 26
- [ ] QUERER TRABALHAR FORA (3) 27
- [ ] PREOCUPAÇÕES ECONÓMICAS (4) 28
- [ ] CASA IMPRÓPRIA (5) 29
- [ ] TRABALHOS DOMÉSTICOS EXCESSIVOS (6) 30
- [ ] FALTA DE INFANTÁRIOS, CRECHES, ETC. (7) 31
- [ ] DESEJO MAIS INSTRUÇÃO/FORMAÇÃO PROFISSIONAL (8) 32
- [ ] EXCESSO DE POPULAÇÃO (9) 33
- [ ] OUTRA _____ (10) 34

614. Qual dessas razões é para si a mais importante? _____ 35

615. Há algumas condições que a possam fazer mudar de ideias?

SIM [1] NÃO [2] *(PASSE À 618)* N.S. [3] *(PASSE À 618)* 37

616. Quais seriam?

(REGISTE TUDO QUE FOR MENCIONADO)

- NÃO PRECISAR TRABALHAR FORA [1] 38
- POSSBILIDADE TRABALHO MEIO-TEMPO [2] 39
- MELHORIA SALÁRIO MARIDO [3] 40
- MELHORIA SALÁRIO MULHER [4] 41
- MELHORES ABONOS FAMÍLIA [5] 42
- MELHORES CONDIÇÕES HABITAÇÃO [6] 43
- EXISTÊNCIA INFANTÁRIOS, CRECHES, ETC. [7] 44
- OUTRA _____ 45

617. Qual dessas condições é para si a mais importante? _____ 46

618. ENTREVISTADORA: VEJA 608 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

PENSA TER *(MAIS)* FILHOS [1] ↓ PENSA NÃO TER MAIS FILHOS [2] *(PASSE À 622)* N.S. [3] *(PASSE À 622)* [ ] 47

619. Quantos filhos ao todo pensa vir a ter? _____ *(NÚMERO)* [ ][ ] 48

620. Em que ano preferiria que o seu próximo filho nascesse?

19____ *(ANO)* LOGO QUE POSSÍVEL [ ] [ ][ ] 50

621. Preferiria que o seu próximo filho fosse um rapaz ou uma rapariga?

RAPAZ [1] RAPARIGA [2] INDIFERENTE [3] [ ] 52

OUTRA RESPOSTA _____ *(ESPECIFIQUE)*

622. ENTREVISTADORA: VEJA 603 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

USANDO UM MÉTODO [1] *(PASSE À 656)* NÃO USANDO UM MÉTODO [2] ↓ [ ] 53

ENTREVISTADORA: VEJA 401 E PROSSIGA DE ACORDO:

623. SE NUNCA ESTEVE GRÁVIDA: Desde que faz vida de casada a senhora ou o seu marido usaram algum método para não ficar grávida?

SE ESTEVE GRÁVIDA PELO MENOS UMA VEZ: Desde a sua última gravidez a senhora ou o seu marido usaram algum método para não ficar grávida? [ ] 54

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 656)*

624. Qual foi o último método que usaram? _____ [ ][ ] 55

625. Durante quantos meses usaram esse método?

_____ *(MESES)* [ ][ ][ ] 57 59

(ENTREVISTADORA: SOME OS PERÍODOS SEPARADOS SE FOR CASO DISSO)

626. Porque deixaram de usar? _____ [ ] 60

INSISTA: Há mais qualquer outra razão? _____ [ ] 61

(PASSE À 656)

627. Vou fazer-lhe algumas perguntas sobre o que pensa que aconteça e o que quer que aconteça. Antes de mais, para além daquele que agora espera, pensa vir a ter outro filho algum dia?

SIM [1] NÃO [2] N.S. [3]

628. E quer ter outro filho depois desse que está à espera?

SIM [1] NÃO [2] INDECISA [3]

629. ENTREVISTADORA: VEJA 202, 204, SOME A ESSES NÚMEROS O FILHO QUE A INQUIRIDA ESPERA E INSCREVA O RESULTADO AQUI _____
(NÚMERO)

AGORA MARQUE O QUADRADO ADEQUADO:

TERÁ 1 FILHO [1] *(PASSE À 637)*

TERÁ 2 OU MAIS FILHOS [2]

630. Incluindo o filho que espera a senhora passará a ter ____ filhos. Por
(NÚMERO)
que razão quer ter outro filho?
(REGISTE TUDO QUE FOR MENCIONADO)

- [ ] QUER UM RAPAZ (1)
- [ ] QUER UMA RAPARIGA (2)
- [ ] GOSTA DE CRIANÇAS (3)
- [ ] FILHOS SÃO VANTAGEM ECONÓMICA (4)
- [ ] É BOM PARA CRIANÇAS TER IRMÃOS (5)
- [ ] É VONTADE DE DEUS (6)
- [ ] PAÍS PRECISA MAIS GENTE (7)
- [ ] OUTRA _____ (8)

631. Qual dessas razões é para si a mais importante? _____
(PASSE À 637)

632. Por que razão não quer ter mais nenhum filho?

(REGISTE TUDO QUE FOR MENCIONADO)

- [ ] PROBLEMAS DE SAÚDE (1)
- [ ] MUITO VELHA PARA TER FILHOS (2)
- [ ] QUERER TRABALHAR FORA (3)
- [ ] PREOCUPAÇÕES ECONÓMICAS (4)
- [ ] CASA IMPRÓPRIA (5)
- [ ] TRABALHOS DOMÉSTICOS EXCESSIVOS (6)
- [ ] FALTA DE INFANTÁRIOS, CRECHES, ETC. (7)
- [ ] DESEJO INSTRUÇÃO/FORMAÇÃO PROF. (8)
- [ ] EXCESSO DE POPULAÇÃO (9)
- [ ] OUTRA _____ (10)

633. Qual dessas razões é para si a mais importante? _____

634. Há algumas condições que a possam fazer mudar de ideias?

SIM [1] NÃO [2] *(PASSE À 637)* N.S. [3] *(PASSE À 637)*

635. Quais seriam?
(REGISTE TUDO QUE FOR MENCIONADO)

- NÃO PRECISAR TRABALHAR FORA [1]
- POSSIBILIDADE TRABALHO MEIO-TEMPO [2]
- MELHORIA SALÁRIO MARIDO [3]
- MELHORIA SALÁRIO MULHER [4]
- MELHORES ABONOS FAMÍLIA [5]
- MELHORES CONDIÇÕES HABITAÇÃO [6]
- EXISTÊNCIA INFANTÁRIOS, CRECHES, ETC. [7]
- OUTRA _____

636. Qual dessas condições é para si a mais importante? _____

1 3 4 7 8 09 10 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36

637. ENTREVISTADORA: VEJA 627 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

PENSA TER MAIS FILHOS [1] ↓ | PENSA NÃO TER MAIS FILHOS [2] *(PASSE À 656)* | N.S. [3] *(PASSE À 656)* [ ] 37

638. Quantos filhos mais pensa ter, não contando com o filho que agora espera? _____ *(NÚMERO)* [ ][ ] 38

639. Que diferença de idade gostava que houvesse entre o filho que agora espera e o seguinte? _____ *(ANOS)* *(PASSE À 656)* [ ][ ] 40

640. Fez alguma operação que a impossibilite de ter filhos?

SIM [1] ↓ | NÃO [2] *(PASSE À 644)* [ ] 42

641. Em que mês e ano fez essa operação? _____ *(MÊS)* ,19_____ *(ANO)* [ ][ ] 43 [ ][ ] 45

642. Uma das razões dessa operação foi evitar ter *(mais)* filhos?

SIM [1] | NÃO [2] | N.S. [3] [ ] 47

643. Que tipo de operação foi?

HISTERECTOMIA [1] *(PASSE À 647)* | LIGAÇÃO DAS TROMPAS [2] *(PASSE À 647)* [ ] 48

OUTRA _____ *(ESPECIFIQUE)* *(PASSE À 647)*

644. ENTREVISTADORA: VEJA 501, 504, 505 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

VIVENDO COM O MARIDO [1] ↓ | OUTRA SITUAÇÃO [2] *(PASSE À 647)* [ ] 49

645. O seu marido fez alguma operação que o impossibilite de ter filhos?

SIM [1] ↓ | NÃO [2] *(PASSE À 647)* [ ] 50

646. Em que mês e ano foi essa operação? _____ *(MÊS)* , 19_____ *(ANO)* [ ][ ] 51 [ ][ ] 53

647. ENTREVISTADORA: VEJA 401 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

NUNCA ESTEVE GRÁVIDA [1] ↓ ESTEVE GRÁVIDA 1 OU MAIS VEZES [2] *(PASSE À 652)* [ ] 55

648. A senhora ou o seu marido alguma vez usaram qualquer método para a senhora não ficar grávida? *(SE NECESSÁRIO ACRESCENTE: Sem falar da esterilização?)*

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 651)* [ ] 56

649. Qual foi o último método que usaram? [ ][ ] 57

650. Durante quantos meses usaram esse método? [ ][ ][ ] 59 61

(MESES) *(ENTREVISTADORA: SOME OS PERÍODOS SEPARADOS SE FOR CASO DISSO)*

651. Desde que faz vida de casada, alguma vez quis ter filhos? [ ] 62

SIM [1] *(PASSE À 656)* NÃO [2] *(PASSE À 656)* INDECISA [3] *(PASSE À 656)*

652. A senhora ou o seu marido alguma vez usaram qualquer método para a senhora não ficar grávida, depois da sua última gravidez? *(SE NECESSÁRIO ACRESCENTE: Sem falar da esterilização?)*

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 655)* [ ] 63

653. Qual foi o último método que usaram? [ ][ ] 64

654. Durante quantos meses usaram esse método? [ ][ ][ ] 66 68

(MESES) *(ENTREVISTADORA: SOME OS PERÍODOS SEPARADOS SE FOR CASO DISSO)*

655. Alguma vez depois da sua última gravidez, quis ter *(mais)* filhos? [ ] 69

SIM [1] NÃO [2] INDECISA [3]

656. Já alguma vez pediu conselho ou ajuda sobre planeamento familiar? 70

SIM [1] NÃO [2]

(PASSE À 659)

657. Foi nestes últimos 12 meses? 71

SIM [1] NÃO [2]

(PASSE À 701)

658. Onde foi? 72

CENTRO DE SAÚDE [1] HOSPITAL [2] FARMÁCIA [3]

MÉDICO PARTICULAR [4] PARTEIRA [5] OUTRA _____

(ESPECIFIQUE)

(PASSE À 701)

659. Onde poderia ir para se aconselhar sobre planeamento familiar? 73

CENTRO DE SAÚDE [1] HOSPITAL [2] FARMÁCIA [3]

MÉDICO PARTICULAR [4] PARTEIRA [5] N.S. [6]

OUTRA _____

(ESPECIFIQUE)

1 3

4 7

8

1 0
10

SECÇÃO 7. HISTÓRICO DO TRABALHO

701. Como sabe, algumas mulheres têm empregos, outras, vendem coisas ou têm um pequeno comércio, ou então trabalham no campo, às vezes em terras da família. Já alguma vez teve um emprego ou alguns destes trabalhos?

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 723)* 12

702. E antes de ser casada *(pela primeira vez)* teve algum emprego ou algum destes trabalhos?

SIM [1] NÃO [2] 13

703. E depois de ser casada *(pela primeira vez)* trabalhou alguma vez?

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 714)* 14

ENTREVISTADORA: VEJA 401 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

NUNCA ESTEVE GRÁVIDA [1] *(PASSE À 711)* 1 GRAVIDEZ [2] ↓ 2 GRAVIDEZES [3] ↓ 3 OU MAIS GRAVIDEZES [4] ↓ 15

704. Trabalhou depois de ser casada e antes da sua *(primeira)* gravidez?

SIM [1] NÃO [2] OUTRO [3] 16

ENTREVISTADORA: MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

SÓ 1 GRAVIDEZ [1] ↓ 2 OU MAIS GRAVIDEZES [2] *(PASSE À 707)* 17

705. Trabalhou depois da sua gravidez?

SIM [1] ↓ NÃO [2] *(PASSE À 711)* 18

706. Quanto tempo passou até ir trabalhar?

_____ *(MESES)* _____ *(ANOS)* 19 21

(PASSE À 711)

707. Trabalhou no intervalo entre a sua primeira e a sua segunda gravidez?

SIM [1] NÃO [2] 23

708. Quanto tempo passou até ir trabalhar?

_____ (MESES) _____ (ANOS) 24 26

ENTREVISTADORA: MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

2 GRAVIDEZES [1] (PASSE À 711) 3 OU MAIS GRAVIDEZES [2] 28

709. Trabalhou no intervalo entre as suas duas últimas gravidezes?

SIM [1] NÃO [2] (PASSE À 711) 29

710. Quanto tempo passou até ir trabalhar?

_____ (MESES) _____ (ANOS) 30 32

711. Ao todo quantos anos trabalhou desde que faz vida de casada? _____ (ANOS) 34

712. Está a trabalhar actualmente?

SIM [1] (PASSE À 715) NÃO [2] 36

713. Trabalhou nos últimos 12 meses?

SIM [1] (PASSE à 715) NÃO [2] 37

714. Em que ano trabalhou pela última vez?

19 ___ (ANO) (PASSE À 716) 38

715. Nos últimos 12 meses quantos meses trabalhou?

_____ (MESES) 40

(ENTREVISTADORA: DEVE INCLUIR FÉRIAS PAGAS)

716. Agora gostava de fazer-lhe algumas perguntas sobre o seu *(actual, último)* emprego. Que espécie de trabalho faz *(fazia)*?
(DESCREVA) _____ 42

717. Onde trabalha *(trabalhava)*? _____

(SE NÃO FOR EVIDENTE, PERGUNTE:) - Qual é a principal actividade do estabelecimento onde trabalha *(trabalhava)*? _____ 44 46

718. Trabalha *(trabalhava)* por sua conta, ou para alguém da família, ou por conta de outrem, ou como membro duma cooperativa de produção?

SUA CONTA [1] ↓ | PARA FAMÍLIA [2] ↓ | CONTA DE OUTREM [3] *(PASSE À 721)* | MEMBRO DE COOPERATIVA [4] *(PASSE À 721)* 47

719. Tem *(tinha)* empregados por sua conta?
SIM [1] NÃO [2]
(PASSE À 721)

720. É *(era)* paga por esse trabalho
SIM [1] NÃO [2]
(CONTINUE COM 721) 48

721. ENTREVISTADORA: VEJA 712 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO
TRABALHANDO ACTUALMENTE [1] ↓ NÃO TRABALHANDO ACTUALMENTE [2] *(PASSE À 723)* 49

722. Pode dar-me ideia de quanto ganha em média por mês pelo seu trabalho?
RENDIMENTO MENSAL _____ $00 50 52
(PASSE À 801)

723. Qual das seguintes situações descreve melhor aquela em que se encontra agora? Estudante desempregada, reformada, dona de casa ou outra?

ESTUDANTE [1] DESEMPREGADA [2] REFORMADA [3]
DONA DE CASA [4] OUTRA [5] _____ 53
(ESPECIFIQUE)

724. Pensa *(voltar a)* trabalhar alguma vez no futuro

SIM [1] ↓ | NÃO [2] *(PASSE À 801)* | N.S. [3] *(PASSE À 801)*

[ ] 54

725. Quando pensa pouco mais ou menos *(voltar a)* ir trabalhar?

[ ][ ] 55

_____

(SE NÃO FOR EVIDENTE, PERGUNTE:)

726. Em que ano será?

19__

(ANO- ACEITE INTERVALO)

1 3

4 7

8 10

SECÇÃO 8. CARACTERIZAÇÃO DO MARIDO

801. ENTREVISTADORA: VEJA 502, 507 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

ESTEVE CASADA SÓ 1 VEZ [1] → ENTREVISTADORA: FAÇA AS PERGUNTAS SEGUINTES SOBRE O MARIDO DA INQUIRIDA.

ESTEVE CASADA MAIS QUE 1 VEZ [2] → 802. ENTREVISTADORA: VEJA 501, 505 E MARQUE QUADRADO ADEQUADO.

VIVENDO COM O MARIDO [1] → ENTREVISTADORA: FAÇA AS PERGUNTAS SEGUINTES SOBRE O MARIDO ACTUAL DA INQUIRIDA.

OUTRA SITUAÇÃO [2] → ENTREVISTADORA: FAÇA AS PERGUNTAS SEGUINTES SOBRE O ÚLTIMO MARIDO DA INQUIRIDA.

12

13

803. Em que mês e ano nasceu o seu *(actual, último)* marido?

_____, 19__
(MÊS) *(ANO)*

14 16

804. O seu marido *(actual, último)* frequentou a escola?

SIM [1] → 805.

NÃO [2] *(PASSE À 808)*

18

805. Qual foi o grau de ensino mais alto que ele frequentou, primário, secundário ou superior?

PRIMÁRIO [1] SECUNDÁRIO [2] SUPERIOR [3]

OUTRO _____
(ESPECIFIQUE)

19

806. Qual foi o ano mais adiantado que ele completou? _____

20

807. ENTREVISTADORA: MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

PRIMÁRIO [1] → 808.

SECUNDÁRIO OU MAIS [2] *(PASSE À 809)*

21

808. Ele é capaz de ler, por exemplo, um jornal ou uma revista?

SIM [1] NÃO [2]

22

809. ENTREVISTADORA: VEJA 501 E 505 MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

VIVENDO COM O MARIDO [1] *(PASSE À 810)*

OUTRA SITUAÇÃO [2] → *PASSE PARA 814 E PERGUNTE SOBRE A OCUPAÇÃO DO ÚLTIMO MARIDO*

23

810. O seu marido trabalha agora?

SIM [1] NÃO [2] [ ] 24

811. Ele trabalhou nos últimos 12 meses?

SIM [1] NÃO [2] [ ] 25

812. Está desempregado, reformado, é estudante ou tem outra situação?

DESEMPREGADO [1] REFORMADO [2] [ ] 26

ESTUDANTE [3] OUTRO [ ]

_____

(ESPECIFIQUE)

813. Alguma vez trabalhou anteriormente?

SIM [1] NÃO [2] [ ] 27

(ACABE A ENTREVISTA)

ENTREVISTADORA: SE "SIM" À 810 PERGUNTE SOBRE O TRABALHO ACTUAL DO MARIDO
SE "SIM" À 811 ou 813 PERGUNTE SOBRE O TRABALHO MAIS RECENTE DO MARIDO

814. Agora eu gostava de fazer algumas perguntas sobre o trabalho *(presente, mais recente)* do seu *(actual, último)* marido. Que espécie de trabalho faz *(fazia)* ele?

DESCREVA:_____ [ ][ ] 28

_____

815. Onde é que ele trabalha *(trabalhava)*?

_____ [ ][ ][ ] 30 32

_____

(SE NÃO FOR EVIDENTE, PERGUNTE:) Qual é a principal actividade do estabelecimento onde ele trabalha *(trabalhava)*?_____

_____

816. Ele trabalha *(trabalhava)* por sua conta, ou para alguém da família, ou por conta de outrém, ou como membro de uma cooperativa de produção?

SUA CONTA [1] — PARA FAMÍLIA [2] — CONTA DE OUTREM [3] *(PASSE À 819)* — MEMBRO DE COOPERATIVA [4] *(PASSE À 819)* — [ ] 33

817. Ele tem *(tinha)* empregados por sua conta?

SIM [1] NÃO [2]

818. Ele é *(era)* pago por esse trabalho?

SIM [1] NÃO [2] — [ ] 34

819. ENTREVISTADORA: VEJA 501 E 505 E MARQUE O QUADRADO ADEQUADO

VIVENDO COM O MARIDO [1] — OUTRA SITUAÇÃO [2] — [ ] 35

(ACABE A ENTREVISTA)

820. Pode dar-me uma ideia de quanto ganha *(ganhava)* o seu marido em média por mês?

RENDIMENTO MENSAL _____ $00 — [ ][ ][ ] 36 38

(ACABE A ENTREVISTA)

OBSERVAÇÕES DA ENTREVISTADORA

(PREENCHER UMA VEZ COMPLETADA A ENTREVISTA)

GRAU DE COOPERAÇÃO:

MAU ..... [1]
REGULAR .... [2]
BOM ..... [3]
MUITO BOM .. [4]

[ ] 39

COMENTÁRIOS DA ENTREVISTADORA:

Sobre a inquirida: _____

_____

_____

_____

Sobre as perguntas: _____

_____

_____

_____

_____

Outros aspectos: _____

_____

_____

_____

NOME DA ENTREVISTADORA: _____

DATA: ___/___/___

OBSERVAÇÕES DA SUPERVISORA

_____

_____

_____

_____

OBSERVAÇÕES DO CONTROLADOR

_____

_____

_____

ANEXO III

FORMAÇÃO E CONTROLO

PROGRAMA DO CURSO DE FORMAÇÃO

PROGRAMA DO CURSO DE FORMAÇÃO — CALENDÁRIO DE ACTIVIDADES

Dia 1.º

Apresentação

Inquérito à Fecundidade — seus aspectos internacionais e benefício para o país. Definição dos objectivos do inquérito.
Importância do estudo da fecundidade — Aspectos mais relevantes da demografia portuguesa.
Condições de trabalho — Natureza e objectivo do curso de formação.

Dia 2.º

Distribuição de material
Apresentação sumária do «Manual da Entrevistadora».
Apresentação e explicação da estrutura dos Questionários.
Análise detalhada do questionário de agregado.

Dia 3.º

Exercícios.
Entrevistas simuladas.
Análise detalhada das secções 1 e 2 do Questionário individual.

Dia 4.º

Estudo do «Manual da Entrevistadora».
Análise da secção 3 do Questionário individual.
Exercícios.

Dia 5.º

Técnicas da entrevista.
Entrevistas simuladas.
Exercícios.

Dia 6.º

Análise detalhada da secção 4 do Questionário individual.
Exercícios.
Entrevistas simuladas.
Estudo do «Manual da Entrevistadora».

Dia 7.º

Variáveis socio-culturais afectando a fecundidade.
Exercícios.
Revisão geral.

Dia 8.º

Análise detalhada das secções 5 e 6 do Questionário individual.
Exercícios.
Entrevistas simuladas.

Dia 9.º

O que é um inquérito por amostragem.
Análise das folhas de listagem. Procedimentos para encontrar no terreno as moradas seleccionadas.
Principais dificuldades.
Exercícios.
Entrevistas simuladas.

Dia 10.º

Análise detalhada das secções 7 e 8 do Questionário individual.
Exercícios.
Entrevistas simuladas.
Fisiologia da reprodução e métodos contraceptivos.

Dia 11.º

Entrevistas simuladas.
Exercícios. O que é um pré-teste — Funções. Objectivos. Tarefas das entrevistadoras.
Revisão geral.

Dia 12.º

Planeamento e preparação do trabalho de campo.
Prática de entrevistas.
Exercícios.

Dia 13.º

Prática de entrevistas.

Dia 14.º

Prática de entrevistas.

Dia 15.º

Verificação e avaliação dos resultados do trabalho de campo.

FOLHAS DE INFORMAÇÃO DO PRÉ-TESTE

INQUÉRITO À FECUNDIDADE

PRÉ-TESTE - FOLHA DE INFORMAÇÃO - 1

ENTREVISTADORA:

Após cada Questionário do agregado, e imediatamente a seguir, deve preencher uma folha de informação 1. Lembre-se de preencher completamente a IDENTIFICAÇÃO abaixo indicada.

RESULTADOS:

1ª Visita
2ª Visita
3ª Visita

IDENTIFICAÇÃO: Freguesia _____ Seg.º nº _____

Morada _____

Agregado nº _____

Entrevistadora _____ Data _____

1. A Localização do agregado foi:

Fácil ☐ Difícil ☐

Comentários: (sobretudo quanto à "adequação" das moradas e referências fornecidas e problemas de transporte)

_____

_____

_____

_____

Sugestões para melhoramentos: _____

_____

_____

2. A sua apresentação:

Foi aceite espontâneamente ☐

Apresentação formal foi suficiente ☐

Foi necessário explicação adicional ☐

Usou a credencial? SIM ☐ NÃO ☐

3. Encontrou informador competente para preencher o Questionário do agregado na sua 1ª visita? SIM ☐ NÃO ☐

Razão _____

_____

_____

_____

4. Condições de trabalho

Condições convenientes para escrever	SIM	☐	NÃO	☐
Pode sentar-se	SIM	☐	NÃO	☐
Luz suficiente	SIM	☐	NÃO	☐

5. Duração da entrevista (excluindo o tempo de apresentação) _____ (Horas) ____ (Min.)

6. Grau de cooperação MAU ☐ Razoável ☐ BOM ☐ Mtº BOM ☐

Comentários (Se "MAU") _____

_____

_____

O informante hesitou ou recusou dar alguma informação? SIM ☐ NÃO ☐

Específique: _____

_____

_____

7. Descreva as dificuldades encontradas em perguntas específicas do Questionário (quer da sua parte quer da parte da entrevistada) e comente ou sugira modos de as evitar.

	Pergunta	Dificuldades	Comentários
Agregado			

8. Quaisquer outras observações:

_____

_____

_____

_____

_____

INQUÉRITO À FECUNDIDADE

PRÉ-TESTE - FOLHA DE INFORMAÇÃO - 2

ENTREVISTADORA: PARA CADA ENTREVISTA INDIVIDUAL DEVE PREENCHER UMA FOLHA DE INFORMAÇÃO 2, IMEDIATAMENTE A SEGUIR À ENTREVISTA, ENQUANTO AINDA TEM OS DETALHES FRESCOS NA SUA MEMÓRIA. PREENCHA COMPLETAMENTE A IDENTIFICAÇÃO ABAIXO INDICADA.

LEMBRE-SE QUE DURANTE A ENTREVISTA DEVE ANOTAR TODAS AS PERGUNTAS EM QUE TEVE QUE INSISTIR (IS) OU REFORMULAR (RF). DEPOIS COMENTE-AS CUIDADOSAMENTE NOS LOCAIS APROPRIADOS DESTA FOLHA DE INFORMAÇÃO - (8; 9, 10; 11 e 12)

RESULTADOS:

1ª. Visita
2ª. Visita
3ª. Visita

IDENTIFICAÇÃO: Freguesia _____ Segº nº _____

Morada _____

Agregado nº _____ nº da linha da M. _____

Entrevistadora _____ Data _____

---

1. A mulher elegível encontrava-se no agregado quando se dispôs a fazer a entrevista? SIM ☐ NÃO ☐

Se ""NÃO"

Perguntou porque não estava? SIM ☐ NÃO ☐

Razão _____

_____

_____

_____

2. No caso de ter encontrado a M. elegível ela respondeu à entrevista nesse momento? SIM ☐ NÃO ☐

se "NÃO":

Porque não pode realizar a entrevista nesse momento? _____

_____

_____

_____

3. Foi necessária a autorização do marido ou de qualquer outra pessoa antes de falar à entrevistada? SIM ☐ NÃO ☐

4. Privacidade durante a entrevista:

- Privacidade completa ☐
- Alguém na divisão mas não muito perto ☐
- Alguém presente podendo ouvir a conversa durante parte da entrevista ☐
- Alguém presente durante toda a entrevista ☐

5. Qualquer interferência do marido SIM ☐ NÃO ☐

Qualquer interferência durante a entrevista SIM ☐ NÃO ☐

Se "SIM" específique: _____

_____

6. Condições de trabalho

- Condições convenientes para escrever SIM ☐ NÃO ☐
- Pode sentar-se SIM ☐ NÃO ☐
- Luz suficiente SIM ☐ NÃO ☐

7. Duração da entrevista (excluindo o tempo de apresentação) _____ (Horas) _____ (Min.)

8. Grau de cooperação da entrevistada MAU ☐ Razoável ☐ BOM ☐ Mtº BOM ☐

Comentários (Se "MAU") _____

_____

_____

A entrevistada hesitou ou recusou dar alguma informação?

(Se "SIM" específique) _____

_____

_____

9. A entrevistada mostrou embaraço ou resistência ao responder às perguntas da:

Secção 3? SIM ☐ NÃO ☐

Secção 4? SIM ☐ NÃO ☐

10. Descreva as dificuldades encontradas em perguntas específicas do Questionário (quer da sua parte quer da parte da entrevistada) e comente ou sugira modos de as evitar.

	Pergunta	Dificuldades	Comentários
Sec. 1			
Sec. 2			
Sec. 3			
Sec. 4			
Sec. 5			
Sec. 6			
Sec. 7			
Sec. 8			

11. Como foi obtida a informação sobre datas?

	obtidas de imediato	obtidas com hesitação	teve que verificar e corrigir	recurso a outra fonte	não se obteve
Idade da Entrevistada					
Datas nascimento Filhos					
Datas morte Filhos					
Datas outras Gravidezes					
Datas de Casamento					
Datas do histórico do Trabalho					

12. Quaisquer outras observações:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

FOLHAS DE CONTROLO DO TRABALHO DE CAMPO

Distrito _____ Concelho _____ Freguesia _____ Lugar _____

Nome da entrevistadora: _____ Nº Segmento _____

Atribuição			Entrevistas do agregado				Entrevistas individuais			
Data da atribuição *	Nº da U.A.	Morada	Nº de agregados no alojamento **	Resultado final	Nº de mulheres elegíveis	Data de devolução à supervisora	Nº da linha de inscrição da mulher no questionário do agregado	Resultado final	Data de devolução à supervisora	OBSERVAÇÕES (indique se houve gravação)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

* Assinale com um asterisco (*) na coluna 1, a entrevista já atribuida a outra Entrevistadora, que lhe foi reatribuida a si

** Escreva na coluna 4 o nº de agregados que encontrou na U.A.. Por exemplo: se encontrou 2 agregados escreva "2". Nestes casos de mais de um agregado na mesma U.A., registe os dados de 1 deles na respectiva linha e os dados dos outros no fim da lista. Para estes últimos, a coluna 4 ficará em branco, mas a morada da U.A. deve ser repetida na coluna 3.

Código de resultados para a coluna 5

- 1. Questionário completo
- 2. Ausência de informador competente
- 3. Entrevista adiada
- 4. Entrevista recusada
- 5. Questionário incompleto
- 6. Alojamento desocupado
- 7. Morada não corresponde a alojamento
- 8. Morada não encontrada ou inacessível
- 9. Outro: _____ (ESPECIFIQUE)

Código de resultados para a coluna 9

- 1. Questionário completo
- 2. Ausencia da mulher a inquirir
- 3. Entrevista adiada
- 4. Entrevista recusada
- 5. Questionário incompleto
- 9. Outro _____ (ESPECIFIQUE)

FOLHA DO ANDAMENTO DO TRABALHO DE CADA ENTREVISTADORA

Entrevistadora _____ Supervisora _____

Nº de ordem	Identificação			Entrevistas de agregado								Entrevistas individuais							
	Concelho	Freguesia	Nº do segmento	Entrevistas de agregado no segmento				Total de entrevistas de agregado até à data				Entrevistas individuais no segmento				Total de entrevistas individuais até à data			
				Completas	Incompletas	Das incompletas		Total de completas	Total de incompletas	Das incompletas		Completas	Incompletas	Das incompletas		Total de completas	Total de incompletas	Das incompletas	
						Código final 8	Cód. final 3 ou 4			Código final 8	Cód. final 3 ou 4			Código final 2	Cód. final 3 ou 4			Código final 2	Cód. final 3 ou 4
1	2	3	4	5	6	7		8	9	10		11	12	13		14	15	16	

DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO E RESULTADOS (DTR)

Concelho_____ Freguesia_____ Lugar_____ Nº Segmento_____

Nome da supervisora_____

Atribuição				Entrevistas de agregado						Entrevistas individuais					Controle qualidade		
Nº da U.A.	Morada	Data da atribuição	Nome da entrevistadora	Nº do agregado na U.A. *	Resultado de cada visita			Nº de mulheres elegíveis	Data da devolução à supervisora	Nº da linha de inscrição da mulher no questionário do agregado	Resultado de cada visita			Data da devolução à supervisora	Data da verificação	Anote: Controle pontual Reentrevista Gravação Acompanhamento	OBSERVAÇÕES
					1	2	3				1	2	3				
1	2	3	4	5	6			7	8	9	10			11	12	13	14

Código de resultados para a coluna 6

- 1. Questionário completo
- 2. Ausência de informador competente
- 3. Entrevista adiada
- 4. Entrevista recusada
- 5. Questionário incompleto
- 6. Alojamento desocupado
- 7. Morada não corresponde a alojamento
- 8. Morada não encontrada ou inacessível
- 9. Outro:_____ (ESPECIFIQUE)

Código de resultados para a coluna 10

- 1. Questinário completo
- 2. Ausência da mulher a inquirir
- 3. Entrevista adiada
- 4. Entrevista recusada
- 5. Questionário incompleto
- 9. Outro_____ (ESPECIFIQUE)

* Se houver mais que um agregado numa U.A. indicar 1 deles na linha do alojamento e os outros na folha suplementar (deixando em branco a coluna (5) para estes últimos)

RESUMO DOS RESULTADOS OBTIDOS NO SEGMENTO

Nº. segmento _____ Freguesia _____ Concelho _____

Supervisora _____ Nº entrevistadoras na equipa _____

Nº moradas da amostra no segmento: _____

Data do início do Trabalho _____ Data do fim do Trabalho _____

5

Nota: As inscrições da folha suplementar não devem ser incluídas nas linhas (1) a (5)
Os códigos de resultados 6, 7 e 8 não podem aparecer na folha suplementar (DTR)

(1)	Nº de moradas seleccionadas no segmento (i.e. nº inscrições na folha DTR)	
(2)	Nº moradas não encontradas ou inacessíveis (código final 8, col. 6)	
(3)	Nº moradas que não correspondem a alojamentos (código final 7, col. 6)	
(4)	Nº de alojamentos desocupados ou demolidos (código final 6, col. 6)	
	TOTAL = (2) + (3) + (4)	
(5)	Nº de alojamentos ocupados [(1) - Total]	

Nota: As inscrições da folha suplementar devem figurar nas linhas (7) a (10).

(6)	Nº Total de agregados nos alojamentos ocupados (Some os nºs da col. 5 - Note que não há col. 5 na folha suplementar	
(7)	Nº de entrevistas de agregado completas (código final 1, col.6)	
(8)	Nº de agregados sem informador competente (código final 2, col. 6)	
(9)	Nº de entrevistas de agregado adiadas ou recusadas (código final 3 ou 4, col. 6)	
(10)	Nº de entrevistas de agregado incompletas por outras razões (código final 5 ou 9, col. 6)	
(11)	Total de entrevistas de agregado incompletas [(8) + (9) + (10)]	

Nota: As inscrições da folha suplementar devem figurar nas linhas 12 a 17

(12)	Nº Total de mulheres elegíveis (Some os nºs da col. 7)	
(13)	Nº de entrevistas individuais completas (código final 1, col. 10)	
(14)	Nº de entrevistas incompletas por ausência da inquirida (código final 2, col. 10)	
(15)	Nº de entrevistas individuais adiadas ou recusadas (código final 3 ou 4, col. 10)	
(16)	Nº de entrevistas individuais incompletas por outras razões (código final 5 ou 9, col. 10)	
(17)	Total de entrevistas individuais incompletas [(14) + (15) + (16)]	

Nota: Inscrições provenientes da col. 13

(18)	Nº de entrevistas de agregado:	Verificadas . . . . . . Submetidas a controle pontual _____ Submetidas a reentrevista . . _____ Gravadas . . . . . _____ Acompanhadas . . . . . _____
(19)	Nº de entrevistas individuais:	Verificadas . . . . . _____ Submetidas a controle pontual _____ Submetidas a reentrevista . . _____ Gravadas . . . . . _____ Acompanhadas . . . . . _____
(20)	Controles (marque o quadrado adequado)	
	(a) o nº indicado na linha (1) é identico ao nº de moradas da amostra no segmento ?	Sim ☐ Não ☐ ⟶ verifique
	(b) o nº indicado na linha (6) + o total indicado a seguir à linha (4) é igual ao total de inscrições da folha (incluindo a folha suplementar) ?	Sim ☐ Não ☐ ⟶ verifique
	(c) o total de (7) + (11) dá (6) ?	Sim ☐ Não ☐ ⟶ verifique
	(d) o total de (13) + (17) dá (12) ?	Sim ☐ Não ☐ ⟶ verifique
(21)	Observações: Problemas encontrados e modo como foram resolvidos.	

Comp. e imp. na Soc. Astória, Lda. - Regueirão dos Anjos, 68 - Tel. 4 32 58 - Lisboa